AMOR & MONSTROS



RAVEN FLANAGAN

editora CABANA VERMELHA

AMOR & MONSTROS

RAVEN FLANAGAN

Tradução de Camila Vichiett

LOVE & MONSTER

Amor e Monstros

COPYRIGHT © 2022 RAVEN FLANAGAN
COPYRIGHT © 2023 EDITORA CABANA VERMELHA
Todos os direitos reservados.

Diretora Editorial: Elaine Cardoso

Assistente Editorial: Tiago Toy

Tradução: Camila Vichiett

Preparação: Letícia Campopiano

Revisão: Tiago Toy

Diagramação: Kaique Cardoso

Capa: Luciana Arts

Esta obra foi revisada segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. É proibida a reprodução total e parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo o uso da internet, sem permissão expressa da autora (Lei 9.610 de 19/02/1998).

Sumário

Sinopse

Um

Dois

Três

Quatro

Cinco

Seis

Sete

Oito

Nove

Dez

Onze

Doze

Treze

Quatorze

Quinze

Dezesseis

Dezessete

Dezoito

Dezenove

Vinte

Vinte e Um

Vinte e Dois

Vinte e Três

Vinte e Quatro
Vinte e Cinco
Vinte e Seis
Vinte e Sete
Vinte e Oito
Vinte e Nove
Trinta
Trinta e Um
Trinta e Dois
Trinta e Três
Trinta e Quatro
Epílogo
Sobre a Autora

Sinopse

Mina sai para uma corrida ao luar quando, de repente, passa por um portal e adentra um mundo monstruoso de céus vermelhos, demônios e criaturas horrendas e inimagináveis.
Capturada e levada para ser oferecida como animal de estimação ao Lorde da Cidade, é presa em uma cela da masmorra com um prisioneiro muito atraente e poderoso, Vadric.
A atração é inegável entre os dois e o destino junta Mina e Vadric em uma experiência única. Enquanto descobre o prazer que nunca poderia ter imaginado, ela deve encontrar sua força em um mundo perigoso. Um Monster Romance fascinante, em que o amor e a sobrevivência é o elemento principal para apimentar essa jornada.

Um

Era uma ótima noite para correr no parque local. O vento soprava suave, balançando as folhas como um sussurro gentil. Por entre os galhos acima, de tempos em tempos eu conseguia ver as estrelas cintilando intensas e algumas nuvens passando sobre a lua cheia que, refulgente, iluminava a trilha sob meus pés.

Após um dia exaustivo no escritório, eu precisava dessa corrida noturna para clarear a mente. A trilha perto do meu apartamento estava vazia a essa hora da noite, e o plenilúnio parecia manter as pessoas sãs em casa. Melhor assim, já que eu tinha a trilha inteira só para mim, enquanto corria com a música no volume máximo em meus fones de ouvido.

Nada clareava mais a minha mente do que uma noite estrelada e rock tocando alto.

Cada respiração minha era lenta e controlada ao fazer uma curva na trilha. As árvores eram grossas e eu não consegui ver além da curva até que fosse tarde demais, e o rock alto em meus ouvidos não me deixava ouvir nada ao redor.

Logo que virei, parei assim que vi um enorme cão marrom, com seu pelo emaranhado, revirando uma lata de lixo caída. Sua cabeça larga virou em minha direção e não precisei ouvir para saber que o animal selvagem rosnava para mim. Meu coração parou de bater quando o vi se abaixar, arreganhando a mandíbula.

Eu sabia que estava com problemas antes de o cão se lançar para cima de mim. Virei e corri o mais rápido que pude na direção de onde vim. Senti o suor escorrer em profusão por minhas sobrancelhas conforme aumentava a velocidade da corrida.

Garras de pânico agarraram minhas entranhas e meu coração parecia querer sair do peito, batendo forte contra as costelas como os cascos galopantes de um cavalo. Virei para olhar por cima do ombro e um dos fones caiu. Agora conseguia ouvir as garras afiadas do cachorro raspando no asfalto enquanto ele me perseguia, além de seus rosnados e latidos primitivos.

Nos dois anos que corro à noite nessa trilha, nunca encontrei um cão com uma aparência tão selvagem. Não aqui no meio da cidade, e graças à minha falta de conhecimento em relação a animais raivosos, não sabia o que fazer além de correr.

Além disso, nunca saí da trilha. Mesmo assim, cega de pânico, mergulhei por entre as árvores. Devo ter pensado que, se o cão não me visse, pararia de me perseguir por interromper sua procura por comida. Para meu azar, isso só funcionou por um segundo.

Em um ouvido, escutava um metal alto e em ritmo rápido, e no outro, ouvia a fera atrás de mim, correndo por entre a vegetação do parque arborizado. O cão espumava e eu podia jurar que seus olhos eram vermelhos. A ansiedade tomou conta, junto com o medo irracional de estar sendo perseguida por um cão demoníaco vindo do inferno nessa noite de lua cheia.

— Puta merda! — O xingamento escapou quando meu pé enganchou em um galho que se projetava do chão. A floresta estava mais escura sob as árvores, fora da trilha. Eu não conseguia mais ver o solo, como se o chão não estivesse mais ali.

Meu corpo voou sobre o galho no qual tropecei e rolei por uma colina. Fiz o melhor que pude para me preparar para a queda, abraçando o corpo enquanto a gravidade me puxava em direção a um cerro íngreme e pedregoso. Gravetos e pedras pontiagudas deixavam marcas dolorosas em meu corpo enquanto eu rolava sem parar.

O outro fone caiu e um galho bateu do lado da minha cabeça. A pancada fez com que eu abrisse os olhos, e vi o cachorro no topo da colina sumir como um fantasma ao vento, além da água escura na base de onde me aproximava com rapidez.

— Ah, não! — gritei. Abri as mãos, em uma tentativa desesperada de enterrar os dedos na terra e nas folhas soltas enquanto caía. Contudo, não consegui me segurar em nada e diminuí muito pouco a velocidade da queda.

A água gelada envolveu meu corpo e todo o ar saiu de meus pulmões assim que afundei. Meu sangue congelou à medida que a água fria me puxava cada vez mais para o fundo. A escuridão preencheu meu campo de visão enquanto eu me debatia e balançava os braços, movendo-me o máximo que pude para chegar à superfície.

Eu era uma nadadora razoável, mas havia algo de errado com a água. Estava gelada demais para essa época do ano, e era pesada. Água não deveria parecer tão compacta, como se estivesse viva, me puxando para baixo, forçando-me para suas profundezas escuras.

Bolhas enormes de ar escaparam de meus lábios e meu corpo me forçou a arquejar. Senti meus pulmões arderem assim que inspirei a água vil e turva. Bati as pernas e estendi os braços, meu corpo logo se cansando de tanto esforço.

Mesmo conseguindo ver a lua enorme e branca na superfície, ela se distanciava cada vez mais. Não consegui me conter ao berrar, pois sabia que, mesmo com toda minha energia, estava me afogando. Só podia ser isso, pois a água ondulava e escondia a lua enquanto minha visão escurecia.

Será que esse seria o meu fim? Era dessa maneira que Mina Varlet morreria? Sendo perseguida por um cachorro fantasma até um lago determinado a me afogar?

Água preencheu meus pulmões e meus braços endureceram. Estava cada vez mais difícil lutar contra a atração da água, e minha mente estava exausta. Mais do que nunca, eu precisava fechar os olhos.

Foi o que fiz. Meus olhos se fecharam e não vi nada além da escuridão. E, nesse breu, deixei-me levar. Um arrepio percorreu a minha coluna e, de súbito, senti que flutuava.

Até que uma onda de calor percorreu minha pele. O choque daquela quentura escaldante fez com que eu abrisse os olhos e, através da água, divisei a cor vermelha. Um grande espaço escarlate. Um último instinto no fundo da minha mente bombeou a adrenalina pelo meu corpo.

Dessa vez, quando me debati, a água se moveu e me impulsionou para cima. Saber que dessa vez eu estava mesmo me movendo me fez ir além. Agora eu batia braços e pernas com mais força e mais rápido, antes que a visão escurecesse outra vez. A necessidade de sobreviver, o desejo humano de continuar viva me ajudando a lutar até o último momento para me salvar.

Foquei a visão na luz vermelha acima e fiquei feliz com o incomum calor da água. Era estranho, mas só conseguia pensar em sair dali. Continuei forçando meus membros enfraquecidos até minha mão emergir da água, debatendo-se no ar.

Puxando o oxigênio com força, meu corpo logo se revoltou. Com meus pulmões cheios de água, tossi e me engasguei ao tentar respirar o ar fresco. Estava tudo embaçado e meus pulmões ardiam em minha tentativa de inspirar.

Usando tudo o que restava de minhas forças, nadei até sentir a terra embaixo de meus pés, em águas mais rasas, e me levantei com as pernas tremendo. Ainda tossindo e cuspindo a água imunda, saí aos tropeços em direção à aragem morna e à terra seca adiante.

No começo, não notei que a colina de onde havia caído não estava mais ali, ou que as árvores tinham uma espessura menor do que as do parque e a casca mais escura, como se estivessem queimadas. Só conseguia pensar em me deitar em algum lugar seco para recuperar o fôlego e descansar meu corpo fatigado.

Desabei no chão a poucos metros da margem. Pequenas pedras me machucavam e a areia negra e áspera irritava minha pele. Senti cheiro de mar e franzi o rosto. Meus olhos estavam fechados e tentei controlar a respiração para tentar ouvir o mundo ao redor.

Estava tudo em completo silêncio, exceto pelo barulho das ondas quebrando, suaves. Apesar da roupa de corrida encharcada e grudada em meu corpo como uma segunda pele, eu estava bem aquecida. Se não soubesse onde estava, podia jurar que era uma praia.

Após um bom tempo controlando a respiração e descansando meu corpo exausto, encontrei forças para me virar. Percebi areia sob as mãos e mexi os dedos para sentir melhor. Inspirando pelo nariz, captei o cheiro do sal do oceano e ouvi as ondas se quebrando.

Quando enfim consegui abrir os olhos, a visão do céu me deixou petrificada, com uma sensação aterrorizante. A ansiedade se instaurou na minha nunca e estremeci ao ver o céu negro pintado com um retalho vermelho.

Quase pensei que poderia ser o mesmo céu que havia deixado para trás. Estava um breu, com as estrelas brilhando e as luas cheias.

Luas? Sim, havia duas. Uma pequena, violeta e pálida, e uma maior, azul-prateada, ambas ocupando um grande espaço no céu.

E aquele vermelho. Tanto vermelho. Como se as estrelas sangrassem uma luz etérea pelo manto noturno. Uma luz escarlate com alguns tons de

amarelo e laranja faziam curvas, como ondas deslumbrantes, movendo-se no céu.

Como uma aurora boreal sangrenta, pensei.

Pânico preencheu todos os meus poros, meus pulmões queimando e meu corpo em agonia. Era impossível manter os olhos abertos por muito tempo e, devagar, minha visão escureceu.

A última coisa em que pensei antes de perder a consciência abarrotou meus sonhos. Um pensamento constante flutuando comigo naquela escuridão horrível.

Quem assassinou o céu?

Dois

O chão estremecia sob meus pés em um intervalo de segundos, como se alguma coisa enorme pisasse com força ao longe. Senti o tremor atravessar meus ossos, como se algo sacudisse o mundo, o que me fez levantar com um pulo, acordando assustada enquanto sentia o chão tremer.

Por um momento, parei de pensar no que poderia estar causando os abalos quando olhei para o céu preto e vermelho. As duas luas enormes me encaravam.

— Onde estou? — Não havia ninguém por perto que pudesse me responder. A única resposta que obtive foi uma pisada forte e um novo estremecimento do solo. Seja lá o que fosse, parecia se aproximar e, apesar dos músculos cansados, levantei-me da areia preta.

Olhei para as árvores caliginosas. Na noite passada, achei que estivessem queimadas, mas, sob a aurora boreal vermelha, pareciam apenas árvores negras. Tudo era escuro ao extremo, a não ser pela luz refletida pelas luas e o rastro escarlate que cortava o céu.

Onde quer que eu estivesse, esse inferno digno de pesadelos não podia ser a Terra. Não havia lugar algum parecido com isso.

Senti a vibração sob meus pés mais uma vez e olhei para cima tentando procurar a fonte através da neblina próxima, do outro lado das árvores. Havia um oceano escuro às minhas costas. Vapores suaves flutuavam das ondas pelo ar quente. Quando me virei de novo, pensei ter visto algo no céu, escuro e se movendo pela neblina lúrida.

No céu? Então por que o chão está trepidando?

Alguma coisa se moveu pela bruma, desobstruindo um pouco a minha visão. Meu peito se contraiu de medo quando vi uma criatura monstruosa vindo devagar na direção da água negra às minhas costas. Era, com certeza, tão grande quanto uma pequena montanha, tinha o formato de um elefante com seis patas e, apesar da névoa ainda ofuscar a maior parte de seu corpo, consegui ver tentáculos enormes balançando ao redor de sua cabeça.

Um grito subiu pela minha garganta seca e precisei tapar a boca assim que tentou escapar. Abafando-o, desabei na areia enquanto o monstro avançava mais um passo poderoso com suas pernas gigantes.

Senti lágrimas quentes escorrendo por meu rosto ao me levantar. Esforçando-me para engolir o horror, só conseguia observar conforme aquela coisa pavorosa se adiantava marchando através da neblina, sacudindo o chão em seu caminho. Fiquei surpresa ao ver que sua cabeça enorme cheia de tentáculos afobados não se virou na minha direção.

Era quase como se a besta estivesse tão focada em chegar à água que não se importava comigo. Talvez eu fosse apenas mais um grão de areia para uma criatura do seu tamanho. Era maior do que qualquer ser vivo terrestre, mais uma evidência de que eu estava longe de casa. Longe da segurança.

Os meus pensamentos berravam em minha cabeça para eu me virar e correr, mas eu estava petrificada, assistindo com pleno terror conforme aquela coisa atravessava as últimas linhas de árvores. Somente quando uma árvore estreita caiu na minha direção que senti uma onda de energia passar por meu corpo. Os galhos esqueléticos aterrissaram na areia, a centímetros de meus pés, e se estenderam como garras escuras tentando me alcançar.

Rolei na areia, meu estômago se revirando, e, antes que eu conseguisse pensar, estava colocando para fora tudo que havia nele – a última refeição que fiz antes de correr, além de toda a água que engoli. Esvaziei tudo enquanto o medo e a ansiedade tomavam conta de mim. Vomitei até a última gota, até que a única coisa que sentia era o gosto da bile em minha língua e as lágrimas que embaçavam minha visão.

Mais uma enorme passada atingiu o solo, perto demais. Apesar do meu corpo tremer e meu estômago se revolver, forcei meus membros a ouvirem meus comandos silenciosos, pedindo para se moverem, para fugir.

Assim que fiquei de pé, movia-me apenas pela adrenalina e pelo instinto. Em algum lugar atrás de mim ouvi o barulho da água quando o monstro colidiu com o mar negro, mas isso não me impediu. Continuei correndo em alta velocidade pelas árvores negras e galhos afiados, sem me importar se cortavam meus braços e rosto.

Corri até que o chão parasse de tremer, e até não poder mais ouvir o barulho das ondas. Avancei por entre as árvores, que aumentavam de tamanho e grossura, cada vez mais próximas umas das outras. Corri até sentir meus pulmões prestes a explodir. Contudo, não importava o quanto eu corresse, não conseguia escapar daquele céu vermelho. Nem quando

desapareci no meio da neblina espessa da floresta, não tinha como confundir o céu cor de rubi lá no alto.

Ter feito atletismo no ensino médio e mantido até hoje a minha rotina de corrida durante a faculdade me ajudou. Não sei o quanto ou até onde corri, mas deve ter sido uma hora, senão mais. Só quis me afastar o máximo possível do mar escuro que me cuspiu neste lugar e do monstro que agora se acomodava em suas profundezas.

Por fim, não consegui mais correr. Gastei toda a minha energia, estava de barriga vazia e meus músculos doíam. Mesmo agora estando secas, senti as roupas de exercício ásperas contra a pele machucada. Nesse momento de silêncio, parei de me importar. Caí no chão, que para minha surpresa era macio, respirando com dificuldade e puxando bastante ar.

Quando saí para correr, era final de tarde. O ar estava um pouco frio e as folhas começavam a trocar de cor como resultado da mudança de estação.

Aqui, o ar tinha uma temperatura morna aconchegante, como um dia agradável no fim do verão. Quanto mais me embrenhava na floresta, percebia como a densa folhagem apresentava uma rica tonalidade roxa, quase preta. Seria bonito se eu não estivesse em pânico.

Engoli em seco e passei a mão pelo meu cabelo loiro curto para tirá-lo dos olhos. Minha mão foi dos cabelos para o peito, onde consegui sentir meu coração bater dolorido contra minhas costelas. Pareceu prudente eu me acalmar e recuperar o controle se quisesse ter uma chance de sobreviver, se é que isso era possível.

Longos minutos se passaram em relativo silêncio, e senti a dor em meu corpo e minha pele aumentando enquanto a última dose de adrenalina acabava. Estava tudo tão quieto e sereno que pensei que agora poderia estar sozinha.

— O que vou fazer? — Suspirei e cobri os olhos com o braço.

Um galho se quebrou no meio da floresta, perto de mim. Meu corpo paralisou, tensionando cada músculo como se fosse feito de pedra. Após uma batida de coração silenciosa, ergui a cabeça e olhei para baixo, para a folhagem.

Dois pequenos olhos vermelhos me encaravam. E então, mais dois. E mais dois. Por fim, três pares de olhinhos de rubi espreitavam pelos

arbustos em minha direção.

Meu coração acelerou e mexi os braços para correr outra vez. O som de risadas maliciosas e estridentes chegou aos meus ouvidos e um arrepio percorreu meu corpo, como uma aranha rastejando sobre minha pele.

Três pequenas criaturas surgiram dos arbustos. Bocas grandes cheias de dentes amarelos e pontiagudos, orelhas longas e pontudas, pele verde escura e olhos vermelhos e inteligentes apareceram na minha frente.

Goblins?

— O que temos aqui? —— Uma das criaturas verdes à frente se aproximou. Quando o ouvi falar, meus ouvidos ficaram alertas e me sentei.

Mesmo com o coração batendo forte e meu sangue parecendo gelo em minhas veias, senti no peito uma estranha esperança crescendo, pois essas criaturas podiam falar, e eu as entendia.

— Não sei, mas é estranho. — A segunda criatura se aproximou, e notei o estranho tecido marrom que usavam, semelhante à pele de algum animal.

Abri a boca, palavras se formando na ponta da língua, para falar com os pequenos homens verdes, para pedir ajuda ou orientações. Havia muitas perguntas lutando para ver qual saía primeiro de minha mente, mas fiquei em silêncio por algum tempo enquanto eles se aproximavam.

— Parece mesmo estranho. Nunca vi algo assim. — O primeiro coçou a careca redonda com unhas amarelas e longas.

— Podemos comer? — O terceiro abriu caminho para ficar à frente, e gritei quando ele caiu aos meus pés. Meus pensamentos pararam, tentando descobrir se eu tinha escutado direito o que ele havia dito.

— Hum. — O primeiro empurrou o terceiro para o lado, coçando o queixo e olhando para mim, de cima a baixo. Avaliando a expressão em seus olhos redondos, sabia que os tinha entendido direito.

Meu corpo entrou em ação, subindo pelos detritos florestais, tentando aumentar a distância entre mim e as criaturas. Para meu horror, eles eram muito mais rápidos. Tão rápidos que quase não os vi, apenas senti suas unhas em seus longos dedos ossudos quando agarraram minhas pernas e me arrastaram de volta, segurando-me no chão. Soltei vários gritos agudos enquanto lutava contra eles.

— Vamos levar ao mercado! — Ouvi o primeiro berrar. — Se não conseguirmos dinheiro suficiente por isso… então comemos!

Os outros dois monstros soltaram risadas estranhas e meu mundo escureceu quando eles jogaram o que parecia ser um saco sobre mim. Não importava o quanto me debatesse, gritasse e lutasse, não conseguia me libertar.

Chutei e berrei o mais alto que pude, lutando contra o medo para escapar. Podia senti-los me arrastando pelo terreno irregular, resmungando pelo esforço de me puxar enquanto eu resistia.

— Faça isso calar a boca! — Ouvi um deles guinchar. No mesmo instante, algo atingiu minha cabeça e meu mundo escureceu outra vez.

Ficou tão escuro que eu parecia flutuar em meio ao nada. Nenhum sonho, nenhum pensamento. Fui levada à inconsciência de forma cruel enquanto três monstros me carregavam para o desconhecido.

Três

Aqui era o inferno. Só podia ser. Não havia outra explicação na minha cabeça. Era mais provável que eu tivesse me afogado naquele lago e agora estava morta, sendo passada de monstro em monstro no inferno.

Quando acordei, estava amarrada e amordaçada na parte de trás de uma pequena carroça. O tecido na minha boca tinha um gosto azedo e abafava os soluços que assolavam meu corpo.

Foi o que vi, jogada sobre o carrinho, que me fez pensar que estava no inferno e aumentou ainda mais o medo que criou residência fixa em meu peito.

Criaturas e bestas, piores que qualquer pesadelo na Terra, espreitavam o carrinho enquanto avançávamos pela rua de paralelepípedos enlameada. Incapaz de prestar atenção às formas e estilos dos prédios do vilarejo ou cidade em que nos encontrávamos, meu foco estava nos olhares curiosos de rostos bizarros, chifres retorcidos, presas brilhantes, escamas, pelos e peles ásperas de todas as cores imagináveis.

Um gigante de pele cinza e um olho bulboso farejava o ar acima de mim quando o carrinho passou e precisei apertar minhas coxas uma na outra para não urinar. Algo que parecia uma sombra viva, com apenas um espaço branco onde o rosto deveria estar, ondulava, e eu sabia, de alguma maneira, que a coisa olhava para mim. Outro monstro, que eu só podia comparar ao Pé-Grande com chifres e espinhos nas costas, virou para me observar.

Enquanto empurravam o carrinho pela multidão, vi o quanto a cidade era barulhenta e cheia de vida. Havia árvores aleatórias, madeira escura e prédios de pedra, toldos vermelhos e dourados, e barracas de mercado onde feras se aglomeravam para comprar itens que não reconheci.

Dentre os monstros aterrorizantes, vi que havia alguns com aparência quase humanoide, exceto pelos chifres e caudas, ou cascos e garras. O que quer que fossem, eram criaturas só vistas em pesadelos. Não importava o quão humanoide parecessem ou soassem, se tivessem uma chance, me matariam.

Forcei meus olhos a se fecharem, pensando se esse seria meu destino para o resto da eternidade. As lágrimas não paravam de escorrer, mesmo quando o carrinho parou e uma pequena e imunda mão verde agarrou meu cabelo.

Unhas afiadas arranharam minha cabeça e puxaram meu cabelo com força. Berrei na mordaça em minha boca, tentando me desvencilhar, mas o trio de goblins me retirou de trás do carrinho após desamarrarem meus pés.

Caí no chão, batendo o cotovelo no paralelepípedo desnivelado, e lama respingou em minha roupa e pele. A multidão soltou murmúrios de surpresa e dei o meu melhor para manter os olhos baixos. Qualquer curiosidade que tinha estava morta, e agora eu não queria ver a turba de horrores ao meu redor.

— Saiam do caminho! — Um dos goblins empurrou a aglomeração para longe de mim enquanto o outro me ajudava a ficar de pé.

— Para trás — o goblin que me puxava sibilou para os olhos curiosos, e mantive os meus abaixados, focada na pedra cinza e na lama marrom sob o meu tênis de corrida. A essa altura, eu estava espantada demais para sentir qualquer coisa.

Todo o meu horror tinha coagulado em um nó no meu peito, que se espalhou até eu ficar com frio e entorpecida por inteiro, como um animal à beira da morte, exausta para continuar lutando. Um cordeiro com os dentes do leão ao redor do pescoço aceitando seu destino.

— Quanto você dá por essa coisa? — o goblin verde perguntou. Com meus olhos baixos, só vi o suficiente para supor que estávamos em uma barraca de madeira.

— O que é isso? — sussurrou de volta uma voz que lembrava uma cobra, o som me envolvendo como uma víbora.

— Não sei. Encontrei na floresta. — Pude ouvi-lo coçando a careca outra vez. — Nos dê ouro por isso, ou vamos comer.

A criatura na barraca deixou escapar uma risada parecida com um sibilo.

— Você quer que eu pague por algo que não sabe o que é?

— Tem curvas, partes femininas que podem ser usadas. Tem mãos e pés para trabalhar — o goblin argumentava, tentando me vender.

— Eu já tenho trabalhadores o suficiente, mas talvez consiga ficar com isso. — Ouvi mãos na mesa à minha frente e fechei os olhos assim que a madeira gemeu quando a criatura se inclinou, curiosa. — Mas o que é isso?

Uma perturbação assustou diversas feras atrás de nós. Virei a cabeça para o lado e vi pés e cascos se movendo para sair do caminho, quase tropeçando uns sobre os outros enquanto alguém passava, empurrando a multidão. Voltei os olhos para baixo para evitar contato visual com os monstros.

— Eu sei o que é — uma voz grave bradou. — É uma humana.

— Humana? — O goblin ao meu lado grasnou como um pássaro surpreso. Pela visão periférica, observei os goblins se virarem para o recém-chegado e, na mesma hora, se encolherem de medo.

— Sim, é uma humana. Não vemos um humano aqui há centenas de anos. Como isso aconteceu? — O novo estranho segurou um goblin pela garganta e tudo o que pude ver foram seus pequenos pés se debatendo acima do chão enquanto ele sufocava.

— Não sabemos! — Um dos outros homens verdes deu um passo à frente para salvar seu amigo. — Encontramos na floresta! Encontramos na floresta!

— Hum. — Ele largou o goblin, que caiu no chão, e, apesar de estar entorpecida, eu tremia por dentro. — Eu a tiro das suas mãos. O Lorde está precisando de um novo animal de estimação, e acho que esse vai servir com perfeição.

— Por quanto? Nós encontramos o humano, seremos pagos. — Acho que era o terceiro goblin falando dessa vez, já que o primeiro e mais barulhento ainda estava de joelhos tentando respirar.

— Não, você não entendeu — o desconhecido ronronou, em seguida ouvi o som de uma espada sendo desembainhada.

De repente, o terceiro goblin estava gemendo, e ouvi o som de carne sendo cortada quando ele foi golpeado. Pela visão periférica, vi seu corpo tombar, os olhos vermelhos e redondos olhando fixos para o céu enquanto sangue escorria de seus lábios.

— Você vai me dar a humana como um presente para o nosso Lorde. Você agradece por essa oportunidade de servi-lo, não é? — A multidão

estava em silêncio, e eu podia ouvir o sangue pulsando em meus ouvidos.

— Sim, senhor! Poupe-nos. Não nos mate, por favor! — Abri os olhos e vi os goblins se encolhendo contra a mesa da barraca. Uma pele escamosa e verde desapareceu atrás da cortina vermelha no fundo da barraca segundos antes de sentir uma mão enorme em minha nuca.

— O cheiro é horrível, mas tem potencial. — O novo demônio apertou as unhas em meu pescoço. Um guincho escapou de meus lábios enquanto meu corpo se debatia. — Sim, com certeza tem potencial.

Fiquei cara a cara com uma pele pálida cor de gesso, cabelo prateado na altura da cintura, que lembrava a luz da lua, e olhos azul-claros como o gelo. Ele tinha chifres brancos e retorcidos nas laterais da cabeça, como os de um carneiro, e, quando sorriu, notei presas afiadas em sua boca.

Ele me puxou para perto, e não consegui respirar. Meus pés tropeçaram um no outro, mas ele me manteve de pé me segurando pelo pescoço. O monstro tinha pelo menos sessenta centímetros a mais que eu, lançando uma sombra sobre meu rosto, mesmo no reino da escuridão.

— Essa humana está precisando de um banho, mas acho que o presente satisfará o Lorde. — O brilho em seus olhos pálidos fez com que um arrepio percorresse meu corpo.

— Não, por favor, não. — Não sei como consegui falar após todo esse tempo, mas, se fosse implorar, acho que havia chegado a hora.

— Ela sabe falar. — Ele ergueu as sobrancelhas prateadas e arregalou os olhos pálidos. Segurando minha cabeça na altura da sua com facilidade, apertou os dedos ao redor do meu pescoço com tanta força que suas unhas me cortaram, além de me deixar sem ar. — Interessante. Leve-a para a casa senhorial.

O demônio de gelo soltou meu pescoço sem dizer mais uma palavra. Caí de joelhos no solo lapidoso, massageando o pescoço e tossindo por conta da força com que ele quase me estrangulou.

Seis feras altas e esguias vestidas com armaduras cor de sangue, que eu não havia notado até o momento, entraram em ação. O demônio de gelo se afastou, olhando para as barracas do mercado movimentado enquanto alguém me erguia do chão como uma boneca de pano.

Guinchei de dor quando me seguraram com rudeza e uma nova onda de lágrimas escorreu pelo meu rosto. Fechei os olhos outra vez quando um dos monstruosos guardas de vermelho me jogou sobre o ombro como um saco de arroz, para não ter que encarar a horda de monstros que nos observava, além dos goblins remanescentes que me sequestraram e que agora encaravam o arrogante demônio pálido. Eu não queria ver nada.

Estava sozinha, e eles eram numerosos.

Sim, pensei, *aqui é o inferno*.

Quatro

Mesmo mantendo os olhos fechados pela maior parte da caminhada pela cidade de feras monstruosas, havia momentos em que me sacudiam e meus olhos se abriam. As criaturas eram pesadelos que se tornaram realidade e me encaravam como se eu fosse sua próxima refeição. Como eu sobreviveria neste mundo se me consideravam seu almoço? Será que ficar com o tal Lorde dessa cidade seria pior ou melhor do que ficar sozinha?

Presa no inferno quando, há menos de um dia, eu estava no escritório, tomando café sem nenhuma preocupação, pensando se iria ou não sair com meus amigos para um *brunch* quando chegasse o final de semana. Agora as pessoas falavam sobre um Lorde e sobre eu ser seu animal de estimação. O que isso queria dizer?

Será que alguém em meu mundo já havia notado meu desaparecimento? Será que meus amigos, familiares ou colegas de trabalho perceberam que não voltei para casa da minha corrida ou que não fui trabalhar? Será que havia alguém procurando por mim?

Mesmo drenada pelo medo e pela angústia, lágrimas ainda escorriam de meus olhos e meu corpo tremia. A minha vida inteira estaria perdida se eu não conseguisse encontrar uma maneira de voltar, mas o que eu podia fazer? Havia criaturas aterrorizantes ao meu redor e, para começo de conversa, eu não sabia como tinha chegado aqui.

A minha esperança estava morrendo, e acho que uma parte de mim também.

Os guardas demônios de armadura vermelha caminhavam pela cidade em silêncio. A qualquer lugar que íamos, eu podia notar os cidadãos abrindo passagem o mais rápido possível. Se não o fizessem, mais de uma vez ouvi os guardas os empurrando para fora do caminho. Berrando e grunhindo, eles rosnavam e brigavam uns com os outros, como animais selvagens. Mesmo tendo a capacidade de falar e eu os entender, precisava me lembrar de que não eram humanos, e eu não podia esperar que se comportassem como tal.

Só me colocaram no chão quando chegamos à casa senhorial mencionada pelo demônio pálido. No início cambaleei, instável depois de ser carregada por tanto tempo. Mas o guarda que me carregou até ali me

ergueu pela nuca e me guiou para a propriedade após atravessarmos um portão de ferro negro.

Talvez em circunstâncias diferentes eu teria me impressionado. A arquitetura era espetacular e o seu tamanho, de tirar o fôlego.

A casa senhorial era o equivalente a uma mansão gigantesca em estilo gótico. Todas as pedras eram da cor de carvão e as enormes janelas de vitral tinham tons diferentes, de um verde rico e azuis escuros. Gárgulas vigiavam, empoleiradas nas torres pontiagudas, e eu não conseguia identificar se eram de pedra ou alguma criatura deste mundo.

Somente o guarda que me guiava prosseguiu até as enormes portas negras incrustradas de ferro forjado. Os outros cinco ficaram para trás, em formação. Eu já me sentia melhor, mas uma nova onda de nervosismo me percorreu quando nos aproximamos da porta. Vários pensamentos passavam por minha cabeça e ainda não havia tido um segundo para decifrá-los.

Não importava.

O guarda abriu uma das portas com rispidez e me conduziu para dentro. Tive meros segundos para olhar para o interior escuro de pedra lisa antes que o movimento na grande escada em círculo do saguão de entrada roubasse minha atenção. Era o demônio pálido outra vez, descendo a escada e olhando para mim com um leve interesse.

Como ele conseguiu chegar antes que a gente?

— Ah, certo. A humana. — Chegando à base da escada, coçou o queixo com sua garra. — Vai precisar de um banho e, depois do jantar, eu a apresento para o Lorde.

Parecia falar mais para si mesmo do que para o guarda ou para mim. Estalou o dedo e gesticulou na minha direção antes de falar de novo:

— Você pode ir embora — ordenou ao guarda. — Eu cuido de tudo.

O guarda soltou meu pescoço e fez uma reverência antes de se erguer. Num piscar de olhos, virou-se para sair. Eu estava paralisada e não consegui me virar para encará-lo. Meu olhar estava fixo nos olhos azuis que me avaliavam.

— Uma humana. — Ele suspirou. Como o guarda já havia saído, ele tirou a expressão fria do rosto. Agora parecia entediado, talvez com um

ligeiro cansaço. — Se eu tivesse te deixado no mercado, a essa altura alguém já a teria devorado.

Ele estava falando mesmo comigo?

— Você quer que eu agradeça? — As palavras escaparam de meus lábios antes que eu conseguisse contê-las. Mordi a língua quando seus olhos se arregalaram, brilhando com algo que parecia uma curiosidade sombria.

— Ah, não. Você não deveria me agradecer. Se o Lorde gostar de você, não acho que vá se divertir com ele. — Ele deu de ombros. — Mas não vemos um humano no reino há mais de duzentos anos. Se alguém a comesse antes de ele a conhecer, haveria um massacre. É empolgante ver um humano, mesmo achando você um pouco decepcionante.

Ele caminhou ao redor de mim, observando-me de cima a baixo, as roupas de corrida e a pele arranhada e em carne viva. Sua altura era intimidante e não gostei de como chegou perto para me olhar.

— Ótimo. Decepcionante — murmurei em voz baixa. O demônio bufou e estalou os dedos.

O som de passos à minha direita desviou minha atenção e virei a cabeça para ver uma pequena demônia, com um vestido apertado preto e avental vermelho, saindo das sombras. Sua pele era negra como ébano e seu cabelo na altura da cintura tão claro quanto a neve. Tinha dois chifres pequenos apontando para trás na testa e olhos violeta.

— Sim, senhor? — Ela manteve os olhos no chão, evitando o olhar do demônio pálido.

— Leve essa coisa para tomar um banho e a coloque em roupas decentes para que o Lorde a veja assim que terminar sua refeição. Tome cuidado com ela. Se ele gostar, ela será seu novo animal de estimação. — Quando a criada assentiu com a cabeça, ele pareceu satisfeito o suficiente, virou-se e foi embora sem olhar para mim outra vez.

— Siga-me. — Quando ela falou, sua voz soou delicada. Não era muito mais alta do que eu. Mordi o lábio inferior, avaliando se ia ou não com ela.

— E se eu não for? — perguntei. Será que conseguiria correr para a porta enquanto não havia ninguém por perto?

Ela se virou e sorriu. Mas havia algo de errado com seu sorriso, que continuou a se alargar até suas bochechas e, devagar, exibiu uma boca

horripilante cheia de presas.

— Acho melhor você vir comigo.

Não falei mais nada quando ela fechou a boca e todos os dentes saíram de vista. Entendi a ameaça, e não precisava de mais um lembrete de que estava cercada por monstros.

Até a criada poderia me comer se eu fizesse um movimento errado. Se quisesse sobreviver, precisaria deixar minha mente divagar até o vazio e nele deixar todas as minhas emoções. Por enquanto, seguiria e esperaria.

A mansão inteira era igual. Escura, gótica, melancólica. Nenhuma luz do sol entrava pelas janelas e pela primeira vez notei os candelabros nas paredes e todas as velas nos lustres. Era o suficiente para eu poder enxergar, então acho que deveria ficar agradecida.

Passei por diversos corredores e notei que a demônia cor de ébano me levava para os quartos nos fundos da mansão. Ao longo do caminho passamos por vários criados que nos encaravam com olhos arregalados e brilhantes. Porém, minha mente mergulhou no vazio e parei de tentar encontrar um sentido para o que estava acontecendo.

Eu conseguia ouvir os sons da cozinha nessa parte da mansão, mas passamos pela porta e continuamos caminhando. A disposição dessa parte da mansão me informou que estávamos na área dos criados, fora do caminho e de vista. A demônia diminuiu o passo somente após chegarmos em frente a uma porta estreita.

Assim que se abriu, ela me empurrou para um quarto envolto em sombras. Resmunguei pela intensidade do empurrão, surpresa com sua força. Antes que eu tivesse chance de reagir, colocou as mãos em mim, arrancando minhas roupas.

— Espera. Não. Espera! Eu posso tirar minha própria roupa! — Ela sorriu, e não parou de mexer em mim até me deixar nua. Tentei me cobrir com as mãos, mas precisava admitir que era maravilhoso tirar as roupas já duras pelo barro.

Ainda assim, não gostei da maneira como ela me encarava.

— Então, você é uma fêmea — ela brincou. — Achei mesmo que fosse. — E não falou mais nada enquanto me empurrava para uma grande banheira de cobre.

A água estava morna. Abaixei a cabeça nela e me engasguei tentando respirar assim que a demônia de ébano segurou meu braço e começou a me esfregar. Ela não era gentil e não adiantava o quanto eu dissesse que podia me lavar sozinha, não parou até que eu estivesse limpa.

Era horrível ter uma pessoa estranha te olhando nua, e ainda pior quando colocavam a mão em você. Ser uma adulta e ter uma demônia dando banho em você era humilhante. Mesmo estando feliz por me limpar, sentia vergonha e medo.

Assim que me sequei e fiquei de pé, nua, no meio do quarto de banho mal iluminado, a criada pegou um jarro sobre a cômoda mais próxima. Ela se virou, prestando atenção a cada pequeno machucado que cobria meu corpo.

— Aqui, isso fará com que seus machucados se curem mais rápido. — E me entregou o jarro. Por um instante, parei, incerta se deveria pegá-lo, embora a substância branca parecesse hidratante. Minha pele talvez precisasse daquilo.

— Obrigada. — Minha voz saiu pouco mais alta que um sussurro. Sem reconhecer minha gratidão, ela se voltou para a cômoda e tirou dele vestidos pretos parecidos com o que usava.

— Você é uma mulher, então pode usar um desses por enquanto. —— Após esfregar todo o creme com cheiro de pinheiro e frutas cítricas, aceitei o vestido preto que ela oferecia.

As mangas eram longas e cobriam meus braços, a gola parava na base do pescoço e a barra quase tocava o chão. Mesmo machucada, fiquei feliz por me cobrir, apesar de que nunca usaria algo do gênero em casa. Eu não podia pensar nessas coisas agora.

Não havia nada a fazer com meu cabelo curto e loiro além de deixá-lo secar ao natural, ciente de que leves ondas se formariam. Tinha certeza de que estava com olheiras embaixo dos meus olhos verde-escuros, mas não sabia se o creme curativo dos monstros ajudaria.

A criada demônia espiou pela porta, olhando para os dois lados do corredor antes de voltar para dentro.

— O Lorde deve ter terminado de comer. Vou levá-la de volta ao Barão Knox, que a encaminhará a ele. Boa sorte.

— Valeu? — Eu não sabia como responder. Porém, agora acho que tinha o nome do demônio de cabelo prateado. Era óbvio que ele era importante aqui e me perguntei se seu título era mesmo de Barão. Talvez servisse ao Lorde de alguma maneira.

A demônia me acompanhou pela mansão. Estávamos na metade do caminho, passando por corredores que reconheci, quando notei uma intensa comoção dobrando a esquina. Pessoas berraram quando algo caiu no chão.

Nós duas paralisamos e fiquei feliz de saber que a algazarra não era normal.

— Tem algo errado. — Ela deu alguns passos à frente para entrar no corredor movimentado, mas não conseguiu chegar, pois o demônio pálido, Barão Knox, apareceu na esquina.

Seus olhos azul-claros se arregalaram ao me ver, como se, além de ter se esquecido de que eu estava ali, me ver o fizesse recordar de algo. Ouvi mais berros graves, e o meu instinto foi dar um passo para trás. Fugir e me esconder.

— Mudança de planos — ele sussurrou, virando-se para a demônia cor de ébano. — Houve uma insurgência ao sul e o Lorde está lidando com o problema. Eu o distraí o máximo que pude, mas ele descobriu e está em pé de guerra.

— Ah, não. — A criada cobriu a boca, absorvendo a informação, que não entendi. Havia algo de muito errado, levando em consideração a nova tensão que eu sentia dentro da mansão.

Aqueles olhos gélidos se voltaram para mim e pensei ter visto o canto de sua boca se retorcer em uma breve careta.

— Você, pequena humana, precisa ir para a masmorra por enquanto.

— Mas *ele* está na masmorra — a demônia cor de ébano sussurrou. Ambos trocaram um olhar antes de o Barão Knox balançar a cabeça.

— Não há o que fazer. Nós temos apenas uma masmorra e não podemos deixá-la livre, passeando pela mansão. Vai ficar tudo bem. — Ele apertou a ponte do nariz e soltou um suspiro pesado. — Tudo bem, vamos lá. Eu tenho mais o que fazer.

Eu estava chocada demais para discutir. Com muito medo para lutar. Não havia nada que pudesse fazer quando o Barão me puxou pelo braço e

me arrastou na direção oposta à da comoção.

Deixando um problema e indo ao encontro de outro.

Cinco

A masmorra ficava nas profundezas da casa senhorial, passando por uma porta de porão, que levava a um túnel mal escavado no subsolo. Tudo estava úmido e ouvi o eco de gotas pingando no caminho à frente. O ar ficou mais gelado, fazendo-me tremer, e agradeci pelas mangas no vestido de criada que estava usando.

O Barão Knox vinha atrás de mim, certificando-se de que eu desceria os degraus íngremes. Depois do que pareceu uma caminhada eterna, iluminada por pequenos castiçais nas paredes, vi o portão de ferro que levava para a entrada da masmorra. Somente uma porta para entrar e sair, embaixo da mansão. Quem conseguiria escapar?

— Tudo bem, pode entrar. — O Barão Knox abriu a porta de barras de ferro com a chave que carregava dentro de seu roupão cor de vinho. O metal fez barulho ao abrir.

Fiquei ali, paralisada, enquanto uma onda de ar gelado batia em meu rosto. O cheiro era o de uma caverna úmida e tudo o que eu conseguia ver eram colunas finas e a escuridão no enorme espaço subterrâneo.

Foi quando um par de olhos amarelos e brilhantes apareceu no fundo da escuridão, no canto esquerdo. Senti as garras do medo fincando em mim e sem querer dei um passo para trás. Quando esbarrei no Barão, arfei e coloquei as mãos sobre a boca.

Um rugido baixo ecoou pelas sombras da masmorra, sugando todo o ar do local. As sombras pareciam mais escuras. Meus joelhos falharam quando o terrível som inundou meu corpo de terror.

— Você trouxe o jantar até mim, Knox? — O rugido se transformou em palavras e os olhos brilhantes se aproximaram. O contorno de um homem se tornou mais claro e eu quis me juntar às pedras e desaparecer.

— Ainda não. Algo deu errado e a mansão está um caos. — Pelo canto do olho, vi Knox olhar para mim — E ainda temos isto.

— Isso é um humano? — A voz era grave, rouca, e seu tom deixou transparecer certo interesse. Estremeci quando, assim que deu mais um passo para fora da escuridão, pude vê-lo.

O demônio era vários centímetros mais alto do que eu. Tinha fácil quase dois metros e meio. Os dois chifres em sua cabeça viravam para trás, para cima e depois para dentro outra vez, e quase encostavam no teto da masmorra. À luz tênue, notei que sua pele era azul escura, como o céu à meia-noite. Seus olhos amarelos brilhantes não possuíam a esclera branca, mas negra. As orelhas eram pontudas e tão longas que chegavam até a parte de trás de sua cabeça, e o cabelo era preto como a penugem de um corvo, caindo em ondas suaves na altura dos ombros.

Enorme e predatório.

Eu ficaria presa aqui embaixo, com ele.

— É uma humana. Que bom que notou, mas temos outro assunto a discutir. — Knox me empurrou pelas costas e tropecei para dentro da masmorra.

Os olhos do demônio azul me seguiram enquanto eu me encostava na parede do calabouço, escorregando para a direita e desejando desaparecer nas pedras. Meu coração estava a mil e minha respiração logo se transformou em arquejos breves quando o pânico tomou conta.

— Algo mais importante do que o primeiro humano em centenas de anos? — Ele deu mais um passo em direção à luz perto da porta, gesticulando em minha direção com sua mão de garras enquanto falava com Knox.

Eu não conseguia tirar meus olhos daquele ser impressionante e, ao mesmo tempo, assustador. Seus ombros eram largos e era impossível não notar que, embaixo do couro que usava, havia músculos em cada centímetro de seu corpo.

Ele vai me comer, certeza.

— Para falar a verdade, sim. — O Barão Knox coçou a testa, seu rosto franzido de irritação. — Houve uma insurgência ao sul.

— Ao sul? — Os olhos amarelos enfim foram de mim ao demônio pálido. Com mais um passo, ele soltou outro rosnado baixo.

— Sim. Sei que é cedo. Distraí Rykan o máximo que consegui, mas começou. Acho que temos só mais uma semana até o próximo movimento. — Ele me olhou com um ar de reprovação ao bufar. — A mansão está uma

confusão, então, se esquecerem de te alimentar, acho que não há problema se você comer a humana.

— Mais uma semana? — Senti seus olhos azuis penetrarem meu ser quando olhou em minha direção mais uma vez. — Tenho certeza de que terei algo com o que me entreter até lá.

— Hum — rosnou Knox, olhando de mim para o monstro azul. —— Era para ela ser um animal de estimação para Rykan, para ajudar a distraí-lo, mas ele saiu correndo com a espada em punhos para defender seu título roubado.

— Não tenho dúvidas. Tivemos alguma notícia do norte? E Ilya? — Na última pergunta, seu tom suavizou, sussurrando o nome.

— Ela conseguiu chegar sã e salva. — Knox franziu a testa e não consegui decifrar a emoção que passou por seus olhos quando ele mirou o chão. Logo em seguida, tirou o sentimento do rosto. — Ela vai ficar bem. Não tenho mais tempo para conversar. Preciso deixar a humana aqui e espalhar a novidade.

— Sim. Vá. Nos falamos depois. — O demônio azul e maior acenou para Knox. O Barão assentiu, como se fizesse uma leve reverência para o monstro com quem estava me abandonando, o que achei estranho.

Não parei de me arrastar pela parede até chegar no canto. Dali, observei o Barão Knox fechar a porta e subir as escadas até a mansão. O demônio azul ficou no mesmo lugar, passando a mão no cabelo enquanto eu afundava até o chão.

Na masmorra gelada, consegui sentir minhas lágrimas com ainda mais clareza. Estavam quentes em minhas bochechas, mas, até que outra escorresse, o frio logo congelava o caminho que elas percorriam. Não pararam de cair conforme eu puxava os joelhos até o peito e os abraçava com força.

Mesmo morrendo de medo, não conseguia tirar os olhos do homem-demônio com quem o outro havia me abandonado. Sozinha, em uma masmorra, com um monstro e uma mansão cheia de outras criaturas que esqueceriam de nós dois no meio do tumulto. O que quer que estivesse acontecendo, eu estava sem esperanças e aterrorizada.

Não conseguia entender nada. Meu mundo havia virado de cabeça para baixo e, nesse momento de silêncio, consegui absorver de verdade a dura

realidade da minha situação. Senti como se uma garra tivesse perfurado meu cérebro, arrancado as cortinas e revelado um novo mundo.

Um mundo com o céu vermelho e monstros.

Meus pensamentos foram inundados com imagens dos meus pais e avô se perguntando onde eu estava; os meus amigos não sabendo o que havia acontecido comigo. Eu morreria aqui, nesse mundo de pesadelos, e eles nunca descobrindo.

Um soluço escapou de meus lábios e a torneira se abriu. Eu não conseguia mais parar de chorar e os soluços assolaram meu corpo. Meu mundo estava desabando ao meu redor e tudo o que eu podia fazer era ficar em posição fetal e esperar que uma dessas criaturas horrendas me transformasse em comida.

— Merda. — Meus ouvidos registraram o xingamento familiar, o que me surpreendeu. Ergui o olhar e vi o demônio azul se aproximando, com uma mão estendida, observando-me como a um animal assustado. Um gatinho encurralado em um celeiro.

Soltei minhas pernas e empurrei o corpo contra a parede gelada de pedra. Ergui a mão, como se pudesse pará-lo, e choraminguei.

— Não, por favor. Não me machuque.

Ele parou na hora, a pouco mais de um metro de distância. Suas sobrancelhas escuras e arqueadas suavizaram, mas ainda parecia predatório, e eu me sentia como uma presa.

— Não vou te machucar. — Ele pronunciou cada palavra e se agachou, até que ficou da minha altura, com pouco mais de um metro nos separando. Pude ver os dentes afiados em sua boca quando ele falou, além das linhas escondidas em seu rosto, o que me fez lembrar da criada quando ela abriu a boca.

— Não acredito em você. Todo mundo aqui quer me comer — gaguejei entre soluços.

Ele não se aproximou mais. O demônio azul era enorme, mesmo curvado para ficar do meu tamanho. No silêncio tenso entre nós, notei a longa cauda balançando atrás dele.

— Olha, eu posso estar com fome, mas prometo que não vou comer você. — Quando moveu a mão um centímetro para mais perto, me encolhi.

Ele suspirou e abaixou as mãos, apenas me observando com sua cabeça inclinada.

Nenhum de nós se moveu, parados como estátuas pelo que pareceu uma eternidade, apenas observando um ao outro. Por fim, minhas lágrimas cessaram e me acalmei o suficiente para voltar a respirar de maneira normal. Após uma inspiração profunda, meus músculos doloridos relaxaram, e abracei os joelhos outra vez.

Foi nesse momento que o demônio se moveu de novo. Eu o observei com cautela enquanto ele descia de sua posição agachada para se sentar no chão, cruzando as pernas. A cauda ficou enrolada atrás e, por algum motivo, o movimento me fez pensar em um gato.

— Uma humana — ele ponderou em voz alta enquanto me estudava. — Muito interessante.

— O Barão Knox disse que eu era decepcionante — a minha boca verbalizou meus pensamentos, sem minha permissão. Mas o que me assustou foi o som que ouvi sair dele. Uma risada semelhante a um latido, que fez meus olhos se arregalarem.

— Knox está errado. Devo admitir, ele quase nunca está errado, mas, dessa vez, está. — Enquanto falava, se inclinou para frente, com um estranho sorriso em seus lábios carnudos. — Você tem um nome?

Assenti, mas não consegui encontrar as palavras porque fui aprisionada pelos seus olhos amarelos que pareciam flutuar num mar negro. Em vez de responder, estremeci encostada na pedra gelada e engoli em seco. Seus olhos notaram, estudando minhas reações.

— Pequena, não vou te machucar. Você estará a salvo enquanto estiver aqui embaixo, e enquanto Rykan estiver fora. — Ele chegou tão perto que, se eu chutasse, o atingiria.

Quando colocou a mão no peito, notei a perigosa ponta de suas garras negras. Fui atraída pela visão de suas presas quando seus lábios se abriram.

— Meu nome é Vadric. Pode me dizer o seu?

Quase não respondi. Por que importaria?

Pelo que pude notar até o momento, ele havia sido honesto. Posso não confiar totalmente em mim mesma, com essa inquietação em meu coração e

mente, mas esse demônio, Vadric, parece tão sincero quanto um monstro poderia ser.

— Meu nome… é Mina — respondi. Cutucando o tecido do vestido em meu pulso, tentei não focar no sorriso dele. Meu estômago afundou e eu não entendia bem o motivo, sobretudo quando sabia que aquelas linhas em seu rosto significavam que ele poderia arreganhar a boca e me engolir por inteiro.

— Mina — ele rosnou. Quase gostei como meu nome soou em sua voz grave e animalesca. — Nunca ouvi um nome assim. Bonito nome para uma pequena e bela humana.

Pressionei meus joelhos um no outro, sem saber por que me senti quente mesmo estando em um calabouço congelante.

Seis

— Você promete que não vai me comer? Eu já passei por muita coisa. — Não sei por que disse isso. Talvez só precisasse de alguém com quem conversar, e o destino nos aprisionou juntos no subsolo.

Vadric sorriu, concordando com a cabeça.

— Imagino que muitos queiram, mas não, eu não vou te comer.

— Sabe que falar isso não me convence nem um pouco — argumentei. — Você acabou de dizer que comer humanos é compreensível.

Ele pressionou os lábios em uma linha fina, inclinando-se para trás enquanto seus olhos me escaneavam dos pés à cabeça outra vez. O vestido preto parecia apertado demais em cada centímetro do meu corpo sob seus olhos. Quando voltei a estremecer, não sabia mais se era pelo frio.

— Se eu quisesse comê-la, já o teria feito. Não quer dizer que eu vá. Além do mais, há muitas maneiras de prová-la, além de comê-la. — Vi um brilho em seus olhos quando ele falou isso. Uma centelha de algo que eu também reconheceria em um humano.

Algo descaradamente perverso e provocantemente sugestivo.

— Ah, tudo bem. Bem, não me coma. Foi ruim o suficiente os pequenos homens verdes não pararem de falar no assunto quando me encontraram. — Engoli em seco e quebrei o contato visual. Minhas bochechas estavam quentes e não achei que continuar a falar sobre ele me comer era algo bom.

— Os pequenos homens verdes que a encontraram? — Vadric suspirou e se sentou. De soslaio, pude ver seu rosto se franzir enquanto pensava. — Na floresta?

— Havia muitas árvores, então acho que era uma floresta. — Minha mente voltou ao monstro gigantesco que surgiu da névoa e entrou no mar. Meu estômago se revirou só de lembrar.

— Então devem ser saqueadores. — Mesmo sem encará-lo, podia sentir que me observava. Ele se esticou sem fazer qualquer ruído antes de falar outra vez: — Como chegou até aqui, pequena?

— Não tenho certeza. — Dei de ombros, encostei a cabeça na parede de pedra, e notei minha respiração se condensar com o ar gelado. Acho que está ficando mais frio aqui embaixo.

— Pode contar o que aconteceu? — perguntou Vadric. A conversa era estranha, mas estava mesmo ajudando a me acalmar, apesar do frio que eu sentia.

— Claro, hum… — Estremeci de novo e me abracei.

Antes que pudesse continuar, Vadric interrompeu:

— Você está com frio?

— Congelando — admiti, mesmo achando óbvio.

— Esfria demais aqui à noite. Não me incomoda, mas tenho algo que pode deixá-la aquecida, se vier comigo. — Nada além de uma goteira à distância ecoava entre nós depois de sua oferta. Com o frio que fazia, achei que não podia recusar.

— Tudo bem. — Então, meu estômago roncou, seguido de uma dor bem no meio das entranhas. Não lembro quanto tempo fazia desde que comi alguma coisa.

— Eu também tenho algo para você comer. — Vadric já estava ficando de pé. Uma de suas longas orelhas tremeu e sua cauda balançou devagar. Sua altura arrancou meu fôlego outra vez conforme ele se erguia sobre mim como uma enorme montanha azul.

— Você tem comida em uma masmorra? — A mão dele veio em minha direção, para me ajudar, mas permaneci encostada na parede ao me levantar.

— O pessoal da mansão me ama e Rykan nunca vem aqui embaixo. — Vadric abaixou a mão e se virou para caminhar até o outro lado da masmorra. Hesitei antes de segui-lo.

Caminhamos pelas colunas finas até o canto esquerdo, onde vi os olhos de Vadric na escuridão pela primeira vez. Não havia muita luz aqui embaixo, mas meus olhos logo se ajustaram. Esse demônio estava mais bem equipado do que eu imaginava.

No canto mais afastado havia uma cama a apenas centímetros do chão, e, graças ao tamanho dele, era enorme. Havia também uma mesa de madeira simples e baixa e um banco grande o suficiente para um demônio de mais de dois metros de altura. Entretanto, foi o cobertor grosso de pelo

na cama e um pedaço do que parecia ser pão sobre a mesa que chamou minha atenção.

— Aqui, sente-se. Como eu disse, não me importo com o frio, então sinta-se à vontade. Esquente-se. — Ele gesticulou em direção à cama e se agachou em frente à mesa para partir o pão.

Com cuidado, sentei na ponta, mas, ao sentir como o pelo sob minhas mãos era macio, não perdi tempo e o joguei nos ombros. Fiquei grata pelo calor que senti quando a pelagem cinza e prateada me cobriu. Aliviou um pouco da tensão em meus músculos e meu corpo parou de tremer.

Quando Vadric me entregou metade do pão, não parei para pensar do que poderia ser feito. Parecia pão, tinha cheiro de pão e, quando mordi, tinha gosto de pão. Mesmo um pouco gelado, não importava.

— Então — ele se sentou no banco à minha frente —, você estava contando como chegou aqui. Não vemos um humano em nosso mundo há mais de duzentos anos, então eu gostaria de ouvir qualquer coisa de que você se lembrar.

Havia um quê de entrevista profissional em seu tom de voz. Lembrei-me das ligações de negócio do meu pai quando ele pedia informações tentando parecer informal. Acho que a curiosidade de um monstro fazia sentido.

Afinal, eu também estava curiosa para saber como havia chegado aqui. Talvez alguém soubesse como eu poderia voltar algum dia.

— Sim, eu estava na Terra, numa corrida noturna. Depois, tudo do que me lembro é que um cão selvagem me perseguiu e eu caí em um lago. A princípio achei que estava me afogando, mas era como se a água me puxasse para baixo. Quando ela me soltou, eu nadei até a superfície, mas, em vez de um lago, eu estava em um mar escuro rodeado por areia preta e uma floresta negra. E o céu era vermelho.

Falei mais devagar no final, cutucando o pedaço de pão em meu colo.

— Você deve ter caído em algum portal. Eles não abrem com frequência, é raro — refletiu Vadric. Observei-o enquanto ele coçava o queixo, suas sobrancelhas franzidas em reflexão profunda. — Nossos mundos são próximos, mas separados por um véu. Parece que você estava no lugar errado, na hora errada.

— Acho que sim. O que você sabe sobre portais? — Ele falou sobre nossos mundos como se soubesse de mais.

— Receio que não muito. Esse tipo de acontecimento é raro. Às vezes, portais se abrem e um pouco do nosso mundo escapa para o outro. Um dos nossos pode passar para o seu lado, e um de vocês para o meu. — Quando ele disse isso, pensei em todas as criaturas que vi até então e como elas eram similares aos monstros e criaturas cuja existência os humanos tanto discutem.

— Então, há mesmo um pouco de verdade nos mitos — murmurei para mim mesma. Balancei a cabeça e olhei para cima, reencontrando os olhos de Vadric. — Há alguma maneira de voltar?

Seu semblante mudou. Uma expressão de tristeza e pena pela pequena humana que eu não precisava ouvi-lo dizer. Eu estava presa aqui.

— Não. Nunca soube de ninguém que conseguiu voltar. Não conseguimos encontrar os portais e nunca sabemos quando abrirão. — Ele passou a mão na nuca, suspirando alto. — Sinto muito.

— Tudo bem, obrigada. — Eu não sabia o que dizer enquanto absorvia a agonizante informação, então, em vez de falar, mordisquei o pão.

Mesmo após comer, ainda sentia dor no estômago. Não era o suficiente. Estava chateada, minha vida desmoronando. A minha lombar também doía e me perguntei quantos machucados e ferimentos eu tinha escondidos pelo corpo.

Vadric ficou sentado comigo no silêncio, mas não me senti desconfortável. Ele poderia se parecer com um demônio, mas havia algo nele que eu não me importava de observar. Se fosse honesta, havia uma beleza incomum nele.

As linhas de seu rosto eram acentuadas e bastante angulares. Seu maxilar sozinho podia cortar vidro, seu nariz era forte e os lábios carnudos de uma maneira sensual. Mesmo havendo, sem sombra de dúvida, algo predatório, havia modelos humanos que matariam para ter traços como os dele.

Eu sabia que ele também estava me estudando. Como estávamos presos, juntos, na pouca luz e no silêncio assustador da masmorra, estudávamos um ao outro. Com o passar do tempo, não senti nenhuma intenção maliciosa vindo dele, então relaxei mais.

Pode ter sido apenas minha mente exausta, mas imaginei como seria tocar sua pele azul meia-noite ou até mesmo seus chifres. E, toda vez que sua cauda balançava atrás do banco, eu olhava, pensando em acariciá-la.

Disse a mim mesma que era como a curiosidade despertada por um novo animal do zoológico. Apenas o pensamento de uma pessoa que quer acariciar um tigre enjaulado. Talvez fosse o mesmo em relação a ele.

Foi então que surgiu uma imagem de Vadric acariciando minha cabeça como se eu fosse um gato, sentada enrolada em seu colo. De início, era um pensamento inocente e ridículo, mas depois pensei como seria me sentar naquelas coxas musculosas e ter uma mão que era maior que meu rosto tocando meu corpo.

Minha respiração acelerou e percebi que estávamos olhando intensamente nos olhos um do outro. Havia uma tensão palpável no ar e, embora estranha, eu a acolhia; porque estava sozinha e assustada, e ele estava aqui, o que me fazia sentir menos sozinha.

Aquecida e com algo na barriga, minha briga contra a exaustão estava no fim, e eu estava perdendo. Bocejei e minhas pálpebras pareciam pesadas demais para continuarem abertas. O cobertor de pelos era maciço e quente, como um abraço peludo. A essa altura, até o colchão embaixo de mim parecia convidativo.

— Você deveria dormir — falou Vadric após nosso longo silêncio.

— Não sei. — Olhei ao redor, para as sombras nos cantos, inquieta, como se elas também fossem monstros prontos para me atacar.

— Você vai ficar bem, Mina. Vai esfriar cada vez mais e é óbvio que você precisa descansar. — Vadric colocou a mão no peito, como um humano pousando a mão no coração. — Durma.

— Você não vai me comer, não é? — brinquei, direcionando a Vadric meu primeiro sorriso desde que acordei nesse inferno.

Quando se inclinou para frente, eu não soube o que pensar ao vê-lo sorrir e sentir meu estômago revirar com a visão perigosa de uma de suas presas.

— Não prometo nada.

Mesmo sabendo que era uma brincadeira, meu coração acelerou.

A princípio, estava tão cansada que deitei e me enrolei como uma bola. Mas então pisquei, vi Vadric se levantando e fiquei chocada quando compreendi.

— Onde você vai dormir?

— Na cama, humana tola. Onde mais? — Vadric riu às minhas custas, como se tivesse sido mesmo a pergunta mais tola que já fiz na vida.

Quando ele subiu na cama atrás de mim e a senti ceder sob seu peso, fiquei tensa outra vez. Prendi a respiração, esperando pelo momento em que algo aconteceria. Esse momento nunca chegou.

Estava silencioso, exceto pela goteira que pingava constante no canto. Escuro, com exceção da luz de um castiçal na parede. Enquanto a masmorra era fria, o cobertor era quente, e era também, de uma forma estranha, reconfortante ter Vadric atrás de mim.

Ainda sentia dor no estômago, mas estava exausta demais para lutar contra o sono. Então, dormi com um monstro a centímetros de distância.

Sete

Acordei no escuro com algo pesado e quente sobre meu abdômen. Senti uma dor aguda na barriga e lombar. Medo misturado com aquela dor familiar fez com que um gemido de agonia escapasse de meus lábios.

A minha mente estava um caos. Quem estava do meu lado? Por que eu estava com dor? Onde eu estava? Até que a neblina causada pelo sono e a dor se dissiparam e deram lugar a pensamentos racionais.

Eu estava no mundo dos demônios. Vadric dormia ao meu lado, então devia ser seu enorme braço pesando sobre mim. E a dor na barriga… essa dor que toda mulher conhece e teme, todo mês.

Senti outra fisgada aguda de cólica e meu corpo inteiro se debateu por reflexo. Retorci o rosto e senti as lágrimas ardendo no canto dos olhos. Solucei, o que fez minha respiração falhar, e precisei morder a língua para não gritar.

Assim que movi as pernas, senti algo molhado entre as coxas. Uma parte de mim esperava que fosse suor, por dormir embaixo de um cobertor de pelo, mas eu sabia que não. Aquela dor retorcendo em minha barriga e na lombar, junto com a sensação de algo vazando… era sangue.

— Mina? — Vadric se levantou quando ouviu meus soluços abafados. Arregalou os olhos ao perceber que seu braço estava sobre mim e o retirou. — O que aconteceu?

— Eu… eu estou bem. — Morrendo de vergonha, na verdade. Dizer que estava com vergonha era um eufemismo. Na minha opinião, nada que eu lhe dissesse faria sentido.

Ele entenderia? Vadric saberia o que estava acontecendo? Como reagiria?

— Você está machucada. Algo está errado. — Ele se sentou na cama, mas estava perto demais. Pude sentir o calor do seu corpo quando se inclinou sobre mim, como se me inspecionando em busca de machucados visíveis.

— N-não — tentei responder, mas senti minha barriga se retorcer outra vez e gemi, cerrando os dentes. Quando me mexi, senti mais sangue em minha coxa e guinchei com mais uma onda de dor.

Na escuridão, podia ver os olhos amarelos me observando. Notei que suas narinas se inflavam, como uma fera farejando o ar. A cada inalação ele chegava mais perto, e no mesmo instante pensei no comportamento de um tubarão quando há sangue na água.

— Isso é sangue. — Ele congelou, imóvel como uma pedra. — Você está sangrando.

— Sim — choraminguei. A incerteza tomou conta de mim, me mantendo imobilizada na cama.

— Puta merda, que cheiro… delicioso. — Ele fechou os olhos e respirou fundo, inalando o cheiro do meu sangue no ar. Algo como o ronronar de um gato escapou de sua garganta, como se estivesse apreciando o cheiro.

— O quê? — Toda a cor abandonou meu rosto e, apesar do cobertor grosso, tremi.

— Não consigo… desculpe, pequena… não consigo resistir ao cheiro. — Ele levou a mão em direção ao cobertor, removendo-o antes que eu pudesse reagir. O movimento era forçado, como se lutasse contra si mesmo.

Quando nos encaramos de novo, observei suas pupilas dilatarem até que o amarelo não passava de um risco em um mar negro. O ronronar em sua garganta se tornou mais alto, retumbando dentro dele como um animal primitivo. Ele estava ficando embriagado e sobrecarregado por uma sede de sangue que eu não conseguia entender.

— Vadric, o que está fazendo? — perguntei, mas o observava sem me mover, enquanto uma de suas mãos enormes e cálidas segurava meu tornozelo e afastava minhas pernas. Eu podia sentir meu coração batendo rápido no peito enquanto sua palma quente subia pela minha perna, levantando o vestido preto.

— Esse cheiro… Por que seu sangue cheira tão gostoso? — As palavras saíram como se ele estivesse com dor, mas não conseguisse resistir.

— Espere. O que está fazendo? — Ofeguei quando ele puxou minha perna e me deitei de novo. O demônio estava se movendo pela cama, encaixando seu corpo entre minhas pernas. Senti meu coração na garganta.

Assustava o quanto Vadric era grande. Eu podia sentir as pontas de suas garras em minha perna enquanto ele a erguia, trazendo meu tornozelo

na altura de sua cabeça. Em comparação, eu parecia minúscula.

E a minha mente era incapaz de compreender o que estava acontecendo. Seus olhos estavam quase completamente negros e, ainda assim, no fundo deles, eu conseguia perceber um apetite desenfreado. Notei sua respiração pesada, seu peito subindo e descendo enquanto inspirava meu aroma.

Apesar do medo e da dor, ainda pude sentir minha buceta pulsar quando ele abriu minhas pernas e lambeu os lábios. Mas a língua de Vadric… puta merda, não era parecida com nada que eu já tinha visto. Era longa, grossa e um pouco pontiaguda. Congelei quando ele abaixou a cabeça entre as minhas coxas.

Ele lambeu o sangue entre elas com a ponta da língua, saboreando. Estava tão perto que pude sentir o ronronar que percorreu seu corpo vibrando no ar. A língua brincou sobre a área sensível em minha coxa, e todos os meus músculos tensionaram.

— Espere. Vadric, espere — implorei, congelada, conforme sua língua grossa e quente deslizava em minha virilha, limpando o sangue. A satisfação com o sabor o fazia ronronar.

Quando seus olhos negros encontraram minha buceta, ele abriu ainda mais minhas pernas. Meu coração parecia um tambor batendo contra minhas costelas em terror e, por alguma razão absurda, senti o rosto esquentar.

Vadric aninhou minhas coxas em suas mãos, as garras quase machucando minha pele por conta da pressão de seus dedos. A visão de sua enorme cabeça entre minhas pernas e o calor de seu hálito em meu âmago era perigosa.

— Ah! — Um guincho humilhante atrapalhou meus pensamentos quando a língua do demônio tocou minha vulva, inspecionando, gentil no início, lambendo os vestígios de sangue. Sua língua era tão grande e flexível, e se movia entre minhas pregas delicadas com maestria.

De repente, ele lambeu meu clitóris, o que me fez arquear as costas, erguendo-as. Deixei escapar um gemido tenso e estremeci. Com eletricidade dançando em minha pele, meus mamilos endureceram sob o vestido.

A sensação era boa; não, era maravilhosa. Vadric continuou lambendo e explorando minha vulva, limpando o sangue e me satisfazendo ao mesmo tempo. Mesmo assim, achei aquilo errado e estranho.

— Vadric, não… — murmurei. — Isso não pode estar acontecendo.

Ele respondeu com um rosnado, mexendo a língua para cima e para baixo em meu clitóris. Então, fechou os olhos e encurtou a distância entre nós, cobrindo minha buceta com sua boca, chupando meus nervos sensíveis.

Eu ainda sentia cólica, mas ela se misturava com um calor delicioso, abafando a dor com prazer. Minha cabeça girava e meu coração batia, desordenado, pois, mesmo gostando, fiquei assustada.

Havia medo e um desejo crescente se misturando em meu corpo, e era uma combinação inebriante, algo que nunca havia experimentado. De alguma maneira, o medo aumentava o prazer, dando forças, eletrificando-o.

— Nós não podemos fazer isso… Não. — Meu pânico aumentou e me debati nos braços de Vadric. Seus dedos subiram até meu quadril quando sentiu que eu estava lutando e me seguraram no lugar. Meu coração bateu ainda mais forte.

— Vadric… Não podemos — argumentei pela última vez. Não acho que ele queria me machucar, mas isso era demais, rápido demais, estranho demais…

A sensação era boa, mas e se ele me devorasse de verdade?

Assim que retirou a língua do meu clitóris dolorido, só tive alguns segundos para organizar meus pensamentos, respirar fundo e estremecer com o ar gelado da masmorra. Porque, antes que eu conseguisse falar alguma coisa, ele levou a língua outra vez até minha vagina e a enfiou por entre meus lábios com facilidade.

— Ah! — Fui preenchida na mesma hora. Sua língua grossa era quente e parecia um ser vivo, com mente própria, explorando minhas partes mais íntimas cada vez mais fundo.

A língua de Vadric se contorcia dentro de mim e apertei minha buceta ao seu redor. Ele retribuiu, apertando meu quadril com suas garras. Um rosnado de satisfação chegou aos meus ouvidos. Aquela língua monstruosa me provocava, encontrando todos os lugares sensíveis dentro de mim e esfregando sem parar.

Não consegui me conter e cedi à sensação, pois algo crescia dentro de mim, algo selvagem e poderoso. O meu ápice se aproximava e choraminguei com o calor delicioso que se enrolava em meu estômago à medida que o prazer aumentava.

Joguei a cabeça para trás e agarrei o cobertor embaixo de mim. Incapaz de resistir, rebolei meu quadril na boca de Vadric, mesmo sabendo que ele poderia acabar comigo com seus dentes afiados.

Com as ondulações de sua língua em minha buceta, imaginei se ele estava bebendo meu sangue. Talvez estivesse, mas também bebia minha dor. Bebia minha agonia e meu desespero, substituindo por algo radiante e excitante. O perigo e o prazer dançavam dentro de mim, desabrochando em algo maior.

Senti que estava mais leve que o ar enquanto o prazer subia e descia. Sua língua era longa o suficiente para me preencher por inteiro e ainda massagear meu clitóris conforme me devorava. Meu corpo estava em chamas, e a sensação sobrenatural da língua de Vadric bombeando dentro de mim e engolindo todo o sangue era intoxicante.

Gritei quando o prazer explodiu em meu interior. A tenacidade na voz que não parecia minha me surpreendeu, mas todos os nervos em meu corpo estavam vivos e eu não conseguia parar, pois cada movimento de sua língua em meu ventre trazia uma nova onda de orgasmo.

Mais um rosnado baixo escapou do demônio e senti outra pontada de medo. Relaxei no calor do meu ápice e ele retirou a língua. Seus olhos continuavam quase como piche, mas notei que um pouco do amarelo começou a voltar para a íris.

Minha cólica passou por completo e me joguei no colchão, arfando, conforme descia das nuvens. Devagar, Vadric removeu as mãos de meu quadril e, assim que se afastou, me surpreendi com o frio. Olhando ao redor, no escuro, senti a beirada da cama afundar e o observei se afastar com um rosnado mortífero que me deixou ofegante.

Será que agora que havia me provado ele iria me comer? Mesmo com esse pensamento assustador, ainda fiquei vermelha. Que diabos acabou de acontecer?

— Vadric? — Encontrei minha voz e chamei seu nome, descendo o vestido com cuidado e cobrindo as pernas.

Ele virou de costas para mim e notei a agitação de sua cauda azul. Seus ombros largos subiam e desciam regulares a cada respiração. Cobrindo o rosto com a mão, não se virou para me olhar quando disse:

— Volte a dormir, Mina. — E se afastou na direção da escuridão da masmorra, fora de vista, me deixando sozinha outra vez, apavorada e insegura quanto ao meu futuro.

Oito

Acordei de novo no escuro, com apenas alguns castiçais pendurados na parede da terrível masmorra iluminando o opressivo espaço. Dessa vez, me senti completamente sozinha. Somente o cobertor de pelo jogado em cima dos meus ombros amenizou o frio que penetrou meus ossos durante a noite.

Engoli em seco, respirei fundo e me alonguei para afastar as dores de dormir por muito tempo. Minha cólica havia passado e eu não sentia nada molhado entre as pernas. O que Vadric fez comigo?

Meus pensamentos se voltaram para aquele intenso momento. Lembrei da sensação de ter suas mãos enormes em minha perna, a ponta de suas garras em minha pele, sua respiração em minha barriga e sua língua serpenteando no fundo da minha buceta. Por que ele fez isso? Por que deixei que fizesse?

A experiência foi tanto a mais aterrorizante como a mais excitante da minha vida. O prazer que ele me fez vivenciar foi tão primal e estranho que fiquei assustada e empolgada por ele me fazer senti-lo.

É claro que já estive com outros homens, já que era uma mulher de vinte e poucos anos com uma vida agitada; isso não era incomum. Companheiros vieram e foram de minha vida desde o ensino médio. Amores e amigos que, em algum momento, deixaram uma marca.

Entretanto, nada se comparava ao que Vadric fez. A língua monstruosa e seu tamanho impressionante, que me faziam xingar e, ao mesmo tempo, desejá-lo. Talvez a pior parte era não saber se queria ou não que ele fizesse de novo.

Quando acordei sozinha, havia uma nova tigela sobre a pequena mesa. Era um ensopado marrom com cheiro de carne assada. Havia também metade de um pão fresco, um prato de frutas e pequenas esferas verdes e vermelhas parecidas com uvas.

Não vi Vadric nas profundezas da masmorra. Havia muitas colunas e sombras onde ele poderia ter se escondido, e talvez eu não devesse procurá-lo agora.

Em vez de seguir minha curiosidade sobre seu paradeiro, comi. A minha fome era intensa demais para ignorar e enchi a barriga com tudo o

que havia na mesa. Não parei para pensar se a comida me faria mal, pois o cheiro era decente e eu estava faminta. O gosto não era nada ruim e saboreei cada gota do ensopado.

Quando a comida tinha sido trazida? Será que Vadric também comeu? Há quanto tempo eu estava dormindo?

Agora o calabouço não estava tão gelado, mas mesmo assim mantive o cobertor em meus ombros. Após comer, bufei e fiquei revirando meus peculiares pensamentos. Nada os interrompeu exceto pelo assobio suave do fluxo de ar e a goteira em algum lugar mais ao fundo do lugar.

Ping. Ping. Ping.

Por fim, tudo ficou muito quieto e eu, sozinha demais. Não queria ficar na cama pensando nos monstros da cidade ou sobre o que aconteceria comigo quando o misterioso Lorde voltasse. Vadric não estava em nenhum lugar visível e, mesmo depois do ocorrido na noite passada, ele era meu único companheiro aqui embaixo.

Eu precisava fazer perguntas sobre esse mundo e aprender algumas coisas enquanto ainda podia. Então, criei coragem, enrolei com mais força o cobertor ao redor dos ombros e saltei da cama.

A pedra estava gelada sob meus pés descalços e me perguntei onde estariam minhas roupas de academia. Podiam estar enlameadas, mas usar os tênis de corrida seria melhor que nada. Imagino que, como prisioneira, isso não importava mais.

Caminhei em silêncio com os pés descalços sobre o chão frio. Até o cobertor que eu arrastava atrás de mim parecia um leve sussurro. Apertei os olhos, olhando para a escuridão, procurando a forma gigantesca de Vadric.

Por um momento, imaginei se ele tinha encontrado um jeito de fugir e me deixado para trás. Eu não o culparia se isso tivesse acontecido, mas só de pensar senti uma pontada no coração.

Não o vi de início, apenas ouvi algo no canto mais escuro. Era um pequeno cicio, como alguém se movendo, veloz, mas permanecendo em silêncio. Então, dei mais um passo e o ouvi respirando rápido; respirações curtas como se ele estivesse se exercitando.

Quando meus olhos se ajustaram à escuridão, captei o contorno de seu corpo gigantesco. Ele estava sentado no chão, encostado na parede, a

cabeça para trás, com os joelhos flexionados de leve. Mesmo antes de estar perto o bastante para ver tudo, uma imagem se formou na minha mente enquanto continuava a ouvi-lo grunhir em voz baixa.

Minha primeira reação foi de choque, seguida por vergonha e depois logo se transformou em uma curiosidade que causou um calor em minha barriga. A sensação se espalhou por todo meu corpo, circulando até meus membros. Ela se aninhou em meu âmago como um fogo vivo e minhas bochechas ruborizaram.

Dei mais um passo em direção à escuridão e por fim vi seu braço musculoso embaixo do couro preto, bombeando sem parar sobre o colo. Pelo ângulo que sua perna estava dobrada não pude ver direito, mas, pelo movimento, seu comprimento era impressionante.

E eu queria ver mais. Por isso, como se tivessem vontade própria, meus pés me levaram mais para dentro das sombras, onde Vadric se escondia.

No momento em que apareci em sua visão periférica, ele virou a cabeça em minha direção, ríspido, e soltou um rosnado de aviso. Seus lábios se franziram em um rugido e senti uma pontada de medo percorrer meu corpo ao ver suas presas. Mesmo assim, não parei.

— Mina, o que está fazendo? — Vadric perguntou, ofegante. Parou de mover o braço, mas não tirou a mão.

— Eu acordei sozinha e vim procurá-lo — respondi, mantendo meus olhos nos dele, olhos demoníacos e amarelos, cercados de preto.

Sem quebrar contato visual, me ajoelhei a seus pés. Ele estreitou os olhos, observando enquanto tirava o cobertor dos ombros, e o deixou cair.

Cheguei mais perto e Vadric não se moveu. Achei um ótimo sinal e permiti que meus olhos percorressem seu corpo. Ele ainda usava a roupa de couro preto, mas, agora, a parte da frente de sua calça estava aberta e sua mão estava envolvendo a base do pênis.

Arregalei os olhos ao vê-lo. Azul escuro, como o resto de sua pele, e maior do que qualquer um que eu já tivesse visto. Havia saliências no topo e na parte de trás, e era mais grosso que o meu pulso, talvez até meu antebraço.

Por um segundo, não consegui me mover ou respirar ao estudar seu comprimento. Consegui sair do transe somente quando o pênis sacudiu em

sua mão. Com cuidado, me movi em sua direção, elevando meu olhar a Vadric e observando sua reação ao me aproximar de quatro.

Seus olhos não se desviavam dos meus, me observando chegar mais perto. O apetite negro de antes havia voltado, mas dessa vez parecia mais moderado, como se estivesse em pleno controle.

Vadric cerrou os dentes e sua respiração se acelerou quando envolvi a cabeça do seu pau com uma das mãos. Era incrível como estava quente, mas notei que sua pele não era tão macia quanto a de um humano. Abaixei os olhos e movi a mão ao longo de seu comprimento, incapaz de segurar toda sua largura com uma só mão.

Precisei das duas para envolvê-lo por inteiro, e entrelacei meus dedos. Vadric soltou um suspiro profundo e comecei a bombear devagar ao longo de suas saliências.

Ah, meu Deus. Estou batendo uma para um demônio.

O pensamento ecoou em minha cabeça, eliminando todos os outros. Eu só conseguia focar no pênis enorme de Vadric pulsando em minhas mãos. Era excitante, de um jeito estranho, ouvir os gemidos suaves que ele deixava escapar enquanto eu o satisfazia; um monstro que podia me rasgar em pedaços.

Movi minhas mãos com gentileza no início, acariciando sem parar da base grossa até a ponta. Vadric estremeceu e elevou o quadril, o que me assustou e quase me fez soltá-lo, até que me lembrei do movimento urgente de suas mãos e decidi me mover mais.

Depois, me inclinei para frente e passei a língua na primeira saliência abaixo da cabeça de seu pau, sentindo o gosto salgado-doce do líquido pré-ejaculatório que pingava.

— Mina. — Ele emitiu um rosnado selvagem — O que está fazendo?

Olhei rápido para cima e senti minhas bochechas ruborizando enquanto ele me encarava, com o pênis em meus lábios.

— Retribuindo o favor.

Sem mais uma palavra, abri a boca e engoli a cabeça do pau. Vadric rosnou e eu sabia que era de prazer. Era tão grande que tive dificuldades para colocar o máximo sobre minha língua. Mas, assim que estava o suficiente para dentro, passei a língua por suas saliências e voltei a bombear

com as mãos. Eu apertava e acariciava em um movimento rotatório, para combinar com o da boca.

Fiquei maravilhada com a sensação de ter seu pênis monstruoso em minha boca. A rigidez e o calor eram magníficos e suas saliências, interessantes. Minha mente se perguntou como seria tê-lo dentro de mim, minha buceta pulsando com uma nova onda de desejo.

Notei também que gostava da maneira como Vadric reagia ao meu toque. Ele respirava com dificuldade, tremia, e seu pau pulsava em minha mão enquanto eu esfregava seu comprimento e chupava a cabeça.

O pau de Vadric pulou de repente e ele impulsionou o quadril para frente, enfiando mais fundo na minha garganta. Engasguei, mas não parei, mesmo com lágrimas nos olhos. Ele rugiu e o som quase me matou de susto.

— Ah! — berrou ele, em êxtase, enquanto gozava. Rajadas grossas de sêmen jorraram na minha garganta. Engoli o quanto pude, pois era muito, e o resto escorreu dos meus lábios até o queixo.

Arfando, tirei a boca de seu pênis, com diversos fios de saliva nos mantendo conectados. O gosto do sêmen de Vadric permaneceu em minha boca. Uma mistura incomum, salgada e doce, melhor do que qualquer porra que já esteve em minha boca.

Olhei para cima e vi Vadric arfando, com uma mão cobrindo a parte de cima do rosto e a cabeça inclinada na parede de pedra. Sua boca estava entreaberta enquanto respirava fundo, e observei seus dentes pontiagudos e as linhas em suas bochechas, que eu sabia que podiam se abrir a qualquer momento.

Senti como se estivesse em um sonho, me afastando dele de maneira lenta e deliberada. Assim que recuei, usei a barra do vestido para limpar o sêmen e a baba de meu rosto.

Vadric suspirou. Era um som conflituoso, uma mistura de alívio e confusão. Ele abaixou a mão do rosto, ajeitando o pau, agora mole, outra vez em sua calça de couro. Ainda assim, seus olhos permaneceram em mim o tempo todo.

Ele pousou os cotovelos sobre os joelhos erguidos e me olhou dos pés à cabeça. Quando sua cauda deu uma rápida sacudida, imaginei qual pensamento teria provocado o movimento.

Levei as mãos para trás até encontrar o pelo macio do cobertor. Cobri os ombros, de repente precisando de uma barreira entre mim e os olhos ardentes e amarelos de Vadric.

— Acho que nosso encarceramento ficou muito mais interessante, pequena. — Ele soltou uma risada breve, e um calafrio percorreu meu corpo ao ver suas presas.

Ele estava certo, mesmo eu achando que a palavra correta não era “interessante”. Embora eu não estivesse mais perto de sanar as dúvidas que voavam em minha mente, pelo menos agora Vadric e eu estávamos quites.

Nove

Nosso tempo juntos seria interessante? O que isso significava? Eu não queria falar sobre o assunto, mas achei necessário.

— Bem, sobre o que aconteceu ontem à noite… — comecei.

— Ontem à noite? — Vadric interrompeu, seus olhos vagando pelas sombras. — Não, foi há dois dias. Você está dormindo faz um tempo. Para dizer a verdade, achei que estivesse morrendo.

Engasguei assim que ouvi suas palavras. Dormi por dois dias. Acho que depois da situação traumatizante, fazia sentido meu corpo querer se recuperar. Não foi à toa a sensação de ter dormido demais quando acordei.

— Ah, merda. — Escondi o rosto nas mãos. Significava que eu estava desaparecida há dias no meu mundo. A minha família e meus amigos deviam estar morrendo de preocupação e não havia nada que eu pudesse fazer.

— Mas ainda bem que você não está morta. — Ele fez uma pausa e, enquanto eu olhava fixo para o nada, Vadric me observava. — Você está bem?

— A minha família deve pensar que morri. Eu… eu nunca mais os verei de novo. — Mesmo me enrolando ainda mais no cobertor, o frio que eu sentia vinha de dentro de mim.

— Acho que sim. É muito triste. — Vadric se moveu até cruzar as pernas e se inclinou para frente. Senti uma pontada de medo quando seus olhos amarelos me estudaram, como um instinto dizendo que eu devia temê-lo.

— Sim — murmurei, sem mais nada a dizer. Nesse momento, não havia mais lágrimas para esses pensamentos.

— Você tinha uma família grande? — A pergunta de Vadric me tirou do transe. Olhando para ele, vi interesse em seus olhos.

— Na verdade, não. Meus pais, sem irmãos, mas cresci com tios, tias e vários primos. E tenho amigos, que devem estar se perguntando onde estou. E o meu trabalho? Meu apartamento? Perdi tudo.

— Você não perdeu sua vida — ele complementou.

— Mas qual seria a minha vida aqui? — retruquei sem pensar. Minha língua foi mais rápida, entregando o pensamento sombrio.

Vadric inclinou a cabeça para o lado e sua cauda balançou perto do chão.

— Você não precisa viver por algo. Você vive por estar viva. Só.

— Talvez seja simples para você, mas não é assim para os humanos. Nós precisamos de um propósito. — Olhei para o chão.

— O propósito de todos os seres vivos é existir. Não precisa ser complicado. Talvez algumas pessoas tenham algo traçado, mas não significa que apenas existir não seja um propósito. Há muita beleza em estar vivo, mesmo que no momento você não veja.

Era estranho ser consolada por um demônio. Mesmo assim, não podia negar que havia algo em sua voz suave e rouca e em suas palavras agradáveis que fizeram com que o peso em meu peito suavizasse de leve.

— Você está certo, não consigo ver agora. Como posso ficar grata pela minha vida quando não estou em meu mundo, minha família não sabe que estou viva e não passo de uma prisioneira? — Sob o cobertor, trouxe os joelhos ao peito e me escondi sob a coberta de pelos.

— Talvez se sinta assim agora, mas pode ser que mude de opinião. Mudança é inevitável. Você está aqui agora, mas quem sabe onde estará semana que vem? — Vadric deu de ombros. Tive a impressão de que ele sabia de alguma coisa e isso fez com que eu pensasse nas ideias de antes.

— Bem, se vou ficar presa aqui, pode me contar sobre este mundo? — perguntei. Ele havia sido gentil comigo até agora, mas isso não significava nada. Ainda era um demônio imprevisível que não conseguiu controlar sua sede de sangue e… me provou.

Vadric coçou o queixo com a garra de um dos dedos, pensando em como responder. Nesses breves segundos deixei meus olhos vagarem até a pele azul de seu rosto e mãos e pensei se ele era azul embaixo da roupa preta também, até que sua voz me tirou dessa perigosa linha de pensamento.

— Que tal uma troca de informações, pequena? — sugeriu. — Eu gostaria de saber mais sobre o mundo humano e posso contar mais sobre o meu.

— Por que quer saber sobre o mundo humano?

— Curiosidade. Se soubesse que meu mundo existia, mesmo que não estivesse aqui, não gostaria de saber mais?

Ele tinha razão.

Pensei em todos os animais e documentários de natureza que assisti enquanto crescia, nos quais aprendi sobre diferentes lugares ao redor do mundo, mesmo sabendo que nunca viajaria para nenhum deles. Era quase o mesmo interesse, só que, nesse caso, poderia me ajudar a sobreviver.

— Tudo bem. Posso aceitar seus termos. Uma troca de informações. — Minhas bochechas ficaram vermelhas quando me lembrei de algo a mais que trocamos. A língua de Vadric esteve dentro de mim e, em troca, também senti seu gosto.

Vadric assentiu antes de cruzar os braços atrás da cabeça e se inclinar na parede de pedra, esticando as longas pernas ao lado das minhas. Cruzadas, suas pernas estavam a centímetros de tocar o lado direito da minha coxa.

— O que deseja saber primeiro? — ele perguntou.

— Eu vou mesmo ser devorada? — A pergunta escapou.

Ele apertou os lábios, e ouvi uma breve gargalhada antes de abafar sua risada.

— Desculpe, mas você sabe que essa é uma pergunta difícil de responder.

— Você parecia bem interessado em me comer há algumas noites — sussurrei. Tenho certeza que minhas bochechas pareciam tomates.

Sua cauda parou de mexer e o sorriso desapareceu.

— Aquilo foi diferente.

— Diferente como? — Eu estava curiosa de verdade. — Se você quer sangue, ou se todos os monstros aqui querem, o que os impede de me devorar se acontecer de novo? Você… você disse que o cheiro era delicioso.

Essa era a conversa mais estranha de toda a minha vida. Ainda mais do que conversar sobre a não existência da cegonha com meu pai, já que, na época, minha mãe estava fora da cidade.

— Não sei se consigo explicar de uma maneira que um humano entenderia. De certa forma, sim, eu queria devorá-la e não pude me

controlar quando senti o cheiro do seu sangue. A sede tomou conta por completo, mais poderosa que nunca. Porém, sentado aqui do seu lado, não tenho vontade nenhuma de te morder.

Ele sorriu e ouvi uma pequena risada quando expirou.

— Quero dizer, acho que de certa maneira tenho vontade de te morder, só não te comer, Mina. — Meu coração acelerou com a obscenidade de sua sugestão.

De início, achei que ele só tinha me fodido com a língua por causa da sede de sangue. Mas sua recente revelação me fez pensar na possibilidade de ele sentir algum tipo de atração por mim.

Eu já havia admitido para mim mesma que não era horrível olhar para ele e tinha uma curiosidade perigosa de conhecê-lo ainda mais.

— Tudo bem, então não serei devorada. É só isso que eu queria saber. — Não podia olhá-lo nos olhos enquanto tentava trocar de assunto.

— Neste momento, não. — Ele deu de ombros, com um brilho dançando em seus olhos negros, que me encaravam. Algo se remexeu em minha barriga.

— Conte mais sobre o seu mundo. Sobre as criaturas que existem aqui. Como é a vida de todos? Fale sobre tudo o que puder. — Eu precisava saber o que esperar se algum dia conseguisse sair dessa masmorra.

— Tudo bem, e você conta sobre o seu mundo enquanto exploramos o meu?

— É claro. Foi o nosso acordo. — Engoli em seco. — Uma troca.

— Sim. — Meu corpo reagiu ao seu ronronar com um arrepio, que precisei ignorar. — Então, vamos começar.

Vadric começou a me contar sobre seu mundo, Nadirn. Havia um Lorde, no reino, que governava todas as criaturas em seu território. Nós estávamos na masmorra do Lorde atual e notei o olhar de desdém lançado por Vadric ao mencioná-lo.

Eles viajavam nas costas de outras criaturas ou de carroças, ao menos que o monstro em questão tivesse asas e pudesse voar. Em troca, contei sobre os carros, trens e aviões.

Ele disse que a maioria da população era fazendeira ou comerciante e conversamos por horas a fio sobre os diferentes trabalhos e empregos que

existiam nesse mundo.

Contei que era contadora em uma pequena empresa na cidade onde nasci. Sempre fui boa em matemática durante meu tempo de escola e isso me levou a contar a ele sobre o sistema educacional da Terra, onde todos podiam receber educação.

Aqui não era igual, e grande parte do que ele me contou me deixou com a impressão de que a vida nesse mundo não era tão moderna. Só de lembrar o que vi na cidade servia como comprovação.

Por fim, a noite chegou, mesmo não conseguindo distinguir pela luminosidade, já que estávamos no subsolo, além de Vadric dizer que o céu era sempre escuro e vermelho. Foi o frio que aparecia à noite que me avisou que conversávamos havia horas.

Vadric insistiu para irmos para a cama assim que comecei a bocejar, mas eu queria saber mais. Assim que fiquei mais confortável com ele, não me importava em deitar ao seu lado naquela cama gigantesca. E continuamos a conversar, mesmo com nossas palavras ficando cada vez mais baixas e desaceleradas pelo cansaço.

Ele não precisava de cobertor. Vadric me lembrou que a temperatura não o afetava. Então, mantive o cobertor de pelos ao meu redor, como uma barreira contra o frio, me sentindo como um burrito peludo. Mas eu ainda tremia, e ele notou.

— Ainda está com frio? — ele sussurrou no escuro. Já não conversávamos, pois ambos estávamos com sono. Porém, estava com muito frio para me permitir adormecer.

— Sim — respondi, batendo os dentes.

Os braços de Vadric me envolveram e guinchei, surpresa, quando ele me puxou em sua direção. Meu corpo esquentou na hora em que ele me abraçou, como uma gaiola climatizada, além de sentir seu peso sobre mim.

Meu corpo parou de tremer em segundos, e a dor causada pelo tremor se dissipou. Minha mente rodava com horas e horas de informações, mas me sentia confortada pela primeira vez desde que atravessei o portal.

Pensei em como era estranho encontrar consolo nos braços de um monstro. Ainda assim, enquanto adormecia, envolvida em seu calor, não me importei.

Dez

Quando acordei no dia seguinte, estava sozinha na cama. Entretanto, o espaço atrás de mim ainda estava quente. Fiquei surpresa pela minha decepção em acordar sozinha.

Sentei na cama quando me assustei com um barulho alto vindo da escuridão da masmorra. Ouvi vários passos antes de uma batida forte e alguém fechando a porta. De início, senti o medo deslizando em minhas costas, e me escondi sob as cobertas.

— Mina. — A voz de Vadric me tirou de baixo das cobertas quando percebi que estávamos sozinhos. Afastei o cobertor e olhei para ele, espiando sobre a cama.

Senhor, ele é enorme! E esses chifres são intimidadores!

— Bom dia — murmurei, com a voz rouca.

Ele olhou na direção de onde veio um barulho alto e depois para mim.

— Convenci os criados a trazerem uma banheira e água quente, já que Rykan não está aqui. Mas precisamos usá-la agora e aproveitar que está quase fervendo.

— Uma banheira? — Sentei na mesma hora. — Como conseguiu que trouxessem uma banheira para cá?

Ele deu de ombros e se endireitou.

— Eles gostam de mim. —Algo em seu sorriso dizia que ele não estava me contando tudo. — Vamos lá.

Eu estava tão ansiosa para tomar um banho quente que não parei para pensar no *nós* que ele havia mencionado. Apenas joguei o cobertor e o segui pela masmorra, meus pés descalços caminhando em silêncio pelas pedras geladas, até que avistei a enorme banheira de cobre num canto, cheia de água fumegante. As pequenas chamas dos novos castiçais que os criados haviam acendido dançavam nas sombras.

Olhando ao redor, notei que estávamos mesmo sozinhos e me conformei em tomar um banho. Foi então que notei Vadric ao lado da banheira, tirando o couro preto de sua pele azul meia-noite.

Arregalei os olhos com choque e interesse. Imóvel enquanto o observava se despir sem a menor cerimônia, questionei comigo mesma se ele pensou que tomaríamos banho juntos. Mantive os olhos focados em seu corpo enorme e largo conforme ele revelava cada centímetro de sua pele escura.

Sob a luz, notei pequenas saliências e sulcos, como espinhos sem ponta. Na curva de seus ombros, na clavícula, passando pelos bíceps, por trás de seu antebraço e alguns menores sobre as costelas, quase na lateral de seu corpo. Meus dedos estavam loucos para tocá-los.

— Não vai entrar? — Vadric enfim notou que eu estava parada, congelada. Então, mostrou seus dentes afiados e sorriu ao perceber que eu o observava de boca aberta.

— Com você? — guinchei.

— A água não ficará aquecida por tempo o suficiente para entrarmos um de cada vez, pequena. Além disso, os criados trouxeram mais comida e você deve comer enquanto ainda está quente. — Enquanto falava, levou as mãos até o cordão na frente de sua calça. Virei a cabeça quando começou a desamarrá-lo.

— Não sei — murmurei. Comecei a tremer de nervosismo e minhas bochechas ficaram vermelhas de vergonha.

— Você quem sabe, mas já vou avisando: a água vai ficar fria muito rápido. — Ouvi o som da água quando ele se sentou.

Após um segundo de hesitação, cedi. Eu estava com frio e a água parecia maravilhosa. Além do mais, eu precisava muito de um banho. Mesmo com o tamanho de Vadric, achei que a banheira seria grande o bastante para nós dois.

E daí se ele me visse pelada? Ele era só um demônio e eu, uma humana. Sem contar que já tinha enfiado a língua em mim…

Não! Não era hora de pensar nisso! Evitei olhar para dentro da água, onde havia partes dele escondidas.

Sem esperar mais um segundo para mudar de ideia, segurei o vestido preto que a criada me emprestou e o puxei pela cabeça. No mesmo instante, senti o ar frio do calabouço tocar minha pele. Meu corpo foi tomado por arrepios e senti meus mamilos endurecerem.

Depois de dobrar o vestido, me virei para a banheira e me detive quando Vadric ergueu os olhos e me encarou. Parando de agitar a superfície com a mão, estudou cada centímetro nu do meu corpo com seus olhos amarelos. Desde meus seios até a parte de cima da minha coxa, depois eu inteira. Ele cerrou a mandíbula, e notei o sobe e desce em sua garganta quando engoliu.

Vadric manteve contato visual enquanto erguia os joelhos, dando espaço para que eu me sentasse do lado oposto. Com seus olhos intensos fazendo meu estômago se revirar de nervosismo, cruzei os braços na frente do peito e entrei.

A água estava escaldante e me senti ótima ao submergir. Graças ao tamanho da banheira, estava segura do outro lado e não nos tocávamos sob a água. Porém, sabíamos que havia uma tensão acalorada que não tinha nada a ver com a temperatura do banho.

Por muito tempo, não ousei me mexer. Não conversamos, e em vez disso cedemos à nossa curiosidade, estudando cada parte exposta do corpo um do outro acima da água.

Até que alguma coisa se esgueirou por entre meus tornozelos debaixo d'água e eu berrei, pulando para trás.

— Desculpe. — Vadric virou a cabeça para o lado e massageou a nuca. Então, sua cauda saiu da água enquanto ele a movimentava. — Às vezes, ela faz o que bem entende.

— Ah. — Afundei, aliviada, sabendo que era somente sua cauda e não algum monstro aquático nos fazendo companhia. No momento em que o pensamento passou por minha cabeça, percebi que era tolice. — Não, está tudo bem.

— Pegue. — Vadric não olhou para mim quando alcançou o sabonete do lado de fora da banheira.

O sabão tinha o mesmo cheiro cítrico e de pinheiro do creme cicatrizante que me deram há alguns dias. O que me fez notar que os cortes e machucados tinham desaparecido, deixando minha pele outra vez sem marcas e pálida.

Após me lavar, o devolvi para Vadric. Compartilhar sabonete não era algo que eu faria na Terra, mas era uma prisioneira em uma masmorra de monstros; eu precisava fazer o que conseguia para ficar limpa.

Já que ele mantinha os olhos em meu corpo de forma descarada enquanto me lavava, o observei também. Meu olhar percorreu o mesmo caminho do sabonete, me maravilhando com as saliências em seu corpo, os músculos esculpidos e a pele azul.

— Sabe que está encarando demais, não sabe? — perguntou. Fechei os olhos e fiquei vermelha de vergonha.

— Desculpe. É que nunca vi nada como você. — Cobri o rosto com as mãos e me encolhi contra a banheira.

Senti a água se mover entre nós. A mudança anunciou que Vadric estava mais perto. Minha respiração acelerou quando senti sua mão segurar meu pulso, mas mantive os olhos fechados enquanto ele me puxava pelo braço e posicionava minha mão em seu peito.

Seu corpo era quente sob a minha mão e sua pele, firme, mas flexível. Mesmo sem olhar, dava para saber que não tocava em um humano. Porém, não era desagradável.

— Curiosidade não é um problema, Mina. — Sua voz era grave, e pude senti-la dançar dentro de mim. — Também estou curioso.

Com isso, abri os olhos. O ar preso em meus pulmões escapou pela boca enquanto olhava para minha mão em seu peito. Parecia tão pequena perto dele.

— Você pode tocar em mim. Se quiser. — Sua respiração fraquejou quando minha mão percorreu seu peito sólido no segundo em que ele ofereceu.

Deslizei o dedo pelas saliências de sua clavícula, subindo por seu ombro, onde eram mais pontiagudas. Estava tão fascinada na exploração que não notei quando passei a usar ambas as mãos e me aproximei até estar em seu colo. Toquei seus ombros, seus bíceps poderosos e me maravilhei com seu tamanho e força.

De repente, senti sua cauda se enrolando em meu tornozelo embaixo d’água. Era quente e me segurava com cuidado, como se Vadric não soubesse o que ela estava fazendo. Com o susto, caí em seu peito.

Por baixo d’água, senti seu pênis inchado pressionar minha barriga.

A respiração dele falhou e eu ofeguei, mas não me movi, pois fui inundada por uma sensação de calor, dos pés à cabeça. Senti uma palpitação

de necessidade entre as pernas se espalhar por todos os meus membros.

Devagar, virei em sua direção de novo e olhamos nos olhos um do outro. Muito maior que eu, era mais alto mesmo sentado. Minha cabeça não chegava em seu queixo e eu não estava perto do seu rosto, mas imaginei como seria beijá-lo.

— Você… você também pode me tocar. — Minha voz estremeceu, mas queria lhe oferecer a mesma oportunidade. Parte de mim queria sentir aquelas mãos enormes e poderosas em minha pele.

Não desviamos os olhos um do outro enquanto ele tirava os braços da borda da banheira. Fiquei paralisada até que suas mãos tocaram meus ombros. Seu toque me arrepiou e senti seu pênis se contrair encostado em minha barriga.

As mãos de Vadric eram enormes, mas não podia mentir para mim mesma e dizer que não estava gostando da sensação delas passeando por minha pele. Seu toque era gentil e ele tomava cuidado para não me arranhar com suas garras. Com cuidado, acariciou meus ombros e meus braços. Prendi a respiração quando suas mãos percorreram a lateral do meu corpo; eu parecia uma bonequinha em suas mãos.

Talvez ele tenha feito de propósito, talvez não, mas intensificou o aperto quando encontrou meu quadril, o que me fez avançar. Seu pau enrijecido e pulsante ficou pressionado entre nós com mais força e consegui sentir as saliências nele.

Cerrei o maxilar, mas minha respiração falhou quando ele passou do quadril para a minha bunda. Ao apertá-la, arrancou um gemido suave dos meus lábios. Um rosnado ecoou de dentro dele e ele abriu tanto a minha bunda que até os lábios da minha buceta se separaram.

Meu quadril foi lançado para frente com o movimento, fazendo com que minha buceta aberta se esfregasse em seu pênis, e gemi com o atrito. Ambos ficamos imóveis no mesmo instante, respirando com dificuldade, esmagados um contra o outro na água quente, imóveis.

Seus olhos amarelos estudaram meus seios encostados contra seu peito, e o senti tremer. Seu pênis pulsou contra mim e a sensação de ter suas saliências resvalando meu clitóris era maravilhosa. Senti a tentação de me esfregar em seu membro.

— Você é tão macia — sussurrou Vadric, maravilhado com o que sentia em suas mãos. Ele soltou minha bunda e levou a mão até minhas costas, e depois de volta para minha cintura. Ele a escorregou entre nós e prendi a respiração quando segurou meus seios. — Macios. — Dessa vez, um rosnado animalesco ecoou enquanto ele os massageava.

— Ah — eu gemi e arqueei as costas. Sempre achei que meus seios estavam na média, empinados e grandes o suficiente para agradar à maioria dos homens. Porém, em suas mãos pareciam minúsculos.

Fiquei surpresa quando ele pressionou a ponta do polegar em um de meus mamilos. Eles já estavam duros pelo desejo que crescia em meu interior, mas o susto do seu toque fez com que um arrepio percorresse todo meu corpo. Meu quadril se projetou de novo enquanto Vadric brincava com meus mamilos, e depois deu uma leve rosnada quando comecei a esfregar minha buceta em seu pênis.

Cada saliência de seu pau roçava meu clitóris conforme eu me afundava cada vez mais nele. Não podia mais conter o calor que ofuscava minha mente e meu corpo. Seu toque era excitante e eu queria mais.

— Mina — ele rosnou e eu estremeci, me esfregando em seu membro. Meus braços descansaram em seus ombros e me segurei em Vadric para montar em seu pau.

Com a cabeça jogada para trás, em êxtase, não vi sua longa língua deixando a boca. Só a senti quando a ponta tocou meu pescoço. Choraminguei e a língua continuou a provar minha pele, fazendo cócegas ao se mover.

A parte pontuda dela se enrolou em meu mamilo e estremeci, gemendo alto. Ele a moveu entre meus seios e os lambeu, rosnando e ronronando o tempo todo.

Tirando as mãos dos meus seios e as levando para baixo, encontrou meu quadril e me puxou com força para si. Vadric inclinou seu quadril, me encontrando no meio do caminho, até que começamos a nos mover no mesmo ritmo embaixo d’água. Seu pênis escorregou em minha buceta várias vezes, esfregando suas saliências contra meu clitóris.

O prazer que sentia em meu corpo chegou ao ápice e a pressão em meu âmago explodiu. As minhas pernas tremeram e cravei as unhas nas costas de Vadric enquanto gozava.

— Ah! — Joguei a cabeça para trás e observei sua língua enorme lambendo meus mamilos durante o gozo. Era aterrorizante ver seus dentes monstruosos naquela boca aberta, mas essa pequena sensação de medo enviou ainda mais prazer para o meu corpo, fazendo com que eu tremesse mais.

Quando parei de tremer, minhas pernas cederam e caí do colo de Vadric. Escorreguei pelo lado oposto da banheira, tentando retomar o controle da minha respiração. Ele manteve a cauda em volta do meu tornozelo e meu coração bateu mais forte quando a senti se sacudir em minha panturrilha.

Vadric soltou um leve rugido e olhei para ele, que estava com as costas do outro lado com o rosto em uma das mãos, respirando com dificuldade e devagar. Sob a água calma, pude ver com clareza que continuava ereto.

— Você quer…

— Você deveria ir comer — interrompeu Vadric, sem olhar para mim. Mantinha os olhos tapados com as mãos, a cabeça virada de lado. Senti sua cauda soltar minha perna enquanto ele se afastava.

Senti a ansiedade crescer em meu peito. Pensei ter feito algo errado, mesmo achando que ele também tinha gostado. Enterrei esses sentimentos, saí da água e tremi de frio na mesma hora por causa do ar gelado.

Ele não ergueu o olhar enquanto eu me vestia e caminhava às pressas para a parte habitável da masmorra. Não tinha a menor ideia sobre o que pensar da nossa interação.

Onze

A refeição foi o ensopado farto de novo. Comi uma tigela cheia, sentada sozinha. De vez em quando, olhava para a segunda tigela esfriando na mesa, na ausência de Vadric. Achei que ouvi movimento do outro lado da masmorra diversas vezes, mas ele não apareceu enquanto eu enchia o bucho.

Só quando me deitei de barriga para baixo e comecei a arrancar as cutículas ele ressurgiu das trevas, como um fantasma surgindo para me assombrar. Um monstro que emergiu da escuridão. Por mais estranho que fosse, eu não tinha mais medo dele.

Talvez tenham sido os orgasmos, que permaneciam em meus pensamentos. Ele deveria me apavorar. Sua imagem deveria ser motivo suficiente para me fazer gritar. Passar pelo portal com certeza tinha mexido com meu cérebro.

Muitos pensamentos ressurgiram em minha cabeça quando o vi outra vez. Achei que tinha algo entre nós, mesmo que apenas a mais estranha química sexual que já existiu. Ainda assim, era alguma coisa. Mas, pela reação dele, eu não tinha como saber.

Na banheira, quando quase lhe ofereci ajuda para terminar, Vadric pediu que eu saísse. Nem olhou para mim. Será que se arrependeu? Será que eu deveria me arrepender? Não me arrependi, e isso me assustava mais do que Vadric ser um monstro.

Mastiguei o interior da bochecha, mantendo os olhos nas unhas enquanto ele pegava a outra tigela de ensopado. Estava gelado, mas ele se sentou no banco, sem dizer uma palavra, e começou a comer.

Mesmo querendo muito conversar ou olhar para ele, não consegui. Não sem saber no que ele estava pensando. Em vez disso, permaneci calada, de vez em quando permitindo que meus olhos vagassem em sua direção. Sua cauda balançou atrás do banco, o que me fez pensar em um gato agitado.

Um gato agitado enorme, azul e com chifres…

Vadric não falou nada. Então, permaneci calada. Ele não sabia que eu era especialista em tratamento de silêncio. Se houvesse uma competição, eu ganharia o primeiro lugar. O que não significava que passar horas em

silêncio não fosse agoniante, mas eu era mais teimosa do que gostaria de admitir.

Quando a temperatura caiu, indicando que era noite, me deitei na cama e me enrolei no cobertor. Vadric permaneceu no banco, onde ficou parado como uma estátua por horas. Pensativo, parecendo mesmo um enorme gato agitado.

Após algum tempo, mesmo com o frio crescente, minha mente divagou. Meus pensamentos vagavam entre sonhos e lucidez quando a cama afundou atrás de mim. Ele deve ter pensado que eu estava dormindo, pois, quando notou meu leve tremor, passou um braço ao redor do meu corpo e encostou o peito em minhas costas.

Tentei fingir que estava dormindo; tentei mesmo. Contudo, minha respiração falhou quando ele encostou o peito maciço em mim e meu corpo ficou tenso. Vadric parou de se mexer, paralisando atrás de mim como se pensasse duas vezes.

Ainda assim, não queria que ele mudasse de ideia e roubasse seu calor de mim. Com tratamento do silêncio ou não, eu precisava do seu calor. Então, relaxei o corpo e aconcheguei minhas costas nele.

Arregalei os olhos na escuridão quando, mesmo com o cobertor de pelos e nossas roupas, senti seu pênis ereto nas minhas costas. Não havia como confundir, pois nada era assim comprido.

Mesmo tendo passado horas desde o nosso banho e depois de um tratamento de silêncio, ele ainda estava duro ao me abraçar. Senti uma pulsação entre as pernas quando pensei em seu pênis pressionando minha lombar. Mesmo tendo o tamanho do meu antebraço, não conseguia parar de imaginar como seria tê-lo dentro de mim.

Se ele fosse tão habilidoso com o pênis como era com a língua… Eu precisava parar de pensar nisso antes que perdesse a cabeça.

Ainda assim… me mexi. Só um pouco, o suficiente para rebolar a bunda no seu pau. Um movimento clássico ao deitar de conchinha, e achei que funcionaria com um demônio assim como funcionava com os humanos.

Ouvi Vadric inspirar, mesmo ele tentando ficar em silêncio. Quando não se moveu, me mexi outra vez. Devagar dessa vez, com um objetivo. Quanto mais eu esfregava minha bunda nele, mais a pulsação em minha buceta aumentava.

— Mina, eu sei que você está acordada — ele rosnou baixinho, se inclinando para sussurrar em meu ouvido. A onda de calor repentina vinda de sua respiração em meu pescoço e ombros me fez tremer.

Tirei o braço de baixo do cobertor e coloquei a mão em seu pau atrás de mim. Vadric sibilou, mas senti seu membro balançar sob a camada de couro.

— Estou. — Foi tudo o que consegui dizer enquanto o acariciava.

— O que está fazendo? — Notei que seu tom estava mais grave. Gritei vitória quando ele girou o quadril para encaixar o pênis na minha mão.

— Eu gozei mais cedo, mas você não. Só quero ajudá-lo, Vadric. — Estava feliz por não precisar encará-lo. Foi constrangedor dizer isso em voz alta.

— Por que está me provocando, pequena? — Uma leve vibração ressoou em seu peito e estremeci. Então, ele encostou o rosto em minha nuca e respirou fundo. — Você é tão cheirosa.

Uma onda de confiança me inundou ao ouvir sua admissão. Sem dizer uma palavra, fiquei de joelhos e me virei para ele. Vadric me encarava com as sobrancelhas erguidas, esperando meu próximo movimento. Enquanto ele observava, levantei o vestido e o retirei.

Estava ajoelhada diante dele, nua e tremendo. Exposta para que me visse, dessa vez sem qualquer água para me cobrir. Ele arregalou os olhos e suas pupilas dilataram até que o amarelo foi quase encoberto pelo preto.

— Acho que podemos nos ajudar — eu disse. Tentando vencer meu nervosismo, toquei no peito largo de Vadric e o empurrei, até que ele se deitasse no colchão. — Estamos presos aqui. Quem sabe por quanto tempo. Nós podemos… entreter um ao outro.

De onde veio essa Mina ousada? Eu não era nada assim. Porém, esse pensamento não me parou, e nem parou Vadric quando joguei as pernas ao redor de sua cintura e montei em seu quadril.

Seu pau grosso pulsava sob minha buceta exposta. Com nada mais do que uma fina camada de couro nos separando, ela pegava fogo com a urgência. Doía de tanto que eu o desejava, mesmo achando loucura.

— Entreter um ao outro? Já não estamos fazendo isso? — ele perguntou, movendo devagar as mãos em direção às minhas coxas. Senti o

calor de sua mão escorregando pelas minhas pernas e meu coração acelerou.

Dei de ombros, mordendo o lábio inferior.

— Podemos fazer o outro se sentir bem. Digo, só se você quiser.

— Ah, eu quero, pequena. Como quero. — Ele tirou uma das mãos de minha coxa e acariciou meu abdômen. Os músculos da minha barriga tensionaram quando ele me tocou, até que sua mão pousou em meu seio e eu estremeci. — Mas você é tão pequena, tão delicada. Seria muito fácil despedaçá-la antes mesmo de você saber o que estava acontecendo.

Uma pontada de pânico subiu pelo meu corpo e, ainda assim, levei a cabeça para trás enquanto ele acariciava minha pele, cauteloso com suas garras. Medo e desejo se misturavam em uma urgência inconstante em meu interior.

— Eu não quebro com tanta facilidade — respondi, sem fôlego.

— Ah, é? — A voz de Vadric era quase um rosnado. Quando abaixei a cabeça, notei que ele olhava para mim com os olhos estreitos e algo sombrio brilhava em suas profundezas. Assenti, sem saber o que aconteceria. — Vamos ver. — Não tive tempo de processar o que ele disse. No próximo instante, suas garras se cravaram em meu quadril quando ele me ergueu no ar e me virou. Perdi o fôlego quando meu peito bateu em seu abdômen.

Então notei que ele havia aberto minhas pernas sobre seu peito e agora tinha a visão perfeita e obscena de minha buceta arreganhada na frente do seu rosto. Ele segurou minhas coxas com suas mãos enormes, quase grandes o bastante para envolvê-las inteiras. Encarando minha parte mais íntima, me manteve parada no lugar.

Sei que ele viu tudo na noite em que enfiou a língua dentro de mim, mas agora parecia diferente. Mais erótico, mais excitante.

Sem nenhum aviso, começou a explorar minhas pregas com a língua. A ponta foi direto para minha vulva, se agitando até encontrar meu clitóris.

— Ah! — Joguei a cabeça para trás, berrando com o êxtase repentino. — Vadric!

Sua língua entrou em minha buceta com facilidade. Arqueei as costas e berrei ao sentir a língua grossa e quente me preencher por completo com

tamanha rapidez. Minhas pernas tremeram com o prazer que crescia dentro de mim enquanto ele logo pressionava contra as paredes sensíveis, em todos os lugares certos.

Enquanto me fodia com a língua, meus olhos enfim notaram seu pênis ereto sob o couro preto, bem na frente do meu rosto. Minhas mãos se movimentaram sozinhas, desamarrando eufórica o cordão da calça para libertar sua ereção. Ela saltou para a liberdade bem na minha frente.

Meu queixo caiu e minha língua lambeu a cabeça de seu pênis azul. Levei uma das mãos ao comprimento de seu pau e o senti rosnar embaixo de mim, mas era um som de prazer. Acariciei seu membro cheio de saliências e chupei a cabeça, tentando fazê-lo se sentir tão bem quanto eu.

De repente, Vadric retirou a língua da minha buceta e choraminguei com seu pênis na minha boca ao perder a sensação de prazer. Continuei acariciando seu pau e chupando o máximo que conseguia. Poucos segundos depois, algo diferente me penetrava. Arregalei os olhos e na mesma hora soube que era a ponta macia e redonda de sua cauda entrando em mim.

— Vadric, o que você está… Ah, porra! — Meu grito se transformou em um gemido baixo conforme sua cauda me preenchia e a língua passava para minha bunda. A nova intrusão era algo inesperado e fiquei chocada por não odiar a sensação.

Não, eu amei. Senti-me tão completa com ele enfiando a cauda em minha buceta apertada e a língua em minha bunda. Era algo novo, erótico e aterrorizante. Mas, puta merda, como era extasiante.

A pressão de antes voltou com ainda mais força, se retorcendo em minha barriga, desabrochando dentro de mim. Mesmo com a distração de Vadric, continuei chupando, saboreando o gosto salgado e doce de seu líquido pré-ejaculatório.

Ouvi e senti Vadric ronronar e percebi que adorava aquele som.

O momento antes do ápice chegava rápido. Não havia como parar e meu corpo inteiro tremia com violência à medida que o orgasmo assolava meu corpo. A cauda continuou a se mover dentro de mim enquanto eu o apertava; depois, ele tirou a língua da minha bunda.

— Mina. — Soava como um monstro naquele momento, com seu rosnado primitivo, me recordando de quem ele era. Mas minha buceta ainda

pressionava sua cauda e a cabeça de seu pau continuava em minha boca, em minha tentativa de engolir toda sua circunferência.

Ele rugia de prazer a cada palpitação de seu pau, lançando porra até o fundo de minha garganta. Continuei esfregando seu comprimento rígido com as mãos enquanto engolia seu gozo. Agora que eu sabia o que esperar, uma quantidade menor escapou de meus lábios. Assim que engoli tudo, soltei seu pênis e respirei fundo.

Ele tirou a cauda de minha buceta e eu estremeci. Minha excitação e meu clímax pingaram em seu peito e eu fiquei vermelha de vergonha. Sentada, me virei para pedir desculpas, mas a língua de Vadric já lambia meus fluidos.

Seus olhos encontraram os meus e, sem aviso, ele segurou meu quadril outra vez, enfiando a língua de novo em mim. Berrei, sentindo sua língua em meu clitóris sensível. Vadric bebia cada gota de minha buceta.

Superestimulada, gozei mais uma vez.

— Vadric! Pare. É demais. Ah! — Meus punhos agarraram seu abdômen enquanto eu tremia, cerrando os dentes durante a onda de prazer. Ele não me soltou até que eu parasse de tremer, dando as últimas lambidas e rosnando ao mesmo tempo que me saboreava.

Esgotei todas as minhas forças. Meus membros tremiam e, enquanto eu desmoronava, Vadric me segurou. Ele me aconchegou ao seu lado tão rápido que só notei que estava ali quando abri os olhos.

— O quê? — Contorci meu corpo, mas Vadric apertou o braço ao meu redor, apoiando minha cabeça em seu peito. Ouvi seu coração batendo com regularidade enquanto ele jogava o cobertor sobre nós, nos protegendo do frio da noite.

— Vá dormir, pequena. Antes que eu decida te foder e te despedaçar. — Era uma ameaça, e sei que não deveria ficar excitada, mas fiquei. Ainda mais com aquele rosnado. Meu coração bateu rápido e, se não estivesse exausta, teria fugido. Ou pedido para ele cumprir a ameaça.

— Talvez na próxima — murmurei, sonolenta, e minhas pálpebras pesadas se fecharam sozinhas. A última coisa que ouvi ao adormecer aconchegada em Vadric foi sua risada repentina.

Doze

|VADRIC|

Algo feito de ferro bateu na pedra. Minhas orelhas tremeram e logo abri os olhos. Soube na mesma hora que era a porta da masmorra se abrindo. Ouvi botas pesadas no chão e meu corpo inteiro ficou tenso.

Então, a senti em meus braços. A humana pequena e delicada. Ela estava completamente nua e minha mão esbarrou em suas costas, sentindo sua pele cuja maciez parecia impossível.

Como podia ser tão macia?

— Vadric! — sibilou Knox pelo ar vazio. A pequena se mexeu encostada em meu peito, embaixo do cobertor, por causa do barulho, resmungando por ser acordada no meio da noite.

Knox saiu da escuridão, demonstrando certa urgência. Ele estava com uma espada em mãos e parou assim que me viu deitado na cama com uma humana de cabelos claros que mal aparecia por baixo do cobertor.

Merda.

— Ah, você só pode estar brincando. — Knox revirou os olhos e deu de ombros, dramático. — Faz só alguns dias que está preso com a humana, Vadric.

— Não comece — rosnei de volta. — Preciso lembrá-lo do que aconteceu com Ilya?

— Por favor, não. — Knox franziu o rosto ao falar.

— O que está acontecendo? — Mina se mexeu encostada em meu peito, levantando a cabeça para me olhar. Seus olhos verdes e lábios rosados me deixaram em transe. Eu não me importaria de ficar aqui mais tempo só para olhar para ela.

Para prová-la. Preenchê-la. *Despedaçá-la.*

Cerrei os dentes, tirei-a de cima do meu peito e me levantei da cama baixa. Não havia tempo para ficar aqui e pensar na humana e no delicioso sabor de seu sangue e gozo. Ainda conseguia sentir seu gosto em minha língua.

Mina esfregou os olhos enquanto eu calçava as botas. Sentando-se, levou um susto ao notar Knox ao lado da cama e puxou o cobertor para cobrir os seios e se proteger. Minha boca se contorceu quando vi que ela havia se coberto para evitar meu olhar.

— Precisamos ir agora, Vadric, enquanto a cidade dorme. Já está tudo preparado. — Knox interrompeu meus pensamentos, trazendo minha atenção de volta a ele. Peguei a espada de Knox e a amarrei na cintura, sem responder, meus olhos ainda se voltando para a cama.

Precisávamos ir agora que estava tudo preparado. Um segundo mais e perderíamos nossa chance de sair da cidade.

— Tudo bem, vamos lá.

— Vadric? — As notas suaves e cadenciadas de sua voz me fizeram parar. Knox notou que parei e rosnou, olhando de mim para a pequena na cama.

Mina era tão pequena e frágil. A única humana nesse mundo e, se eu a deixasse, alguém a machucaria. Só de pensar nisso, meu rosto se contorceu e um terrível rosnado escapou de minha boca. Eu não podia deixá-la sozinha; algo em minha mente queria ficar com ela. Explorá-la ainda mais.

Voltei-me para Mina, encolhida. Seus olhos assustados e brilhantes corriam de mim para Knox. Ela viu a espada em minha cintura e se encolheu ainda mais.

— Nós temos que ir, Vadric! Agora! — repetiu Knox e, se ele falasse mais alguma coisa, eu o jogaria na parede.

— Mina. — Peguei o vestido preto na ponta da cama e joguei para ela. — Vista-se. Estamos indo embora.

— O quê? — disseram Mina e Knox ao mesmo tempo.

— Não tenho tempo para explicar, pequena. — Coloquei um dos joelhos no chão e segurei seu rosto em minha mão. Tão pequeno que poderia esmagá-lo. — Venha comigo.

Senti os dedos de Knox em meu ombro enquanto me puxava para trás.

— O que você está fazendo? Não podemos levá-la.

Antes que Knox pudesse reagir eu estava de pé, rosnando para ele. Outro rosnado baixo escapou de Knox como resposta, mas ele cedeu, quebrando o contato visual ao se virar para olhar o chão.

— Nós faremos o que eu quiser, e quero trazer a pequena comigo. — Olhei por cima dos ombros e assenti com a cabeça para Mina, ainda encolhida na cama. Forcei meus rosnados a tomarem um tom mais suave para falar com ela. — Vista-se, Mina. Precisamos ir agora.

Mina hesitou antes de se levantar. Seus olhos iam do vestido para Knox. Só quando notei que ela não queria que ele a visse nua, pensei que eu também não queria. Ela tinha precisado de muita coragem para ficar nua na minha frente, e agora eu não queria compartilhá-la.

— Vá vigiar a porta. Estaremos logo atrás de você — ordenei a Knox, sem olhar para ele. Mina atraiu minha atenção; podia ver o vermelho ao redor de seus olhos e os tremores em seu corpo. E podia sentir o cheiro do medo, potente e sedutor.

— Rápido, por favor. — Foi tudo o que ele disse antes de sair, a espada na cintura batendo na armadura de pele de dragão.

— Mina — comecei, mas ela me interrompeu.

— O que está acontecendo, Vadric? — Seus dedos seguraram o cobertor com mais força. Outra onda de medo chegou até mim e o cheiro estava acordando um instinto primitivo de caçá-la e devorá-la.

— Não tenho tempo para explicar, pequena. Você pode vir comigo e sair daqui ou ficar nessa masmorra, sem saber o que poderá acontecer. — Foi nesse momento que decidi: se ela escolhesse ficar, eu a enrolaria no cobertor e a levaria comigo do mesmo jeito.

Um desejo repentino de protegê-la cresceu em meu peito, o que era estranho. Ela era uma humana sem sorte que passou por um portal e caiu no meu reino, mas tinha um sabor divino e, quando conseguia tocá-la, eu gostava de sentir sua pele.

— Eu também não sei o que acontecerá comigo se for com você — disse ela, mas seus olhos foram até o vestido.

— Você confia em mim? — Em nossos dias juntos, pude notar que ela estava se acostumando comigo. Ainda estava cautelosa, mas o medo da minha presença diminuía a cada encontro ilícito. O que não queria dizer que ela confiava em mim.

— Acho que não tenho muita escolha nesse momento. — Conformada com seu destino, Mina soltou o cobertor e colocou o vestido.

Olhei para seus seios macios e mamilos rosados, duros por causa do frio. Mesmo quando se levantou e o vestido cobriu suas curvas, não conseguia tirar os olhos de cada pedaço delicado ainda exposto. Minha virilha doía com a memória de ter seu corpo contorcido contra o meu enquanto ela gozava.

Não, não podia deixá-la.

— Vamos. — Estendi a mão quando ela se levantou da cama. Vi seus olhos se arregalando quando ela colocou a mão pequena na minha e, ao fechar os dedos, precisei tomar muito cuidado para não esmagar seus ossos frágeis.

A porta da masmorra estava escancarada e subimos a escada em alta velocidade, em direção à mansão. Mas Mina era tão pequena; conseguiu nos acompanhar na corrida até a porta, mas não escada acima. Virei para trás e rosnei ao levantá-la e carregá-la em meus braços.

Mina ofegou e enterrou o rosto em meu peito. Ela era muito leve. Era mais fácil carregá-la em meus braços do que deixá-la correr atrás de mim. Não havia tempo para parar e pensar em como ela se sentia por estar em meus braços. Só sei que eu estava gostando.

Knox já estava no topo das escadas. Ele revirou os olhos outra vez quando viu a humana em meus braços, mas não me importei. Ele havia tirado Mina dos saqueadores no mercado para ser um animal de estimação para Rykan, esperando que ele se distraísse; sei o quanto estava irritado. Contudo, seus sentimentos sobre o assunto não importavam, mesmo ele sendo um amigo.

Eu precisava manter a humana comigo, e não importava como esse desejo era estranho.

Graças ao horário avançado, a mansão estava silenciosa. A maior parte da cidade devia estar dormindo e, se Knox planejou tudo direito, estaríamos com o caminho livre. A pequena ficou encolhida em meu peito enquanto corríamos em silêncio pelos corredores escuros e quietos que eu conhecia como a palma da mão.

Knox liderava, verificando as esquinas com a espada em punho. Eu caminhava mais atrás, segurando Mina com força, sentindo seu coração batendo forte. Estávamos bem perto da porta traseira, por onde os criados traziam mantimentos.

Em seguida, as portas duplas de madeira utilizadas como entrada de mantimentos ficaram à vista quando dobramos uma esquina e passamos pela cozinha. Assim que saíssemos por elas, estaríamos um passo mais longe da masmorra e um mais perto da liberdade.

— Parados! — Um guarda com armadura vermelha entrou na nossa frente. Um rosnado percorreu meu corpo quando a raiva cresceu dentro de mim. Knox desferiu um golpe rápido, mas seu grito havia alertado os outros.

Logo ouvi o som de botas batendo no chão quando mais guardas vieram correndo para bloquear as portas. Eu e Knox diminuímos o passo, contando e calculando enquanto seis deles bloqueavam a saída.

— Sentimos muito, mas vocês não podem sair! — gritou o guarda com a maior patente, no meio, e nós paramos. Eles agacharam, com as armas em mãos. — São ordens do Lorde Rykan.

Mina tremia em meus braços e xinguei em voz baixa. Coloquei-a de pé no chão e a empurrei para trás de mim enquanto desembainhava a espada.

O cheiro do medo dela, junto com o caos de uma luta em potencial, fez meu sangue ferver, e eu estava louco para me jogar no primeiro que entrasse em meu caminho. Meus dentes doloridos queriam morder, minhas garras precisavam rasgar.

— E eu estou ordenando que saiam da frente, senão saberão o que acontece com aqueles que me desobedecem. Vocês já são traidores por usarem a armadura vermelha. — Passei por Knox, diminuindo a distância entre nós e os guardas. Um dos que estavam mais ao fundo vacilou, abaixando a espada quando me viu apoiando a mão no punho de minha arma.

— Vamos nos manter firmes e obedecer às ordens do Lorde. Não importa quem seja.

— Então, vocês escolheram morrer. — Lancei-me com a espada no ar. Em um ataque gracioso, a cabeça do guarda que estava no meio voou pelo ar, seguido por um glorioso jato de sangue.

Mina gritou, mas não consegui ouvir por conta do pulsar do meu sangue em meus ouvidos, além do consequente som da batalha. Lutar e matar era um instinto enraizado em minha espécie, e era algo que eu fazia

muito bem. Se era isso que precisava fazer para sair daqui, não hesitaria em ceifar algumas vidas.

A luta terminou rápido. Todos os cinco guardas estavam mortos no chão de pedra, o sangue se espalhando em poças. Algum criado os encontraria pela manhã, mas, a essa altura, estaríamos bem longe.

Limpei minha lâmina na roupa de um dos corpos antes de embainhá-la de novo na cintura. Ofegando e tentando acalmar a agitação em meu sangue, me virei para procurar minha pequena humana.

Mina estava encolhida em um canto escuro não muito longe. Ela escondia o rosto nas mãos e logo notei seus ombros balançando enquanto chorava. Eu não conseguia entender sua reação ou o porquê de ela estar aterrorizada.

Lutar e matar em meu reino fazia parte da vida; contei isso para ela na outra noite enquanto trocávamos informações sobre nossos mundos. Talvez ouvir e ver sejam coisas bastante diferentes para a humana. De qualquer maneira, eu não podia dar atenção ao seu medo, pois precisávamos correr.

— Vamos, Mina. — Não esperei por uma resposta. Assim que ela tirou as mãos do rosto molhado de lágrimas, me abaixei e a peguei nos braços de novo.

O corpo dela estava tenso e os tremores a assolavam enquanto a carregava pelas portas. Ela logo parou de soluçar em meus braços e, por ora, era o suficiente.

Uma carroça carregada de caixas estava à nossa espera. Havia uma lona afastada, mostrando o pequeno espaço onde eu deveria me esconder para ser levado para fora da cidade.

— É sério? Não conseguiu uma carroça maior? — rosnei para Knox.

— Desculpe, mas não achei uma boa ideia deixar óbvio que estava tirando esse seu rabo enorme da cidade — retrucou ele. — Agora, entre na carroça com seu novo animal de estimação para podermos sair daqui.

Por dentro, me senti mal ao ouvir Mina sendo chamada de animal de estimação. Mesmo fazendo sentido, não parecia certo, não com ela.

Mina não falou ou lutou contra mim quando a coloquei sentada na ponta da carroça. Olhei para o condutor e reconheci um dos meus homens

disfarçado. Ótimo. Mewlan era a pessoa de confiança que eu havia solicitado.

O problema agora era caber junto com Mina dentro de um espaço mínimo entre as caixas. Eu teria que segurá-la durante todo o caminho pelas montanhas.

— Encontro vocês em alguns dias, depois de finalizar tudo por aqui. — Knox bateu no meu ombro, tirando minha atenção da humana. — Poderia entregar isso para Ilya por mim?

— É claro, entrego sim. — Peguei o pedaço de papel dobrado e o guardei. Knox e eu nos olhamos e assenti com a cabeça. Não precisávamos dizer mais nada, não depois de uma vida inteira de amizade.

— Tudo bem, pequena, vamos deixar a cidade disfarçados. Vou precisar segurá-la, pois não temos muito espaço. Vamos lá. — Quando fui ao seu encontro, Mina assentiu, se inclinando em minha direção. Demorou um pouco para nos ajustarmos dentro do pequeno espaço, no meio de uma carroça abarrotada de caixas, e Mina se acomodou entre minhas pernas.

Knox puxou a lona e fomos encobertos pela escuridão. Pouco depois, ela sacudiu ao nosso redor quando a carroça andou pela estrada de paralelepípedos. Senti uma onda de alívio pelo plano ter chegado tão longe.

Porém, meu sangue ainda corria por meu corpo e meu coração ainda batia forte por causa da adrenalina da luta e por ter visto sangue. Também não ajudava a mim, ou ao meu pau, ter a maciez e firmeza de Mina se pressionando contra meu peito.

Treze

Minha mente estava a mil quando o céu vermelho desapareceu e a lona cobriu a carroça, nos envolvendo em escuridão. Imagens do que tinha acabado de presenciar surgiam sem parar em meus pensamentos. Nunca vi tanto sangue na minha vida.

O choque repentino de acordar com o demônio pálido insistindo para que Vadric fugisse se repetia em minha mente. E ele escolher não ir embora sem mim fez meu coração bater rápido. A nossa fuga foi ousada, empolgante e terrivelmente assustadora.

Eu sabia que Vadric era um monstro, mas vê-lo rosnar com a ferocidade de uma besta e despedaçar os guardas como se fossem manteiga era aterrorizante. Nunca lutei ou testemunhei tamanha brutalidade com meus próprios olhos.

Ainda assim, me sentia segura deitada em seu peito. Talvez fosse a maneira como ele me segurava firme, tão carinhoso, enquanto a carroça balançava ao nosso redor; talvez fosse seu calor e o ar noturno depois de passar tanto tempo em uma masmorra. Eu estava protegida, encostada em seu corpo, enlaçada em seus braços, e podia sentir seu coração batendo rápido.

Vadric estava encostado em uma pilha de caixas e eu, com as pernas em volta de sua cintura, pressionada em seu peito. Minha bochecha descansava sobre seu coração, e o som de suas batidas me acalmava. Mesmo que o batimento fosse acelerado demais, estava no mesmo ritmo do meu e do som que meu sangue fazia ao pulsar em meus ouvidos.

Suas garras poderiam arrancar a cabeça de alguém. Presenciei essa façanha e, mesmo assim, ele me segurava com extrema cautela. Suas mãos imensas me acalentavam com cuidado e ele tinha consciência de suas garras mesmo ao descansá-las em minhas costas.

Eu podia sentir o cheiro de madeira das caixas e da poeira na carroça. Mais forte do que eles, sentia o cheiro inebriante e masculino, com uma certa pungência, de Vadric abaixo de mim. O agitar suave de sua cauda balançando, além do barulho que a carroça fazia ao passar nos paralelepípedos, eram os únicos sons que quebravam o silêncio pesado e tenso.

Eu tinha tantas perguntas a fazer, mas não conseguia falar, pois a ereção óbvia de Vadric entre minhas coxas ofuscava meus pensamentos. Ele estava ofegante e eu ia para cima e para baixo a cada respiração sua. Batia nele sempre que a carroça se chocava ou virava na estrada irregular.

Como não havia muito espaço na parte de trás da carroça, precisei ficar de pernas abertas no colo dele. Ainda bem que, no escuro, com o rosto abaixado, ele não conseguia ver como minhas bochechas estavam vermelhas só pela nossa proximidade. O fato de ele estar tão duro, encostado em minha buceta, piorava a situação.

De repente, a carroça se inclinou para o lado e fui obrigada a me segurar nele com força por cima de sua camisa de couro, e um gemido escapou de meus lábios. Ele apertou ainda mais os braços ao meu redor e senti um rosnado em seu peito. Inclinei a cabeça para trás e olhei para Vadric e a incompreensível expressão em seu rosto. Meus olhos não conseguiam se ajustar a esse nível de escuridão, mas parecia que ele estava cerrando o maxilar.

No meio das sombras, eu não conseguia desviar o olhar. Havia o suficiente daquela estranha luz vermelha atravessando em camadas a lona e as rachaduras do lado da carroça para que conseguisse ver seu rosto esculpido e seus olhos amarelos brilhantes.

Enquanto olhava para Vadric, notei que ele devia ter segurado minha cintura em algum momento, para me estabilizar depois do último solavanco da estrada. Agora só conseguia pensar na sensação de suas garras cravadas em minha pele macia e o calor de suas mãos passando pelo vestido. Os músculos de seu pescoço estavam tensionados e ele olhava para a lona acima de nós; uma única gota d’água escorreu pelo lado de seu rosto, passando por sua bochecha.

Morrendo de calor, resisti à súbita e quase esmagadora vontade de mover meu quadril, de me encostar ainda mais nele, sentindo o calor abrasador de sua pele e músculos se mexendo embaixo de mim. Queria que ele me segurasse com mais força, que me puxasse para mais perto; queria que preenchesse a chama crescente no meio das minhas pernas onde seu pau me esfregava.

Engoli em seco, sem conseguir esconder a maneira como minha respiração ficava irregular toda vez que a carroça balançava. Estava

ruborizada e podia sentir a temperatura aumentar enquanto passávamos pela cidade.

Nossa posição era perigosa. A calça de couro de Vadric era apertada e fiz meu melhor para pensar em algo além do contato íntimo entre nós, mesmo sentindo o calor emanando dele. Entretanto, sabia do que ele era capaz, e meu cérebro traiçoeiro imaginou como seria ter aquele membro monstruoso dentro de mim, me arregaçando com dificuldade enquanto eu o apertava.

Fui forçada a pressionar meus lábios um no outro para não arquejar, pois uma poderosa onda de desejo percorria meu corpo, causada por meus pensamentos eróticos. Era inútil perguntar a mim mesma por que não pensava em outra coisa, não com aquele pau enorme encostado em mim, pulando sempre que a carroça nos fazia chocar um contra o outro.

— Você pode parar de se mexer tanto, pequena? — murmurou Vadric, soando mais desesperado do que irritado. Suas palavras interromperam meus pensamentos dispersos, mas não melhoraram muito a situação.

— Não tem muito o que fazer. — Naquele momento, a carroça pulou outra vez, passando no que supus ser um buraco no meio do caminho.

— Merda! Cuidado com a cauda! — ele xingou e percebi que meu joelho bateu na cauda ao lado do seu corpo.

— Sinto muito. Desculpe. — Enrijecendo-me, encostei o rosto no peito dele de novo, tentando me rearranjar em seu colo; minha adrenalina se elevou quando a carroça nos jogou de novo um contra o outro por causa de outro buraco na estrada, continuando a me pressionar nele da maneira mais enlouquecedora possível.

Para minha surpresa, Vadric rosnou baixinho. O ritmo do meu coração acelerou de maneira considerável ao ouvir o som de desespero. Antes que eu conseguisse processar, a carroça passou por outro desnível, forçando um suspiro breve de meus lábios ao sentir nossos corpos batendo um no outro.

Minhas mãos voaram para seus ombros. Ambos respirávamos com dificuldade e, apesar de tudo o que eu queria dizer, tinha medo de que apenas uma palavra quebrasse a tensão no ar entre nós.

Tomei uma decisão, dominada pela verdade inegável de que agora éramos apenas um homem e uma mulher com necessidades. Não importava

que Vadric fosse um demônio. Eu estava em chamas por senti-lo se esfregar em meu centro latejante.

Empurrei o quadril em sua direção, imaginando que os movimentos da carroça esconderiam minhas intenções. Pressionando devagar contra ele e voltando de leve. Senti sua pegada mais firme, me puxando para perto, o que me encorajou a continuar.

Rebolando em cima de seu pau, senti suas mãos segurando minha cintura com uma intensidade que poderia deixar marcas. Meus suspiros engasgados eram silenciosos, mas não o bastante, e eu sabia que ele me ouvia quase gemendo.

Nossos movimentos desesperados e conservadores não faziam mais efeito, eram nada além de tortura, aumentando ainda mais o meu desejo e o transformando em uma necessidade avassaladora. Sentia que era a corda de um arco e flecha, sendo puxada cada vez mais. Tudo que eu podia fazer era desejar a liberação enquanto roçávamos um no outro.

O controle de Vadric se abalou assim que sua cauda se enrolou em meu tornozelo e subiu por minha panturrilha, por baixo do vestido. Nos movíamos em uníssono e um rosnado baixo cresceu em sua garganta ao se encostar em mim, esfregando seu membro duro em minhas partes macias.

Ao segurá-lo, apertei o couro preto de seus ombros com os dedos, jogando a cabeça para trás sempre que cada pequeno buraco na estrada me jogava sobre ele. Vadric gemia cada vez mais alto, e eu forçava cada vez mais meu corpo no dele. Nossos esforços se tornaram mais óbvios. Eu cavalgava nele com mais força, um gemido descarado escapando de meus lábios, enquanto meu desejo por ele crescia.

Assim que Vadric ouviu meu gemido desesperado, algo nele ruiu. Seus dedos se apertaram em minha cintura, só por um momento, antes de juntar o tecido do vestido e o puxar para cima. Arquejei, inspirando rápido, enquanto ele puxava o vestido até minha cintura, deixando minha buceta nua contra o couro, a única barreira entre seu pênis repleto de saliências e eu.

— Mina. — Meu nome soava como o apelo mais desesperado que já tinha ouvido.

— Vadric — suspirei, olhando para seus olhos negros aterrorizantes.

Uma de minhas mãos caiu entre nós, deslizando por seu corpo firme até o cordão de sua calça. Ele soltou um rosnado de satisfação quando envolvi seu pau em minha mão. Sua cauda continuou a subir por minhas pernas até que a senti fazendo cócegas na parte de dentro da minha coxa.

Eu precisava usar as duas mãos para acariciar seu membro, então trouxe também a que estava livre para baixo e o envolvi. Seu calor quase queimava minha pele enquanto eu passava as mãos em seu pênis estriado, para cima e para baixo, com cuidado.

Vadric jogou a cabeça para trás e a encostou em uma caixa, arfando de prazer. Puxei seu pau para baixo e o levantei o suficiente para posicioná-lo em minha entrada molhada. Ele ergueu a cabeça no momento em que a ponta de seu pau tocou a minha buceta necessitada.

Tentei descer em seu membro, mas era grande demais. A cabeça me abriu dolorosamente e um suspiro extenuante saiu de meus lábios. Se eu continuasse, sei que aguentaria, mas Vadric enfiou suas garras nas laterais do meu corpo e me colocou de volta em seu colo, o pênis descansando em minha barriga.

Ele ergueu uma das mãos e segurou minha nuca, a respiração ainda irregular. Suas garras cutucavam minha pele e engoli em seco quando me agarrou pelos cabelos loiros.

— Não, pequena, eu vou te rasgar ao meio.

— Vadric, eu… eu quero você. — Minhas bochechas enrubesceram assim que ouvi as palavras saindo de minha boca. Ele rosnou e abaixou o rosto enquanto empurrava ainda mais minha cabeça para trás.

— Eu gostaria muito de me afundar dentro de sua buceta macia e apertada, mas temo que a machucarei demais, e não posso arriscar. — Ele tirou a língua da boca e o senti lamber a gota de sangue que escorreu de minha pele delicada depois de ele tê-la cutucado com suas garras.

— Mas… — Eu queria contestar, tentar outra vez. Sabia que ele tinha o maior pau que já tinha visto, mas, depois de algumas tentativas, eu poderia aguentar a maior parte.

— Shh, Mina, você não está preparada. — Sem deixar que eu respondesse, Vadric me levantou um milímetro do seu colo, uma mão em minha cintura e a outra no cabelo. Arregalei os olhos e, no próximo instante, senti a ponta de sua cauda deslizando sobre minha vulva molhada.

— Ah! — Estremeci com violência quando a cauda deslizou para dentro de minha buceta. Na mesma hora, minhas paredes se contraíram ao seu redor e a sensação era de ser preenchida.

Para minha sorte, o caminho ficou mais suave, pois eu precisava de mais controle sobre meus movimentos. Uma dor latejante percorreu meu corpo, enquanto sua cauda mergulhava cada vez mais e eu cerrava os punhos em seus ombros. Ele respirou fundo, o pênis pulsando em minha barriga, enquanto sua cauda me preenchia até não ter mais para onde ir.

Contorcendo-me contra ele, tirei uma das mãos de seu ombro e a deixei cair de novo entre nós. Segurei a cabeça de seu pau, massageando com o dedo, espalhando seu líquido pré-ejaculatório nas saliências da parte inferior. Depois, comecei a torcer e acariciar, enquanto ele bombeava a cauda sem parar dentro de mim.

Minha buceta pairava acima de seu colo enquanto ele me fodia com a cauda e eu o masturbava. Entramos em um ritmo e nossa respiração estava pesada no espaço pequeno ao satisfazer o desejo que nos consumia. Depois de me esfregar nele por tanto tempo, estava perto demais de chegar ao ápice. Cada pequeno movimento de sua cauda flexível em minhas paredes me deixava cada vez mais perto.

Ele apertou ainda mais a mão em meu cabelo, me forçando a olhar em seus olhos enquanto rosnava para mim. Nossos rostos estavam tão próximos que nossa respiração se confundia no ar, e eu queria muito beijá-lo.

Vadric deslizou a língua em meu pescoço e estremeci com a sensação de cócegas. Ele sentiu o gosto do pequeno corte deixado por sua garra antes de sua língua desaparecer no decote do meu vestido. Seu rosto encurtou a distância entre nós enquanto a língua deslizava sobre meus mamilos por cima do tecido fino.

Mesmo ele me segurando com força, ainda assim parecia cuidadoso, como se temesse que fosse me quebrar ao menor toque. Ele tirou a língua do vestido e, sem pensar duas vezes, me inclinei e encostei meus lábios nos dele.

Vadric ficou paralisado, vacilando com o contato. Afastei-me, observando seus olhos arregalados e surpresos encarando minha boca.

— O que foi isso? — ele perguntou, sem fôlego.

— O beijo? — perguntei. Monstros não beijavam? Pensando melhor, imaginei se tinha feito algo de errado.

— Beijo? — repetiu, soltando minha cabeça. Sua mão deslizou pelo meu ombro para segurar meu rosto. — Faça de novo.

Meu coração pulou no peito e parei, somente por um segundo, antes de diminuir a distância e pressionar outra vez meus lábios nos de Vadric. Seus lábios eram quentes e, para minha surpresa, macios. Nossas bocas se moveram devagar no início, ele me permitindo guiá-lo no beijo, mostrando o que fazer.

Quase senti que estava no ensino médio de novo, aprendendo a beijar com meu primeiro namorado, no sofá de casa. Esse sentimento não durou muito. Vadric logo aprendeu o movimento, colando seus lábios nos meus e aprofundando o beijo antes que eu o fizesse.

Ele parou quando passei a língua em seu lábio inferior; ainda assim, afastou um pouco os lábios. Apesar das presas afiadas em sua boca, empurrei minha língua na dele. Logo, sua língua lutava com a minha, uma ao redor da outra, até que invadiu minha boca por completo, engolindo meus gemidos.

Enquanto explorávamos o beijo, passei a masturbá-lo mais rápido e sua cauda pressionou ainda mais as minhas trêmulas paredes internas. Minha buceta se contraía e o beijo me deixava cada vez mais próxima do ápice.

O movimento da carroça na estrada de pedra escondia nossos surtos, mas tive a impressão de não estarmos mais na cidade, pois passávamos por um caminho de terra macia. O som de nossa respiração ofegante e gemidos de prazer ecoavam em meus ouvidos e fiquei receosa, achando que estávamos fazendo muito barulho. Vadric não parecia se importar enquanto rosnava de prazer.

Agarrávamos um ao outro e o suor se acumulava em nossos rostos enquanto nos movíamos juntos. O poder da estimulação estava se acumulando dentro de mim por conta de sua cauda acertar todos os pontos certos em minha buceta. Ele me deixava fraca, ansiando por mais, enquanto me inclinava sobre seu corpo, me segurando em seu peito, nunca parando nosso beijo, mesmo quando se tornou desleixado e uma gota de saliva caiu em meu queixo.

Os meus gemidos se tornaram mais frequentes e o rosnado de Vadric se transformou naquele ronronar profundo em seu peito que eu adorava. Era um desejo ardente, o som de satisfação que me levou ao ápice. Gemi em sua boca e ele me abraçou até eu não conseguir mais respirar.

O atrito escorregadio de sua cauda se contorcendo dentro de mim era diferente de tudo o que eu poderia imaginar e se tornou demais para aguentar. De repente, explodi, apertando e pressionando sua cauda, que não parava de me penetrar.

Joguei a cabeça para trás, mas a boca de Vadric continuou a percorrer meu rosto, descendo até meu pescoço. Ele elevou o quadril, escorregando seu pênis em minha mão, e eu o masturbei com mais força e ainda mais rápido, gozando em sua cauda. Não me importava mais com os sons que fazíamos, pois estava perdida no abandono carnal do meu orgasmo.

Quando parei de tremer, ele tirou a cauda de minha buceta. Naquele momento de clareza, me abaixei em seu colo, levando a cabeça até seu pau para chupar a cabeça. Apenas alguns momentos chupando e acariciando seu pênis fizeram Vadric rosnar, seu maxilar cerrado, gozando em minha boca.

Demorei um bom tempo para conseguir recuperar o fôlego, aproveitando o êxtase do meu clímax enquanto caía no peito de Vadric. Sentia seu coração bater com força em minha bochecha e gostava do som que fazia, além da sensação de ter seu corpo quente encostado no meu.

Ele usou uma de suas mãos para guardar o pênis mole de volta na calça e abaixou meu vestido, cobrindo minhas pernas. A sensação de sua mão enorme fazendo carinho em minhas costas quase me deixou tensa.

— Tente descansar, Mina. Vamos viajar desse jeito por um bom tempo. — Vadric se acomodou outra vez, encostando na caixa e esticando as pernas o máximo que conseguia para que eu me deitasse confortável em seu colo.

— Tentarei — murmurei de volta. Porém, toda a excitação era avassaladora e meu sono interrompido logo tomou conta. Escorreguei pela escuridão ouvindo o som do coração de Vadric batendo e o suave baque das rodas da carroça em uma estrada de terra.

Quatorze

Não tinha certeza de quanto tempo viajamos na carroça, mas deviam ter se passado horas. Vadric me deixou dormir até a estrada voltar a ser de pedra e me fazer acordar com um pulo em seu peito. Por estar deitada em seu corpo, não fiquei com tanta dor quanto sentiria se estivesse viajando na parte de trás de uma carroça por tanto tempo. Quanto a Vadric, tinha certeza que estava.

Quando enfim paramos, ele esperou com a cabeça de lado, ouvindo. Pensei que sua audição devia ser maravilhosa, com aquelas orelhas grandes e pontudas. Após duas batidas rápidas na parte de trás da carroça, uma ponta da lona foi levantada e consegui ouvir uma voz.

— Chegamos ao primeiro posto de controle. A área está limpa. — Então, Vadric se endireitou, me forçando a sentar em seu colo.

— Ótimo. Pode abrir. — Ele chutou a parte de trás da carroça. A lona caiu, revelando o céu preto com a aurora vermelha, fornecendo luz suficiente para que eu pudesse enxergar.

Assim que a parte de trás da carroça foi aberta, Vadric e eu manobramos para sair. Foi difícil não nos esbarrar e esfregar um no outro por acidente enquanto deixávamos o pequeno espaço. Meu rosto ficou vermelho de tanto contato, lembrando do encontro acalorado e desesperado que tivemos após nossa fuga.

Quando seus pés tocaram o chão, Vadric se alongou e resmungou quando algo em suas costas estalou. Balancei meus braços e pernas, olhando a área em que estávamos e observando os arredores.

Era uma floresta escura, parecida com aquela onde apareci pela primeira vez, quando os saqueadores me encontraram. As cascas das árvores eram pretas, as folhas vermelhas e as sombras dos arbustos, assustadoras. Parecia uma cena de filme de terror, à espera do monstro que pularia dos arbustos.

Olhei para Vadric, à minha direita, conversando com o nosso motorista. Ele era o monstro desse lugar, e eu não podia ter certeza de que não avançaria em mim. Por que esse pensamento fez com que meu coração batesse mais rápido?

Ao invés de focar nele e em sua linda e escura pele azul, ou na largura de seus ombros, ou no tamanho de seus bíceps… Espera, eu estava tentando pensar no que mesmo?

Ah, certo. Forcei meus olhos na direção do motorista, que havia manobrado a carroça com diligência pelas últimas horas. Quando saímos, havia muita coisa acontecendo e não consegui olhar direito para ele. Agora podia vê-lo com clareza, e esse foi o primeiro monstro que não desencadeou um medo imediato em mim.

Nem um pouco. Não, esse monstro era bastante fofo, de um jeito frustrante. Parecia um gato preto, de pé em suas longas pernas. Parte de suas feições era humanoide. Ainda que tivesse mãos, peito e ombros masculinos e definidos, sem dúvidas parecia um gato preto enorme.

Tanto a cauda de Vadric quanto a do motorista balançavam enquanto eles conversavam e meu lábio tremia com a vontade de rir. Tentei prestar atenção na conversa antes que enlouquecesse, pensando em fazer carinho no monstro-gato.

— Temos tempo para descansar um pouco, mas depois precisamos seguir floresta adentro para encontrar os outros — disse Vadric.

— E vai manter isso aí com você? Não é perigoso? — Fiquei paralisada ao ouvir o motorista assim que percebi que ele olhava na minha direção e falava sobre mim.

Vadric rosnou, como um aviso.

— Sim. A humana fica comigo. E não quero que questionem a minha decisão a todo momento.

— Não… — O gato ergueu suas mãos-patas peludas, como rendição. — Não estou questionando. Só perguntando.

— Ótimo. Ela está sob minha proteção, então virá comigo. É só disso que precisam saber. — Vadric olhou de cima para o homem-gato, com uma presença dominante e poderosa que exigia atenção.

— Entendido. — Ele coçou o queixo e gesticulou na direção da carroça. — Bem, há alguns suprimentos aí dentro para ajudá-los a chegar até o próximo posto de controle, já que precisarão caminhar daqui.

— Eu conheço o caminho — rosnou Vadric em resposta, sua irritação palpável.

Minha presença causou uma perturbação no que imaginei ser um plano elaborado com cuidado, e meu estômago se revirou ao perceber que eu era um fardo. Graças a esse pensamento, não me movi e minha mente se distraiu enquanto Vadric e o motorista começaram a mexer nas caixas.

Por alguns minutos, tudo o que conseguia pensar era na leve sensação de cócegas deixada pela brisa em minha pele, além do ar suave e quente, a terra macia sob meus pés descalços e o farfalhar das folhas vermelhas me aprisionando. Era mais fácil deixar minha mente observar o que estava ao meu redor do que prestar atenção no homem-gato enquanto ele olhava para mim como se eu fosse uma raridade. Bem, acho que, nesse mundo, eu era.

— Aqui, coloque isso. — A voz de Vadric me tirou do transe e pisquei com força. Ele estendia o braço, com um par de botas de couro nas mãos. — Vamos precisar caminhar um pouco até o local onde descansaremos e depois caminharemos mais. Você não deveria andar por aqui descalça.

— Ah, obrigada. — Calcei as botas, desejando ter meias, mas era melhor do que nada. Ficaram largas, mas mesmo assim foi um alívio não precisar pisar nas pequenas pedras e galhos.

— Boa viagem, Mewlan. — Vadric jogou uma bolsa de couro por cima dos ombros e acenou para o homem-gato, que voltava a subir na carroça.

— Boa viagem, meu Lorde — respondeu ele. Foi tão informal que não notei. Porém, depois que meu cérebro registrou o que ele disse, parei e olhei de esguelha para Vadric.

Permanecemos em silêncio por um tempo, observando a carroça desaparecer entre as árvores em direção ao que imaginei ser uma estrada próxima. Quando ficamos sozinhos e o som das rodas da carroça desapareceu, Vadric se virou para mim.

— O que está acontecendo? — deixei escapar.

Ele franziu as sobrancelhas negras e arqueadas, mas não consegui interpretar a emoção em seus olhos. Vadric lambeu o lábio inferior e olhou para as árvores à nossa volta.

— Muita coisa. Não tenho tempo para explicar. Precisamos ir.

— Passamos horas conversando na masmorra. Você não mencionou nenhum problema com as insurgências ou um plano de fuga. Sabe, pensando bem, você nem contou por que estava lá embaixo. — Meu

coração afundou assim que as últimas palavras saíram apressadas de minha boca.

— Você não perguntou por que eu estava na masmorra. — Seus olhos se estreitaram e dei um passo involuntário para trás.

— Então, o quê? Devo segui-lo às cegas para dentro de uma floresta sem saber o que está acontecendo? O que espera por mim do outro lado dessa droga de aventura da qual não pedi para participar? — Meu humor estava piorando e a confusão em meu coração e mente traziam à tona meu pior lado.

— Você preferia que eu a tivesse deixado na masmorra, pequena? — A expressão no rosto de Vadric mostrou que minhas palavras o chatearam, mas a calma em seu tom era pura ilusão.

— Não… só não tenho ideia de onde estou, para onde vou ou o que acontecerá comigo. — Expirei enquanto forçava a onda de medo e desespero que crescia em mim a recuar. — Vadric, estou com medo.

A tensão em sua expressão suavizou. Vadric suspirou e chegou perto de mim. A diferença de altura me forçou a esticar o pescoço para olhar para cima, já que minha cabeça mal alcançava seu peitoral.

— Mina — ele suspirou meu nome, colocando a mão em minha nuca e me puxando até seu corpo quente. — Vou contar o que está acontecendo, mas, agora, precisamos ir. Vamos descansar e depois caminhar mais um pouco. Por enquanto, é importante que você confie em mim e me escute, para que a gente consiga sobreviver.

— Não gosto de ficar sem saber o que está acontecendo. Minha vida inteira foi planejada com cuidado. Todo aspecto da minha vida, todos os meus dias foram planejados, e agora cada passo que dou é no escuro. — Me senti bem conversando com ele, desabafando os problemas em minha cabeça.

— Planejar cada segundo da sua vida parece exaustivo, mas entendo como se sente. Não há problema nenhum em temer o desconhecido, Mina, mas vou protegê-la. — Ele me olhou e, apesar dos chifres, olhos amarelos e dentes afiados, eu confiava que ele cumpriria o prometido.

— Tudo bem — eu disse enfim, depois de vários segundos olhando em seus olhos. — Então, vamos lá.

— Ótimo. Vamos por aqui. — Vadric se afastou, gesticulando com a cabeça na direção das árvores atrás de mim. Segurou com mais força a bolsa em seu ombro e eu o segui.

— Onde vamos descansar? Vamos ficar a noite inteira? — perguntei rápido enquanto seguia o caminho liberado por Vadric.

Ele me olhou por cima do ombro por um segundo, tempo suficiente para eu notar um leve sorriso em seus lábios.

— Tantas perguntas para alguém tão pequena. Você verá assim que chegarmos.

Não gostei de caminhar no meio da floresta de vestido, sem calcinha e botas que não cabiam direito. Também não gostava de surpresas, mas não tinha escolha a não ser seguir o enorme demônio azul pela floresta escura.

Quinze

— Não achei que andaríamos por tanto tempo, Vadric. — Meus pés estavam me matando. — Quando ia caminhar ou fazer uma trilha no meu mundo, usava sapatos específicos para esse tipo de atividade.

— Estamos quase chegando. — Ele riu em resposta, continuando com suas longas passadas pelas árvores grossas. Vadric não estava sem fôlego, tampouco caminhando mais devagar.

— E também tenho muita dificuldade de acompanhar você. Suas pernas são tão grandes quanto as árvores! — Como ele estava vários passos à minha frente, reclamei sem rodeios. Podia sentir as bolhas se formando em meus pés.

— Ah, venha aqui. — Antes que eu pudesse reagir, Vadric parou e me levantou do chão.

Exclamei pelo choque de estar de repente aninhada em seus braços.

— Vadric!

— Melhorou, pequena? — Seu tom era de provocação, baixo, e me deixou vermelha. Estávamos nos tocando de novo, reacendendo lembranças do ocorrido na carroça.

— Você não pode me carregar pelo resto do caminho. — Mesmo assim, descansei a cabeça em seu peito, ouvindo o bater estável de seu coração.

— Hum, posso sim — respondeu ele, e consegui ouvir o sorriso em sua voz. — Você é mais leve que uma pena. Já estamos caminhando muito mais rápido. Eu deveria tê-la carregado desde o início.

Vadric quase voava pelo caminho, e nem estava correndo. Só o comprimento de suas pernas era o suficiente para nos impulsionar de forma rápida. Talvez ele devesse mesmo ter me carregado desde o início, pensei comigo mesma.

Fiquei ouvindo o pisar forte de suas botas no solo da floresta, o som das folhas e gravetos sendo esmagados e o assobio dos galhos acima, balançando na leve brisa. Tive a oportunidade de observar a floresta e admirar a beleza negra desse mundo em que me encontrava. A luz vermelha

descia do céu através dos espaços nas folhagens e de vez em quando eu via uma das duas luas no céu.

— É sempre escuro aqui em Nadirn? — perguntei, quebrando o confortável silêncio.

— Sim.

— Então, como sabe se é dia ou noite? — Na masmorra eu conseguia relacionar a noite com a baixa temperatura. Mas agora que estávamos em um calor constante, não fazia mais sentido.

— Pela localização das luas no céu e pela intensidade da luz da aurora. Estamos no final da tarde agora, é quase noite. As luas sumirão no horizonte e a luz diminuirá. Quando as luas voltarem, assim como a luz, saberemos que é manhã — explicou Vadric, sem quebrar seu ritmo de caminhada.

— Ah, é quase como na Terra. Só que nós temos uma lua e um sol que ilumina o céu durante o dia. — Suspirei. — Sinto falta do céu azul e das cores do pôr-do-sol.

— Parece interessante um céu azul. Aqui é somente vermelho ou preto. — Ele não falou, mas quase consegui ouvir o “sinto muito” em seu tom de voz. Não era pena, mas ele sentia muito pelas circunstâncias.

— Você vai me ensinar mais sobre o seu mundo? Como fez agora, ensinando a ver o horário? — Ele já havia me ensinado bastante em nossas horas de conversas enquanto estávamos presos juntos, mas eu sabia que havia muito mais a aprender.

— É claro, pequena. Ensino tudo o que você quiser. — Eu aceitaria a proposta. Se era para ficar presa em um mundo de monstros, precisava aprender tudo o que podia. — Ah, chegamos. Espera. — Vadric parou, me colocando de pé no chão com cuidado. — Fique aqui e não faça barulho. Vou fazer uma varredura do local para me certificar de que é seguro.

Vadric jogou a bolsa aos meus pés, que caiu com um baque. Levou os dedos aos lábios, mantendo contanto visual comigo por um momento, no qual admirei o brilho de suas íris amarelas. Então, sem dizer uma palavra, se posicionou como um predador, agachado, e desapareceu pela folhagem adiante.

Aqueles momentos esperando por ele em um silêncio assustador foram uma tortura. Todos os barulhos das criaturas que viviam nos arbustos eram inexistentes quando Vadric estava ao meu lado. Agora, eram como uma sinfonia de pequenos monstros desconhecidos e criaturas brilhantes, se esgueirando nas sombras, o que fazia meu corpo inteiro se arrepiar.

— Mina.

— Ah! — guinchei e quase abandonei minha própria pele quando Vadric surgiu de repente. Meu coração batia em minha garganta, e eu cobri o rosto para me esconder dele. — Você me assustou.

— Posso ver — ele riu, pegando a bolsa do chão. — Vamos.

Após alguns instantes de caminhada, chegamos a uma curva na floresta. Uma formação rochosa se erguia do solo, em direção ao céu, na altura das árvores. O som de água correndo sobre a pedra prendeu minha atenção e fiquei mais animada.

— O que é isso? — Meus olhos se arregalaram tanto que poderiam saltar da minha cabeça. Fiquei paralisada ao ver a água cristalina em uma piscina de pedra. Havia piscinas menores e pequenos riachos interconectados, e parecia tudo tão calmo e bonito.

— É uma fonte termal natural. Não é a estação mais apropriada, mas será agradável tomar um banho relaxante. — Vadric largou a bolsa sobre a grama escura sob um agrupamento de árvores antes de se virar para mim e ver que eu olhava para a água. — Pode entrar, Mina.

— É seguro? — Meus dedos agarravam o tecido do vestido, prontos para arrancá-lo e entrar na água.

— Para mim e para a maioria da minha espécie, sim. Não vejo por que não seria para você também — respondeu. Eu não olhava para ele. Em vez disso, tirava o vestido com pressa.

Um pensamento insignificante passou pela minha cabeça, dizendo para eu esperar. Que o monstro me veria pelada e que isso era algo assustador e escandaloso. E talvez fosse, mas a essa altura Vadric e eu já tínhamos passado dessa fase. Eu não deixaria de entrar em uma fonte termal e liberar um pouco dessa tensão louca por causa dos acontecimentos recentes só porque estaria pelada.

Deixa que ele olhe.

Sem me preocupar em dobrar o vestido, o abandonei sem cerimônia no chão e depois tirei as botas. Assim que as descalcei, mergulhei o dedo do pé na água cristalina e morna. Um gemido de felicidade escapou de meus lábios enquanto eu afundava, escorregando cada vez mais e submergindo até a altura dos ombros.

A água, rasa o suficiente para eu ficar de pé, batia logo acima dos meus seios. O que quer que houvesse nessa fonte termal parece ter entrado de imediato em meus músculos e ossos, me transformando em geleia. Era mais relaxante do que a banheira da masmorra.

Assim que pensei no banho que compartilhamos, ouvi a água derramar atrás de mim. Fiquei tensa outra vez, como se fosse feita de gelo, mesmo com a água quente da fonte. Cada batimento irregular do meu coração ecoava em meus ouvidos como um tambor.

A água ondulou em minha pele e eu não precisava olhar para saber que ele estava atrás de mim, enorme, como o monstro gigante que era. Então senti sua mão quente e molhada pousar em meu ombro e descer por meu braço embaixo d’água.

— Você é tão macia, Mina. — Sua voz era suave, hesitante, sem esconder o que pensava. Fechei os olhos conforme suas mãos passeavam por meu braço e tudo o que eu queria era me inclinar na direção de seu toque.

Quando me virei, fiquei de frente para seu abdômen esculpido. Minha boca se abriu e meu queixo quase caiu dentro da água ao ver os músculos intensos sob sua pele da cor da meia-noite. Se olhasse por baixo da água, sabia que veria seu membro cheio de saliências.

— E você é alto — deixei escapar, com meus olhos viajando a distância entre seu corpo e rosto.

Vadric sorriu, o que me desarmou. Tudo em suas feições era afiado e feito para me aterrorizar, mas o sorriso era verdadeiro. E destinado a mim.

— Você é minúscula, pequena. — Ele se ajoelhou embaixo d’água e, em um segundo, estávamos cara a cara. Seus olhos amarelos às vezes pareciam ter luz própria. Talvez ajudassem a ver melhor no escuro. Seus olhos se fixaram em meus lábios e meu corpo inteiro esquentou só de saber no que ele estava pensando.

Nossos corpos se mexeram em câmera lenta, atraídos um para o outro por uma força invisível. A tensão que nos rodeava era pesada e eu não tinha outro lugar para ir além do seu abraço. Seus braços caíram sobre mim, encostando minha pele nua na dele. Na mesma hora, meu corpo se acendeu com a eletricidade que corria pelas minhas veias, parando no meio das pernas.

— Me beije de novo — disse Vadric.

— Tudo bem. — Meu coração pulou, mas ergui o braço e o repousei em seus ombros largos, entrelaçando meus dedos em seu cabelo negro ondulado na nuca.

Os olhos de Vadric estudavam meu rosto e eu fazia o mesmo com o dele. Gostava de sentir seu coração batendo; parecia ser meu, de tão poderoso. Suas mãos repousavam em meu quadril e, enquanto diminuíamos a distância entre nós, ele me segurava com mais força, até o momento em que senti a dor de suas garras quase rasgando minha pele.

Fechei os olhos no instante em que nossos lábios se encontraram. Meu coração parou de bater naquele momento maravilhoso em que o calor dos lábios de Vadric pousou nos meus. Suave a princípio, enquanto explorávamos um ao outro. Até que a ponta de sua língua passou por meus lábios e se enrolou na minha.

Um gemido espontâneo escapou de meus lábios e estremeci encostada nele. Meu corpo estava liso por causa da água e eu escorregava em seu peito. Vadric ergueu a mão para segurar meu pescoço e aprofundou o beijo com uma intensidade ofuscante. Nossos lábios se moviam, frenéticos, e ele roubou todo o ar dos meus pulmões com a paixão furiosa de seu beijo.

Precisei me afastar para respirar, puxando uma golfada de ar. Meu movimento não o dissuadiu. Sua boca continuou o caminho, beijando minha bochecha, meu queixo e descendo para o pescoço.

— Você nunca beijou antes? — perguntei, tentando recuperar um pouco do fôlego.

— Nunca — rosnou ele em resposta, grudado em meu pescoço.

— Gostou? — Não sei por que perguntei. Ele gostou, com certeza. Sua ereção pulsava encostada em minha barriga. A sensação de tê-lo deslizando em minha pele por baixo da água me fazia querer arder em chamas.

— É bem agradável. Adoro o gosto da sua boca. — Arquejei, mas seus lábios convergiram sobre os meus outra vez, roubando o som com sua língua, que se entrelaçava na minha.

Fiquei tonta pela falta de ar e o desejo que crescia em meu corpo. Com meus impulsos flutuando através de mim, dessa vez não escondi minhas intenções. Diferente de quando estávamos na carroça, esfreguei meu corpo no dele sem nenhuma vergonha, até que sua ereção estivesse entre as minhas pernas.

Vadric grunhiu, mas não parou de me beijar. Me apoiei com mais força em seu pescoço, usando-o como âncora enquanto ajeitava minha buceta necessitada em seu membro. Senhor, a sensação de suas saliências esfregando em meu clitóris era incrível.

Entretanto, me esfregar em seu pau não me satisfazia mais. O desejo dentro de mim era quase doloroso, queimava, e eu queria que ele sentisse esse desejo. Queria que me preenchesse.

— Vadric. — A maneira patética como gemi ao falar seu nome era sinal claro do que eu queria. — Por favor.

— Mina, isso é tudo que posso fazer sem te machucar. — Senti sua cauda passar pela minha pele e meus braços se arrepiaram.

— Você não vai me machucar — respondi. Era uma afirmação ousada, sabendo que ele poderia, sim, me machucar. Seria fácil.

Vadric soltou um rosnado grave vindo do fundo da garganta. Fechando os olhos, franziu o rosto como se grunhisse em silêncio, me fazendo pensar que estava travando uma batalha interna. O que quer que fosse essa coisa entre nós, ambos conseguíamos sentir.

— Você não entende, pequena. — Ele olhou em meus olhos de novo e as íris amarelas afinaram. Nada mais do que um abismo negro de apetite carnal me encarando. — Eu quero te machucar. Quero te foder com tanta força até te partir ao meio. Quero devorar você, sentir o gosto do seu sangue de novo. Colocar a minha língua tão fundo a ponto de sentir seu coração batendo enquanto goza de novo e de novo.

Sua língua serpenteou por meu pescoço e peito, enfatizando sua afirmação ao mesmo tempo em que ele me segurava com mais força, suas garras furando minha pele onde ele agarrava meu quadril e minha nuca.

— Você é uma coisinha muito pequena, Mina. Eu tenho esse impulso de protegê-la e ele está em guerra com meu desejo de despedaçá-la. — A dor de suas garras me fez gritar e meu corpo estremeceu encostado ao dele, uma onda de medo percorrendo minha espinha. — Você não deveria me desejar, e eu queria que você não fosse tão tentadora, porque eu também te quero.

— Só… só seja delicado. — Eu estava sem fôlego, ainda sentindo seu pau se contraindo, encostado em minha buceta. Mesmo com a ameaça e sabendo que ele queria me partir ao meio, queria que ele me fodesse sem dó.

— Você está me vendo, pequena? Vê o que eu sou? — Vadric segurou meu queixo de repente, apertando meu rosto enquanto rosnava. — Eu não consigo ser delicado!

Sem nenhum aviso, ele me soltou. Eu caí na água, cambaleando, lutando contra as ondas e tentando recuperar o equilíbrio. Apesar do calor da água, senti frio ao ver Vadric sair da fonte termal. Não havia nada que eu pudesse fazer para impedi-lo e não consegui pensar em nada para dizer quando ele pegou a calça do chão e saiu em direção às árvores.

Dezesseis

Depois de me lavar o melhor que consegui, saí da fonte termal, torcendo o cabelo loiro e curto. Meu corpo ainda estava eletrificado por causa da sensação do corpo de Vadric se esfregando no meu, e era irritante. Eu estava uma pilha de nervos e queria que ele voltasse.

Porém, após marchar em direção às árvores negras, não havia sinal dele. Eu não conseguia ouvi-lo e nem vê-lo pelas imediações da floresta, mesmo sabendo que meus olhos não foram feitos para enxergar a escuridão desse mundo.

Contudo, Vadric não poderia ter ido longe, pois a bolsa ainda estava aqui, e ele anunciou seu desejo de me proteger. Não achei que tivesse ido tão longe, só longe o suficiente na mata para se acalmar após nosso encontro.

Talvez eu o tenha ofendido ao pedir para que fosse delicado. Será que ia contra sua natureza? Talvez fosse grosseria pedir isso dele.

Todos esses pensamentos voavam em minha cabeça e, quanto mais ele demorava, mais coisas eu imaginava. Mesmo com a mente agitada, meu corpo continuava como um fio esticado demais e eu precisava liberar toda essa tensão.

Olhei ao redor mais uma vez, enquanto meu corpo secava no ar quente, e me senti bem ao achar que estava sozinha. Então, abri o vestido preto na grama e me deitei nele, sem nenhuma intenção de dormir.

Na escuridão, sob manchas aleatórias vermelhas do céu, passei a mão em meu corpo. Meu coração acelerou ao imaginar que era a mão enorme de Vadric, com suas garras perigosas, me tocando em vez das minhas. Levei uma mão por baixo dos seios, acariciando minha barriga, enquanto a outra esfregava um mamilo.

Minha buceta doía e usei os dedos para massagear meus grandes lábios. Continuei a esfregar meu mamilo enquanto os dedos da outra mão mergulharam entre minha perna molhada e encontraram o clitóris. A energia de esfregar o membro de Vadric ainda queimava em mim e eu precisava descarregá-la.

Meus dedos trabalhavam com fúria sobre meu clitóris. Imagens de todos os momentos eróticos que eu e Vadric compartilhamos corriam em minha mente. Desde a primeira vez que sua língua entrou em mim, a viagem de carroça e sua cauda me fodendo.

— Vadric — gemi seu nome em um sussurro ao vento. Arqueei as costas e abri ainda mais as pernas, sentindo meu abdômen se contrair e a pressão aumentar. Gemi mais alto enquanto me equilibrava no limite. — Vadric!

— Mina? — ele gritou, aparecendo pela cobertura de árvores. Seus olhos me procuravam frenéticos. Quando me viu com as pernas abertas e os dedos no clitóris, ficou paralisado, sem conseguir se mover.

— Merda! — sibilei, tirando a mão e fechando as pernas. Perder meu clímax era agonizante, e pressionei as coxas uma na outra para apaziguar a palpitação.

Vadric se virou de costas, abrindo e fechando os punhos ao lado do corpo, enquanto sacudia a cauda.

— Você está bem? Não está machucada?

— Não. — Suspirei. — Estou bem. — Era uma mentira deslavada, eu não estava bem. Estava com mais tesão do que já tive em toda minha vida, tudo graças a um demônio azul gigante que se recusava a olhar para mim.

— Merda, o seu cheiro é bom demais. — Testemunhei Vadric estremecer da cabeça à cauda. Ele se virou devagar e seus olhos pousaram em meu peito nu, me devorando com voracidade.

A ousadia que me assolou era incomum, mas eu a peguei pela mão e liguei o foda-se. Enquanto seus olhos examinavam meu corpo, abri as pernas outra vez. Nesse momento, Vadric levou os olhos negros aos meus e nos encaramos. Mantive o contato visual enquanto guiava minha mão de novo para o meio das pernas. Então, usei os dedos para afastar meus grandes lábios.

Vadric parou de respirar e notei seus músculos ficando tensos. Ele estremeceu, sua respiração ficou pesada e ele deu um passo involuntário ao ver minha buceta molhada. Colocando a língua para fora, lambeu os lábios, faminto. Ao ver sua reação, voltei a fazer movimentos circulares em meu clitóris.

O tempo parou de correr ao nosso redor, mas nós não. Massageei meu centro enquanto Vadric pairava sobre mim. Não parei até ele se ajoelhar entre minhas pernas abertas.

— Mina, por quê? — Seu tom de voz ecoava o desejo que eu sentia. Enquanto falava, Vadric levou a mão até o cordão de sua calça, abrindo-o. — Você devia ter medo de mim…

— No início, eu tive… — Me levantei rápido, puxando sua calça para baixo assim que ele abriu o cordão. — Mas não tenho mais. Você disse que deseja me proteger e me devorar. Então, faça os dois.

O membro de Vadric estava livre e não hesitei ao segurar a base da cabeça com a mão. Ele grunhiu com os dentes cerrados. Seu pau cresceu em minha mão e pressionei o dedão na saliência sensível, embaixo da glande, observando enquanto o líquido pré-ejaculatório vazava quanto mais eu o esfregava.

Em um golpe rápido demais, ele tirou minha mão de seu pênis. Eu gritei e, antes que soubesse o que estava acontecendo, levou sua enorme mão até meu peito, me empurrando para que eu me deitasse no vestido embaixo de mim. Vadric se moveu em frenesi enquanto segurava minhas pernas e as afastava ainda mais. De repente, abaixou o rosto até minha abertura molhada.

Meu corpo inteiro enrijeceu quando sua maravilhosa língua entrou em minha vulva e logo encontrou meu clitóris. Ele a enrolou em minha sensível pérola do prazer e meu corpo inteiro estremeceu. Parei de respirar por completo quando sua língua invadiu minhas paredes apertadas.

Sem pensar duas vezes, minhas mãos voaram para seus chifres e os segurei na base, o que também despertou algo nele. Senti seu rosnado intenso dentro de minha buceta. Sua língua torceu e se contorceu contra minhas delicadas paredes internas, como se quisesse mesmo me devorar de dentro para fora.

Estive tão perto de gozar antes que não demorei mais do que alguns minutos para todo meu autocontrole fugir de mim. A pressão que acumulei explodiu e eu vi estrelas. Segurei seus chifres, puxando seu rosto para ainda mais perto de minha buceta enquanto ela apertava sua língua com cada onda de liberação.

— Vadric! — gritei seu nome sob a luz vermelho-sangue do céu demoníaco acima de nós. Meu corpo estremeceu e minhas coxas apertaram sua cabeça, pois ele não parou de enfiar a língua cada vez mais fundo enquanto engolia cada gota do meu ápice.

Quando tirou a língua de minha buceta, tive apenas alguns segundos para recuperar o fôlego. Apenas segundos antes que eu conseguisse ordenar meus pensamentos. Fechei os olhos e soltei seus chifres, jogando os braços no chão, arfando e tentando me acalmar.

— Não terminei só porque você gozou, pequena. — Vadric caiu sobre mim. Ele era tão grande que, quando abri os olhos, preenchia todo meu campo de visão. Seu calor recaiu sobre mim e minha respiração vacilou quando ele ergueu meu queixo com suas garras afiadas como lâminas. — Você queria que eu te fodesse, Mina, então é isso o que vou fazer…

— Ah. — A palavra escapou. Meus olhos viajaram até o corpo rígido e tonificado de Vadric, que me prendia ao chão como em uma gaiola. Observei desde seu abdômen tensionado até seu pau, pulsando com orgulho em minha direção.

Ele jogou o quadril para frente e seu membro entrou em minha vulva. O movimento súbito fez com que minhas costas se arqueassem e eu gemi. Em seguida, senti sua boca cair em meu pescoço exposto, beijando e sentindo o gosto de minha pele enquanto ele enfiava o pênis de novo e de novo em minha buceta.

— Lembre-se: foi você quem pediu por isso, Mina. Quando eu estiver dentro de você, não conseguirei parar. Mesmo se você chorar, implorar e sangrar, eu vou foder e foder até que você esteja uma completa desgraça — avisou, lambendo meu pescoço.

Era uma ameaça aterrorizante, mas, apesar do medo, era o que eu queria. Desejava que ele me fodesse até me quebrar ao meio e eu não sonharia em pedir para que parasse. Meu terror e meu desejo estavam se misturando com uma demanda anormal dentro de mim, pedindo para que esse demônio monstruoso me fodesse, sem me importar com as consequências.

— Isso. Isso. Me fode, por favor. — Implorar era deplorável, mas Vadric rosnou de satisfação quando ouviu. Era tudo o que ele precisava como encorajamento.

Com o corpo enorme de Vadric sobre o meu, notei como eu era muito menor que ele. Minhas mãos foram até seu peito e olhei bem no centro. Ele mantinha a parte superior de seu corpo sobre mim descansando os cotovelos no chão, acima de minha cabeça.

Seu pau continuou deslizando sobre meu centro molhado e eu ofeguei com seu tamanho encostado em mim. Levantei os joelhos e mantive minha decisão enquanto ele empurrava a cabeça azul para dentro.

Houve uma pontada de desconforto quando a cabeça entrou. Ninguém havia me esticado tanto assim. Aqueles poucos centímetros já diziam ao meu corpo que eu estava no limite. Cerrei os dentes para segurar o choro, dizendo a mim mesma que eu precisava relaxar e respirar fundo.

Vadric parou de se mover, mas eu conseguia sentir seu corpo tremendo ao meu redor, fazendo esforço para não enfiar com tudo. Ele manteve o controle, tremendo com a força primitiva, com o instinto carnal de querer me foder até não aguentar mais.

Ele parou por tempo o suficiente para eu me ajustar ao seu volume. Mexi o quadril para encorajá-lo a continuar e Vadric empurrou mais alguns centímetros, fazendo com que eu expirasse fundo das minhas profundezas, encontrando espaço para acomodá-lo.

— Mina. — A voz não era de Vadric. Essa era a voz do verdadeiro monstro, rosnando como uma fera acima de mim. Ele fez meu corpo inteiro tremer e minhas paredes se contraírem ao redor de seu pau. Senti o tremor em minhas mãos quando rosnou baixinho.

— Ah, Vadric. Ah, merda, é tão grande. — Engoli em seco, olhando entre nossos corpos. Só ver seu grosso membro azul esticando minha buceta me arrepiou, assim como meus mamilos. Ele nem estava todo dentro de mim, mas eu sentia que estava preenchida por completo.

Quase chorei de alívio quando ele tirou o pau, mas houve uma dor instantânea na espera de ser preenchida outra vez. Vadric não parou por muito tempo. Depois de alguns segundos, voltou a enfiar em minha buceta apertada. Ofeguei quando senti suas saliências acariciando minhas partes escondidas e sensíveis.

Mas ele se movia devagar, bombeando com cuidado para dentro e para fora, para eu me acostumar com o seu tamanho enorme se movendo. Era

grande, duro e tão gostoso. As minhas paredes relaxaram e logo elevei o quadril para encontrar suas cuidadosas enfiadas.

Senhor, eu queria mais. Queria tudo o que conseguisse aguentar. E estava odiando como ele se movia devagar.

— Vadric — ofeguei. — Enfie. Mais. Rápido. Por favor. — Forcei cada palavra entre respirações. Em vez de usar palavras, ele respondeu com um rosnado.

Para meu deleite, ele escutou e fez minha buceta pegar fogo ao aumentar a velocidade. Meu corpo inteiro estava em chamas e seu corpo pairava acima de mim, só intensificando essa sensação.

Vi os músculos de seu abdômen se tensionando e flexionando enquanto ele se movia, impressionada com o poder de seu corpo que ele tentava controlar. Mas não queria que ele domasse a fúria e a força que escondia. Se prometeu me partir em duas, queria que cumprisse.

— Mais forte. — Minhas mãos se moveram por seu peito até chegar aos seus ombros. Finquei minhas unhas nele, mesmo sabendo que não rasgariam sua pele resistente. Eu precisava que ele me desse mais.

— Porra, Mina. Tem certeza? — Vadric olhou para baixo e rosnou quando viu nossos corpos unidos. Não precisei responder. A visão de nós dois fodendo foi o suficiente para estimulá-lo.

Ele bombeava em mim mais rápido e com mais força. Minha buceta aguentou tudo o que seu membro conseguiu fornecer, o que era muito. Vadric enfiou em mim com força e as saliências em seu pau pressionavam meu ponto G a todo instante

A tensão elétrica que nos rodeava aumentou, dançando sobre nossas peles enquanto nos movíamos em sincronia. Cravei minhas unhas em seus ombros, puxando-o freneticamente, enquanto cada bombeada de seu quadril arrancava gemidos de êxtase de meus lábios.

Fiquei vermelha. O calor se espalhou por mim como lava, da cabeça até meus dedos dos pés dobrados. Minhas veias se encheram de fogo vivo e algo pareceu se contrair em minha barriga, ficando pior com cada saliência do seu monstruoso pênis que deslizava para dentro e para fora de mim.

O orgasmo veio em minha direção, me atingindo a tal velocidade que minha visão escureceu. Vendo estrelas, gritei o mais alto que pude. Cada

centímetro do meu corpo tremia enquanto meu ápice desabrochava, passando do meu âmago até todos os membros do meu corpo.

— Vadric! Ah, meu Deus! — berrei e uma quantidade enorme de lágrimas escorreu por meu rosto. As poderosas e mortíferas saliências de seu pau não deixavam meu orgasmo acabar. Elas arrancavam onda após onda de dentro de mim, como se eu gozasse sem parar. Um clímax seguido do outro.

— Mina, está tão apertado. Não consigo mais me segurar. — Ele se esforçou para falar.

— Vadric — gemi. — Não consigo parar de gozar. — Ele ouviu e rugiu como um monstro. Eu não conseguia parar de tremer enquanto ele enfiava seu membro em mim e me deixava em choque com a sequência de orgasmos alucinantes.

Vadric jogou a cabeça para trás e rugiu de prazer para o céu, dando estocadas cada vez mais rápidas e superficiais. Respirei fundo quando senti seu gozo quente e grosso fluir para dentro de mim. Era tanto que achei que extravasaria assim que ele diminuísse a velocidade de seus movimentos.

As ondas selvagens de prazer não pararam até Vadric sair de dentro de mim. Mais alguns esguichos de sêmen caíram em minha barriga, me fazendo arfar com a sensação de calor e viscosidade. Por fim, meus músculos falharam e derreti no chão, sentindo a grama gelada e o vestido amarrotado em minhas costas.

— Você está bem, pequena? — Vadric acariciou meu ombro e depois minha bochecha. Pressionei meu rosto na palma de sua mão, fechando os olhos.

— Estou. Meu Deus, estou sim. — Meu corpo superestimulado ainda tremia por dentro, como se eu estivesse congelando no interior apesar do calor que sentia na pele. A minha visão escureceu e não consegui mais abrir os olhos. Desabei pelo abismo da exaustão que me puxava para baixo enquanto eu desmaiava.

Dezessete

Quando abri os olhos, podia ver uma abertura nas folhas logo acima. Balançavam com a leve brisa, deixando à mostra a aurora vermelha no céu. O som de água vindo da fonte termal me fez lembrar da noite passada.

Me sentei no mesmo instante, mas uma dor intensa entre as pernas me fez parar. Grunhi com a ligeira sensação latejante de dor, lembrando de Vadric enfiando até que eu desmaiasse em meio ao gozo.

Senhor, isso nunca aconteceu comigo antes – o que me deixava um pouco envergonhada, mas também excitada. Aquelas sensações de prazer intensas me surpreenderam. Fiquei surpresa ao notar que meus pensamentos já imaginavam quando poderíamos fazer aquilo outra vez.

Porém, quando olhei ao redor do acampamento montado, não vi sinal de Vadric. Eu estava deitada em um cobertor fino, que poderia ser um saco de dormir. Quando olhei para baixo, estava com roupas novas e não me sentia suja.

Será que Vadric me banhou e vestiu enquanto eu dormia? Por quanto tempo dormi?

Havia uma pequena fogueira por perto, mas eu não precisava do calor que ela emitia. A temperatura e a leve brisa sussurrante deixavam a temperatura perfeita, e me perguntei se esse mundo tinha estações.

Naturalmente, me perguntei também por onde andava Vadric. A fonte termal estava vazia e a única evidência que eu tinha de sua existência era a dor latejante entre minhas pernas. Pensamentos negativos assolaram minha mente, dizendo que ele havia me deixado e nunca mais voltaria. Eles eram difíceis de desacreditar, já que o tempo que passei nesse mundo foi muito louco.

Tentei me distrair esperando que ele voltasse. Assim, examinei as roupas que vestia. A calça era macia e apertada, feita com um tecido de lã bordô, que lembrava leggings. A blusa era de um tecido preto mais solto, que me fazia pensar em piratas góticos. Não era perfeito, mas muito melhor que o vestido de criada com sêmen seco na saia.

Ao ouvir um galho quebrar e passadas pesadas, pulei, ficando de pé. Um instinto em minha mente disse que eu ainda precisava estar alerta aos

meus arredores nesse reino e fiquei ainda mais ansiosa quando o barulho aumentou. Só consegui respirar de novo quando Vadric apareceu na escuridão.

— Mina. — Ele parou e seus olhos se arregalaram quando me viu. — Não esperava que você acordasse. Saí para caçar.

Foi aí que notei a criatura do tamanho de uma galinha jogada em seu ombro. Penas marrons estavam espetadas em ângulos estranhos por causa do confronto da morte. Meu estômago decidiu que aquele era um bom momento para revirar de fome, como se o trauma dos últimos dias tivesse me feito esquecer que comer era uma necessidade para ficar viva.

— É, acabei de acordar. — Por algum motivo, me sentia sem jeito. A minha escolha de palavras me fez estremecer por dentro. Sobre o que eu deveria conversar com Vadric depois de ontem à noite?

Ele passou por mim na direção do fogo baixo e apenas jogou a criatura direto nas chamas. Recuei e comecei a gaguejar com aquela visão. Todos os instintos de culinária humana que eu possuía soavam como um alarme em minha mente.

— Está se sentindo bem, pequena? — A voz de Vadric estava tão perto que dei um pulo. Meu choque ao perceber seu pouco caso com a culinária fez com que não notasse quando ele entrou em meu espaço pessoal.

Ao olhar para ele, a preocupação em seus olhos me lançou outra vez em um turbilhão de pensamentos. Eles faziam barulho em meu cérebro como uma noz chacoalhando dentro de um pote.

— Se estou me sentindo bem?

— Ontem à noite. — Ele abaixou a cabeça, uma de suas mãos enormes segurando meu rosto. Acariciou minha bochecha com o dedo. Sem perceber, me inclinei na direção do seu calor. — Machuquei você?

— Ah, meu Deus. Não… não, você não me machucou. — Segurei seu pulso e pressionei meu rosto em sua mão. — Vadric, estou bem. Prometo.

Era por isso que ele estava preocupado. O demônio gigante pensava que não conseguiria ser delicado comigo e deve ter ficado preocupado, achando que me machucou. Tirando o desconforto agradável que eu sentia, estava melhor do que nunca.

— Que bom. — Parecia ter algo mais que ele queria falar, mas não disse. Em vez disso, Vadric me convidou para me sentar perto do fogo enquanto o pássaro assava e queimava nas chamas dançantes.

— Hum, obrigada por me vestir. — Dei um puxão na frente da blusa preta que usava. — Não percebi que estava tão cansada para dormir e não o ver me trocando.

Como um monstro poderia ser delicado para conseguir essa façanha?

— Você dormiu a noite inteira e boa parte de manhã. Não sei como algo tão macio fica parado como uma pedra. — Quando Vadric olhou para mim com seus olhos amarelos e negros e um leve sorriso desenhado em seus lábios, deixei escapar uma risada descontraída antes que soubesse o que estava acontecendo.

— Bem, acho que estava precisando. Mesmo não sabendo que seria capaz de dormir ao ar livre. Nunca fui de acampar. — Dei de ombros, puxando tufos de grama entre nós.

— O que significa acampar? — perguntou Vadric, o que me fez parar.

— Acampar é quase o que estamos fazendo agora. É como os humanos retornam para a natureza. Como uma atividade ao ar livre quando as pessoas deixam suas casas, dormem sob as estrelas ou em barracas e talvez cacem ou pesquem. Às vezes, eu fazia trilhas, mas não com muita frequência. — Era estranho falar sobre o mundo dos humanos assim.

— A vida dos humanos parece estranha. Essas coisas são normais aqui. Costumamos ficar na estrada durante longas jornadas. Dormir ao ar livre e caçar fazem parte da vida. — Enquanto Vadric falava, sua mão se sobrepôs à minha, torcendo a grama. Eu ainda não estava acostumada com o tamanho dela e me maravilhei com seus dedos longos e a pele azul. Ele se inclinou, chegando mais perto, e fiquei paralisada, olhando para ele.

— Nós viemos de lugares muito diferentes — disse, sentindo o peso dessa constatação em minha alma. Quebrei o contato visual e levantei nossas mãos entrelaçadas para passar o dedo de minha outra mão pelos nós dos dedos de Vadric.

— Sim, viemos — concordou ele. — Isso só quer dizer que tenho muito mais a aprender com você.

Sem nenhum aviso, Vadric soltou minha mão e me segurou pela cintura. Com facilidade, me ergueu do chão e me sentou em seu colo. Meu coração começou a bater mais rápido assim que seu corpo musculoso tocou no meu e minhas pernas se abriram ao me sentar em seu colo.

— Você pode me beijar de novo? — perguntou, baixinho. Ele parecia o tipo de monstro que pegaria o que quisesse sem pedir permissão. Saber que pediu fez com que eu quisesse fazer tudo o que ele pedisse.

— Você quer que eu o beije mais? — Senti minhas bochechas ruborizarem, como uma estudante recebendo uma proposta de beijo de sua paquera. Passei os braços sobre seus ombros, tentando não rir do absurdo da situação.

— Acho que gosto disso. — As pupilas de Vadric dilataram e seus olhos ficaram pretos quase por inteiro enquanto seu olhar passava por meus lábios. Ele abraçou minha cintura, me puxando para o seu peito conforme o espaço entre nós diminuía e nossos rostos se encontravam.

— Eu também gosto — eu disse, e nossos lábios colidiram.

Beijar um demônio era emocionante. Minha curiosidade e meu desejo de conhecê-lo e explorá-lo ofuscavam o medo oculto no canto da mente de que, a qualquer momento, ele poderia decidir me devorar. Pensamentos perigosos e eróticos se misturavam enquanto meu peito se aquecia cada vez mais.

Minha mão direita saiu de seu ombro, subiu pelo pescoço e descansou em seu rosto. Embaixo de meus dedos, senti a linha em sua bochecha e pensei em todos seus dentes afiados. Estremeci, mas pressionei a boca ainda mais na dele enquanto nos beijávamos.

Pressionei minha língua na boca de Vadric e a abri, dando espaço para mim. Minha língua se enrolou na dele com cuidado, enquanto eu sentia a ponta enroscando na minha. Enfiei ainda mais minha língua em sua boca conforme ele a chupava, arrancando um gemido de mim.

Algo beliscou a lateral da minha língua e logo senti uma sensação aguda de queimação. Grunhi em sua boca, percebendo que um de seus dentes havia me cortado. Mesmo assim, Vadric não parou.

Suas mãos se moviam por vontade própria, subindo por meu corpo e mantendo meu rosto parado. Me contorci em seu colo. Ele logo me

dominou, me mantendo parada. A língua de Vadric continuou a se enrolar na minha e consegui sentir o gosto do sangue que escorria do corte.

Vadric rosnou de satisfação, sugando o sangue da minha língua. Nesse momento, garras de pânico se enrolaram em minha garganta e desceram por minhas costas. Meu coração bateu mais rápido quando ele segurou meu rosto com mais força, como se estivesse pronto para me engolir.

Senti uma urgência poderosa de fugir, de me desvencilhar de seus braços, e empurrei seu peito outra vez. Sua cauda se enroscou em minha coxa e senti como se cada parte do seu corpo tentasse me absorver.

Uma pequena prova do meu sangue e sua sede o tomou por completo. O pensamento de que talvez ele me devorasse agora que sentiu meu gosto voltou à minha mente. Acho que não estava mentindo para Vadric quando disse que não tinha mais medo dele, mas isso me apavorou de verdade.

Bati a mão em seu peito, tentando afastar o rosto, mas ele era muito forte. Suas mãos poderiam esmagar meu crânio com facilidade, como uma uva. Senti lágrimas quentes escorrerem pelos cantos dos meus olhos e, como nossas bocas estavam grudadas, não conseguia respirar.

Mas por que… Por que eu ainda estava tão excitada?

Seria uma mistura de medo com a falta de oxigênio? Será que ambas estavam se fundindo com meu desejo recente por ele e mudando algo na composição do meu cérebro?

Senti como se ele estivesse abrindo novas portas em minha mente, que nunca haviam estado lá. Ainda sentia medo de Vadric e o temia agora, mas existia um erotismo perturbador em saber que ele bebeu meu sangue. Que queria me provar daquela maneira e que podia me foder, como na noite passada.

Algo em minha mente acordou com esses pensamentos. O medo e o terror que Vadric invocava em mim era também algo excitante. Acho que eu queria isso, e queria cada vez mais.

A leve dor junto com o prazer me fez tremer e pensamentos loucos dispararam por minha mente. Como seria a sensação de suas garras em minha pele, de tê-lo lambendo o sangue do meu corpo? Ele enfiaria os dentes em mim, morderia, arrancaria meus nervos e depois lamberia meus ferimentos?

Parei de bater as mãos em seu peito e me derreti nele. A língua de Vadric soltou a minha. Assim que ele a retirou da minha boca, nossos lábios se juntaram de novo. Ele levou o dedo à minha bochecha e foi então que sentiu minhas lágrimas.

— Mina? — Vadric logo se afastou. Seus olhos estudaram meu rosto enquanto eu mantinha os meus fechados. Respirei fundo com um pouco de dificuldade enquanto ele segurava meu rosto em suas mãos, usando os dedões para secar minhas lágrimas.

— Estou bem — respondi, sem saber se estava mesmo. Afinal de contas, não era certo pensar essas coisas terríveis, ainda que estimulantes.

Vadric podia beber meu sangue e me devorar, e eu acho que queria que ele o fizesse.

Dezoito

— Passamos de carroça pelas montanhas do lado de fora da cidade. Agora estamos aqui, na floresta, antes da próxima cadeia de montanhas, que é onde fica nosso destino. — Depois que terminamos de comer, Vadric me mostrou um mapa relativo do território, que recebeu de Mewlan, o homem-gato.

Havia tanto a aprender e ter um conceito básico do território poderia me ajudar mais tarde, mesmo não tendo planos de fugir, não depois de todos os monstros que vi. Sabia que seria mais seguro permanecer com Vadric.

— E agora estamos esperando que alguém nos encontre aqui? — perguntei, esclarecendo o que já ouvira.

— Sim. Alguém com mais suprimentos para que possamos sobreviver aos próximos dias. — Ele se recostou e a pequena distância que havia entre nós agora não passou despercebida. — Ela deve chegar logo.

— Certo. E para onde vamos mesmo? — insisti. Vadric não falou muito sobre o que estava acontecendo. Sempre fui uma pessoa curiosa, ávida para aprender, e ele não queria compartilhar tudo. Pelo menos não agora, dizia.

— Um lugar seguro nas montanhas. Um lugar antigo onde podemos nos recuperar e eu posso reunir minhas… — Ele fechou os olhos e balançou a cabeça, tentando ordenar seus pensamentos. — Será um ótimo lugar para você descansar em segurança.

— Ótimo. — Voltei a arrancar tufos de grama, abraçando meus joelhos no peito, com o queixo apoiado neles.

Após nos beijarmos, Vadric percebeu que lutei contra ele antes de ceder à loucura e aos meus pensamentos. Ele não queria dizer o que estava pensando ou sentindo, mas eu podia imaginar, vendo suas expressões e reações, que estava com raiva de si mesmo. Sabendo pelo que estava passando, tentei não levar seu distanciamento para o lado pessoal.

A sede que o acomete quando sente o cheiro ou o gosto do meu sangue deve ser algo que nunca conseguirei entender. Sobrecarregava Vadric e, cada vez que ele sentiu o sabor do meu sangue, tive a sensação de que ele

não conseguia se controlar muito bem. Talvez desprezasse sua própria falta de controle.

Eu podia senti-lo me observando. Pela visão periférica, consegui confirmar. Aqueles olhos peculiares queimavam a lateral do meu rosto ao me observar arrancar a grama como uma criança solitária no parquinho. Senti a tensão emanar dele em ondas e logo voltei meu olhar para a vegetação.

— Mina — ele falou, após o silêncio se estender pelo que parecia uma eternidade. — Esse lugar, para onde vamos…

— Sim?

— Mesmo sendo um lugar seguro, eu preciso avisá-la.

— Tudo bem. — Senti meu coração congelar e enfim levantei a cabeça para olhar Vadric nos olhos.

— A minha espécie não é toda delicada como você. Eles são brutos e podem ser cruéis. Seria muito fácil para você se machucar. — Não gostei de para onde a conversa estava se encaminhando.

— Você sabe que, do jeito como está falando, esse lugar não parece muito seguro para mim, não é? — Parece que a masmorra era a minha melhor escolha. Pelo menos lá eu teria uma porta entre os monstros e eu.

— Será, eu prometo. Mas… — Ele quebrou o contato visual, olhando para meus punhos cerrados, onde eu tentava esconder o tremor de minhas mãos. — Quando chegarmos, vou precisar deixar claro que você está sob minha proteção. Desse jeito ninguém poderá tocá-la.

— Ninguém tinha autorização para tocar em mim quando cheguei nesse maldito mundo, mas acho que as regras para o meu corpo não importam aqui. — Os monstros não sabiam o que era autonomia corporal?

— Mina, estou falando sério. — Havia um grunhido baixo em sua garganta, deixando clara sua frustração.

— Eu também! — Joguei um punhado de grama em sua direção, e foi patético como caiu a centímetros de sua perna. — Desde que passei por aquela merda de portal, perdi o direito de existir. Aqui, não sou mais uma pessoa com pensamentos, sentimentos e desejos. Sou apenas um objeto para a sua espécie.

Vadric resmungou, agitado.

— Você não é só um objeto para mim, pequena. Com o passar do tempo, os outros também verão da mesma forma. Mas, quando chegarmos lá, precisaremos desempenhar nossos papéis para assegurar sua segurança inicial.

Sua expressão me fez tremer. Vadric estava falando muito sério agora, e pressionei os lábios.

— Que papéis?

Vadric relaxou os ombros quando notou que eu cedi, querendo escutá-lo. Porém, sua cauda se mexia furiosa atrás dele, balançando acima do chão. Depois de esfregar as mãos no rosto para mudar a expressão, ele respirou fundo e continuou:

— Eles chamarão você de meu animal de estimação ou de brinquedo. Para mantê-la a salvo, devemos fingir que você é exatamente isso. Se acreditarem que pertence a mim, não ousarão tocá-la. — Assim que as palavras saíram de sua boca, senti como se ele tivesse me apunhalado no coração.

— Incrível. Perdi meu mundo, minha casa, meus amigos e minha família. Agora estou prestes a perder minha dignidade. — Apertei a grama com força. — Você também quer colocar uma coleira, uma rédea em mim?

— O que você quer que eu diga, Mina? — berrou Vadric. — Eu sinto muito que você tenha perdido tudo, mas estou fazendo o que preciso para mantê-la viva. Você não precisa de uma merda de coleira, já que não é meu animal de estimação de verdade. Estou só pedindo para fingir, por um tempo, para garantir sua segurança.

Me levantei com um salto. Mesmo eu estando de pé e ele sentado, Vadric era impressionante. Não precisava erguer o queixo para olhar em meus olhos, devolvendo meu olhar fuzilante com uma expressão impassível.

— Por que você quer me manter a salvo? Todo o resto de sua espécie me vê como um brinquedo ou lanche. Até você admitiu que queria me provar e me devorar. — Balancei as mãos como louca enquanto falava, minha agitação interna criando vida.

— Não posso apenas querer protegê-la, pequena? Tenho um desejo imenso de possuí-la e mantê-la a salvo. Desde o momento em que a vi, sua presença me afetou profundamente. Eu deveria tê-la deixado na masmorra,

mas não consegui. Sim, quero prová-la e devorá-la, mas, ao mesmo tempo, quero salvá-la. — Vadric se mexeu, querendo se levantar, e dei um passo para trás. Assim que se ergueu, joguei a cabeça para trás para olhá-lo. Ele era gigantesco. Era fácil acreditar que ele podia me proteger, e que poderia fazê-lo muito bem.

Por que eu estava tão irritada? Era por tudo isso ser traumático e eu estar com saudades de casa? Havia muita coisa acontecendo e senti que não tive muito tempo para refletir sobre nada direito.

Meu mundo se despedaçou e isso estava me sufocando, mas não era desculpa para atacar Vadric. Ele era a única constante para mim até então, o único com quem eu acreditava que podia contar para me ajudar. Além de nossa química intensa, eu acreditava que suas intenções de me proteger eram verdadeiras.

Eu podia me sentir fazendo bico enquanto toda a raiva evaporava do meu corpo, sendo substituída por arrependimento e uma dor de cabeça. Vadric percebeu a mudança no mesmo instante. Ele se aproximou, me envolvendo com as mãos, me trazendo para perto do seu abdômen, já que minha cabeça alcançava somente seu peito.

— Sinto muito. Você devia ter me deixado na masmorra — murmurei com a cabeça em sua barriga, envolvendo seu quadril com meus braços. Sua mão repousou em minha cabeça, passando os dedos com cuidado pelo meu cabelo curto.

— Não tinha como — murmurou ele em sua voz rouca de barítono.

— Eu… eu vou fingir. Vou fingir ser seu animal de estimação. — Engoli meu orgulho ao falar isso, mas precisava entrar no jogo para continuar viva.

— Não será para sempre, Mina. Só no começo. Eles não tocarão no que é meu. — Com uma mão ele segurou a parte de trás de minha cabeça e, com a outra, apertou meu ombro. — Podemos superar isso, mas só se trabalharmos juntos.

— Tudo bem, você me convenceu. — Mesmo que agora mais perguntas surgissem em minha mente. Ainda mais do que antes, o que já era muito.

De repente, algo agitou os arbustos próximos, interrompendo os pensamentos que assolavam minha mente. Fiquei paralisada e Vadric, tenso.

Uma de suas orelhas pontudas tremeu. Então, movendo-se rápido, mas em silêncio, ele me empurrou para que eu ficasse atrás dele.

Dois monstros enormes se materializaram de trás das árvores. Meu sangue congelou e me senti tensa olhando para o que só poderia ser comparado a gigantescos cavalos esqueléticos com a pele de um elefante. Estremeci, congelada atrás de Vadric, enquanto outro monstro aterrorizante guiava as feras pelas rédeas.

A pele era verde-acinzentada e o cabelo verde-escuro caía por sobre os ombros como uma criatura do pântano. O que mais me apavorou em suas feições foram os quatro olhos brancos e brilhantes que nos estudavam, além das presas afiadas e expostas em todo seu rosto, sem um lábio para escondê-las.

Flexionei os dedos, amarrotando as costas da camisa de Vadric. Porém, quando ele viu a nova criatura, percebi que relaxou. Após um segundo de silêncio, avançou um passo e abraçou o monstro de quatro olhos com uma risada triunfante.

— Anakis! Ótimo vê-la de novo! — Ele bateu em suas costas magras antes de se virar para mim. — Mina, essa é uma antiga amiga. Ela nos acompanhará durante o restante do trajeto pela montanha.

— Ah. — Não consegui dizer mais nada, pois os olhos brancos e intensos de Anakis pareciam me atravessar, vendo o fundo de minha alma.

— Anakis, essa é Mina. Ela é a minha humana. Ninguém toca nela. — Vadric passou por Anakis para examinar as feras com sela que ela trouxe. — Mina cavalgará comigo.

Sabia que ele estava com a mão erguida esperando que eu me aproximasse, para que pudéssemos seguir viagem. Mas eu estava paralisada, pois o novo monstro fazia minha pele congelar de pavor.

— Não sabia que você tinha adquirido um animal de estimação enquanto estava fora. — A voz dela parecia um sibilo sem os lábios. Uma víbora tentando falar entre as presas.

— Sim, sim. Uma humana. Muito interessante. — Vadric gesticulou, ignorando seu comentário e por fim notando que eu estava parada como uma raiz de árvore. — Mina, precisamos ir.

Precisei de muita força interior para tirar os olhos de Anakis e olhar para Vadric, parado à minha frente, segurando as rédeas de uma das enormes bestas. Ele estendeu a mão em minha direção e meus pés se moveram por conta própria até ele e a segurança que fornecia.

Ele me segurou pela cintura e, com facilidade, me jogou sobre a cela. Minha mente caiu em um vazio, como se não quisesse estar presente durante essa experiência. Vi Vadric pegar a bolsa e senti quando ele se sentou na cela atrás de mim. Ouvi-o conversar com Anakis, mas minha mente ficou em branco por causa da tempestade que arrancava meus pensamentos de dentro para fora.

Dezenove

Quando criança, adorava viajar com meus pais. Passava horas na parte de trás da van ouvindo rock antigo que papai gostava enquanto eu e minha mãe líamos livros que guardávamos para a viagem. Íamos a cidades antigas e passeávamos pelo país todo verão, ou visitávamos parentes distantes durante as festas. Aquelas eram viagens agradáveis.

Essa aqui não era, nem um pouco.

Enquanto viajávamos sob o céu vermelho, Anakis e Vadric conversavam, mas não deixaram nada escapar. Nenhum plano, nenhuma informação sobre aonde estávamos indo ou o que aconteceria quando chegássemos lá. Só falavam sobre coisas simples como o tempo, a viagem ou os suprimentos que possuíamos.

Minha mente não estava presente para a maioria dos comentários. Desassociei por completo de mim mesma, fui para um lugar onde as memórias da minha família e amigos passavam sem parar, como um filme. Momentos da minha infância, baile de formatura, férias com minha família e festas de trabalho, depois que consegui meu emprego na empresa de contabilidade.

Tenho certeza de que se passaram horas, mas eu não estava presente para vê-las passar. A única coisa que de vez em quando me tirava da gaiola mental era a mão de Vadric em minha cintura, me segurando na cela, apertando de maneira tranquilizadora. E então meus pensamentos desapareciam no vazio outra vez.

Eu não queria ver os pássaros estranhos voando acima, com quatro asas e olhos de aranha, ou as criaturas estranhas que saltavam pelas árvores com a pele preta como piche e que berravam umas com as outras. Esse mundo me aterrorizava e eu não estava no estado mental correto para pensar que estava presa aqui pelo resto dos meus dias. Se tentasse dar algum sentido para minha vida agora, enlouqueceria.

Naquele estado de espírito sem sentido, era fácil adormecer. O sono me acometeu enquanto cavalgávamos sem pressa e meu corpo derretia no de Vadric atrás de mim. Ele me segurava pela cintura, sem questionar, enquanto eu dormia, me mantendo perto e em cima do animal com ele.

Em meus sonhos, tudo era vermelho. Estava de volta à Terra, mas o céu havia se transformado em vermelho. Eu podia ver as formas e corpos dos meus familiares, mas seus rostos estavam vazios, até que se transformavam em algo grotesco tentando imitá-los. Um pesadelo atrás do outro.

— Mina — sussurrou Vadric. — Vamos parar para passar a noite.

Com um salto, me sentei enquanto a fera abaixo de nós parava, e senti meu coração ser lançado para minha garganta. Lambi os lábios secos e pisquei para me livrar do sono, tentando observar a área em que estávamos. A fonte termal estava longe, mas eu ouvia o som de água em um riacho próximo. Aqui as árvores eram bem diferentes. Em vez da casca preta, elas eram brancas como ossos secos. As folhas ainda eram vermelho-rubi, como se alguém as tivesse pintado de sangue. Não havia arbustos aqui, com muito espaço para os cavalos esqueléticos e nosso acampamento improvisado para a noite.

Vadric desceu pela lateral da fera e passou rápido os olhos pela área. Assim que avaliou o que precisava e considerou o espaço como apropriado, voltou e me ajudou a descer da cela.

Avistei Anakis amarrando as feras em um galho baixo e sem querer me encolhi ao ver seu rosto. Por sorte, acho que ela não notou. Mesmo o seu rosto me assustando, não queria ser rude com uma amiga de Vadric.

— Anakis, pode arrumar a barraca? Vou voltar até a parte larga do rio para pescar. — Vadric deixou a bolsa aos meus pés enquanto sua amiga tirou os suprimentos do alforje nas costas da fera. — Mina, fique aqui e não ande por aí. Voltarei em breve.

— Eu sei pescar. Posso ir com você? — Meus olhos se arregalaram, implorando em silêncio para ele não me deixar sozinha com Anakis.

— Seu animal de estimação questiona seus comandos? — ela perguntou em sua estranha voz sibilante.

— Anakis — rosnou Vadric, erguendo a mão na direção dela. Um aviso.

Seus quatro olhos piscaram um de cada vez para mim, depois ela voltou a arrumar tudo para a noite.

— É perceptível como você está cansada. Descanse até eu voltar, não vou demorar. — Ele ergueu o braço em minha direção antes de soltá-lo ao

lado do corpo. Depois de acenar com a cabeça para Anakis, dando um comando silencioso, se virou e desapareceu no meio das árvores branco-osso. Não demorou muito para a escuridão o engolir.

Passei por muitos momentos constrangedores em minha vida e esse logo subiu para o top cinco. Eu não sabia o que fazer, além de ficar parada enquanto Anakis montava a barraca em silêncio, que mais parecia algo saído de um filme de caubói, só que muito maior, para acomodar um demônio.

— Você precisa de ajuda? — Demorou mais do que eu gostaria de admitir para criar coragem e perguntar.

Anakis inclinou a cabeça para trás e me olhou. Pelo menos achei que ela olhava para mim. Seus olhos não tinham íris ou pupila, completamente brancos e brilhantes.

— Não — resmungou ela antes de voltar ao trabalho. — Mãos pequenas de humano seriam inúteis. Sente-se, como seu mestre mandou.

Agora eu estava enfurecida. Mas, droga, ela tinha razão. Eu não sabia como ajudar e Anakis não queria ajuda. Eu não tinha nada mais a fazer além de bater o pé e me sentar na grama, fumegando pelas orelhas com os braços cruzados.

Quando Vadric voltou com cinco peixes parecidos com enguias, me encontrou fazendo bico enquanto Anakis alimentava a fogueira. Ainda não havia nada que eu pudesse fazer enquanto ele as limpava, e o silêncio era insuportável de tão constrangedor. Eu não sabia como interagir com Vadric quando havia outra pessoa conosco, e ainda precisava fingir ser seu animal de estimação.

Permaneci em silêncio enquanto comemos. Vadric e Anakis conversaram baixinho sobre criaturas para caçar na floresta e quais eram as melhores para comer. Enquanto isso, brinquei com meu estranho peixe e me forcei a comer o máximo que consegui.

Por fim, Vadric notou que eu estava sentada ali, sem interagir. Fingi me alongar e bocejar quando ele virou a cabeça na minha direção. Talvez se eu fizesse um pequeno show, poderia dormir de novo.

— Mina, já está pronta para ir dormir? — Ele pegou mais um pouco do peixe que cozinhava no fogo. — Comeu o suficiente? Está satisfeita?

— Não, estou bem, só cansada. — Recusei a enguia antes que ele me forçasse a comer.

Vadric se virou para Anakis e inclinou a cabeça para baixo.

— Vamos nos recolher por hoje. Você pode ficar de vigia?

— Sim — sibilou Anakis, sem olhar para Vadric. Em vez disso, engoliu o resto do peixe. Estremeci com a visão.

— Vamos lá. — Vadric se levantou e ofereceu a mão para me ajudar a levantar. Ele nos levou até a impressionante barraca que Anakis montou mais cedo, segurando a aba para eu entrar.

Havia diversos sacos de dormir grossos no chão e eles deixaram o alforje no canto dianteiro. Parecia espaçoso para mim, mas tenho certeza de que parecia apertado para Vadric.

Então notei que estávamos sozinhos outra vez. Não importava que Anakis estivesse do outro lado, na pequena clareira. Tínhamos proteção suficiente para eu me libertar das paredes mentais e emocionais. Me joguei sobre o primeiro saco de dormir, suspirando fundo.

— Você está bem, pequena? — perguntou Vadric assim que ouviu meu suspiro irritado.

— Só estou exausta e, de alguma maneira, bastante desperta. — Os pensamentos que reprimi durante todo o dia tentavam me flagelar agora. Abri um pouquinho os olhos enquanto Vadric cantarolava e o vi tirar as botas.

— Bem, é crucial que você descanse. O seu cochilo no nuckelavee não foi longo o suficiente. — Assim que jogou as botas no canto, Vadric se juntou a mim no saco de dormir, deitando de lado e me encarando de cima.

— Nuckelavee? Esse é o nome da criatura que parece um cavalo? — Observei o tecido preto da barraca acima de nossas cabeças enquanto sentia seus olhos em meu rosto.

— As criaturas em que viajamos, sim. Suponho que esse tal de cavalo seja algo similar na Terra? — perguntou Vadric, abrindo a porta para a minha primeira conversa real há horas. E eu queria conversar com ele.

Virei de lado para ficar de frente para Vadric e fiz que sim com a cabeça antes de responder.

— Parecido. Um cavalo é menor, mais largo e tem pelo mais curto em vez da pele cinza, como as feras daqui. Aposto que um zoólogo enlouqueceria se caísse por um portal.

— Zoólogo? — Ele ergueu uma das sobrancelhas e gostei de ver a curiosidade em seus olhos. Aqueles estranhos olhos amarelos e pretos.

— Uma pessoa que estuda a vida selvagem. A vida aqui com certeza é selvagem. — Ri comigo mesma.

— Ah, interessante. — O tom em sua voz me deu a entender que ele falava de outra coisa. Seus olhos me queimavam como se quisesse ver por dentro do meu ser.

— Sim, interessante. — A nova tensão se estabelecendo entre nós no silêncio e calor confortável da barraca era inconfundível. Aquele momento em que a química sexual despertava e seu corpo criava vida em resposta. Senti o início daquela dor de necessidade entre as pernas, mesmo tendo cavalgado por horas.

— Posso ajudá-la a dormir, se quiser. — Vadric estendeu a mão e segurou meu rosto, e eu sabia o que ele estava oferecendo. Aquele tom de voz baixo em sua voz rouca era sedutor e me fez borbulhar de desejo.

— Sim. Eu quero. — Eu o queria, e o que quer que ele pudesse me oferecer de alívio no momento.

Vadric se moveu mais devagar do que eu queria. Suas mãos retiraram minhas roupas com cuidado, como se tivesse medo de que um movimento errado acabasse comigo. Saboreei o calor de sua pele enquanto suas mãos enormes me expunham e acariciavam as planícies e curvas do meu corpo por onde passavam.

Como se estivesse em piloto automático, me ajoelhei assim que fiquei pelada. Vadric parecia deslumbrado com cada centímetro meu e estendi a mão para tocá-lo, explorando as linhas esculpidas de seu rosto.

Ele apoiou uma mão em meu quadril enquanto eu traçava seu lábio inferior com o dedo. Seus lábios se abriram e engoli em seco ao ver seus dentes. Mas ele não parou quando coloquei um dedo dentro de sua boca e ergui seu lábio superior, examinando o interior. Aqueles dentes eram afiados e sua língua pontuda esperava por trás.

Enquanto explorava sua boca, Vadric abriu mais a mandíbula. Como eu imaginava, as linhas em sua bochecha se separaram e sua boca se arreganhou de forma assustadora enquanto me deixava examiná-lo. Com cuidado, passei a ponta do dedo em seu longo dente canino.

Nada podia ter me preparado para a rapidez dos movimentos de Vadric. Suas mãos seguraram meu quadril e ele me ergueu enquanto caía de costas no chão. Um guincho degradante escapou de meus lábios quando as mãos poderosas de Vadric abriram minhas pernas e abaixaram minha buceta em sua boca aberta, com os dentes à mostra.

— Vadric! — Minha buceta caiu em sua língua enquanto ele me posicionava para montar sua cabeça, e fiquei sentada entre os dentes afiados de sua boca monstruosa. Ele podia me engolir por inteiro.

O monstro embaixo de mim rosnou e eu podia senti-lo vibrar através da língua encostada em minha buceta latejante. Meu coração bateu mais rápido ao ver aqueles dentes pontudos e minha respiração falhou. Enquanto a ponta de sua língua lambia meu clitóris, veloz, joguei a cabeça para trás.

Ele passou a língua sobre meu clitóris e minhas mãos voaram para seus chifres. O único lugar onde podia me apoiar nessa posição. Outro rosnado fez seu peito vibrar quando agarrei seus chifres. Um som de satisfação e um aviso para tomar cuidado. Meu assento era precário e um movimento em falso poderia ser perigoso.

Aquela mistura de medo e desejo voltou. Eu sabia que estava me acostumando àqueles sentimentos. Mesmo com medo, estava muito excitada, e não tinha problema nenhum com isso.

As garras de Vadric afundaram em minhas coxas enquanto ele me equilibrava em sua boca. Senti sua cauda se esgueirar ao redor do meu tornozelo direito. Aquela língua mortal lambeu os lábios de minha buceta até eu tremer. Sua língua entrou em minha fenda carente com extrema facilidade.

— Ah! — Não conseguia evitar o tremor do meu corpo enquanto sua língua grossa e quente escorregava por minhas paredes apertadas. Foi então que senti suas presas espetando minhas coxas.

Porém, a pontada de dor apenas intensificou o prazer de ter a língua de Vadric se contorcendo dentro da parede delicada de minha buceta. Ele

rosnou mais uma vez como um aviso quando meu quadril fez um pequeno movimento e, ainda assim, isso não o impediu de me provar por dentro.

A ponta de seus caninos mais longos perfurou a pele macia de minhas coxas, extraindo uma gota de sangue. Observei enquanto brotava ao redor do dente e escorria por minha coxa pálida até sua boca. Quando meu sangue encostou em sua língua, as íris amarelas de Vadric dilataram na mesma hora.

Seu rosnado foi poderoso o bastante para fazer tremer o chão abaixo de nós. Não ficaria surpresa se a floresta inteira o tivesse ouvido.

Em um piscar de olhos, perdi o ar quando ele me colocou de costas. Minha cabeça bateu no saco de dormir e agradeci às camadas de cobertor no chão duro. A cabeça de Vadric repousava entre minhas pernas, mas agora sua língua estava em minhas coxas macias, limpando o sangue que se acumulou onde seu dente perfurou. Suas mãos enormes sustentavam minha perna enquanto ele se curvava, respirando com dificuldade ao limpar minha ferida.

Era uma sensação peculiar ter aquele ponto sensível em minha coxa sendo sugado e um delírio erótico saber que ele estava enlouquecendo com meu sangue. Deixei escapar um gemido e me contorci, o que fez com que as garras de Vadric cortassem minha coxa e quadril no local onde me segurava.

Aqueles breves lampejos de dor não eram nada comparados ao calor carnal crescendo dentro de mim. Parecia bastante pecaminoso gostar da dor com o prazer, mas eu não estava nem aí. Em especial quando a língua dele me preencheu de novo, pressionando meu ponto G enquanto suas garras apertavam meu quadril.

— Vadric. Ah… ah, Deus! — Meus dedos dos pés se dobraram e a pressão em meu âmago aumentou. Então, explodi em sua boca, minhas paredes apertando sua língua que se contorcia, com ondas de clímax passando por mim.

Meu corpo exausto desabou no saco de dormir e, alguns segundos depois, Vadric retirou sua língua, sugando as evidências de meu êxtase. Fechei os olhos enquanto ele lambia os pequenos cortes e arranhões em meu quadril e nas coxas. A sensação era relaxante, acompanhada de uma

pitada de afeto. Parecia aquele carinho pós-sexo, e consegui me soltar por completo pela primeira vez hoje.

— Mina — rosnou Vadric, deitando ao meu lado e me puxando para baixo de uma camada de cobertor.

Abrindo um dos olhos, coloquei o dedo em seus lábios, sabendo o que ele ia perguntar.

— Sim, estou bem, Vadric. Estou ótima.

— Se você insiste. — Ele não persistiu no assunto.

Vadric me puxou para seu peito, passando os dedos em meu cabelo, o que aliviou o resto da estática correndo por minha pele conforme eu dormia aconchegada nos braços de um monstro.

Vinte

Mais um dia viajando enquanto minha mente vagava. Mais um dia nas costas de um nuckelavee, balançando pela floresta, com a mesma energia assustadora de um filme de terror. Mais um dia sob um céu escuro, com a aurora vermelha dançando entre duas luas que pairavam no céu. Mais um dia ouvindo as folhas farfalharem com o vento e sentindo arrepios por causa dos uivos das criaturas ao longe.

Era natural que Vadric e Anakis não precisassem se ajustar a esse mundo. Nada disso era estranho ou incomum para eles. Essa era a terra onde haviam nascido e esse era só mais um dia. Talvez o dia fosse cansativo por causa dos esquemas e planos que tinham para nossa desventura, mas ainda era somente mais uma parte da vida que eles viviam.

Eu estava sozinha. Em minha mente e coração. A única humana em duzentos anos a enfrentar os terrores deste mundo. A única da minha espécie enfrentando os obstáculos para tentar sobreviver a um céu vermelho-sangue.

E estava usando a intimidade com um demônio para me distrair dos meus problemas. Minha vida, minha mente e meus novos desejos… eram todos pecaminosos. Quantas pessoas na minha situação transariam com o monstro com quem foram aprisionados?

Enquanto viajámos pelas árvores branco-osso sob folhas vermelhas, senti Vadric inchar contra minhas costas. Cada pedra ou balanço da fera entre nossas pernas nos pressionava ainda mais um contra o outro e eu tinha plena consciência de seus músculos, do poder neles, de sua pele e do calor que ele irradiava. Mesmo agora, sabendo como era errado, eu o queria.

Meus sentimentos por ele eram uma resposta ao trauma, uma maneira de superar? Duvidei que existisse um terapeuta no mundo dos monstros que pudesse me ajudar.

Só paramos duas vezes durante nossa jornada, ambas para comer a carne seca dos suprimentos que lembrava charque e pedaços de pão seco. Tive tempo só para me aliviar e esticar as pernas antes que Vadric me erguesse de volta até as costas do nuckelavee, prometendo que chegaríamos ao nosso destino até o anoitecer.

Mas, para mim, nesse mundo estava sempre de noite. Então, tentei prestar atenção às cores de vermelho da aurora através dos espaços entre as árvores, estudando a diferença entre como estava brilhante ou pálida durante a viagem. Depois, observei as duas luas. Como a menor abraçava a curva de baixo do lado direito da enorme lua enquanto passeavam pelo céu.

De vez em quando, Vadric fazia uma pergunta aleatória, tentando me incluir na conversa com Anakis, mas, na maior parte do tempo, eu os deixava conversar sem mim. Não tinha a experiência ou o conhecimento para contribuir com suas discussões e acho que Vadric notou que eu não estava com vontade de conversar.

Não sei quando as duas luas se misturaram e sumiram de vista. O movimento de balanço do monstro embaixo de mim e o calor de Vadric nas minhas costas me envolveram em um casulo quente, me fazendo adormecer.

— Mina. — A voz de Vadric parecia uma carícia em meus ouvidos, me acordando da minha soneca. — Estamos quase chegando, veja.

Respirando fundo e me mexendo encostada nele, abri os olhos para seguir a direção em que ele apontava. Precisei piscar com força algumas vezes para tirar o sono dos meus olhos, tentando focar na silhueta gigantesca no topo da montanha.

Quando minha visão clareou e consegui focar na estrutura, fui forçada a prender a respiração e meus olhos se arregalaram. Nosso esconderijo seguro na floresta, construído no topo da montanha, era, em todos os sentidos da palavra, uma fortaleza gótica gigantesca.

Pináculos apontavam em direção ao céu como adagas, torres com feras aladas subiam rumo à aurora vermelha, guardas em armaduras pretas caminhavam pela muralha, segurando lanças em suas mãos cheias de garras.

Anakis avançou na frente, chutando o nuckelavee para trotar mais rápido. Enquanto eu levava a cabeça para trás para olhar a enorme muralha de pedra ao redor da fortaleza, podia ouvi-la assobiando, imitando um chamado de passarinho para os guardas que cuidavam do exterior da ponte levadiça.

Senti meu corpo congelar por dentro e arrepios me percorrerem, o que acelerou meu coração. Testemunhei uma criatura alada na torre mais alta

alçar voo e me lembrei de um dragão, pois seu corpo tinha o mesmo formato.

— Vadric — choraminguei, me inclinando contra ele.

Ele passou o braço por minha cintura, me abraçando com força quando o guarda levantou a pesada ponte levadiça de madeira, que rangia, para nossa chegada. Anakis atravessou por baixo do portão assim que ele ficou alto o bastante para que ela e o nuckelavee pudessem passar, revelando o jardim externo enlameado onde outros monstros demoníacos se reuniam para descobrir qual era a comoção.

— Fique calma, pequena. Posso sentir seu coração batendo. — A mão de Vadric saiu de minha cintura até meu peito — Lembre-se de seguir meu plano.

Engoli em seco para amenizar o nó em minha garganta e tentando lembrar de como respirar. Passamos pela ponte levadiça, entrando no pátio externo de uma fortaleza feita de pedras ônix.

Havia muitos olhos focados em mim no breve momento de silêncio enquanto nosso nuckelavee trotava para dentro do pátio, em direção à multidão de criaturas espectadoras. A ansiedade que sentia se agarrando em mim era dolorosa e eu não conseguia mexer meu corpo, pois a tensão se disseminava.

Somente quando os olhos da multidão foram de mim até Vadric, sentado com orgulho às minhas costas, consegui respirar outra vez. Mas a tensão da ansiedade não deixou meu corpo enquanto os monstros que nos rodeavam uivaram e comemoraram com alegria, gritando com a chegada tão esperada.

— Lorde Ascian! O Lorde voltou! Ele está livre! — Mãos cheias de garras se ergueram no ar, tentando alcançar Vadric enquanto ele diminuía o passo para sorrir para a multidão de fãs. Olhos brilhantes me estudavam com uma mistura de fome e curiosidade antes de focarem no demônio atrás de mim e, depois, se juntarem aos cânticos.

— Eles libertaram o Lorde legítimo! — berrou Anakis de cima de sua fera. — Preparem um banquete em sua homenagem e, após nossas celebrações, nos prepararemos para retaliar contra o usurpador!

Congelei, ficando imóvel como pedra, ao ouvir essa nova revelação. As pequenas informações se encaixaram como um quebra-cabeça e agora

berravam em minha mente. Fui uma idiota por não perceber antes.

Eles estavam falando de Vadric, o Lorde que foi libertado de sua prisão injusta. Rykan era o lorde falso que usurpou o trono. Essa era a sua gente, seus súditos, e ele era o líder legítimo.

Graças à minha confusão interna, mal notei Vadric descendo da criatura até que ele se virou para agarrar minha cintura no momento em que suas botas bateram no chão enlameado do pátio. Minha visão periférica ficou embaçada quando ele me colocou de pé ao seu lado e meus ouvidos pareciam abafados com algodão enquanto monstros que me apavoravam se juntavam ao redor dele, todos disputando sua atenção.

Ele apertava mãos e sorria, enquanto me guiava até as grandes portas de entrada da fortaleza, com uma mão em meu ombro. Não sei como minhas pernas se moviam enquanto os monstros abriam caminho para deixar seu Lorde passar.

Alguém abriu uma das portas enormes e uma luz dourada vinda de dentro da fortaleza me cegou. Ergui a mão para proteger os olhos e Vadric se virou para falar com aqueles que ainda se encontravam no pátio.

— Obrigado a todos que auxiliaram no meu retorno em segurança. Quando festejarmos hoje à noite, não será apenas por mim, mas por todos os guerreiros corajosos sem os quais nada disso teria sido possível. Tenho uma dívida com vocês, povo de bem, e serei para sempre grato. — Meus olhos estavam grudados nele, tamanho poder e elegância que ele emanava. — Então, esta noite, não bebam por mim, mas pelas almas corajosas ao seu lado! Logo estaremos em guerra, mas hoje é dia de celebração!

Todos irromperam em um coro animalesco. Para qualquer lugar que olhasse eu via chifres, presas, muitos olhos, escamas, penas, pelos, asas, caudas e, sobretudo, um apetite insaciável por vingança e caos.

Quando as portas se fecharam, abafando o som da multidão do lado de fora, permaneci parada. Só quando Vadric se virou para mim, que tremia como vara verde, consegui me mover. Porém, fiquei tensa outra vez ao ouvir o som de passos rápidos batendo na pedra lisa da escada do saguão principal. O som de alguém voando com urgência pelo piso.

— Vadric! — chamou a voz suave de uma mulher. Ele parou de olhar para mim e se virou para a demônia na escada, sem precisar olhar duas vezes para disparar em sua direção com os braços abertos.

Para um demônio, ela era bonita. Sua pele escura era azul com uma tonalidade roxa. Tinha exuberantes cabelos negros encaracolados que caíam sobre seus ombros até as costas. A cauda era parecida com a de Vadric, mas seus chifres eram menores e curvados para a frente nas têmporas.

Quando se encontraram na base da escada, ele segurou o rosto dela com delicadeza. Ambos fecharam os olhos quando tocaram as testas e tive a sensação de estar presenciando algo que não deveria.

— Ilya. — Ele sussurrou seu nome e ouvi o sofrimento e o alívio em sua voz. Ela ergueu seu lindo rosto para encará-lo, abrindo um sorriso com lágrimas brilhando nos vibrantes olhos vermelhos.

— Senti sua falta. Estou tão feliz que conseguiu voltar para nós são e salvo. — Foi nesse momento que quis me afundar no chão ou desaparecer como cinzas ao vento. Pois, quando ela deu um passo para trás, Vadric olhou para baixo. E havia, sem dúvida, um volume indicando que ela estava muito grávida.

Vinte e Um

— Também senti sua falta, Ilya. Fiquei aliviado quando Knox informou que você tinha chegado a salvo. — Vadric recuou e eles se separaram. Ela assentiu com a cabeça, franzindo a testa ao olhar para o chão.

— Sim, não foi uma jornada simples — falou Ilya, acariciando o volume da barriga. — Foi difícil ir embora. Como está Knox?

— Está bem. — Vadric segurou e apertou o ombro dela. — Ele deve se juntar a nós em poucos dias, depois de finalizar alguns assuntos na cidade.

Dei um passo para trás, incapaz de tirar os olhos da mão dela, que acariciava a barriga com delicadeza. O problema é que o passo soou alto demais no silencioso saguão. Ilya voltou seus olhos vermelhos para mim e eu entrei em pânico.

— O que é isso? — sibilou Ilya, estreitando os olhos como um leão caçando um carneiro.

Vadric piscou, olhando de mim para Ilya, como se de repente se lembrasse de que eu estava ali. Ele estendeu a mão em minha direção, pedindo para que eu me aproximasse. Senti como se minhas pernas estivessem presas ao chão quando tentei levantá-las pela primeira vez.

— Venha aqui, pequena.

Pressionei os lábios e caminhei, mantendo os olhos em Vadric. Agora, mais do que nunca, queria me esconder.

— Ilya, essa é Mina. — Ele apoiou as mãos em meus ombros e me manobrou para que eu parasse à sua frente. — Ela é uma humana que caiu por um portal dentro do Mar Negro. Foi encontrada por saqueadores que tentaram vendê-la no mercado, mas Knox a encontrou. Ela acabou ficando na masmorra comigo.

— Com a sorte de Knox, só poderia ser ele a encontrar algo assim — zombou Ilya, o que me fez notar as linhas que separavam sua bochecha, que ela utilizava para abrir mais a boca. Quando revirou os olhos, tudo o que conseguia pensar era nela arrancando minha cabeça. — Por que trouxe a humana? Qual seu propósito?

— Mina está sob minha proteção, Ilya — falou ele, levantando o dedo do meu ombro e acariciando minha bochecha. Ilya notou, o que a fez franzir a testa.

— Como um animal de estimação? — Ela cruzou os braços, fazendo a barra do longo vestido preto arrastar no chão.

Vadric expirou antes de olhar ao redor do saguão de entrada.

— Não, na verdade. Vou dizer para os outros que sim, para conseguir mantê-la a salvo, mas é… é mais do que isso.

Ah, não. Eu queria ficar do tamanho de uma formiga e desaparecer. Quando os olhos vermelhos de Ilya caíram sobre mim outra vez, soube que ela entendeu o que Vadric quis dizer com *mais*. Olhei para a barriga dela de novo, desejando encontrar algo, qualquer coisa, para falar.

Ilya devia ser quatro palmos maior que eu. Era fácil imaginá-la se inclinando e arrancando minha cabeça se quisesse. Nesse momento, não imagino que a culparia se ela o fizesse.

— Ah, irmão, no que você se meteu? — Ilya passou a mão na testa e balançou a cabeça enquanto eu compreendia do que ela o chamou.

— Você acabou de falar que foi o seu companheiro que encontrou a humana e agora pergunta onde me meti ao tentar protegê-la? Escolha com qual dos dois vai se irritar, por favor. — O tom de voz dele era tenso, mas Vadric estava tentando ser engraçado.

— Acredite, ainda estou irritada com Knox. O bebê nascerá a qualquer momento e ele ainda não voltou. Já foi difícil sair de lá neste estado sem que Rykan descobrisse. Mas o bebê seria uma ameaça ao seu título roubado e sei que ele o teria matado. — Ela segurou a barriga com ambas as mãos, de maneira protetora.

Parada e em choque, aprendi mais do que nos últimos dias. Me sentia como uma estátua, presa e forçada a aprender sobre situações que não me envolviam.

— É por isso que precisamos tirá-la de lá naquele momento. A minha prisão foi a cobertura perfeita para tirá-la da cidade sem que ninguém notasse e fico feliz que tenha dado certo. — Vadric suspirou, dando um breve aperto em seu ombro. Nesse momento, uma jovem demônia saiu de um dos corredores para o saguão.

— Sim, concordo, mas a humana… — murmurou Ilya, me olhando de esguelha.

— Certo. — Vadric estalou os dedos para a demônia que passava e notei que ela usava um vestido preto de criada. — Você. Poderia levá-la para o quarto de banho?

A monstra com pele cor de pêssego levantou a cabeça ao ouvir o pedido do Lorde. Por baixo de seu lindo cabelo rosa avermelhado, notei que tinha olhos completamente negros. Sem dizer uma palavra, ela assentiu com a cabeça e mudou seu rumo, vindo em nossa direção, perto da escada.

Fiquei paralisada e Vadric notou minha tensão.

— Pode ir, Mina. Estarei com você daqui a pouco. Preciso conversar com minha irmã e já vou a seu encontro.

— Tudo bem. — Com os altos monstros ao meu redor, eu sentia que era um inseto. Parei antes de segui-la, olhando uma última vez para Vadric e Ilya. A semelhança familiar parecia óbvia agora e senti que fui ridícula com meus pensamentos iniciais.

É claro que eles eram irmãos. Balancei a cabeça. Mantive o rosto abaixado, pensando sobre o que escutara, enquanto seguia a criada por inúmeros corredores escuros onde a luz vermelha entrava através das janelas de vidro como veios de luz sangrenta.

Vadric era o Lorde legítimo de Nadirn. Rykan havia roubado seu trono. Ilya era a irmã que ele e Knox tiraram escondida da cidade. Knox era o pai do filho de Ilya.

Não sei por que o último pensamento me fazia sentir melhor. Algo sobre minha reação instintiva em achar que Vadric e Ilya estavam juntos quando os vi se cumprimentando, talvez… Eu queria socar minha própria cara.

De qualquer maneira, o que importaria? Vadric e eu não estávamos… juntos. Demos uns amassos e transamos uma vez, mas não significava nada. Poderia não significar nada para os monstros. Eu não sabia muito sobre as regras desse mundo para presumir alguma coisa.

Se Vadric tivesse alguém em algum lugar esperando por ele, ficaria arrasada por tudo que fizemos. Por um momento, me arrependi de minhas

ações. Agora, havia uma sensação poderosa de alívio inundando meu corpo ao saber que minha primeira suposição estava errada.

A criada me conduziu pelo labirinto da fortaleza até pararmos diante de uma porta enorme no fim de um corredor. Após abri-la, ela me mandou entrar e a fechou, me deixando sozinha mais uma vez.

Estar sozinha não me impediu de apreciar a arquitetura impressionante do quarto de banho. Joguei a cabeça para trás para conseguir ver o teto abobadado e imenso e os azulejos pequenos que formavam padrões geométricos apontando para a janela circular no topo, que deixava entrar a luz vermelha do lado de fora. No meio do aposento, uma banheira do tamanho de uma piscina havia sido entalhada no chão. Sob a luz que entrava pela janela, a água corrente parecia sangue. Havia também arandelas ao redor da parede do cômodo circular, semelhante a uma caverna, que ajudavam na iluminação.

Após ficar parada em fascinação por bastante tempo, tirei a roupa com ímpeto, deixando-a sem a menor cerimônia em uma pilha no chão. Estava com pressa para tirar toda a imundície da viagem do meu corpo. Assim que as botas caíram no azulejo liso, já estava com o pé na água quente.

A água estava quase escaldante. Era como entrar em uma banheira de hidromassagem pela primeira vez. Apesar do calor, logo afundei, descobrindo que a borda contava com um degrau onde era possível se sentar ao longo de toda a banheira.

— O que estou fazendo aqui? — perguntei a mim mesma em voz alta. Dando petelecos na água em frente ao rosto, tentei não pensar no mundo dos monstros. Não funcionou, já que alguém interrompeu minha paz e meu silêncio.

As portas pesadas se abriram e meus braços cobriram os seios por instinto, para me esconder de quem quer que estivesse invadindo meu espaço. Mesmo aliviada ao ver que era Vadric quem fechava a porta atrás de si, mantive os braços erguidos, me protegendo.

— Desculpe, demorou mais do que eu imaginava. Ilya precisava me atualizar sobre o pessoal e os suprimentos da fortaleza. Depois tive que me certificar de que tínhamos comida o suficiente para o banquete prometido por Anakis para hoje à noite. — Vadric tirava sua roupa enquanto falava, jogando as botas ao lado das minhas.

Afundei mais na água até que ela chegasse na altura do meu queixo.

— Não tem problema.

Mesmo querendo ficar sozinha, não conseguia impedir meus olhos de percorrerem cada centímetro da pele azul meia-noite de Vadric assim que ele se juntou a mim na banheira. Depois, notei que banhos comunitários eram um tema recorrente nosso.

— Você diz que não tem problema, mas não soou convincente, pequena. — Seu corpo se moveu sem qualquer esforço pela água, se aproximando. Meu coração bateu mais forte quando Vadric chegou perto e afundou na água até ficarmos cara a cara.

— O que quer que eu diga, Vadric? — Fechei os olhos, sentindo a água se mover em minha pele assim que ele se aproximou mais. — Tudo isso é demais para eu assimilar. Com tudo o que vi hoje, queria que você tivesse me contado antes em vez de me deixar descobrir desse jeito.

— Desculpe. Eu queria te contar tudo — admitiu. Senti sua mão em minha bochecha e minha respiração falhou. — Para falar a verdade, não pensei muito a respeito. Todos no meu mundo sabem quem eu sou, o que sou e o que aconteceu.

Reabri os olhos e vi a intensidade com que Vadric me encarava, e isso me surpreendeu. Por um segundo, esqueci o que eu queria dizer.

— Eu entendo, Vadric. Entendo mesmo. Sou uma forasteira e todos já sabem de tudo. Ainda assim, você não disse que tinha uma irmã e eu contei sobre minha família. — Sua mão caiu quando me afastei de seu toque e me endireitei no degrau onde estava sentada.

Ele franziu os lábios e pude notar que seus olhos estavam fixos em meus seios embaixo d’água.

— E eu disse que contaria tudo assim que chegássemos aqui. Então, é isso que farei.

Cruzei os braços sobre o peito e assenti, como um sinal para ele continuar, mantendo a expressão neutra. Era algo difícil de se fazer quando ele me olhava daquela maneira, e estávamos nus e tão perto um do outro.

Notando minha linguagem corporal ao me cobrir, Vadric tirou os olhos de mim e se sentou no degrau ao meu lado. Alguns segundos se passaram para ele organizar seus pensamentos, respirando fundo algumas vezes.

— Sim, eu sou o Lorde legítimo de Nadirn. Rykan me destituiu algumas semanas antes de você passar pelo portal. Knox me ajudou a tirar Ilya da cidade, já que ela é minha irmã e ele, seu companheiro.

— Então um companheiro é como um companheiro de vida? — Pensei em como animais acasalavam. Às vezes era para sempre, mas, às vezes, era apenas pela estação. Como funcionava com os monstros desse mundo?

— Sim, imagino que sim. A minha espécie escolhe um companheiro para a vida toda. — Seu olhar queimou meu rosto quando ele falou. Senti cada batida do meu coração e o calor se espalhando por meu corpo. — Knox era meu amigo de infância. Ilya era muito má com ele quando crianças, mesmo ela sendo muito mais nova. Ainda não sei como ficaram juntos.

— Ah, certo. — Ainda não conseguia olhar em seus olhos, mesmo com a mudança repentina em seu tom de voz.

— Foi um choque terrível para mim, como irmão mais velho, vê-los juntos. Quase matei Knox naquele dia, mas ele sobreviveu. — Vadric riu. Em minha cabeça, quase conseguia imaginar enquanto ele contava a história.

— Tirando isso, Rykan roubou o que é meu. Ele vem planejando esse golpe há anos. Para minha sorte, não é esperto o suficiente para perceber que eu também estava fazendo meus próprios planos ao mesmo tempo. — Vadric apoiou o braço na beirada da piscina, atrás de mim, e senti o calor de seu corpo ao lado do meu.

— Bem, por que Rykan faria isso? Se é o seu trono e o bebê de Ilya seria uma ameaça, parece que o título é hereditário — refleti, pensando em voz alta.

— É mesmo. Minha família governa esse reino há centenas e centenas de anos. — Seus ombros despencaram. Vadric inclinou a cabeça para trás para olhar a luz vermelha entrando pela janela. — Rykan é meu meio-irmão. Ele é um bastardo, nascido de uma criada depois que minha mãe faleceu. Nós temos um companheiro para a vida inteira, mas meu pai procurou conforto pela ausência da minha mãe. Porém, isso resultou em um bastardo com muito mais senso de valor próprio do que deveria.

— Sinto muito. — Eu não sabia o que dizer.

— Ilya e eu amávamos Rykan na infância. Ele era nosso irmão, mas, quando cresceu, acho que se ressentiu por ter o título de bastardo e por não ter direito à soberania. Ele conspirou contra mim por anos, sendo consumido por sua inveja. Guerra era a última coisa que nosso povo precisava, e ainda assim, ele dividiu o território.

Enquanto Vadric falava, eu podia sentir sua tensão e, nesse momento, senti o peso em seus ombros por ter carregado esse fardo durante tanto tempo. Odiei que ele e a família tenham passado por isso. Ele se importava com o povo e seu bem-estar, mas agora estava preso.

— Guerra? — A palavra permaneceu em minha mente.

— Sim — Vadric inclinou a cabeça para baixo para olhar para mim, um pedido de desculpa em seus olhos. — Nós podemos comer e comemorar minha liberdade, nossa liberdade, hoje. Mas, pela manhã, meu povo terá que se preparar para a guerra.

Vinte e Dois

Eu tinha muito em que pensar depois do banho, mas não tinha tempo para isso. Assim que esfreguei a camada de sujeira da viagem, as criadas levaram Vadric para outro quarto, para que nos arrumássemos para o banquete. Depois de tudo o que ele me contou, não queria me separar dele.

Mas isso não tinha a ver comigo e eu estava muito cansada para discutir. Depois da viagem e inquietação emocional e mental, estava pronta para entrar no piloto automático e passar pelo que quer que acontecesse esta noite.

Hoje, a noite pertencia a Vadric e seu povo, em comemoração à sua liberdade. Eu era apenas uma infeliz humana, seu animal de estimação, pegando carona. Chamar a mim mesma de animal de estimação, mesmo em minha cabeça, soava horrível, mas, para ser sincera, era melhor do que pensar na guerra em que me envolvi sem querer e que estava por vir.

A demônia de pele cor de pêssego voltou para me preparar para o banquete. Seu nome era Meela, mas foi tudo que me disse. Enquanto penteava meu cabelo, observei os detalhes do quarto, pensando que lembrava o estilo gótico vitoriano, com o veludo cor de vinho e a madeira escura.

Meela me entregou um vestido muito mais bonito do que eu imaginava. Era levíssimo e o material tão transparente que era quase inexistente. Somente um leve brilho na parte que cobria meus braços dava a entender que ele existia. Tinha flores azul-claras e brancas bordadas no tecido em meu peito e eram a única coisa que cobria meus mamilos. As flores se espalhavam e ficavam mais densas na altura do quadril e das pernas.

Olhando no espelho, parecia que as pequenas flores cresciam da minha pele ou flutuavam ao redor das minhas pernas. Não havia nenhuma possibilidade de eu usar algo parecido com isso na Terra. Era escandaloso, mas hipnotizante.

Como era um animal de estimação do Lorde dos Monstros, acho que precisava me vestir de maneira apropriada essa noite. Vadric me avisou outra vez o quanto era importante que eu cooperasse hoje. Ele deveria me reivindicar, a única humana.

Eu e Meela erguemos o olhar assim que ouvimos uma batida na porta. Ela largou a escova de cabelo sobre a penteadeira e entrelaçou as mãos ao andar em direção à porta. Levantei-me do banco acolchoado enquanto Meela abria a porta, engolindo em seco ao perceber que era Vadric.

Nossos olhos se encontraram e o tempo e o espaço congelaram. Nada mais importava e senti que éramos os dois únicos seres vivos naquele momento, devorando um ao outro em um silêncio ensurdecedor. Não notei quando Meela saiu pela porta, nos deixando sozinhos.

A metade de cima do cabelo negro e ondulado de Vadric estava presa em uma trança decorada com pequenas contas douradas que combinavam com o amarelo de seus olhos. Ele usava um colete preto costurado com padrões circulares dourados por cima da túnica de manga longa preta enfiada em sua calça de couro. Até suas botas pretas continham detalhes dourados.

Não deixei de notar a espada presa em sua cintura e os anéis dourados em seus longos dedos enquanto observava cada centímetro impressionante dele, desde os chifres até sua causa sibilante. Agora sim Vadric parecia um Lorde dos demônios.

— Você está linda. — Sua voz soou baixa e grave. Meu corpo reagiu com um impulso imediato entre as pernas.

— Obrigada. Hum, você também está bonito. — Gesticulei para o luxuoso material preto e dourado que contornava todos seus músculos.

— Isso? — Ele balançou a cabeça. — Preferia estar usando minha armadura. Ilya insistiu que eu me vestisse bem essa noite, para lembrar a todos de quem eu sou.

— Todos temos nosso papel a desempenhar. — Dei de ombros, resignada com o meu. Os cantos de seus lábios caíram por um segundo.

— Está pronta? — Vadric estendeu a mão para que eu segurasse.

— Acho que preciso estar. Além do mais, haverá comida e estou morrendo de fome. — Vadric pareceu feliz ao ver o sorriso que armei no rosto, mesmo achando que ele não tenha acreditado.

Como era alto demais para eu entrelaçar meu braço ao dele, decidi segurar a lateral do seu antebraço enquanto caminhávamos pela fortaleza.

Vadric parecia conhecer o lugar como a palma da mão e nos deslocamos com facilidade.

— Como a base de operações secretas veio parar aqui? — perguntei.

— Na fortaleza? — Seu rosto se retorceu, intrigado com minha pergunta. — Esse era o lar ancestral de minha mãe. Ilya e eu passamos muito tempo aqui quando éramos pequenos, mas desde que minha mãe faleceu e Rykan nasceu, paramos de vir. Ele nunca veio, mesmo sabendo que existe.

— Então ele pode nos encontrar aqui? — Esse pensamento, junto à minha crescente agitação e conversas do salão principal, me fizeram sentir menos segura do que eu gostaria.

— Ele pode tentar, mas meu exército estará pronto na cidade para marchar assim que ele descobrir. — As palavras de Vadric fizeram meu estômago revirar e perdi o apetite.

Um monstro parecido com um goblin de cor malva abriu a enorme porta de madeira do salão principal. Assim que ela se abriu, o barulho tumultuoso me atingiu como uma onda e meus tímpanos ribombavam com as risadas e aplausos que irromperam com a aparição de Vadric. Segurei seu braço com mais força e meu coração bateu com desconforto em meu peito.

Os aplausos e felicitações também trouxeram os olhos dos monstros para a minha direção. Vadric, apressado, me levou para a longa mesa na parede dos fundos onde havia a maior lareira que eu já tinha visto, com chamas dançantes crepitando. Todos os monstros nos observavam com atenção quando passamos.

Tantos chifres, garras, caudas, escamas, penas e presas. Até com Vadric ao meu lado, sentia que era um cordeiro sendo levado para o abate. Assim como Vadric, que sabia que meu sangue era delicioso, todos aqui pareciam querer provar por si próprios.

Um trono gigante, com o encosto alto e de madeira, cravado de maneira complexa, esperava por ele à cabeceira da mesa. Notei Ilya sentada em uma cadeira menor à sua esquerda.

— Obrigado a todos por terem vindo. Seu apoio significa tudo para a família Ascian. — Vadric se dirigiu à multidão assim que ficaram calmos. — Esta noite, quero ver todos com um copo na mão e os pratos cheios. Não pensem em guerra ou naqueles que ainda não se juntaram a nós, pois, agora,

estamos vivos e bem e aproveitaremos essa oportunidade para celebrar uma noite de liberdade sem pensar no que nos espera no horizonte.

Vadric segurou o jarro de um líquido escuro que estava na mesa e o ergueu.

— Comam, bebam, sejam felizes. Sorriam e riam. Sejam barulhentos e alegres enquanto celebramos esta noite!

Pés bateram no chão de pedra; punhos martelaram a mesa de madeira à nossa frente. Monstros uivaram e cantaram em uníssono à sua alegria bestial. Ergueram suas canecas e jarras da mesa e, quando Vadric tomou um longo gole da bebida em sua mão, eles fizeram o mesmo.

Era inspirador testemunhá-lo instigar seu povo. Havia algo em Vadric que atraía, querendo ou não. Talvez tenha sido isso que me atraiu a ele. Um poder sobrenatural e carisma que um humano só poderia sonhar em ter.

Vadric se sentou em seu trono de Lorde. Olhei para a cadeira menor à sua direita. Porém, antes que pudesse me acomodar, o braço de Vadric me segurou pela cintura e me colocou sentada em seu colo. Um pequeno guincho escapou de meus lábios quando minha bunda bateu nos músculos firmes de sua coxa.

Meu primeiro instinto foi me contorcer e sair de seus braços, mas Vadric sussurrou algo perto de meu ouvido.

— Lembre-se, pequena, cumpra seu papel.

Sua voz era quase um rosnado e fez com que meu interior tremesse. O calor de seu corpo em minhas costas era intenso. Quase o suficiente para me fazer esquecer todos aqueles olhares que observavam e avaliavam como predadores de olho na presa. Esperando o momento em que eu fosse vacilar para atacar.

Esse era um show para os monstros daqui. Eu precisava fingir que pertencia ao Lorde deles e somente a ele. Somente o Lorde Ascian podia ter a humana, já que o título era dele. Era seu por direito.

Algo em meu destino me trouxe para ser o animal de estimação do Lorde de Nadirn quando Knox me encontrou, e aqui cumpri com esse papel para o Lorde legítimo. Retornei ao desfecho que temi de início.

A mão de Vadric estava apoiada em meu quadril, perigosamente perto da fenda que subia por minha perna. Senti suas garras passando em minha

pele, seus dedos traçando padrões em minha carne. Seu toque acalmou minha confusão interna e ao mesmo tempo acendeu o fogo selvagem dentro de mim. Foi essa a sensação da qual desfrutei enquanto a noite começava.

Vinte e Três

|VADRIC|

Foi fácil voltar para o castelo ancestral de mamãe e me sentar no trono improvisado no salão principal. Olhar para os vários rostos dos Nefellim que de forma legítima eu governava era tão natural quanto respirar. Foi para isso que nasci, para isso que fui criado.

Mas dessa vez era diferente. Não apenas porque nos escondíamos nas montanhas enquanto a notícia da minha fuga se espalhava e Knox reunia meu exército em segredo. Não, dessa vez havia alguém que me era de extrema importância. Alguém cujos sentimentos em relação a mim eu desconhecia. Ou como ela se sentiria depois de ser exposta às criaturas do meu mundo, a quem ela temia com razão, enquanto eu apalpava seu corpo macio.

Tentei me reconfortar com a sensação de estar em um local que considerava minha casa. Tentei deixar de lado a máscara e me permitir ser eu mesmo. Lorde Vadric Ascian de Nadirn.

Acenando com a cabeça para Anakis do outro lado do salão, sorri quando ela se juntou aos outros guerreiros, virando sua bebida e jogando a cabeça para trás, rindo. Ilya brincava com o bilhete dobrado de Knox que eu havia entregado antes de me juntar a Mina no banho. Seus olhos estavam marejados com lágrimas não derramadas e eu não precisava perguntar para saber que ela sentia falta dele.

Mesmo sendo ótimo ver súditos leais e guerreiros e celebrar a minha fuga, o banquete era entediante e eu não estava nem um pouco interessado nele. Meus olhos passearam por todas as mesas onde as criaturas se deliciavam, e pousaram na humana macia em meu colo.

Só de olhá-la fiquei paralisado. Meela fez um ótimo trabalho em Mina com o vestido transparente, ameaçando expor suas partes íntimas. Por um breve segundo, foi isso que eu quis fazer.

— Coma, meu animal de estimação. — Fui mordido pela culpa ao segurar seu queixo, dando um comando alto o suficiente para todos

ouvirem. O cheiro de seu medo era potente e eu queria odiá-lo, mas não conseguia. Não, eu o adorava.

Mina se encolheu enquanto escolhia o que comer da grande variedade disposta à nossa frente. Suas mãos tremiam e era claro que ela estava hesitante quanto a decidir o que deveria comer.

Sentir seu peso mudar de leve em meu colo e o calor de sua pele delicada em meus dedos fez com que a repulsa pela forma como a tratei se transformasse em um instinto puro e monstruoso. Meu coração batia forte contra a caixa torácica e precisei cerrar a mandíbula para lutar contra o impulso de enterrar minhas garras em suas coxas e morder seu pescoço frágil.

Precisei me segurar para não perder o controle enquanto estudava a parte exposta de sua perna com a mão. Seus seios estavam empertigados e macios, ameaçando escapar das delicadas flores bordadas que cobriam sua pele deliciosa. Sem que os houvesse pintado, os lábios de Mina estavam rosados e cheios, me convidando para mordê-los.

Abri um sorriso destinado a ninguém, exceto Mina. Minha mão acariciou seu quadril, em direção à parte inferior de seu seio, e fiz movimentos circulares com o dedo, provocando. Além de um pequeno tremor de surpresa, Mina parecia bem. Até o cheiro do seu medo evaporou aos poucos.

Todos tentavam esconder, mas a observavam. Seus olhos estudavam Mina com avidez, como se ela fosse um prêmio a ser conquistado.

E ela era, com certeza, o maior prêmio de todos. Mas era minha, toda minha. Para mim, não era uma atuação, já que eu precisava que meus súditos soubessem que Mina pertencia a mim.

Depois de escolher o que comer, Mina relaxou um pouco e olhou para o meu povo. Dessa vez, não vi medo ou repulsa em seus olhos. Agora, aqueles olhos verdes iluminados estavam frios e ela sorriu, mesmo com minha cauda se enrolando em sua panturrilha.

Meu sangue zumbiu, sentindo sua perna se abrir cada vez mais enquanto minha cauda se esgueirava por ela. Temi que essa noite de fingimentos a levaria de volta ao medo inicial que sentia por mim, mas minha confiança aumentou ao ouvir sua respiração ofegante quando a ponta

de minha cauda desapareceu debaixo do seu vestido e acariciou o interior de sua coxa.

Quando meu dedo itinerante lhe traçou a forma dos seios, senti seu mamilo endurecer. Ela se inclinou na direção do meu toque. Eu podia sentir seu coração bater mais rápido e seu cheiro refrescante. Doce e angelical, o aroma de seu desejo crescente.

Porém, era muito potente. Notei que alguns machos em uma mesa próxima estavam inquietos quando o aroma do desejo de Mina chegou até eles. Seus olhos iam até ela e eu odiava usar seu corpo assim, onde outros observavam, só para que acreditassem na atuação.

Mesmo assim, abaixei a cabeça e lambi a lateral de seu pescoço. Seu corpo todo se arrepiou e senti seu abdômen se contrair quando ela arqueou as costas de leve. Achei que pudesse se afastar de mim com asco, mas suas pernas se abriram um pouco mais quando ela se jogou em meu peito.

Minha cauda continuou a acariciar a parte interior de sua coxa e ela respirava com dificuldade. Mina deixava escapar um suspiro quase inaudível sempre que minha cauda subia um pouco mais em sua pele macia. Ela não hesitou nenhuma vez.

Ela estava mesmo *gostando* disso?

O corpo de Mina derreteu no meu, mesmo com os olhos grudados em nós durante o banquete, as risadas e conversas. Minha cauda subia cada vez mais e minha mão passou de novo por seus seios volumosos e macios, e notei o quanto havia me deixado levar pela névoa do desejo.

Escutei guerreiros próximos falando sobre Mina enquanto a observavam.

— Ouvi alguém dizer que o Lorde havia trazido um animal de estimação, mas não tinha acreditado, até agora. E, além do mais, é uma humana. Quem acreditaria?

— Você acha que ela é tão macia quanto aparenta? — alguém perguntou.

— Bem, eu é que não vou descobrir. Ela é o animal do Lorde. Não é nossa para fazermos gritar e implorar, não é? — Eu queria arrancar fora suas cabeças por conta dos comentários.

Se Mina os ouvisse, ela me odiaria pelas coisas que disseram? Parecia errado objetificá-la desse jeito. Mina não era um mero animal de estimação, não importa que no momento eu estava aqui sentado, a cobrindo de carícias luxuriosas.

Senti o arrependimento e a vergonha tomarem conta de mim por submeter Mina a essa noite. Deveria ter descoberto outra maneira de protegê-la dos olhos gananciosos que a observavam. Sentado aqui, acariciando-a em meu colo, não era melhor do que o monstro que ela um dia achou que eu fosse.

— Vadric — choramingou ela quando massageei seu seio outra vez. As notas sedutoras em sua voz não transpareciam o medo ou nojo que imaginei que ela sentiria. Chocado, apertei ainda mais a mão em seu quadril até que senti minhas garras cortando seu vestido delicado como manteiga.

Mina abriu mais um pouco as pernas e se contorceu em meu colo. Um rosnado feral escapou de mim em uma erupção que teria feito tremer toda a fortaleza. Minhas mãos a exploravam e tocavam seu corpo delicado e sua mão minúscula explorava minhas coxas.

Minha calça ficou dolorosamente apertada e minha inibição escapou de controle quando um desejo feroz me tomou. Mergulhei o rosto em seu pescoço outra vez, sentindo seu cheiro, inspirando fundo seu perfume divino. Imaginei como seria prová-la de novo, consumi-la de corpo e alma.

Minha. Minha. Minha.

Precisei engolir uma risada de satisfação pela maneira como Mina reagiu ao meu toque. Ela irradiava calor, o que me atraía ainda mais. Minha cauda sacudiu mais perto de seu núcleo e ela agarrou minhas coxas.

Para meu prazer, a cabeça de Mina caiu para trás, encostando em meu peito quando elevei um pouco o quadril. A sensação do corpo dela encostado contra o meu me deixou faminto para engoli-la por inteiro. A ponta de minha cauda tocou a pele sensível onde sua coxa encontrava com seu centro macio, perto demais de onde eu queria mesmo estar.

Tirei a mão de seu quadril, levando-a até sua coxa, e o gemido que ela soltou foi tão baixo e sedutor que senti meu pau endurecer sob sua bunda, que rebolava. Mina se contorcia encostada em mim, como se lutasse para chegar mais perto. Então ela ficou parada por completo, notando como eu estava ereto por causa de seus movimentos.

Prendi a respiração e fiquei imóvel, esperando sua reação. E então, ela me surpreendeu ao rebolar ainda mais em meu membro rígido. Seu cheiro intoxicante era melhor do que qualquer vinho doce e eu poderia muito bem me afogar nele.

Eu queria devorá-la, arrebentá-la de dentro para fora. Precisava enfiar o meu pau naquela buceta deliciosa e apertada e beber seu sangue; banhar-me nele e submergir em cada parte de Mina. Queria tudo isso e muito mais. Eu a queria por inteiro. E queria tomá-la aqui, no chão, no meio de todos, até que ela gritasse de prazer. Queria acasalar com ela e desfrutar do êxtase de preenchê-la, sem me importar com as consequências.

Um rosnado baixo de satisfação escapou de mim. Arrastei a ponta da língua pela lateral de seu pescoço e a senti cravar os dedos em minha perna. Minha cauda subiu um pouco mais, até encontrar um ponto molhado, e Mina congelou quando senti a umidade entre suas coxas.

O desejo bestial de querer prová-la, fodê-la, ofuscou meus pensamentos até que todos desapareceram. Eu respirava com dificuldade; minhas unhas encravadas no quadril e nas costelas de Mina enquanto a tensão crescia até o ponto de ebulição. Abri a boca e a pressionei em seu pescoço.

Quando Mina sentiu meus dentes em sua pele, resmungou. Maldição, eram medo e desejo misturados. Ela me queria, assim como eu a queria, e ainda assim tinha medo. Porém, o medo não a segurava.

Mina ainda me queria, mesmo com medo, como se ele fizesse parte do seu desejo por mim.

Minha pausa fez com que Mina saísse do torpor em que se encontrava. De repente, ela ergueu a cabeça de meu peito e voltou a olhar ao redor do salão cheio de monstros. Senti seu coração bater mais rápido sob minha mão, que segurava seu seio, e ela respirou fundo, de maneira entrecortada.

— Ah, Deus — murmurou baixinho. No próximo instante, ela estava se levantando do meu colo e saindo dali. Paralisado em minha cadeira, vi Mina passar pelas mesas em direção à porta do salão principal.

— Acho bom você ir atrás de seu animal — brincou Ilya, acariciando sua barriga enorme, pronta para romper a qualquer momento. — Qualquer um que não tenha visto o show que vocês acabaram de dar pode querer fazer alguma coisa.

Rosnei para Ilya como resposta. Enterrei minhas garras no braço entalhado de meu trono, deixando sulcos profundos na madeira. Ilya revirou os olhos em sinal óbvio de irritação.

Porém, ela estava certa. Eu ainda não podia deixar que Mina andasse desacompanhada pela fortaleza. O show de hoje não era o suficiente para impedir que uma alma corajosa se aproveitasse dela.

Além disso, meu sangue ainda fervia por ela. Eu ansiava por sentir o corpo de Mina contra o meu de novo. Desejava senti-la tremendo de prazer embaixo de mim enquanto a preenchia.

Levantando do trono, procurei por olhares direcionados à porta por onde Mina saiu. Fui atrás dela, caçando minha pequena presa pelos corredores escuros. Com seu cheiro inebriante e sedutor no ar, não demorei muito para rastreá-la, auxiliado por meu instinto primal que me incitava a encontrá-la e tomá-la de todas as maneiras possíveis.

Vinte e Quatro

Todas as células do meu corpo estavam superaquecendo e senti o desejo esmagador de me jogar dentro de um balde de água gelada. Se eu tivesse um a meu dispor, era isso que faria.

O que estava acontecendo comigo? Como me transformei em uma criatura tão lasciva com Vadric a ponto de gostar da maneira como ele me apalpava diante de um salão lotado?

Não me importei com o fato de vários monstros me observarem, desejando me tirar de seu Lorde ou sonhando em me devorar. Tudo o que importava eram aqueles momentos de calor febril dos toques de Vadric em minha pele sedenta. Eu desejava ser tocada e preenchida por ele.

Puta merda, até machucada por ele.

Estou mesmo me transformando no animal de estimação de um demônio para conseguir sobreviver a esse mundo de monstros? Às vezes, sinto que meu eu interior está se fechando. Para me proteger, meus pensamentos e sentimentos estão se tornando inacessíveis. Até para mim.

O que estou sentindo e pensando de verdade?

— Eu nem sei onde estou! — Bati o pé e bufei. Joguei o cabelo para trás, para tirá-lo do rosto, e olhei para o corredor escuro da fortaleza. Esse poderia ser o caminho para voltar ao quarto de banho, mas eu não tinha certeza, já que eram todos iguais e Vadric não estava ali para me guiar.

Para onde eu estava indo, não importava. Só precisava ficar o mais longe possível de todos os monstros daquele salão. A pressão crescendo entre mim e Vadric quase me fez passar dos limites.

Sua cauda ficou tão perto de entrar em mim. Mesmo com a mesa escondendo, eu saberia. Tenho certeza de que não seria difícil para um olho apurado entender o que estava acontecendo.

Maldito corpo traiçoeiro por me deixar chegar tão longe. Minha pele estava quente e eu ainda respirava com dificuldade enquanto corria pelas sombras. A cada passo que dava para longe de Vadric, mais eu queria voltar.

O calor de seu corpo musculoso embaixo de minha bunda me deixou louca. Uma parte de mim ainda queria estar sentada em seu colo, levantando o vestido para que ele pudesse deslizar seu pau enorme e rígido para dentro de mim, para que eu pudesse cavalgá-lo até minhas pernas não aguentarem mais.

Seus rosnados e suas ordens durante nossa atuação não deveriam ter me deixado tão excitada. Vadric quase enfiando suas garras em minha pele incitou algo em minha mente que eu não sabia que existia. Era hora de aceitar a realidade e admitir para mim mesma que eu gostava do prazer que acompanhava a dor.

Então, por que fugi dele? Por que deixei o salão principal? Não foi para escapar dele, disso eu sabia.

Talvez tivesse sido afetada pelo enorme constrangimento de ter tantos monstros olhando enquanto eu rebolava no colo de Vadric. Essa era a explicação mais lógica em minha mente. Eu queria que Vadric me tocasse, me provasse, me consumisse por completo. Mas isso não significava que eu queria espectadores.

Escondida em um corredor mal iluminado, encontrei uma alcova. Havia um banco almofadado embutido na parede de pedra, sob uma janela. Dobrando as pernas embaixo de mim, me sentei de lado no banco. Pressionei a bochecha no vidro gelado e franzi a testa para o mundo vermelho lá fora.

Essa parte do castelo tinha visão para um despenhadeiro na montanha. Observei guardas rodeando as árvores lá embaixo enquanto a luz vermelha os iluminava de cima.

Uma mudança no ar arrepiou os cabelos da minha nuca. Parei de respirar por completo quando senti sua presença, apesar de não vê-lo ou tocá-lo.

— Mina — rosnou Vadric. O som de sua voz rouca e tensa acariciou meus sentidos como o toque de um amante saudoso.

Levantei do banco, me virando para encará-lo. Engasguei com o ar quando notei sua expressão predatória e o rosnado raivoso. Seus ombros subiam e desciam com cada respiração lenta e trêmula.

Vadric se inclinou para frente, como um gato pronto para atacar. Quando deu um passo adiante, por instinto meu corpo deu um passo para

trás. Minhas pernas bateram no banco, me deixando sem espaço para fugir.

Mas eu não queria fugir. Pisquei devagar, avaliando a situação em que nos encontrávamos e a energia selvagem que ele provocava em meu corpo só por estar na minha frente.

Eu *era* a presa. Queria ser a presa *dele*.

Um instinto incontrolável surgiu de repente e todos meus pensamentos racionais passaram sem nenhum controle. Eu os deixei escapar enquanto um desejo frenético e delirante crescia em mim.

Um dos cantos da minha boca tremeu. Os olhos amarelos e dilatados de Vadric perceberam o movimento, absorvendo cada mudança em meu corpo. Minha frequência cardíaca diminuiu enquanto olhávamos um para o outro. Todos os meus músculos estavam tensionados, se preparando para o que aconteceria e que eu não conseguiria impedir.

Sem nenhum aviso, disparei pelo corredor.

Meus pés pareciam golpear o chão de pedra, graças ao sapato que Meela me deu. Ainda bem que eu não queria ser silenciosa enquanto corria, senão meus sapatos seriam os primeiros a me denunciarem.

— Argh! — rugiu Vadric atrás de mim, depois de me ver me esgueirar por ele em direção a escuridão à frente. Seu rugido ressoou pela fortaleza sob nossos pés.

Um medo sem inibições e um prazer enlouquecedor percorriam minhas veias. Ouvi seus passos pesados atrás de mim quando ele começou a me perseguir. Saber que havia um monstro assustador, com chifres, presas e garras correndo atrás de mim como um lobo caçando um coelho era… empolgante e excitante de um jeito que eu não sabia que poderia vivenciar.

Senti meu sangue correndo nas veias e o fogo aumentando sob minha pele quente. Senti o ar enchendo meus pulmões a cada inspiração ao correr o mais rápido que podia.

— Você não pode correr para sempre, pequena! — rugiu Vadric quando desapareci por uma esquina. O som deixou uma sensação de formigamento inebriante em todo meu corpo.

Ele respirou alto, lembrando um cão de caça no encalço de sua presa. Um rosnado escapou de seus lábios e o fez soar com um lobo raivoso.

— Eu sinto o seu cheiro, Mina. Seu medo é intoxicante e faz com que eu queira persegui-la ainda mais. — Seu tom era sério e meu âmago pulsava de desejo. — Também consigo sentir como você está excitada. Não importa aonde vá, eu vou encontrá-la e, quando a encontrar, vou devorar essa buceta molhada.

Suas ameaças obscenas me fizeram tropeçar. Ou talvez eu quisesse que ele me alcançasse e essa fosse só uma desculpa. De qualquer maneira, tropecei em meu pé e bati na parede. Consegui me apoiar nas mãos a tempo de não despencar no chão.

Mas era tarde demais para me levantar. Vadric dobrou a esquina do corredor. Meu corpo não queria se mover assim que nossos olhares se cruzaram. Ouvi meu sangue pulsando nos ouvidos e a respiração pesada dele enquanto olhávamos um para o outro.

Seus lábios se abriram em um sorriso diabólico, suas bochechas se separando, revelando a boca cheia de dentes afiados. Ele voltou a se movimentar e por instinto meu corpo se moveu também, tentando fugir; porém, Vadric era rápido e já estava perto demais.

Empurrei a parede com as mãos tentando me virar para correr, mas não fui rápida o suficiente. Os braços de Vadric me seguraram pela cintura, expulsando o ar que restava em meus pulmões ao me tirar do chão.

— Peguei você — sussurrou ele, rouco, em meu pescoço. Estremeci ao sentir seu hálito quente em minha pele. Ainda assim, continuei a me debater para me livrar de seus braços.

— Não! Solte-me! — Me debati, esfregando minhas costas e bunda nele, fingindo que queria escapar.

— Você é minha agora, pequena. O cheiro de sua adrenalina é o perfume mais atraente. — A ponta de sua língua encostou no lóbulo de minha orelha antes de descer para meu pescoço. Minha buceta latejava e um gemido espontâneo escapou de meus lábios assim que ele provou minha pele.

Soltei um ganido humilhante quando Vadric me jogou no ombro. Abri os olhos e vi suas costas e o chão de pedra se movendo rápidos enquanto Vadric corria.

— Para onde está me levando? — exigi saber.

— Vou levá-la para a minha cama, pequena. Você não pode me excitar desse jeito e não sofrer as consequências. — Ele bateu em minha bunda e eu gritei pela dor súbita.

— Não, me coloque no chão! — Bati com o punho em suas costas largas, ouvindo a pancada sólida ao atingi-lo. Meus golpes não o afetavam de forma alguma, como patadas de um gatinho.

Vadric parou e, antes que eu pudesse fazer qualquer coisa, me tirou do ombro. Eu caí de pé, as costas escorregando por uma porta. Vadric bateu com as duas mãos na porta e se abaixou para ficar na mesma altura que eu. Suas sobrancelhas estavam franzidas, assim como seus lábios; ele mal conseguia se conter.

— Fale agora que não me quer, pequena. Sem jogos, só a verdade. Você quer mesmo que eu pare? — A intensidade em seus olhos me pegou de surpresa, o que me trouxe de volta para o mundo real, me trazendo de súbito de volta do meu delírio, me deixando cara a cara com as consequências de nossas ações. — Mina, fale agora antes que eu perca o controle e a tome mesmo assim. — O rosto de Vadric estava tão perto do meu quando ele se inclinou. Eu conseguia ouvir o apelo e o desespero em sua voz, ecoando os sentimentos que corriam por mim.

Não pensei, apenas agarrei seu rosto e o puxei para um beijo avassalador. Vadric estava se tornando um expert em beijar e na mesma hora seus lábios se encaixaram nos meus.

Me afastei para respirar, mantendo as mãos em seu rosto, nivelando nossos olhos para que eu pudesse espreitar as profundezas de seus olhos amarelos e pretos, que me encaravam.

— Me persiga, cace, me faça implorar, gritar, chorar. Morda, arranhe, me despedace se achar necessário. Só faça tudo isso enquanto estiver dentro de mim, Vadric.

Suas garras seguraram meu quadril com força, me pressionando ainda mais contra a porta.

— Ficar sentado naquela mesa com seu corpo firme e macio encostado em mim e sua bunda redonda no meu colo, rebolando no meu pau… — Vadric rosnou de frustração e não conseguiu terminar seu pensamento.

— Vadric — choraminguei ao falar seu nome, implorando para que ele continuasse.

— Quero sentir você por dentro, pequena. Porém, se eu ceder a esse desejo agora, é possível que a quebre ao meio. — Ele pressionou a testa na minha e senti seu corpo trêmulo tão perto do meu.

Eu o puxei para mais perto, meus lábios pairando a milímetros dos seus ao fecharmos os olhos.

— Então me quebre ao meio, Vadric.

Vinte e Cinco

Assim que seus lábios tocaram nos meus, a porta se abriu às minhas costas. Vadric me levantou pelo quadril e entrou no quarto, chutando a porta para fechá-la. Eu podia escutar suas botas batendo no chão, mas só conseguia focar em sua boca quente se movendo veloz com a minha.

Envolvi seu corpo com minhas pernas e Vadric nos levou até o quarto. Ele me segurou próxima ao seu peito e respiramos o ar um do outro, enrolando nossas línguas, como se tentássemos engolir um ao outro.

Entramos em seu quarto com tanta rapidez que nossa perseguição pelo castelo pareceu não ter levado tanto tempo assim. Uma parte de minha mente continuava no corredor, pensando no pau duro pressionado contra minha bunda. Porém, quando ele me jogou na beirada de uma cama enorme e macia, voltei à realidade.

Observei Vadric acima de mim. Ele rosnou e mordeu o ar como um cachorro selvagem. Meu corpo tremeu com a expectativa de tê-lo martelando dentro de mim.

Vadric agarrou o material transparente e leve do meu vestido. Em uma única puxada, o rasgou e jogou no chão. O ar gelado passou por meu corpo, fazendo minha respiração falhar. Seus olhos selvagens e famintos estudaram cada centímetro de meu corpo nu e eu não tinha onde me esconder.

— Agora vou devorá-la, pequena. — Vadric caiu de joelhos no chão, na beirada da cama. Suas mãos agarraram meus tornozelos e me puxaram para o pé da cama.

— Não, espere! — gritei. Minhas pernas tensionaram e me contorci no colchão, mas Vadric era muito forte. Mesmo se eu estivesse lutando de verdade contra ele, não havia como escapar, e fiquei feliz ao saber.

— Você é minha, Mina. — Vadric soprou sua respiração quente em minha buceta e eu paralisei. Levantei a cabeça e vi seus chifres entre minhas pernas abertas.

Olhamos um para o outro e tudo o que pude fazer foi observar sua língua sair da boca, longa, grossa e um pouco pontuda. Meu coração foi parar na boca assim que sua língua tocou minha vulva. Eu já estava

encharcada e o som do demônio lambendo minha excitação era de um erotismo insano.

Senti eletricidade percorrer meu corpo da cabeça aos pés quando sua língua encontrou meu clitóris. Minha barriga enrijeceu e arqueei as costas. Gritei para os céus enquanto ele aplicava pressão com lambidas rápidas.

— Ah! Vadric! — Levei o quadril em direção ao seu rosto. Ele deve ter entendido a ação como um convite, pois, antes que notasse, havia enfiado a língua em minha buceta.

Vadric rosnou e senti as vibrações de sua boca por todo meu âmago. Agarrei seus chifres e ele rosnou outra vez. Sua língua foi fundo, contorcendo. Ele me alargou e engoliu cada gota de prazer, me levando para perto do precipício.

Não sei como Vadric me fazia sentir tanto em tão pouco tempo, mas eu amava. Nenhum prazer em minha vida poderia se comparar a como me sentia com ele. Não importava que ele fosse um monstro capaz de me consumir, isso fazia parte da atração.

— Vadric… eu vou… ah… para… eu vou… — As palavras morreram em meus lábios, deixando meus gemidos e soluços ainda mais patéticos. A pressão de um clímax iminente cresceu rápido demais e não importava o quanto eu me debatesse ou puxasse seus chifres, isso só o atiçava mais, o fazendo ir mais fundo em minha buceta e mais rápido com sua língua nefasta.

Ele abriu ainda mais a boca, separando as linhas das bochechas. Mais de sua língua me penetrou enquanto seus dentes cobriam minha vulva. Olhando para baixo, era fácil acreditar que Vadric estava pronto para me engolir. Senti suas garras pinicando meu quadril e foi a dor que me jogou do precipício.

— Ahhh! — gritei, soltando seus chifres e levando minhas mãos à cama, acima da cabeça, enquanto eu balançava sobre o colchão. Minha buceta apertou sua língua com cada onda do meu clímax. Ouvi o ronronar de Vadric em seu peito enquanto ele chupava todos os meus sucos.

Vadric tirou a língua, me deixando vazia e dolorida, e ela passou sobre minha vulva e barriga. Ele lambeu um caminho por meu corpo, provando cada centímetro da minha pele com aquela língua enorme. Passou a ponta em meus seios e meu mamilo endureceu.

— Ah, não. — Empurrei o peito de Vadric sem forças e amarrotei o tecido de seu colete preto, puxando-o para perto de mim.

Estávamos em um jogo de verdade agora, onde eu era um animal de estimação relutante e ele, a fera, tirando proveito de sua presa indefesa. Era erótico, emocionante e perigoso.

Ele posicionou a boca sobre a minha assim que meus dedos agarraram seus ombros. Quando sua língua abriu caminho, permiti que entrasse. Eu conseguia sentir meu gosto nela, o que era insano.

Odiei o tecido que nos separava. Minhas mãos passearam por seu peito outra vez e puxei seu colete com bordado dourado. Nenhum dos botões se mexeu quando os puxei. Vadric riu, notando que eu tentava tirar sua roupa.

— O que você quer, pequena? — perguntou ele baixinho, sorrindo contra meus lábios.

— Quero que você me machuque. — Meu interior ficou paralisado ao ouvir as palavras saírem de minha boca. Ter esses pensamentos proibidos e ouvi-los em voz alta, com a minha voz, era chocante. Mas agora eu não podia voltar atrás. — Me fode, Vadric. Por favor.

Seu corpo inteiro tremeu. Ouvi e senti sua respiração oscilante no meu rosto. Seu corpo enrijeceu, ficou imóvel, enquanto ele pensava no que eu havia dito.

— Você me quer, Mina? — O tom sério de repente prendeu minha atenção, que estava na tensão entre nossos corpos. — Porque eu te quero. Algo em você me enfeitiçou por completo.

— Sim, eu quero — admiti. Lambi os lábios e com cuidado ergui a mão e passei o dedo na bochecha de Vadric. Depois, corri o mesmo dedo por sua longa orelha enquanto admirava seu rosto.

Sentimentos proibidos e desconhecidos acordaram em meu peito. Mais do que somente um desejo peculiar misturado com medo. Não, era algo que eu conseguia nomear e, mesmo assim, agora, eu não podia, não queria. Agora não.

— Se você me deseja, Vadric, então me tome. — Segurei seu rosto entre as mãos e dei uma lambida rápida em seus lábios. — Eu sou sua.

Sua boca cobriu a minha em um segundo. A loucura da paixão extravasando dele enquanto nossos lábios se moviam em sincronia foi o

suficiente para me deixar tonta. Ele roubou o ar dos meus pulmões e acendeu um inferno dentro do meu âmago.

Vadric se levantou e eu ofeguei. Antes que conseguisse piscar, agarrou meu quadril, me levantando com facilidade e me levando mais para cima na cama. Resmunguei quando caí no colchão, perto da cabeceira de madeira entalhada. Abri os olhos e o quarto parou de girar por tempo o suficiente para eu ver Vadric arrancando a roupa.

Mais uma vez, a visão de seu membro me deixou sem ação. Não pensava em nada além do desejo de ter aquele pau azul monstruoso me empalando até me dividir em duas.

— Quando eu digo que você é minha, você entende a intensidade do significado? — Vadric pressionou seu corpo quente no meu até ficarmos colados.

— Sim. — Eu não sabia. Não naquele momento.

— Ótimo. — Sem dizer outra palavra, Vadric segurou meu quadril e me virou de costas. Grunhi quando meu rosto bateu na cama e minha bunda ficou elevada.

Ele quase não me deu tempo para conseguir me orientar. Antes que eu pudesse levantar a cabeça, senti a ponta do seu pau pressionando minha buceta dolorida. Por sorte, eu estava tão excitada que, no momento em que ele pressionou a cabeça do seu membro, eu movimentei meu quadril e ele deslizou para dentro com facilidade.

— Ah! — Pronta ou não, o pau de Vadric era gigantesco. Ele alargou profundamente minhas paredes e meu corpo inteiro ficou paralisado. Apenas pequenos tremores dançaram por meu âmago enquanto eu me ajustava ao seu tamanho enorme me abrindo ao meio.

Aquelas saliências! Ah, Deus, aquelas saliências! Eu queria chorar por conta do prazer estimulante de ter seu membro saindo. Cada uma delas esfregava um ponto sensível em minha buceta. Eu movimentava meu quadril para trás sempre que ele saía, mostrando como estava ávida para ter seu pau dentro de mim.

— Vou rasgar você ao meio. — Senti suas garras em minha cabeça quando ele segurou meu cabelo. De repente, puxou minha cabeça para trás, me fazendo arfar. — Nem pense em pedir para eu parar, porque não vou.

— Pare, espere. — Deixei as palavras saírem, sem fôlego.

— Sem chance, Mina. Você pode cerrar os dentes e chorar se precisar, mas vou preencher os seus buracos… todos eles. — Vadric agarrou meu cabelo com mais força e eu gritei. Ele passou a outra mão pela lateral do meu corpo e senti suas garras se enterrando em minha pele delicada. Foi o suficiente para tirar um pouco de sangue e invocar o gosto pela dor que eu desejava.

Senti algo pressionar minha boca e, sem pensar, separei os lábios e senti a cauda de Vadric deslizar em minha língua. Fiz um barulho de satisfação enquanto chupava sua cauda. O monstro que me fodia gemeu e fincou os dedos em meu quadril.

Continuei chupando sua cauda enquanto ele metia o máximo que eu conseguia aguentar. Ele só retirou a cauda de minha boca quando a ponta dela estava encharcada e a baba escorria pelo meu queixo. Fiquei com a língua de fora. Agarrei o cobertor embaixo de mim enquanto balançava na cama.

Vadric soltou meu cabelo e minha cabeça caiu. Ele passou suas mãos em meu corpo, acariciando os pontos macios da minha carne e deixando vergões vermelhos e arranhões. Cada ardência e pontada de dor se unia com o prazer e me levava ainda mais para o céu, em nuvens de êxtase.

Suas mãos se moviam sobre minha bunda enquanto ele continuava me comendo. Senti quando abriu minhas nádegas e, se eu conseguisse ficar com vergonha, esse seria o momento. Entretanto, ele me pegou de surpresa quando senti a ponta molhada de sua cauda pressionando meu orifício.

— Vadric! — Fiquei tensa. Sua língua era uma coisa, aguentei quando estávamos na masmorra, mas sua cauda era muito mais grossa e firme. — Espera! Não!

— Eu disse todos os seus buracos, Mina. Não disse? — Vadric rosnou alto o suficiente para fazer todo o quarto tremer.

— Sim. — Um soluço escapou de meus lábios e lágrimas se formaram em meus olhos. Cerrei os dentes e me preparei.

Vadric diminuiu a velocidade até seu pau entrar e sair em um ritmo torturante. Ele pressionou a cauda em minha bunda e senti uma de suas mãos fazendo carinho em minhas costas, com calma, enquanto ela entrava. Lágrimas rolaram por minhas bochechas.

Segurei um soluço e engoli meu choro conforme o membro e a cauda de Vadric se deslocavam mais fundo para dentro de mim. Seu pau grosso na minha buceta e sua cauda em meu cu me preenchiam tanto que eu achei que ia arrebentar.

Eu amei.

— Siiim… Ah, Deus! — gemi com a cabeça na cama, que abafou meus gritos. Ele tirou a cauda e enfiou o pau, depois inverteu. A cada momento eu era preenchida, esvaziada e preenchida outra vez. As sensações eram intermináveis e avassaladoras, além da pressão que aumentava com suas saliências esfregando meu ponto G.

— Você se ouve enquanto a fodo, pequena? Ouve como soa patética e adorável? — Ele enfiou com força, fundo, e eu gritei. — O que foi, Mina? É fundo demais para você?

Balancei a cabeça com fúria na cama. As garras entraram em meu quadril e ele meteu de novo. Meus dedos dos pés se dobraram com a tensão crescente em meu âmago. O prazer e a dor se misturavam dentro de mim enquanto eu chegava cada vez mais perto do ápice.

— O que foi, pequena? Não consegui ouvir. — Vadric, o monstro perverso, enfiou mais rápido. Senti seu pau bater em meu colo do útero, alargando minha buceta, e sua cauda acabando com minha bunda. — Isso é demais para você?

Ele moveu uma das mãos até meus seios e fez um corte no meio do caminho. O local onde suas garras fatiaram minha pele com cuidado queimava. Ele prendeu meu mamilo entre os dedos e joguei a cabeça para trás, arqueando as costas.

— Não! — berrei. — Não pare!

Vadric rugiu como um animal selvagem. Seus rosnados passionais faziam meu interior estremecer e minha buceta apertar mais seu pau conforme ele enfiava. As sensações misturadas de prazer, desejo, medo e dor transbordaram. A pressão cresceu dentro de mim como um vulcão antigo, pronto para explodir pela primeira vez em milhares de anos.

Nunca senti nada em minha vida comparado a esse momento. As sensações eróticas crescendo em meu corpo aumentaram em uma crescente destruidora de mundos. Eu era o fogo em pessoa, com eletricidade passando por cada célula do meu ser.

— Vadric! — Fiquei rouca berrando seu nome ao gozar. Minha buceta apertou seu membro com força enquanto ele continuava a enfiar. Agitei os braços e o corpo, como se quisesse me livrar dele. Engasguei com o ar e mais lágrimas escorreram por meu rosto.

— Você não vai a lugar nenhum — disparou ele, colocando a mão enorme no meio das minhas costas, empurrando meu corpo em direção ao colchão. — Você vai ficar deitada aí e continuar gozando até eu dizer que acabei.

Ele tirou a cauda da minha bunda, mas seu pau continuou a me castigar e cada investida me levava de volta ao clímax. Não achei que poderia acontecer de novo, mas, assim como na primeira noite juntos, eu experimentava orgasmos múltiplos.

— É demais! — debati os braços, mas, como ele me segurava, não tinha força para me levantar.

— É o que você queria, pequena. — Vadric grunhiu com o esforço de me foder. Ele fazia tanta força que a cama balançava e eu o senti em meus ossos.

Para que eu parasse de me debater, Vadric segurou meus pulsos e os colocou atrás das minhas costas. Ele só precisou de uma mão para segurar ambos meus pulsos, me mantendo de barriga para baixo na cama que pulava. Era um show impressionante de tamanho e poder, mostrando a facilidade com que ele me dominava.

Meus dedos dos pés se dobraram e meus músculos se contraíram enquanto eu tremia embaixo dele. Meu orgasmo não parou e berrei com a sensação avassaladora percorrendo meu corpo delicado.

De repente, Vadric soltou meus pulsos, levando ambas as mãos até meu quadril outra vez, suas garras apertando minha carne macia. Ele aumentou a velocidade de suas estocadas furiosas e rugiu quando foi invadido pela euforia.

Jorros de porra quente atingiram minhas paredes. Graças aos meus orgasmos contínuos, minha buceta sugou cada gota liberada por ele com avidez. Deixei escapar um gemido longo com a nova sensação, o que aumentou ainda mais meu prazer.

— Ah, Vadric. Ah, meu Deus. — Meu peito subia e descia, tentando puxar o máximo de ar. No momento em que me afastei, desabei no colchão.

Alguns tremores continuaram a passar por meu corpo enquanto eu voltava do torpor e da energia que nos cercava. — Hum? — murmurei, incapaz de formar palavras. Senti algo quente e molhado atravessar meu corpo. A língua de Vadric lambendo o sangue de cada corte e arranhão me acalmava. Não consegui lutar contra meus olhos quando eles decidiram se fechar.

— Você está bem, pequena? — A voz suave de Vadric acariciou meus ouvidos. Um leve sorriso surgiu em meus lábios depois de ele me virar com cuidado na cama. Suas mãos percorriam meu corpo com suavidade, como as asas de uma borboleta, enquanto olhava meus ferimentos.

— Uhum — murmurei em resposta. Meus olhos permaneceram fechados e Vadric continuou lambendo a parte da frente do meu corpo, cuidando das pequenas feridas em minha pele. Ele até me limpou entre as coxas doloridas, e as lambidas suaves ajudaram a me levar até um lugar seguro dentro de minha mente e meu corpo.

Em algum momento, os arranhões pararam de sangrar, mas eu já estava dormindo a essa altura. Vadric puxou o cobertor que estava embaixo de mim e se deitou ao meu lado, me aconchegando próxima ao seu corpo e nos cobrindo.

Desabei nos braços de Morfeu, com os dedos de Vadric fazendo carinho em meu cabelo e seu ronronar fazendo seu peito vibrar embaixo de minha bochecha. Ele enrolou a cauda ao redor do meu tornozelo sob o cobertor, e me aconcheguei ainda mais nele, cedendo por inteiro ao conforto do abraço de um monstro.

Vinte e Seis

Uma energia refrescante percorria meu corpo quando acordei pela manhã, mesmo sentindo uma dor terrível entre as pernas. Eu estava nos céus, desejando poder ficar na cama macia o dia inteiro. Meu corpo nunca se sentiu tão exausto e satisfeito ao mesmo tempo. Era magnífico.

Acordei com o som de Vadric se arrumando. Não pude deixar de sorrir ao observá-lo abotoar o colete e colocar a camisa dentro da calça. A cauda balançava atrás dele e eu adorava ficar olhando para ela.

— Você acordou. — Como se pudesse sentir meus olhos o observando, Vadric se virou, tirando sua atenção do espelho que ia até o chão no canto do quarto. Suas sobrancelhas franzidas eram um sinal óbvio de preocupação — Como está se sentindo?

— Cansada. — Suspirando, me joguei de novo na cama. Meu estômago revirou, reclamando. — E com fome.

— Então, venha comer. A maior parte do castelo ainda está dormindo depois da celebração. Deve estar tudo calmo. — Vadric se inclinou sobre mim. Senti o colchão afundar quando ele apoiou as mãos uma de cada lado de minha cabeça. Percorreu meu couro cabeludo com o nariz, sentindo meu cheiro. Era um pequeno sinal de carinho, o que me causou um frio na barriga.

— Você rasgou o meu vestido, e a roupa com a qual viajei está suja. Não tenho nada para vestir.

— Pedi para lhe trazerem alguns itens enquanto dormia. — Ele gesticulou para a porta no canto do quarto. — Há um quarto de banho privativo onde você pode se lavar.

— Obrigada. — Por alguma estranha razão, fiquei com vergonha ao me levantar da cama. Os olhos de Vadric percorreram cada centímetro de pele exposta. Porém, sua expressão não informou o que pensava.

Ontem à noite, não prestei atenção aos detalhes do quarto. Era a última coisa em minha mente, por motivos óbvios. Agora, eu estudava a estranha mistura entre características e arquitetura medievais. As paredes eram feitas com a mesma pedra negra do castelo, as portas eram de madeira e os móveis tinham um estilo gótico fabuloso.

Fiquei surpresa ao notar que o castelo tinha tubulação de água. Parecia muito antiga. Descia pela parede em vez de passar por dentro, como em construções modernas da Terra. Mesmo me sentindo grata pela minha sorte, ainda sentia falta da minha moderna escova de dente elétrica.

Notei dezenas de marcas vermelhas em minha pele alva ao olhar meu reflexo no espelho redondo na parede. No início, o vermelho contra a porcelana era impactante, mas notei que nenhum dos cortes e arranhões deixados por Vadric eram profundos. Como se, mesmo no calor do momento, ele conseguisse me dar o que eu queria, mas se contivesse para não fazer o que era capaz de verdade.

Ele era impressionante. Pensar no que aconteceu ontem à noite deixou minhas bochechas rosadas e me virei de costas para o espelho, para focar em outra coisa.

Depois de me refrescar, encontrei as roupas em um balcão de madeira no banheiro. Um vestido simples cor esmeralda esperava por mim. Tinha mangas longas e um decote bem baixo. Porém, o tecido era leve e servia em meu corpo como uma segunda pele. Além disso, também deixaram para mim botas marrons de cano baixo e uma meia preta que subia até a coxa.

A roupa era confortável para eu me movimentar. Mesmo com o corpo dolorido, precisava do conforto. Com cada passo que eu dava, podia sentir a dor irradiando de meu quadril até as pernas. Contudo, era uma sensação boa de dor e eu estava adorando.

Os lábios de Vadric tremeram quando me viu. Abri um sorriso como resposta, para deixá-lo saber que eu estava bem, mesmo depois de ontem à noite, além de mostrar que eu estava feliz estando ao seu lado. Esse era um pensamento que eu precisava aceitar.

Caminhamos juntos até o salão principal com minha mão segurando dois de seus dedos. Um silêncio confortável recaiu sobre nós; ainda assim, minha mente não parava de pensar em como me sentia.

Havia uma dor constante em meu peito por tudo o que perdi: minha família, meus amigos e todos os aspectos de minha vida na Terra. Talvez um dia, quando me estabelecesse, teria a oportunidade de lamentar direito. Por enquanto, acho que encontrar conforto em Vadric me ajudaria a superar.

Suspirei de alívio por ele estar certo a respeito do castelo estar calmo. Só passamos por criados em nosso caminho até o salão. Quando chegamos,

ele estava vazio, exceto por um criado parecido com uma mariposa, que organizava os pratos em pilhas para as refeições. Suas asas parecidas com as de uma mariposa, em preto e cinza, tremeram quando passamos por ele, e Vadric o cumprimentou com a cabeça.

— Aqui, sente-se. — Vadric puxou o trono na cabeceira da mesa para eu me sentar. Hesitei, me lembrando do que aconteceu nessa cadeira ontem à noite. Será que deveria me sentar ali? Eu não era o Lorde.

— Mina. — Ele usou um tom de voz mais firme. — Você pode se sentar. Por favor.

Sem responder, assenti e me sentei na cadeira, que era grande demais só para mim. Então, Vadric foi até as longas mesas e encheu o prato com diversos itens diferentes. Sua cauda tremia enquanto se movia, mas parecia empolgação, não irritação.

As portas do salão principal se abriram e eu enrijeci. Quando percebi que era Ilya, meus ombros relaxaram, mesmo que só um pouco. Ela sorriu ao ver o irmão, mas, quando me viu sentada no trono, sua expressão caiu.

Ah, não, acho que a irmã dele não gosta de mim.

No passado, tive namorados humanos cujas famílias não gostavam de mim. Mas agora parecia diferente. Sua irmã podia arrancar minha cabeça fora se estivesse com vontade. Mesmo grávida, pensei que essa seria uma tarefa bem fácil para ela.

Vadric a ajudou com seu prato de café da manhã. Fiquei tensa em meu lugar, esperando por ele, cutucando minha cutícula. Antes que desse por mim, eles voltaram para a cabeceira da mesa. Vadric carregava dois pratos cheios e conversava com Ilya, despreocupado.

— Aqui está. — Vadric colocou comida demais na minha frente. Mesmo sendo bom enfim estarmos em um lugar onde podíamos comer uma refeição inteira após a escassez da masmorra, não tinha como eu dar conta de tudo aquilo.

— Obrigada. — Escolhi algo que parecia uma massa enrolada e Vadric se ajoelhou ao lado da cadeira. — O que é isso?

— Pão doce com frutas cítricas. — Vadric pegou algo do prato que parecia bacon e colocou na minha frente. — Coma isso também.

Abri a boca para apaziguar sua insistência e ele me deu a tira de carne. Fiquei tão feliz quando o pedaço de carne crocante tocou minha língua e, de fato, tinha gosto de bacon. Meus olhos quase foram parar na nuca.

Ilya bufou, fazendo com que eu e Vadric olhássemos em sua direção. Ela estava na mesma cadeira que na noite passada, ao nosso lado, enquanto mastigava. Havia uma agitação clara nas linhas de seu rosto ao partir o pão doce com as mãos, com mais força que o necessário.

— Há alguma coisa errada, Ilya? — perguntou Vadric, erguendo as sobrancelhas e estudando a expressão da irmã.

— Você não percebe como está agindo? — Com o pão partido nas mãos, ela gesticulou para mim e Vadric. — Ela é uma humana.

Vadric soltou um rosnado grave do fundo da garganta. Ele ergueu a mão, com uma garra apontada para cima. Era um aviso claro.

— Não fale comigo sobre minhas ações. Eu sou o Lorde e faço o que quiser.

— E o Lorde quer *traçar* a humana. É só um animal de estimação, Vadric! — sibilou ela, esmagando o pão em seu punho.

Vadric se levantou, mais alto que Ilya, lançando uma sombra sobre seu rosto. Seu rugido se intensificou e ele repuxou o lábio superior, mostrando os dentes.

— Mina é mais que um animal de estimação e não vou permitir que fale sobre ela dessa maneira!

Ilya sibilou de volta. Suas bochechas separaram quando ela ameaçou abocanhar o irmão. Engoli em seco e me encolhi no trono, desejando que pudesse afundar na madeira e desaparecer.

Um barulho alto chamou nossa atenção e todos os olhos se voltaram para a porta do salão principal, onde um guarda armado estava largado, respirando com dificuldade. Vadric se endireitou, colocando a máscara de Lorde na mesma hora.

Senti o olhar de Ilya em meu rosto quando a interrupção distraiu Vadric.

— Lorde Ascian — bufou o guarda. Ele se endireitou, segurando o cabo da espada na cintura. — Cavaleiros se aproximam da base da montanha.

Vadric resmungou e passou a mão no rosto. Virou para olhar para mim, logo se inclinando sobre o braço da cadeira.

— Fique aqui e coma o seu café da manhã. Voltarei assim que resolver essa situação.

— Tudo bem — murmurei, atordoada. Ele olhou para a irmã antes de contornar a mesa para sair.

— Tenha cuidado! — gritei antes que ele chegasse à porta. Os passos de Vadric vacilaram e ele parou. Ele se virou, olhando para mim por um tempo, e depois sumiu pela porta com o guarda, me deixando sozinha com Ilya. Eu podia sentir a tensão que ela emanava. Quase podia ver o vapor exalando de suas longas orelhas.

Mordisquei o pão doce em completo silêncio. A saída repentina de Vadric me deixou ainda mais atordoada do que a interação com sua irmã. Ainda estávamos seguros? Quem chegou na fortaleza?

Havia tantos pensamentos em minha cabeça enquanto tentava ignorar Ilya que não notei quando ela se virou na minha direção. Meus pensamentos estavam na segurança de Vadric e nas inúmeras possibilidades sobre o que poderia dar errado.

— Por que ele a trata desse jeito? — A voz dela me trouxe de volta. Senti como se uma aranha gelada caminhasse em minhas costas. — Como você o enfeitiçou, humana?

— Eu não o enfeiticei. — Soltei o pão e ergui a cabeça para encará-la. — Como ele me trata?

— Ele deveria tratá-la como um animal de estimação. Você não pertence ao nosso mundo, humana. Você é muito frágil, coisinha carnuda. Seria muito fácil despedaçá-la. — Ela fechou os punhos ao rosnar para mim.

Me encolhi na madeira dura do trono. Meu coração batia rápido e parei de respirar.

— Desculpe — sussurrei, sem saber o que mais eu poderia dizer para apaziguá-la.

— O meu irmão é o Lorde. — Ela bateu com o punho na mesa. — Você não deveria ser mais do que um brinquedo para ele e, mesmo assim, ele a trata como se fosse seu companheiro.

— Não, não trata. — As palavras escaparam de minha boca para negar sua afirmação antes que eu pudesse entender o que ela falou.

— Ele deseja te proteger, a deixa se sentar em seu trono, na casa da nossa mãe, e a alimenta com as próprias mãos. — Ilya tirou os olhos de mim. Respirou fundo, sibilando entre os dentes cerrados. — Uma companheira humana. Nosso pai se reviraria no túmulo se soubesse.

— Não somos… — Minhas palavras morreram em meus lábios quando alguém abriu a porta do salão de novo. Outro guarda entrou correndo, dessa vez olhando para Ilya.

— Lady Ilya. — Ele fez uma reverência com a cabeça ao parar do outro lado da mesa. — Lorde Ascian encontrou o Barão Knox na ponte levadiça. Eles estão voltando, mas achamos que você deveria saber.

— Knox. — Sua voz saiu abafada. Toda a raiva em seu rosto desapareceu e seus olhos vermelhos foram em direção às portas abertas. Um segundo de silêncio se estendeu enquanto escutávamos, ouvindo algo no final do corredor.

Dois homens riram. Assim que o som chegou aos nossos ouvidos, Ilya se levantou como se o ar a levasse naquela direção. Permaneci parada em minha cadeira, me recuperando do que ela disse.

— Knox! — ela gritou, passando uma das mãos na barriga.

Um momento de silêncio. O som de risos morreu.

— Ilya? — Knox gritou de volta. Momentos depois, pude ouvir o som de suas botas batendo no chão enquanto ele corria pelo salão.

O demônio pálido com o cabelo cor da lua parou na frente da porta. Ilya quase tropeçou ao caminhar ao redor da mesa para encontrá-lo. Ambos ficaram paralisados, estudando um ao outro, parecendo se certificar de que seus olhos não os estavam enganando.

O ar no salão explodiu com a tensão de sua paixão quando eles correram um para o outro. Ilya e Knox colidiram. Knox abraçou sua companheira enquanto ela derretia em seus braços, chorando.

Mesmo que agora ela chorasse nos braços de seu amor, eu ainda morria de medo de Ilya. Apesar de vê-la enlouquecer nesse momento sensível, sabia que, se ela quisesse, poderia me machucar. E era possível que quisesse.

Vadric entrou logo atrás do amigo. Caminhando pelo salão principal, sorriu ao ver Knox e Ilya abraçando um ao outro, desesperados. Seus pés o carregaram pelo salão e vi uma mistura de tristeza com alívio em suas feições quando ele parou na cabeceira da mesa do lado oposto ao meu.

Vadric suspirou. Sua testa estava franzida e os cantos de seus lábios, repuxados para baixo. Uma nova tensão em seus ombros o fazia parecer nervoso, apesar do lindo reencontro que presenciávamos.

Quando olhou para mim, suas mãos seguraram a borda da mesa e ele deixou escapar algo entre um rosnado e um grunhido.

— Mina. — Meu nome soava como um pedido de desculpas. — Achei que teríamos mais tempo.

Senti como se estivesse sendo apunhalada com uma faca direto no peito. Meu sangue parou de correr em minhas veias e não consegui parar de olhar para seus olhos amarelos penetrantes, cheios de angústia.

— Mais tempo? — Depois de tudo o que Ilya disse para mim, eu não sabia o que pensar.

— Sim, para planejar. Rykan já descobriu que fugimos da cidade. Apesar das distrações da insurgência, ele fez seu exército dar meia-volta. — Enfiou as garras na mesa e ouvi a madeira reclamar enquanto ele uivava como uma fera enraivecida. — Preciso fazer planos para a guerra com meu irmão e retomar o que é meu por direito.

Vinte e Sete

Não parecia justo, havíamos acabado de escapar. Minha vida parecia uma montanha-russa que nunca terminava. Um pesadelo com um sem fim de reviravoltas, o que me deixava numa tontura contínua.

Vadric permitiu que Knox e Ilya tirassem um tempo juntos, mas não muito. Antes que eu pudesse me acalmar e entender o que estava acontecendo, eles me levaram até o escritório de Vadric. Ele queria que eu me sentasse ao seu lado enquanto consultava seus soldados de alto escalão e Knox.

Eu me senti como um animal de estimação outra vez. Vista, mas não ouvida, enquanto eles gritavam entre si sobre números, tempo e suprimentos. Não prestei atenção em nada. Afinal de contas, eu era apenas uma humana, sem experiência nenhuma na arte da guerra. Com certeza não a guerra dos monstros.

Quando mencionaram números, minha mente voltou à conversa. Na Terra, eu trabalhava com contabilidade. Dizer que números eram algo fácil para mim era um eufemismo. Essa era a única parte da discussão que eu entendia.

Eles precisavam de ajuda para controlar os números e ninguém queria fazer. Todos os monstros assustadores no escritório de Vadric queriam pular de cabeça primeiro na luta. Queriam sangue e vingança.

Nenhum deles, tirando Vadric, pensava em mim como algo além de um saco de carne e ossos. Nesse mundo, eu era apenas um objeto; mas eu podia ser mais. Podia ser útil.

Eu não tinha mais um emprego. Não tinha propósito além de sobreviver até o próximo dia. Ainda assim, com minha formação em contabilidade e o diploma em matemática, havia a possibilidade de ser alguma coisa aqui. A possibilidade de fazer alguma coisa.

E se eu pudesse ajudar Vadric?

Ele rosnou e socou a mesa depois de algo que um dos soldados falou, me fazendo acordar e afundar na cadeira do seu lado direito. O soldado deu um passo para trás pelo poder que ressoava do rosnado de Vadric. Todos

nesse escritório mal iluminado tinham uma mistura razoável de respeito e medo por seu Lorde.

Será que ele permitiria que eu ajudasse, se pedisse?

— Todos para fora! — ordenou Vadric com um gesto de mão.

— Nós precisamos conversar sobre… — Knox avançou um passo, forçando Ilya a soltar seu braço, em que estava agarrada até o momento.

— Eu não quero mais conversar. Saiam. — Sua voz era calma e seus olhos foram até a superfície da mesa. Ninguém se moveu durante o intenso silêncio. — Saiam! — berrou ele, se inclinando sobre a mesa, o rosto retorcido de fúria. Todos saíram correndo. Knox e Ilya demoraram um pouco mais, esperando que todos saíssem primeiro.

A tensão que se seguiu era dolorosa, pois a irritação de Vadric caiu no ar como um lençol pesado, me deixando colada na cadeira. Agarrei a borda dela, enterrando as unhas na madeira. Meu primeiro pensamento foi que eu precisava sair junto com os outros. Mesmo assim, quando vi Knox passar o braço ao redor de Ilya, guiando-a para fora da sala, achei que não pertencia a nenhum dos dois lados.

Acho que a guerra mostrava o lado feio de qualquer um. Minha mente voltou à noite de nossa fuga, quando testemunhei Vadric despedaçar os guardas em nosso caminho. Ele os brutalizou de uma forma que eu nunca tinha visto na vida. Seu corpo se movia com a graça e habilidade de um animal selvagem, treinado para matar desde a infância. Mas, mesmo agora, ele não era mau comigo.

Deve haver algo errado comigo, pois vê-lo com raiva, ver seu lado primitivo e sentir o medo crescer em meu corpo era como uma mistura sagrada. Eu sentia meu corpo ficar excitado toda vez que sentia medo dele.

Meu impulso de sair ainda estava ganhando. Bem devagar, me levantei, ficando fora da vista de Vadric. Respirei fundo e observei enquanto seus ombros subiam e desciam. E então, a cadeira arrastou no chão quando me levantei e bati nela com a panturrilha. A ponta da orelha de Vadric tremeu com o som e ele virou para olhar para mim.

— Você não, pequena. Você, vem aqui. — Vadric estendeu a mão em minha direção. Achei que fosse desmaiar por prender a respiração por tanto tempo, mas, não sei por que, não conseguia respirar. Não com a pressão que pesava em meu peito.

Coloquei os dedos em sua palma, observando-o envolver minha mão com a sua. A pele azul meia-noite envolveu a minha e seu calor me invadiu com apenas um toque. Meus mamilos endureceram embaixo do vestido e minhas bochechas ficaram vermelhas ao perceber nossa diferença de tamanho.

Com facilidade, Vadric me colocou em seu colo. Sua outra mão envolvia minha cabeça, pressionando-a contra seu peito. Eu podia ouvir seu coração batendo devagar, com cada respiração controlada que ele dava. Então, seus dedos percorreram as ondas de meu cabelo e de repente me senti como uma gatinha sendo acariciada pelo dono estressado.

Eu não me importei com a analogia. Afinal de contas, queria ajudar Vadric de qualquer jeito que pudesse. Se me abraçar o fazia se sentir melhor e diminuía um pouco de sua tensão, eu deixaria que ele o fizesse. Também descobri que gostava quando ele me abraçava. Mesmo ele me aterrorizando por uns breves segundos, não podia negar a sensação quente de conforto que sentia ao estar em seu colo agora.

Minha vida com certeza era uma montanha-russa.

— Como está se sentindo, Mina? — Ouvi sua voz grossa ressoar em seu peito e senti as vibrações em minha bochecha. Aconcheguei meu rosto nele e suspirei, dando de ombros.

— Acho que estou bem. Isso foi bem intenso. — Levantei a cabeça, me afastando para olhar em seus olhos. Vadric tirou uma mecha de cabelo do meu rosto e a levou com cuidado para trás de minha orelha. Foi uma ação simples e, ainda assim, minhas bochechas ruborizaram.

— Só vai piorar daqui para frente. Todos que ficaram esperando por mim estão prontos para guerrear, mas ainda não temos os números de que precisamos. Há milhares lá fora esperando o sinal para se levantar, mas precisamos espalhar a notícia. — Sua expressão caiu enquanto seus olhos estudavam meu rosto. Eu não gostava da tristeza que ele estava me deixando ver.

— Ouvi que você precisa de ajuda para manter o registro dos números. — Aqui estava minha chance de mencionar o assunto. Precisava aproveitá-la enquanto podia.

— Sim. Todos os conselheiros da corte estão na cidade, sendo forçados a trabalhar para Rykan. Por lei, eles servem a quem está no comando, então

não posso odiá-los por isso, mesmo querendo. — Ele expirou enquanto seus dedos acariciavam a curvatura de minha orelha. — Não tenho ninguém aqui que possa gerenciar os números por mim e ninguém quer fazer isso. Eles querem lutar e se preocupar com o resto depois.

Afastei meu lábio inferior dos dentes para parar de mordê-lo, ansiosa. Havia um peso em meu estômago, mas me forcei a esquecê-lo para falar o que queria.

— Bem, você se lembra que falei com o que eu trabalhava na Terra? — Assim que perguntei, Vadric deixou sua mão cair da minha orelha para passá-la por minhas costas. Ele arqueou as sobrancelhas e olhou para mim, talvez seguindo minha linha de pensamento.

— Você é boa com números. — O canto de seus lábios se ergueu. Seu sorriso e suas garras acariciando minhas costas de cima a baixo me deixaram arrepiada.

— Muito. Quero ajudar. Todos me veem como uma humana inútil, mas sei que posso ajudar. — Passei os dedos por um de seus botões dourados. — Quero ajudar *você*.

Vadric não disse nada enquanto absorvia meu pedido, e a maneira como enfatizei que queria ajudar a ele, em especial. Ele parou de passar a mão pelas minhas costas e seus olhos amarelos dilataram um pouco mais enquanto admirava meu rosto. Eu gostava da suavidade em seus olhos quando olhava para mim daquele jeito.

— É claro que você pode me ajudar. Vou lhe mostrar os documentos e os número que temos. — Ele voltou a acariciar minhas costas de cima a baixo, mas havia uma faísca elétrica passando por mim agora. — Sou grato de verdade por seu esforço em me ajudar, Mina.

— Eu posso não saber nada sobre guerra ou o que vai acontecer, mas pelo menos tenho que fazer o que posso enquanto estou aqui. Na Terra, eu tinha um propósito, um papel a cumprir. Talvez eu só precise encontrar isso aqui. — De certa maneira, parecia que eu estava seguindo em frente. Mesmo não estando recuperada por completo após ter perdido meu mundo e meus entes queridos. Era um começo.

— Você pode fazer o que quiser aqui, pequena. Se quiser cuidar dos números enquanto eu travo uma guerra com meu irmão, não vou impedi-la. — Vadric riu, mas suas garras me distraíram ao percorrerem minha cabeça.

Minha respiração falhou quando ele enrolou os dedos em meu cabelo e puxou minha cabeça para trás.

— Ótimo, eu queria mesmo ajudá-lo de qualquer maneira possível. — Minha respiração acelerou e espalmei os dedos em seu peito. Senti o calor percorrer meu corpo ao ver o olhar suave dele se transformar em algo indecente.

Me desloquei em seu colo e senti a ereção embaixo de mim. Um gemido escapou de meus lábios quando me afundei em seu membro, que crescia sob as camadas de nossas roupas.

— Aceitarei a sua ajuda de bom grado. — Vadric se inclinou, encurtando a distância entre nossos rostos, até que pude sentir sua respiração soprando em minhas bochechas. — Você sabe o que quero que faça por mim agora, pequena?

— O quê? — Minha voz era quase inaudível, pois a tensão crescia entre nossos corpos.

Um sorriso diabólico se espalhou por sua boca. Só de ver, senti arrepios se espalharem a toda velocidade por minha pele.

— Um beijo, Mina. Beije-me e não pare.

Vinte e Oito

Minhas bochechas enrubesceram sob seu olhar intenso. O pedido foi simples, mas o desejo em sua voz fez algo diferente criar vida em minha barriga. Beijar poderia ser algo inocente para humanos ou o momento mais apaixonante já compartilhado. Vadric não sabia o que um beijo poderia significar, e não importava.

Apoiei minhas mãos em seu peito e me ajustei em seu colo. Mudei de posição até montá-lo, com o tecido do vestido enrolado em minhas coxas. Graças à altura dele, precisei ficar de joelhos para alcançar seu rosto.

Vadric me observava, sem fazer nenhum movimento para diminuir o espaço entre nós antes que eu o fizesse. Enquanto observávamos um ao outro, minhas mãos saíram de seu peito, subindo para os ombros. Minhas entranhas estremeceram quando me inclinei para frente, meus olhos se voltando para seus lábios carnudos.

Vadric só se moveu quando pressionei meus lábios nos seus. Ele enterrou as mãos em meu quadril, puxando meu corpo ainda mais para perto do seu enquanto nossos lábios se encontravam. Senti sua cauda se enrolando em meu tornozelo. A ponta de sua língua pressionou minha boca e eu a abri, permitindo sua entrada.

Senti sua língua escorregadia acariciando a minha e gemi em sua boca. Vadric inalava todos os pequenos sons que eu fazia conforme aprofundávamos nosso beijo. Enquanto isso, suas mãos passeavam por meu corpo. Uma delas subia pela lateral do meu corpo enquanto a outra descia até minha bunda. Ele agarrou minha carne, apalpando como se quisesse saber o quão macia eu era.

Da última vez em que estive em seu colo desse jeito, eu o quis desesperadamente dentro de mim. Dentro da carroça, Vadric me satisfez usando o rabo, mas ficou com medo de me machucar e se controlou. Mas agora ele não precisava.

Minha intenção era clara quando esfreguei meu corpo no seu. Me contorci contra ele, deixando transparecer todo meu desejo. Seus dedos desceram até a barra do meu vestido, que estava amarrotado em minhas coxas. Senti a empolgação percorrer meu corpo quando ele levantou mais o tecido.

Uma de minhas mãos caiu entre nós e meus dedos puxaram com fúria o cordão de sua calça de couro. Nossas bocas continuaram a trabalhar durante todo o tempo em que nos apressamos. Nosso beijo era tão profundo e animalesco que tudo o que sentia era o gosto de Vadric e todo o ar que eu respirava vinha dele. Quando senti seu pênis rígido solto em minha mão, arfei, mas ele se lançou para frente, continuando a provar da minha boca.

Graças à minha falta de roupas íntimas, não encontrei nenhuma barreira quando angulei seu pau em minha vagina. Sabia que ainda não estava pronta para aguentar todo seu tamanho, então, em vez de enfiá-lo, me esfreguei em seu comprimento, sentindo cada saliência passando em meu clitóris enquanto eu rebolava nele.

Vadric rosnou de prazer ao sentir minha buceta molhada raspando em seu pênis. Ele soltou o vestido, levando a mão ao meu peito. A parte da frente do vestido era tão baixa que meus seios caíram com facilidade assim que o tecido foi puxado um pouco para baixo. Ele não parou de me beijar enquanto esfregava seus dedos em meu mamilo, sentindo os botõezinhos enrijecidos.

Faíscas se espalharam do meu peito até meu âmago assim que ele fez o movimento. A tensão entre minhas coxas aumentou enquanto ele me tocava. Inclinei o quadril para aumentar a pressão em meu clitóris, que roçava em sua ereção. A sensação era maravilhosa. Mais gemidos subiram de minha garganta. Com sua boca desejosa se movendo com a minha, os sons não conseguiam escapar.

Senti a batida rápida de seu coração ecoando o meu próprio. Meus braços envolveram sua nuca para apertar meu corpo contra o dele o máximo que eu podia. Vadric movia o quadril no mesmo ritmo que eu rebolava e fez meu sangue ferver de desejo dentro das veias.

Minha pele ainda estava dolorida depois da noite passada e ele estava tomando cuidado com suas garras. Me segurou com cuidado, preocupado com seu toque em meus seios, além dos arranhões em processo de cicatrização. O incrível aroma do perfume masculino e com uma certa pungência de Vadric preencheu meus sentidos. Eu queria me afogar nele.

Nada quebrou o silêncio no quarto além do barulho obsceno de nossos beijos e o som molhado de minha buceta deslizando por seu pau enquanto minha excitação crescia. A cauda dele apertou ainda mais minhas pernas

enquanto subia por minha panturrilha. O movimento forçou minhas pernas a se abrirem ainda mais, no momento e ângulo certos para que conseguisse adentrar de uma só vez.

— Ah! — Me afastei de seus lábios pela intromissão súbita e avassaladora. Meu corpo se movia contra o dele, como se quisesse se afastar do membro que me empalava. Agarrei sua camisa preta na altura dos ombros e um gemido longo escapou de mim.

O braço de Vadric me envolveu nas costas e senti o ronronar em seu peito. Só conseguia focar na sensação de ter seu pau me alargando. Mesmo com seus olhos dilatando tanto, deixando somente o mar negro, era o fogo em minha buceta que requeria minha atenção.

Ele olhou para mim, faminto como um animal selvagem. Saboreei aquele olhar. Corando por causa de sua expressão animalesca, me permiti a liberdade de elevar o quadril. A vontade de cavalgar nele enquanto minha buceta se ajustava a seu tamanho era incontrolável e logo cedi.

Ao me elevar em seu pau, as garras de Vadric se enterraram em meu quadril. Senti o calor de suas mãos passar pelo vestido. Uma veia em sua têmpora pulsava enquanto ele tentava se controlar, sem se mover, permitindo que eu assumisse o controle.

Eu queria me mover com força contra ele. Queria sentir cada centímetro de sua pele quente e o poder de seus músculos contra mim. Sempre que estava com Vadric, tudo o que eu queria era mais.

Nós nos encaramos, quase paralisados com tantas emoções misturadas que víamos na expressão um do outro. A onda crescente de pensamentos por trás de seus olhos negros tirou o ar de meus pulmões e eu estremeci. No mesmo momento, afundei um pouco mais em seu membro, aguentando mais do que antes.

O pau dele não cabia por inteiro antes. Talvez fosse o ângulo, a posição ou o fato de ele já ter enfiado antes, mas parecia mais profundo agora. Era uma posição perigosa, na qual ele poderia me rasgar ao meio com facilidade se descesse ainda mais em seu membro grosso.

Eu não conseguia mais esconder minha dificuldade em respirar quando ele movimentava o quadril. A onda de prazer que percorria meu corpo me fez jogar a cabeça para trás e soltar um longo gemido. Minha buceta estava tensa ao ser esticada por ele e, mesmo assim, eu apertava seu comprimento.

Ele enfiou as garras em minha pele macia, quase me machucando. Isso fez minha adrenalina aumentar e não consegui mais me segurar. Me ergui e desci em seu pau mais rápido e com mais foça. Sentir suas saliências entrando e saindo de mim fez meu corpo inteiro se incendiar pela intensidade.

Meu quadril me levou ainda mais longe e eu sabia que ele ia mais fundo. Com cada quicada em seu pau eu podia sentir a cabeça batendo em meu colo do útero, como se ele tentasse preenchê-lo. Não havia nada sutil na maneira como ele movimentava seu quadril junto com minha sentada. Senti cada centímetro glorioso e monstruoso dele pressionar os lugares sensíveis de minhas paredes.

Vadric gemeu mais alto enquanto eu cavalgava nele com vontade. Nossos esforços aumentaram com a tensão crescente. A pressão em meu âmago se intensificou e eu sabia que, no momento em que gozasse, não conseguiria parar até que o demônio embaixo de mim acabasse comigo.

Aquele conhecimento ficou preso em minha mente. Nunca soube que meu corpo podia gozar por tanto tempo, mas isso tudo era graças ao maravilhoso e demoníaco membro de Vadric. Algo no qual eu fiquei logo viciada.

A sincronização de nossos movimentos me jogou de cabeça em meu clímax. Senti a pressão em minha barriga ficar mais quente, pronta para explodir. Minhas pernas estremeceram e tremi como louca em seu colo.

— Vadric — gemi alto — Não pare. Eu vou gozar.

— Ah, vai, é? — ronronou ele, malicioso. A corda estava prestes a estourar, então fechei os olhos, me preparando para o momento em que acontecesse.

Antes que eu caísse na maravilhosa liberação, Vadric parou de se mover e apertou a lateral de meu corpo com tanta força que eu parei. Gritei, as pernas se debatendo enquanto ele me segurava no lugar, logo na beirada do precipício.

— Vadric! — resmunguei. Minhas mãos batiam em seus ombros, encravando no tecido como se eu pudesse obrigá-lo a continuar a me preencher até que gozasse.

— Você adora isso, não é, pequena? — provocou. A crueldade predatória em sua voz me fez choramingar. Cada músculo em meu corpo

tensionou e minha buceta vazia pulsava com o desejo de ser destruída por ele.

— Isso o quê? — Respirava com dificuldade. Minha mente estava enevoada por conta do prazer interrompido.

— Gosta quando eu te fodo — Vadric rosnou. Ele abaixou meu quadril de novo, enfiando seu pau devagar em mim, cada delicioso centímetro me arregaçando outra vez. — No começo, não achei que seu corpo frágil de humana conseguisse aguentar. Ainda bem que eu estava errado…

— Ah! — Minhas pernas ficaram tensas e minha cabeça caiu para trás enquanto eu o sentia mergulhar inteiro dentro de mim. Era tão grande que achei que arrebentaria. Mas aquele prazer delicioso surgiu de novo em meu âmago enquanto sentia seu pau pulsando dentro de minhas paredes apertadas.

— Sei que você gosta, pequena, mas quero que fale. — Uma de suas mãos segurou meu queixo com uma força brutal. Ele abaixou minha cabeça para eu olhar em seus olhos. — Diga o quanto gosta quando estou dentro de sua maravilhosa buceta, Mina.

Tentei me livrar de sua mão, mas seus dedos seguravam meu queixo com força e senti suas garras prestes a rasgar meu rosto. Uma respiração entrecortada saiu de mim. Quando assenti, ele soltou um pouco da pressão do meu rosto para eu poder falar.

— É tão bom, Vadric. Adoro quando você está dentro de mim. — Esse monstro acordou algo em mim que eu não sabia que existia. Era de longe o melhor sexo da minha vida. Movi o quadril para frente e ele gemeu. — Amo quando você me fode.

— Hum — ronronou ele, como uma fera satisfeita. — Sei que sim. Agora, grite meu nome quando gozar, para saber a quem você pertence.

Uma de suas mãos enlaçou a parte de trás do meu cabelo antes que eu conseguisse pensar. Puxando meu rosto em direção ao seu, Vadric capturou meus lábios em um beijo escaldante. Com a outra mão, pressionou meu quadril para me mover outra vez ao mesmo tempo que enfiava em mim. A pressão de antes foi reavivada e um calor selvagem percorreu meu âmago.

Cada saliência de seu pau resvalava em meu ponto G e seu comprimento atingia meu colo do útero, me fazendo sentir prazer e dor ao mesmo tempo. Eu estava pronta para derreter em seu colo. A tensão em

meu centro voltou à vida e enlouqueci enquanto Vadric me forçava a cavalgar em um ritmo acelerado.

Cravei as unhas em seus ombros e todos os músculos em meu corpo espasmaram. Não tive escolha a não ser berrar em seus lábios enquanto a pressão em minha buceta explodia.

— Vadric!

Ele lambeu meus lábios e minha boca se abriu. Sua língua se entrelaçou na minha e ele puxou meu rosto de volta para o seu. Vadric sugou minha língua, puxando-a para sua boca, e engoliu cada gemido patético que soltei enquanto gozava sem parar.

Senti meu êxtase extravasar de minha buceta ao redor do seu pau e ouvi as batidas molhadas cada vez que nossos corpos colidiam. Vadric não parou de me beijar, mesmo quando eu tremi sem controle e berrei por conta das repetidas ondas que percorriam meu centro.

Vadric arfava, prolongando o beijo. Meu orgasmo contínuo enquanto eu cavalgava seu pau era demais. Cada vez que sentava nele, minha buceta o apertava mais. Seus dedos pressionaram minha pele com cuidado e seu membro pulsou fundo dentro de mim.

— Ah! — Vadric uivou ao gozar, alto o suficiente para meu tímpano vibrar e os itens em sua mesa cambalearem. Jorros grossos de porra pintaram meu interior enquanto ele gozava e minha buceta tensionada bebia todo o seu suco, sem descanso.

Mesmo depois que seu membro parou de jorrar, Vadric não parou de meter. Ele me forçou a continuar cavalgando em seu pau, o que fez meu orgasmo continuar, sem fim. Senti como se estivesse sendo eletrocutada e todas as minhas terminações nervosas eram como um fio desencapado.

— Vadric! Pare! É demais! — Bati sem forças em seu peito após me afastar de seus lábios. Puxei o ar, desesperada, ofegando e choramingando, pois ele não parou.

— Gosto muito de te fazer gozar, Mina. A sua buceta é a mais doce e apertada que já dominou meu pau. O fato de você não parar de gozar para mim é um presente. — O sorrisinho que ele me deu era maléfico. — Então, continue gozando para mim.

— Não! Não consigo! — Mesmo com minhas reclamações, ele não parou. Vadric parou de enfiar, mas suas mãos em meu corpo continuaram a forçar minha cavalgada em seu pau, enviando um prazer profano por todo meu corpo.

— Consegue, sim, pois é isso o que eu desejo. — Ele usou o tom de voz de Lorde, exigente e autoritário, sem deixar espaço para argumentos. Meu corpo tremia demais. Um novo prazer que eu não conhecia envolveu meu âmago.

— Vadric! — Minhas mãos bateram em seu peito, o empurrando para que parasse. Algo estava vindo e eu não conseguia parar. — Algo está acontecendo, Vadric. Eu não aguento mais!

Então senti um jorro molhado em minha buceta, que se espalhou em seu colo e aumentou o som que nossos corpos faziam ao baterem um no outro. Minha buceta, de alguma forma, o apertou ainda mais e Vadric rosnou de novo. Havia muita fricção e minha buceta ardia. Lágrimas escorreram por meu rosto enquanto um soluço escapava de meus lábios.

Ele enfim parou e eu caí em seu peito, sentindo nossos fluidos misturados em seu colo. Apoiei a bochecha no centro de seu peito, onde conseguia ouvir seu coração bater com força. Vadric envolveu minha cintura com o braço, me segurando com delicadeza. Sua outra mão fazia carinho em minhas costas enquanto meu corpo estremecia, exaurido.

— Você foi muito bem, Mina. Estou tão orgulhoso por você ter conseguido — Vadric sussurrou, sua boca encostada no topo da minha cabeça. — Seu corpo está se ajustando muito bem para me acomodar, minha pequena.

Seu elogio era doce e, ainda assim, sacana. Havia um leve sorriso em meus lábios. Com a exaustão do que acabamos de fazer assolando meu corpo e sabendo que eu havia ejaculado pela primeira vez, não conseguia pensar em nada para dizer.

Vadric e eu ficamos daquele jeito na cadeira. Ele me segurou em seu peito, com o membro amolecendo dentro de mim. Enquanto minha respiração voltava ao normal, podia sentir seu sêmen e meu líquido ao redor de seu pau. Podia parecer nojento, mas gostei da intimidade silenciosa do momento.

— Não sei se conseguirei caminhar durante o resto do dia — murmurei no peito de Vadric, enquanto lutava contra o desejo de dormir bem ali.

Ele soltou uma risada e eu a senti em seu peito, embaixo da minha bochecha. Ele continuou a acariciar minhas costas enquanto sua cauda balançava livre ao redor do meu tornozelo.

— Não tem problema, pequena. Eu carrego você para onde quiser ir.

Vinte e Nove

Com a tensão pesada da guerra sobre nossas cabeças, eu e Vadric tínhamos apenas mais uma semana juntos. Eu ainda não sabia, e isso fez com que eu aproveitasse todos os dias que passamos juntos.

Vadric me mostrou como gerenciar os números e comecei no mesmo instante, disposta a tocar o novo projeto. Surgiram algumas reclamações veladas de outras pessoas, mesmo que não fossem diretas com o Lorde, ainda mais quando ninguém queria o trabalho.

Me sentia útil durante o dia, ajudando a gerenciar a matemática por trás da guerra iminente de Vadric. Contabilizar suprimentos e verificar o total de voluntários que trabalhavam na fortaleza era simples. Pelo menos tinha algo que tirava minha atenção do resto dos monstros do mundo e dos olhos que me observavam.

Barão Knox e Ilya passavam a maior parte do tempo juntos, sozinhos, colocando a conversa em dia e reavivando o que Vadric chamava de vínculo companheiro. Eu só os via quando o castelo se reunia no salão principal à noite, para jantar. Porém, sabia que às vezes Vadric consultava Knox enquanto se preparavam para o próximo passo do planejamento.

Na maior parte do tempo, Ilya fingia que eu não existia, o que era ótimo para mim, já que eu não queria que ela se lembrasse que era capaz de separar minha cabeça dos ombros. Porém, não deixava de notar quando ela olhava na minha direção, me observando quando me sentava no colo de Vadric para jantar. Talvez ela tivesse notado que Vadric só sorria durante o dia quando olhava para mim, mesmo que eu ainda não tivesse notado.

Sentar no colo de Vadric durante o jantar levou a mais do melhor sexo que já fiz na vida sempre que ele me levava para sua cama, à noite. Houve várias coisas que ensinamos um para o outro, noite após noite. Era um milagre que eu conseguisse caminhar algumas manhãs.

As marcas de mordidas e arranhões eram algo quase permanente em minha pele e eu adorava vê-las. Durante o dia, eu me distraía com o gerenciamento do estoque de suprimentos e de repente meus olhos notavam as marcas da noite anterior, de suas garras em meus pulsos.

Nenhum dos monstros do castelo olhava para mim duas vezes quando me viam, o que me deu uma nova sensação de liberdade ao caminhar sozinha quando Vadric estava ocupado. Durante o dia, ele era o Lorde de Nadirn, estoico e dominador, enquanto eu o ajudava como podia. Uma humana contadora, gerenciando os números de uma guerra de monstros. Essa devia ser a mais estranha mudança de vida, não fosse pelo fato de estar sendo fodida pelo Lorde demônio toda noite.

Havia tanto para aprender. Quando não estava trabalhando com matemática, aprendia mais sobre o mundo e as criaturas ao meu redor. Ainda era difícil saber quando estava de dia ou de noite, mas aprendi que os monstros desse mundo eram chamados de Nefellim. Cada um deles inspirou algum tipo de monstro na Terra. Todos os mitos eram baseados em uma versão distorcida da realidade.

A fortaleza contava com uma antiga biblioteca, onde encontrei livros antigos da história desse pesadelo de mundo e sobre os Nefellim. À tarde, depois do jantar, Vadric costumava me encontrava lá, folheando as páginas dos livros e fazendo anotações.

O dia em que encontrei um livro sobre o último humano que caiu pelo portal, para dentro desse mundo, também foi o último dia em que vi Vadric, antes que ele fosse embora. Quem dera eu soubesse com antecedência. Quando ele entrou na biblioteca, larguei o livro no momento em que reconheci o som de seus passos.

— Você está radiante com esses livros, pequena. — Vadric se ajoelhou ao lado da mesa onde estive lendo sob a luz vermelha de uma das janelas de vidro.

— Bem, pensei que, se eu for morar aqui, preciso aprender o máximo que conseguir. Há uma imensidade de livros de história neste lugar. — Olhei para ele e ergui o livro pesado que estava em meu colo. — Nesse livro, eles mencionam o último humano. Se eu continuar lendo, talvez descubra o que aconteceu com ele.

Seus olhos amarelos estudaram meu rosto devagar. Acho que estava lendo minhas emoções e linguagem corporal. O tempo que levou até responder foi um pouco longo demais e me perguntei no que Vadric estaria pensando para franzir a testa.

— Por que você quer descobrir o que aconteceu com o último humano? — perguntou ele, por fim.

— Talvez isso me dê alguma pista sobre o que esperar. Ele fez alguma coisa de sua vida entre os Nefellim ou foi torturado e comido? — Dei de ombros e coloquei o livro de volta na mesa. Sem pensar muito, passei o dedo no bordado de couro da capa do livro.

— Ainda acha que eu deixaria alguém encostar um dedo em você, Mina? — A voz áspera de Vadric me fez olhar para ele. — Não importa o que aconteceu com o último humano, não vou permitir que você seja comida ou torturada.

— Não, não foi isso que eu quis dizer. Sei que você vai me proteger. — Estendi o braço e apoiei a mão em sua bochecha, sem hesitação, mesmo com o rasgo em seu rosto que poderia revelar os dentes afiados. O Lorde Vadric Ascian não me assustava mais, e já fazia muito tempo.

— O que está procurando, pequena? — Havia algo em sua expressão que eu não conseguia ler.

— Só estou pesquisando. Tentando entender o máximo que posso. — O que eu queria mesmo saber era se poderia ser feliz aqui.

Quando olhava para Vadric e pensava em nosso tempo juntos, uma parte escondida de mim sabia que sim, eu poderia ser feliz. Era só um sussurro em minha cabeça, lá no fundo das fendas do meu coração quebrado, que estava cicatrizando. Perder minha família e meu mundo inteiro ainda era uma dor recente, mas eu não podia ficar de luto para sempre.

O que quer que houvesse em meu peito, me levando até Vadric, qualquer que fosse a estranha conexão entre nós poderia ser o suficiente para me ajudar a recuperar o que perdi. Havia mais do que apenas desejo entre nós, eu tinha certeza, depois de passarmos semanas juntos. Era algo que eu ainda não conseguia nomear.

Mas ser feliz com ele? Era possível. Algo em minha alma gritava que sim, mesmo eu ainda não conseguindo ouvir direito.

— Se eu for viver neste mundo, preciso aprender tudo o que posso. Ainda estou tentando entender como saber a hora ou como a hierarquia funciona. Tudo o que você me contou quando nos conhecemos era apenas a

ponta do iceberg. Preciso descobrir o resto. — Enquanto falava, tracei com o dedo a linha de sua bochecha, depois de seu lábio inferior.

— Se for isso, eu entendo. Aprenda tudo o que quiser, pequena. — De repente, Vadric segurou meu pulso e arregalei os olhos. Ele pressionou a ponta do meu dedo em seu lábio e o beijou, o que fez minhas bochechas ruborizarem.

— Obrigada. Além do mais, eu… eu… eu adoro ler. — Minhas palavras se perderam quando Vadric colocou meu dedo em sua boca e o chupou. Senti o calor molhado de sua língua envolvendo meu dedo enquanto seus olhos olhavam fundo nos meus.

Senti a pulsação entre minhas pernas acelerar a cada segundo que passava. Engoli em seco e estremeci ao respirar fundo. Quando ele tirou meu dedo da boca, eu não conseguia me mover por causa de seu olhar profundo.

— Adoro o gosto da sua pele, Mina. — Ele moveu a língua e a ponta flexível se esgueirou pelo lado de dentro do meu pulso. — Cada pedaço de você é tão tentador.

Ele soltou meu pulso. Movendo-se rápido, Vadric segurou os braços da minha cadeira e a jogou para o lado. Levei um susto, incapaz de me mover enquanto suas mãos ágeis puxaram meu vestido fino cor de lavanda para cima, expondo minhas pernas. Seus olhos pretos e amarelos nunca perderam o contato com os meus enquanto ele se abaixava entre meus joelhos.

— Vadric. — Seu nome soou como uma súplica desesperada. Senti seu hálito quente se espalhando em minhas partes mais macias e minhas pernas se abriram, involuntárias.

— Deveria devorá-la agora, pequena? — Suas narinas se alargaram enquanto ele inalava fundo o meu cheiro. Um forte tremor tomou conta de meu corpo e senti um arrepio percorrer minha pele. — O seu cheiro é tão bom. Talvez seja uma boa ideia.

— Não está na hora do jantar? — Enrubesci ao notar que eu parecia estar sem ar.

— Por que eu iria a qualquer outro lugar quando o jantar se encontra diante de mim? — O apetite desenfreado no fundo de seus olhos sempre

tirava meu fôlego, só que dessa vez havia um sorriso malicioso em seus lábios que me fez parar.

Suas mãos enormes e quentes seguraram minhas coxas. Observei o subir e descer pesado de seu peito enquanto ele sentia minha excitação. Seus lábios se abriram e observei sua língua grande e grossa deslizando com intenções perversas.

Então, meu estômago fez um barulho de queixa. Todo o sangue sumiu de meu rosto e paralisei na mesma hora. Por dentro, xinguei meu estômago barulhento conforme observava Vadric se afastar. Ele soltou meu vestido e se inclinou para trás.

— Mesmo a sua buceta saciando a minha fome, acho que devo mantê-la alimentada. — Seu comentário indecente fez meu rosto esquentar e balbuciei palavras aleatórias como resposta.

Vadric fechou os olhos e jogou a cabeça para trás para rir da minha reação atrapalhada, o que me deixou com mais vergonha ainda, mas um sorriso apareceu em meus lábios também.

— Vamos lá, pequena. — Vadric se levantou, ficando muito maior que eu. Ele estendeu a mão e eu a peguei, apreciando a escuridão de sua pele azul se fechando ao redor da minha mão.

— Não notei o quanto estava faminta, desculpe. — O pedido de desculpas era pela interrupção do nosso momento acalorado.

— Ah, não tem problema. Comerei você de sobremesa. — Sua promessa lasciva fez minhas bochechas ficarem vermelhas e foi a única coisa em que pensei durante todo o jantar.

Trinta

Enquanto os outros monstros aceitaram a sua posse sobre mim, seu animal de estimação, e isso me concedeu a liberdade que eu precisava para andar pelo castelo sozinha, eu acreditava mesmo que Vadric apenas adorava me ter em seu colo no final do dia. Sentar no colo de Vadric durante todo o jantar era agonizante. A única coisa em minha mente era o calor do corpo dele no meu.

Lorde Ascian me alimentava de maneira aleatória durante a noite e era algo com o qual eu precisava me acostumar, porque ele fazia isso todas as noites. Mesmo quando eu não aguentava mais comer, Vadric continuava a me pressionar para comer mais, como se estivesse insatisfeito por eu estar cheia.

Com isso, Ilya sempre olhava para mim como se quisesse me matar. Quando lembrei de suas palavras iniciais, entendi o porquê. Mas não importava no que sua irmã acreditava, eu estava convencida de que essa atuação que fazíamos para os outros, de mestre e animal, era tudo o que nosso relacionamento poderia ser.

Afinal de contas, eu era só uma humana e ele, o Lorde de Nadirn. Quão compatíveis poderíamos ser?

— Mina, você precisa experimentar isso. — Vadric trouxe algo aos meus lábios que parecia pão integral e tinha cheiro de especiarias e alho. Notei que havia alguns alimentos nesse mundo semelhantes aos da Terra, o que auxiliava na minha alimentação.

— Já comi muito, Vadric. Estou cheia. — Me desloquei para olhar com mais facilidade para o seu rosto. Ele soltou o pedaço de pão no prato, olhando para mim com segundas intenções.

Mesmo não sabendo suas intenções, com certeza eram maliciosas. Sempre eram, no final do jantar, quando estávamos prestes a ir para a cama. Porém, dessa vez vi algo diferente escondido nas profundezas de seus olhos escuros. Algo que fez meu estômago se contorcer de ansiedade.

— Se não consegue comer mais nada, está pronta para se retirar? — Sua cauda se enrolou em meu tornozelo, subindo devagar por minha perna

enquanto conversávamos. Minhas bochechas ficaram vermelhas quando a ponta tocou em um ponto sensível no interior de minha coxa.

— Acredito que sim. — Estava tão estufada que poderia ser rolada pelos corredores até a cama.

— Tem problema se você voltar sozinha e esperar um pouco por mim? — Vadric perguntou em um tom de voz baixo. Seus olhos encontraram Knox, sentado do outro lado de Ilya.

— Pode fazer o que quiser Vadric, você é o mestre — provoquei em um sussurro. Fiquei feliz que, embora fosse o Lorde de Nadirn, ele perguntava, mesmo não precisando.

— Você está certa — ele brincou, coçando o queixo, distraído. — Eu sou o mestre. Então por que não vai esperar o seu mestre deitada na cama?

Meu rosto ficou vermelho e arregalei os olhos. Havia tanta promessa nessas palavras, o que me deixava ao mesmo tempo nervosa e empolgada.

Dessa vez, quando me movimentei em seu colo, era com um objetivo óbvio em mente. Esfreguei minha bunda em seu pau e rebolei encostada em seu peito. Ouvi seu rosnado baixo e testemunhei quando ele fechou as mãos em punho no descanso de braço de seu trono.

— Estarei esperando. — Não olhei para trás depois que desci de seu colo. O que fiz era provocação suficiente para levá-lo à loucura. Porém, eu sabia que pagaria quando ele chegasse ao quarto, e eu mal podia esperar.

Sabendo que Vadric e Knox poderiam conversar por um tempo maior que o previsto, eu não me apressei para voltar ao quarto. A guerra iminente estava se tornando um fardo enorme sobre seus ombros. Algum dia, não tão longe, tudo desabaria.

Eu tinha pavor de perguntar o que ele tinha planejado. Todos os dias, eu recebia informação suficiente para me sentar na mesa e gerenciar os números. Era só o que eu precisava no momento. A ansiedade da guerra estava me corroendo por dentro, mas era um sentimento que eu preferia ignorar.

Não me apressei ao caminhar pelo castelo, aproveitando para me livrar da sensação de estar cheia demais depois de jantar, e permiti que minha mente divagasse sobre as coisas aleatórias que aprendi na última semana.

Havia tanto para assimilar. Em algumas tardes, enquanto lia na biblioteca, era um milagre que meu cérebro não começasse a escorrer pelas orelhas.

Achei promissor encontrar um livro de história que mencionava o último humano desse mundo, há mais de duzentos anos. Eu precisava me lembrar de voltar e ler aquele livro inteiro quando tivesse tempo. Talvez as experiências daquela pessoa poderiam me dar alguma pista sobre o que esperar, saber se ele tinha vivido uma boa vida.

Chegando ao quarto, tirei o vestido e as meias altas que usei o dia inteiro. Tomei um banho e parei para admirar os cortes e machucados em minha pele, como fazia todos os dias. Todas essas marcas eram prova dos momentos de intimidade que dividia com Vadric. Só de pensar, fiquei com calor e um sorriso se espalhou por meus lábios.

Subi na enorme cama e estremeci de empolgação. Descansei a cabeça nos travesseiros e abri as pernas, que já haviam desabrochado com vida e calor. Pensei na minha primeira vez com Vadric e uma ideia erótica surgiu. Escorregando a mão por meu corpo nu, acariciei minha pele até chegar ao clitóris.

Meus dedos tremiam enquanto eu fazia movimentos circulares sobre a junção de nervos. Pequenos choques de prazer se espalharam por meu corpo enquanto imaginava a língua de Vadric lambendo o interior de minhas coxas antes que enfiasse seu rosto em mim. Só pensar em sua língua entrando em minha buceta era o suficiente para fazer meus dedos dos pés se contraírem.

A porta fez barulho enquanto meus dedos trabalhavam com maior agilidade. Minha respiração ficou ofegante quando vi Vadric entrando. Ele ficou paralisado, deixando a porta se fechar sozinha atrás dele. Senti seus olhos em minha pele e, mesmo assim, joguei a cabeça para trás para gemer enquanto me acariciava.

— Mina. — O rosnado que saiu de seus lábios estava cheio de desejo. Uma risada abafada escapou da minha boca quando senti a cama afundar perto de meus pés. Enquanto isso, meus dedos continuaram a acariciar meu clitóris, espalhando a umidade da minha buceta.

— Pedi para você me esperar — ele rosnou. Uma mão enorme e quente envolveu meus tornozelos, me puxando para baixo. Guinchei com o movimento abrupto, abrindo rápido os olhos, e vislumbrei um demônio azul

com os lábios cerrados com força. Assim que o vi, senti um tremor em meu âmago.

— Eu esperei por você — respondi, enquanto Vadric subia em mim. Minhas mãos acariciaram minha barriga e subiram até meus seios, enquanto ele observava com interesse. — Mas você não disse para não começar sem você.

— Culpa minha não ter sido claro. — Sua voz estava repleta de sarcasmo, o que me deixou feliz. — Mas parece que você preparou muito bem a minha sobremesa. Será que posso provar, pequena?

— Pode. — Lambi os lábios, observando enquanto Vadric abaixava a cabeça em direção à parte de baixo do meu corpo.

Ele me deu uma lambida, sentindo o gosto da minha pele ao descer pela minha barriga. Parou no meu quadril, mordendo com gentileza, mas forte o suficiente para eu sentir cócegas em minha pelve. Eu me contorcia toda vez que ele fazia qualquer um desses movimentos provocativos.

As mãos poderosas de Vadric agarraram a parte de trás da minha perna, suas garras pressionando a pele delicada da parte de dentro da minha coxa de um jeito perigoso. Mechas de seu cabelo negro faziam cócegas em mim e sua respiração ofegante atiçava minha buceta molhada. Eu só conseguia prestar atenção em sua língua serpenteando, pingando saliva.

Quando a ponta de sua língua circulou meu clitóris, elevei o quadril. Exclamei pelo calor que aumentava em meu corpo como resposta a cada contração em minha flor do prazer. Ele usou suas mãos para separar ainda mais minhas pernas, forçando minha buceta a abrir. Vadric enfiou a língua ali, o que me fez arquear as costas sobre a cama.

Agarrei seus chifres e senti seu rosnado de resposta em minha buceta. Ele não disse em voz alta, mas eu sabia que gostava quando eu pegava em seus chifres. Como ele era muito grande para eu tocá-lo o tempo inteiro, essa era a oportunidade perfeita para fazê-lo. E era perfeito ter algo em que me segurar enquanto cavalgava em sua boca.

Sua língua era macia e se movia por minhas paredes com facilidade. Eu podia ouvir o som que ele fazia ao se deleitar em mim enquanto esfregava seu apêndice maleável em cada parte sensível, o que pressionava minha barriga. O calor em meu ventre ficou mais forte enquanto ele me fodia com a língua. Eu não conseguia parar de me contorcer.

— Ah, merda! — Ele enfiou ainda mais sua língua e um prazer indescritível consumiu meu corpo. A pressão que sentia foi liberada, fazendo com que eu revirasse os olhos de prazer.

Vadric não teve pressa ao engolir todo o meu estímulo antes de retirar a língua. Minhas pernas tremeram com aquela sensação e eu gemi mais uma vez. Respirando com dificuldade, olhei para cima, com a visão borrada, e vi Vadric se levantando da cama.

— Adoro o gosto do seu gozo, Mina. Você é uma humana muito doce. — Ele lambeu os beiços, malicioso, fazendo meu coração bater mais rápido. Observei, paralisada, respirando com dificuldade enquanto ele tirava a roupa.

Meus olhos percorreram cada parte de sua pele azul-escura. Mais uma vez, lembrei do céu na Terra. Eu nunca mais veria o céu azul, mas podia olhar para Vadric o quanto quisesse.

Enquanto ele subia na cama e percorria meu corpo, acolhi o calor tentador de sua pele. Acariciei seu corpo com as mãos, desfrutando das saliências de seus ombros e clavículas. Sua pele era resistente e tão quente. Eu queria pressionar meu corpo inteiro ao dele e ficar nesse abraço para sempre.

Fechei os olhos, na expectativa do que estava por vir, a sensação de tê-lo dentro de mim. Ele se acomodou entre minhas pernas, mas, em vez de me preencher, Vadric permaneceu de joelhos.

— Não feche os olhos ainda, pequena. Quero que você veja enquanto a preencho. — De repente, ele segurou meu queixo, apertando minhas bochechas com sua garra e arranhando um pouco a minha pele. Abri os olhos, obrigada a olhar para baixo. — Está vendo o que faz comigo?

Vadric soltou meu rosto para acariciar seu enorme pau azul. Ele estava duro, era cheio de saliências e pulsava. Só de olhar para ele fiquei com água na boca e minha buceta começou a pulsar em seu próprio ritmo.

Ele pressionou a cabeça em minha abertura, esfregando contra meus lábios molhados. Cada vez que seu membro passava em meu clitóris, minha respiração falhava. Eu sabia que Vadric estava me provocando só de ver o sorriso malicioso em seus lábios.

— Ah! — Estremeci quando ele enfiou. A intrusão súbita fez meu sangue parar e congelou todo o ar em meus pulmões. Cada centímetro que

ele metia devagar me forçava a respirar com cuidado, tamanha era a severidade da situação.

Vadric rosnava com um prazer animalesco enquanto enterrava tudo o que tinha dentro de mim. Quando seu quadril encostou no meu, fechei os olhos e suspirei com a satisfação de nossa união. A dor de ser esticada de uma maneira incompreensível diminuiu quando meu corpo liberou a tensão.

Cada saliência de seu pênis esfregava em meu ponto G quando ele retirava. O membro de Vadric me esticou outra vez e uma corrente elétrica percorreu meu corpo quando ele enfiou de novo em mim. Cada vez que ele tirava o pau ou me empalava, sempre sentia um prazer incontrolável, algo que nunca imaginei. Não havia momento desperdiçado no caminho para me levar até o limite.

— Você não me quer dentro de você, não é? Você *precisa* de mim. — Vadric pontuou cada palavra com um impulso do quadril.

— Sim — ofeguei, concordando com vigor.

— Não se preocupe, pequena. Vou te dar aquilo que deseja. — Suas palavras provocavam meus sentidos. Vadric segurou meu pescoço, elevando meu queixo com o dedo. Ele escorregou a língua pela lateral do meu pescoço, fazendo meu corpo estremecer.

Comecei a movimentar o quadril para encontrar o dele. Nossos corpos se moviam em perfeita sincronia. Eu apalpava seu peito e ombros, explorando sua pele como louca enquanto ele se movia sobre mim. Quando ele começou a se mexer mais rápido, minha respiração também acelerou. Segui os sentimentos de euforia e nos elevamos mais e mais.

Notei que dessa vez Vadric e eu não estávamos brincando. Não havia nenhum jogo selvagem, nem dor erótica junto com o prazer. Dessa vez, era diferente. Cada toque era carinhoso e cada movimento, delicado.

Porém, a sensação de ter seu pau grosso dentro de mim confundia minha mente e eu não conseguia pensar em mais nada além da minha experiência extasiante. Não havia nenhum pensamento em minha cabeça, além do desejo de chegar ao clímax com Vadric, pois era disso que eu precisava.

— Por favor. — A palavra escapou de meus lábios em um tom de necessidade e queixa.

Vadric diminuiu o ritmo, olhando para mim com seu sorriso malicioso, antes de rosnar sua resposta:

— Por favor o quê?

Eu não sei o que eu queria. Minha visão ficou nebulosa e balancei a cabeça, incerta sobre o que dizer. Havia muito calor entre nós e a pressão em meu centro crescia rápido.

Vadric desceu a cabeça até a lateral do meu rosto. Senti sua respiração quente em meu pescoço, roçando em meus ombros nus. Ele encostou o nariz em minha orelha, fazendo um arrepio passar por meu umbigo e descer até meu clitóris. Minhas paredes apertaram ainda mais o seu membro quando ele puxou o lóbulo da minha orelha entre seus lábios.

— Vadric! — Passei as unhas em seu peito. Os músculos de minhas coxas ficaram tensos e meu quadril tremeu.

— É muito divertido provocar seu corpo pequeno e macio. Seus guinchos e gemidos são como música para os meus ouvidos, Mina. — Suas presas beliscaram meu pescoço com cuidado. — Agora, cante para mim.

Aquele monstro sabia o que fazer comigo quando impulsionou o quadril contra mim. Cada saliência de seu pau encontrou o ponto certo no mesmo instante de sua ordem. Um gemido longo se libertou de meus lábios enquanto eu explodia ao redor dele.

Meu orgasmo passou através de mim e não se esvaiu com cada estocada do quadril de Vadric. A sensação da minha buceta o apertando a cada onda do meu clímax o levou ao limite. Ele uivou e perdeu o controle, com socadas implacáveis dentro de mim.

Seu novo ritmo me deixaria machucada por dentro pela manhã, mas eu não estava nem aí. A sensação era de outro mundo e meu corpo continuou no clímax. Todo o meu corpo tremia, prestes a sucumbir, se transformando em gelatina.

Mesmo depois de gozar, Vadric não parou de meter. Eu ouvia a cama balançar embaixo de nós e o som de nossos corpos suados colidindo um contra o outro. A névoa em minha mente aumentou com o cheiro inebriante de sexo no ar. Eu queria me afogar em tudo o que Vadric era e o que estava acontecendo conosco.

Meu corpo parou por completo pela intensidade do meu orgasmo incessante. A respiração ficou presa na garganta e eu parei de gritar. Vadric retirou seu membro, forçando um poderoso abalo secundário a percorrer meu corpo quando suas saliências passaram por meu ponto G.

Ainda tremendo, Vadric me puxou para baixo das cobertas e contra seu peito. O calor de seu corpo e a cama me envolveram no mesmo instante, o que ajudou a diminuir a tensão em meu corpo. Senti o coração de Vadric batendo no peito, quase tão rápido quanto o meu.

— Você ficará segura aqui, Mina, eu juro. — Seu tom de voz era quase inaudível quando me fez a promessa. Parecia urgente e, mesmo em um estado meio adormecido, prestei atenção.

Acariciei sua pele com meus dedos e aconcheguei a cabeça em seu peito, inspirando seu perfume masculino e pungente. Seu corpo enorme me protegeu como em uma gaiola, o que me dava uma sensação de aconchego e conforto.

— Sinto que estou segura agora, Vadric.

Ele soltou um suspiro pesado, mas senti que o peso do mundo o estava puxando para baixo. Eu o abracei com mais força, desejando apaziguar suas preocupações. O abraço de Vadric também se intensificou e senti a mesma urgência e desejo.

Enquanto adormecia, estava consciente de seus dedos acariciando meu cabelo com adoração e da maneira ardente que Vadric me segurava perto de si. Parecia que ele nunca queria me largar, e eu também não queria.

Meus sonhos foram agradáveis e dormi profundamente a noite toda. Porém, quando acordei, o lado da cama oposto ao meu estava frio e vazio. Vadric havia ido embora e compreendi que o carinho que recebi durante a noite foi seu jeito de dizer adeus.

Trinta e Um

A cama estava gelada, o que dizia que Vadric havia saído no início da noite. Ele saiu em silêncio, sem dizer uma palavra. Foi embora sem me acordar para dizer adeus, o que partiu meu coração muito mais do que eu gostaria de admitir.

Perder minha família e meu mundo ainda era uma ferida recente demais em meu peito. O enorme buraco onde meu coração deveria estar ainda doía. Enquanto a presença de Vadric e as coisas da fortaleza eram boas distrações, o tempo ainda não havia curado meu luto.

Nessa última semana, houve manhãs em que, ao acordar, via que Vadric já havia se levantado, estava fazendo suas rondas do dia pelo castelo e se preparando para a guerra com Knox. Mas, dessa vez, eu não tinha dúvida de que era diferente.

Fome e um pouco de esperança de que eu estivesse errada me fizeram pular da cama e ir procurá-lo. Saí do quarto logo após me vestir. Talvez eu ainda encontrasse Vadric em algum lugar conversando com Knox, Ilya ou Anakis enquanto se preparavam para marchar contra Rykan. Porém, tirando os criados, o castelo estava vazio. O silêncio era tão ensurdecedor que ecoava em meu crânio a cada passo que eu dava.

Até o salão principal estava vazio. O café da manhã ainda estava disposto, embora houvesse somente o suficiente para aqueles que ficaram para trás. Meu corpo se movia no piloto automático enquanto escolhia o que comer dentre as opções. Assim que me sentei, as portas se abriram, chamando minha atenção.

Ilya entrou no salão. Ela usava um vestido brilhante dourado e roxo que acentuava a barriga e destacava a linda cor de sua pele. Seus olhos vermelhos focaram em mim e eu enrijeci. Aquele momento se estendeu enquanto estudávamos uma à outra. Porém, não vi a raiva costumeira por mim em seus olhos e notei que eles estavam inchados.

Quando ela se virou, senti meus músculos relaxarem e meus ossos derreterem. Respirei fundo para me acalmar, observando Ilya pela visão periférica enquanto ela empilhava a comida em seu prato. Para meu pavor e surpresa, ela se juntou a mim na mesa em que eu estava, se sentando de frente para mim.

Fiquei paralisada, minhas mãos congelando no pão doce que eu estava rasgando. Mantive os olhos na salsicha gordurosa em meu prato enquanto Ilya suspirava pesado. Tentei engolir, mas minha garganta estava seca e eu não conseguia mover a mão para pegar algo para beber.

— Eles foram para a guerra. — As palavras de Ilya quebraram o silêncio e confirmaram minhas suspeitas. — Saíram no meio da noite, sem dizer uma palavra. Todos eles.

— Sinto muito. — Eu não sabia por que disse isso. As palavras começaram a sair como se outra pessoa estivesse usando minha boca. — Eu queria que tivessem dito alguma coisa.

O tinir de seu garfo batendo na mesa me fez erguer o olhar. Seus lábios estavam pressionados um no outro, tremendo, enquanto ela lutava para controlar a emoção que a preenchia. Parecia bastante transtornada.

— Faz parte da tradição. — Ilya se forçou a dizer as palavras. Notei como seus ombros pareciam tensos e ela colocou a mão na barriga. Um rosnado escapou de seus lábios e seu rosto se retorceu como se ela estivesse com dor.

— É uma tradição estúpida — brinquei.

Ilya sibilou, mas saiu como um som controlado de ar passando por seus dentes, e não uma ameaça.

— Dizer adeus antes de uma batalha é reconhecer o risco de morte. Se você não reconhece a morte, é mais difícil que ela a encontre.

— Interessante — admiti. — Mas continuo não gostando.

Fiquei surpresa ao ouvir Ilya rindo, mesmo quando mais um rosnado encurtou sua risada. Ela apertou o garfo com tanta força que o metal entortou.

— Você está bem? — perguntei. Era óbvio que não estava, mas, depois de alguns olhares raivosos que recebi dela, estava com medo de perguntar.

— É o bebê. Estou com essa dor a manhã toda. Uma das criadas disse que é só uma dor de parto falsa. — Ilya não conseguiu respirar fundo antes que outra contração retorcesse sua barriga e ela berrasse.

— Ilya, não tenho certeza se é um alarme falso. — Ela ouviu e olhou para mim. Franziu as sobrancelhas enquanto seus olhos vermelhos me encaravam.

— O que você sabe? — rosnou ao perceber com quem estava falando. Eu era somente o animal de estimação do seu irmão. Queria revirar os olhos, mas não havia tempo. Era óbvio que Ilya estava com problemas e gemendo mais alto a cada contração.

— A minha mãe era médica de mulheres e parteira. Ela me fez assistir vídeos de mães dando à luz para que eu não transasse sem camisinha quando era adolescente. — Tentei rir da lembrança, mas a tensão no salão estava pesada. — Sei mais do que gostaria.

Ilya empurrou o prato de comida para o lado e rosnou baixo. Suas garras cravaram o tampo da mesa quando ela se levantou. Assim que ficou de pé, outra contração veio e Ilya tropeçou. Ela parou acocorada, segurando a barriga enquanto gritava.

Me levantei um segundo depois e então a porta se abriu e um único guarda entrou. Ele notou que Ilya segurava a barriga e gritava.

Ela conteve seus gritos tempo suficiente para notar que ele havia entrado e deu sua ordem.

— Chamem o médico!

— Ele não está aqui, Vossa Senhoria. O médico está a dias de distância. Há mais alguém que gostaria que eu buscasse? — Os olhos azuis e vibrantes do jovem se arregalaram ao notar o que estava acontecendo e ele entrou em pânico.

Ilya berrou de novo. Dessa vez, ouvi barulho de água atingindo o chão de pedra. O corpo dela inteiro tremeu ao respirar fundo.

— Sua bolsa acabou de estourar, Ilya. O bebê está vindo agora. — Senti um arrepio percorrer meu corpo e uma bola de ansiedade se alojou em minha garganta. Entrei em ação sem pensar duas vezes.

Apontei para o guarda, o que chamou sua atenção. Ele piscou, como se só agora notasse que eu estava no salão.

— Vá buscar água quente e toalhas e qualquer um nessa fortaleza que tenho um histórico com partos.

Ele não se moveu.

— Agora! — ordenei, tentando invocar o tom que Vadric usava para comandar. Funcionou, e o jovem guarda saiu correndo.

Passei para o outro lado da mesa num piscar de olhos. Ilya estava apoiada na superfície com uma das mãos. Não hesitei em pegar sua mão para chamar sua atenção. Ela rosnou quando olhou para mim, mas nesse momento outra contração veio, cortando seu rosnado.

— Você pode não gostar de mim, mas, no momento, acho que somente eu posso ajudá-la. — Era muito cedo na manhã para isso e minhas emoções estavam à flor da pele. Contudo, isso não tinha a ver comigo ou meu relacionamento tenso com Ilya. A coisa mais importante agora era o bebê, e ela sabia disso.

Ilya assentiu com a cabeça e soltou a mesa. Ela era duas cabeças mais alta que eu, mas encontrei forças para segurá-la. Demos apenas alguns passos em direção à porta quando outra contração fez com que Ilya caísse. Com meu apoio, consegui abaixá-la devagar até o chão, longe da poça de água.

Ela berrou e apertou minha mão com tanta força que foi um milagre não ter quebrado meus dedos. Arqueou as costas e parou de respirar por completo quando a dor tomou conta.

— Ilya, preciso verificar como está o bebê. Você me dá permissão?

As lágrimas em seus olhos ao me encarar fizeram meu coração parar. Naquele momento, o mundo pareceu paralisar. Esperei pelo que pareceu uma eternidade antes que uma compreensão silenciosa caísse entre nós e Ilya assentiu com a cabeça.

Memórias de tudo o que minha mãe ensinou voltaram no mesmo instante. Verifiquei a barriga de Ilya para me certificar de que o bebê estava na posição correta e então fui entre suas pernas para checar sua dilatação.

— Jesus Cristo, quem disse que era alarme falso? — Meu coração parou. — Ilya, o bebê já está saindo!

A bolsa tinha acabado de estourar, mas eu via com clareza o topo da cabeça do bebê, que já tentava sair para este mundo. Um mundo com o céu vermelho-sangue e monstros por todos os lados. Um mundo ao qual esse bebê pertencia.

Em vez de responder, ela berrou outra vez. Sua cabeça caiu para trás enquanto eu focava no bebê que estava por vir. Não precisava dizer para ela empurrar. Por instinto, Ilya empurrou e grunhiu.

— É isso mesmo, Ilya, continue empurrando. — Se minha mãe pudesse me ver agora…

Não demorou muito para que o guarda voltasse com criados que carregavam as toalhas e a água quente. O mundo se movia como se estivesse embaçado e eu quase não ouvi a mim mesma pedindo cobertores e uma tesoura afiada enquanto falava para Ilya continuar empurrando, além de pedir para ela respirar. Todos os conhecimentos passados por minha mãe não pareciam o suficiente, mas funcionaram.

Ilya estava dando à luz na manhã em que os guerreiros partiram para a guerra e seu bebê estava nascendo com a ajuda de uma humana. Nesses momentos, o que ela sentia por mim não importava, pois assumi o controle da situação e tirei o bebê de seu corpo.

Assim que a cabeça saiu, segurei o bebê e o puxei com cuidado. Meus olhos foram arrebatados pela visão de um bebê com a pele violeta e mechas brancas de cabelo. Ele não tinha chifres ainda, mas aprendi que os chifres cresciam mais tarde.

E então, eu segurava um menino em meus braços e as criadas me ajudaram a cortar o cordão umbilical. Eu estava nas nuvens, embalando aquele lindo neném em meus braços. O milagre da vida me pegou desprevenida e fiquei atordoada, sem conseguir me mover ou pensar em qualquer coisa.

Ilya suspirou assim que a tensão deixou seu corpo. A pressão de dar à luz foi embora, mas eu sabia que a qualquer segundo ela sentiria a dor traumática do parto. Ainda não havia terminado.

— Aqui. — Devagar, entreguei o bebê para uma criada que esperava com uma toalha limpa. Precisei de mais força de vontade do que imaginei para entregá-lo, mas reconheci Meela e cedi.

Meela limpou o bebê com ajuda de outra criada e eu auxiliei Ilya com os últimos passos do parto. Havia sangue por todo o lado, mas não achei muito, considerando seu tamanho. Ela não se movia, observando o filho com atenção, permitindo que eu a limpasse da melhor forma possível. A imundície do parto estragou o lindo vestido e as toalhas, mas o bebê estava vivo. Era só isso que importava.

No momento em que o ouvi chorar pela primeira vez, a tensão se dissipou. Alívio e alegria tomaram conta na mesma hora. Todos no salão se

apressaram para ajudar, sorriram e riram ao recepcionar essa nova vida ao mundo.

Observei como se estivesse em transe o momento em que entregaram o bebê para Ilya. Me levantei enquanto Meela jogava um cobertor por cima dela, lhe concedendo um momento de descanso. As dúvidas em minha mente me instavam e o vazio em meu peito latejava, mesmo com tanta felicidade ao meu redor. Sair dali parecia a coisa certa a se fazer. O pensamento de que eu não pertencia àquele lugar martelava em minha mente, então caminhei em silêncio.

Quase no mesmo instante, Ilya ergueu a mão. Ela segurou meu pulso, me mantendo no lugar. O bebê estava deitado em seu peito, mas ela olhava para mim com seus profundos olhos vermelhos. Seus lábios se partiram e seus olhos cintilaram.

— Qual será o nome dele, Vossa Senhoria? — perguntou Meela, quebrando o silêncio.

Ilya manteve os olhos focados em mim, soltando meu pulso devagar. Colocou as mãos de novo no bebê e novas lágrimas jorraram de seus olhos.

— Minak. — Meu sangue congelou e os olhos vermelhos dela penetraram os meus. — Vou chamá-lo de Minak.

Trinta e Dois

|VADRIC|

Os dias se misturavam enquanto o enorme exército às minhas costas marchava em direção ao inevitável. O tempo parecia passar devagar enquanto eu e Knox reuníamos nossas forças por toda Nadirn. A cada dia, mais notícias chegavam sobre Rykan e seu exército de traidores.

Dias se transformaram em semanas. Aquelas semanas se tornaram um mês. Mesmo assim, nosso número crescia a cada dia. O sentimento de guerra e morte sempre presente nos esperava adiante e nos espreitava às costas, mas não havia mais como voltar.

Se permitíssemos que Rykan continuasse como o Lorde de Nadirn, ele com certeza arruinaria os Nefellim. Nosso povo sofreria com aquele bastardo como líder. Era óbvio que já estavam sofrendo. Nefellims maiores que a vida estavam deixando as terras e indo para o mar. Alguns evitavam a ameaça que Rykan representava, entrando em hibernação estendida.

Uma pressão inquietante atravessava o ar. Eu sentia, Ilya sentia, Knox e Anakis também sentiam. Não tinha ideia de como alguém em Nadirn podia seguir Rykan e sua reivindicação ao trono como bastardo. Estava além da compreensão. Ele oferecia nada além de promessas vãs de grandeza.

E essa não era a única complicação em minha vida. Enquanto os dias passavam, senti uma dor no peito. Uma sensação incômoda em meu coração. Às vezes parecia que havia um instinto dentro de mim, que queria que eu voltasse…

Bem no fundo, eu precisava voltar para ela. Sabia que era ela. Não poderia ser mais nada. Nunca em minha vida senti uma atração por outra fêmea como sinto por ela. Não importava como fosse pequena ou frágil, também era forte e muito mais corajosa do que ela imaginava.

Mina Varlet. Minha pequena e macia humana.

Ninguém havia trazido à tona tal ternura em mim antes. Esse desejo de protegê-la era incomum para mim. Aqueles que estavam em meu círculo pessoal também reconheciam esse fato.

Eu não queria somente protegê-la, queria devorá-la por inteiro, das maneiras mais animalescas e terríveis possíveis, queria consumi-la até que fôssemos um. Queria preenchê-la e satisfazê-la por completo para que ela não conseguisse comparar as sensações que eu despertava com mais nada em sua vida.

— Por que você está parecendo tão desamparado? — Knox incitou seu nuckelavee para se juntar ao meu. Os trotes constantes de seus cascos no chão e de outros milhares ecoavam pela floresta.

— Não estou desamparado, só com muita coisa na cabeça — respondi, endireitando os ombros. — Há muito no que pensar.

— Estamos em guerra. A única coisa em que precisamos pensar é como brandir nossas espadas e como a cabeça de Rykan ficará em uma estaca — rosnou Knox, segurando as rédeas com mais força.

— Ele pode ter me injustiçado, mas não gosto de pensar na cabeça do meu irmão sendo arrancada de seu corpo. Nós crescemos juntos. — As memórias doíam ainda mais depois de sua traição.

— Crescemos e, ainda assim, ele o destituiu e o mandou para a masmorra para definhar — rosnou Knox, contorcendo o rosto. — Ele teria matado o meu filho com Ilya só por achar que um dia a criança poderia reivindicar o trono dele. A sede de sangue que possui é enorme e, para você conseguir fazer o que deve ser feito, a sua sede de sangue precisa ser maior.

— Preciso matar meu irmão. Eu sei, Knox. — A tensão em meus ombros pareceu aumentar ainda mais com a pressão de minhas obrigações. — Ele nunca teria a chance de matar a criança. Ainda bem que Ilya está a salvo na fortaleza.

— E tenho certeza que meu filho já nasceu — sibilou Knox. Era um som carregado de angústia e frustração. Simpatizei com meu amigo pelos momentos que ele perderia.

Meus pensamentos foram até Mina. Ela com certeza também estava a salvo na fortaleza. Ilya não estava feliz, mas eu sabia que ela não machucaria Mina, e os outros Nefellim não se importavam com sua presença. Para eles, ela era mais uma curiosidade do que qualquer outra coisa. Suas habilidades com os números impressionaram muitos habitantes da fortaleza.

Com certeza, ela era impressionante. Tive muita sorte que tenha aparecido em minha vida. Se não fosse a tradição, teríamos conversado mais antes da partida. Doía pensar que ela acordou na manhã seguinte e sentiu minha falta. Mina ainda não conhecia todas as nossas tradições.

Ela estava bem sem mim por perto? Será que minha pequena humana sentia minha falta? Ela pode não ter mais medo de mim, mas o nosso relacionamento era…

— Está pensando na humana? — Knox interrompeu meus pensamentos de novo.

— Sim. — Não havia motivos para mentir. Knox me conhecia a mais tempo que Ilya. Ainda éramos jovens quando ela nasceu, mas Knox me conhecia melhor do que ninguém.

— Por que está sofrendo pela humana? Ela é só uma coisinha pequena. — Senti seus olhos claros em mim. — Está certo que o trabalho que ela fez foi útil, mas qual sua utilidade a longo prazo? Quais as chances de sobreviver neste mundo?

— Ela sobreviverá. Farei com que sobreviva. — Sem perceber, cerrei os punhos e dentes com força. — Farei o que for preciso para garantir sua segurança.

— Quando ouvi a comoção no mercado e apanhei a humana, nunca esperava que você se interessasse. Eu a peguei para distrair Rykan. A pequena conquistou a atenção do irmão errado. — Knox riu, se achando muito engraçado.

— Eu não esperava que isso fosse acontecer. — Era hora de admitir para mim mesmo a razão por eu achá-la tão atraente, o porquê de eu não resistir a ela.

— Por que você a manteve por perto? — Knox limpou a garganta antes de chegar mais perto e sussurrar em meu ouvido: — O que eu quero dizer é: por que a mantém em sua cama em vez de só usar seus conhecimentos?

Revirei os olhos quase até a nuca por causa de sua pergunta.

— Eu deveria tê-lo matado quando descobri que você estava montando em minha irmã.

— Achei que tínhamos superado isso! — Knox se engasgou e se afastou. — Você sabe que não conseguimos nos controlar. Ilya é minha

companheira.

— É simples assim, então. — Minha voz ficou mais baixa. Knox permaneceu em silêncio, olhando para mim enquanto pensava no que eu havia falado.

— A humana é… isso é possível? — Ele expirou, quase chocado demais para falar. Porém, não chocado o suficiente.

— Parece que sim. Não consigo mais negar minhas suspeitas. — Joguei a cabeça para trás, olhando pelas aberturas das árvores na direção das duas luas no céu vermelho. — Mina é minha companheira.

— Então rezarei para todos os deuses antigos e novos pedindo que você derrote Rykan. Meu neném e a sua humana dependem do seu sucesso. — As pessoas teriam esperado algum comentário esperto vindo de Knox depois da revelação, mas os que o conheciam de verdade sabiam que ele era mais inteligente.

— Então continue rezando. Quero muito sobreviver a essa guerra.

Não importa quão longa seja.

Mina era minha companheira. Eu não tinha dúvidas. Não havia outra maneira de explicar a sensação de ter uma pedra em meu peito que me fazia agonizar em sua ausência. Ela deveria estar ao meu lado, sempre. Uma parte tola de mim desejava que estivesse ao meu lado agora, cavalgando em direção à batalha.

Mais dias se passaram enquanto cavalgávamos pelo território, aumentando nossos números devagar. A insurgência só conseguiu distrair Rykan por um tempo e, quando ele soube de minha fuga, seus próprios números aumentaram sob sua ameaça aos cidadãos para se juntarem a ele.

Knox e eu enviávamos cartas para a fortaleza sempre que podíamos, mas os mensageiros de guerra eram muito lentos. Era importante tomar cuidado com a comunicação. As cartas eram vagas. Ilya e Mina estavam a salvo e tinham suprimentos suficientes.

E, desde que Mina estivesse viva, eu conseguiria prosseguir. Mais um dia próximo à guerra, mais um dia próximo de retornar para ela. Quando chegasse o dia de enfrentar Rykan no campo de batalha, eu saberia o que precisava fazer.

No fim, eu precisava matar meu irmão. Se mostrasse piedade, ele poderia escapar e tentar me destituir outra vez. Ele era uma ameaça cruel ao meu reino e, caso sobrevivesse, não sei o que poderia acontecer com Mina.

Rykan poderia destrui-la só por diversão. Se aquele canalha colocasse suas mãos nela, não sobraria nada. Mina era minha companheira, e disso eu não tinha dúvidas. Não podia deixar que nada acontecesse com ela, mesmo que isso significasse que precisava acabar com meu irmão e arrancar fora sua cabeça.

Após mais um mês marchando, acampando e fortalecendo nossos números, ouvimos notícias sobre Rykan levantar acampamento perto do Vale dos Ossos. Um lugar horrível, de difícil locomoção, com torres brancas de pedra que pareciam chegar ao céu. Mesmo assim, nosso plano era ir até ele.

Nas profundezas do Vale dos Ossos, eu travaria minha última batalha contra meu irmão bastardo. Assim que arrancasse sua cabeça, poderia retomar meu trono. Se sobrevivesse. Mas, pelo bem de Mina, eu precisava sobreviver.

Trinta e Três

Caminhando pelos corredores compridos da fortaleza, cumprimentei com a cabeça os criados e outros Nefellim fugitivos de guerra. Mulheres, homens, crianças e idosos. A cada dia que passava, mais pessoas apareciam, procurando refúgio, após se depararem com o exército de Vadric. Às vezes, traziam pequenas mensagens, que nos diziam pouco sobre como estava a guerra.

Eu ficava aterrorizada toda vez que havia uma frase se referindo a uma pequena batalha que travaram pelo caminho. Várias semanas haviam se passado desde sua partida e eu não sabia se um dia acordaria com a informação de que ele se fora para sempre. As semanas logo se transformaram em meses de solidão e angústia.

Somente à noite, quando estava sozinha nos lençóis, que não tinham mais o cheiro dele, eu me permitia sentir aquelas emoções horríveis. No conforto da cama, eu chorava e lamentava a família que perdi, e agora o lorde demônio que roubou meu coração e foi embora com ele.

Durante os dias, me mantive ocupada. Não era algo que eu entendia, mas parece que os deveres de líder sobraram para mim. Tudo o que Ilya fazia antes do nascimento de Minak agora eram minha responsabilidade. Não houve uma conversa. Um dia, acordei e notei que havia acontecido debaixo do meu nariz. Me tornei a Senhora da Fortaleza e, na ausência de Vadric, minhas palavras agora eram lei.

Com a ausência do Lorde Ascian, meus dias eram cheios. Sem dizer nada, eles queriam que eu aprendesse o básico sobre Nadirn o mais rápido possível. Precisei resolver conflitos entre os convidados da fortaleza mais de uma vez e, na maior parte dos dias, assegurava que possuíssemos a quantidade adequada de provisões disponíveis. Às vezes, supervisionava e ajudava a preparar as refeições.

Entretanto, meu papel favorito e mais importante era ajudar com Minak. No momento, eu caminhava pela fortaleza com o bebê aninhado no peito amarrado com um pedaço de tecido. Esse não era um dos deveres implícitos que eu precisava realizar; esse eu queria mesmo fazer.

A situação entre Ilya e eu mudou de maneira drástica depois que ajudei com o parto do seu menino. Nesses dois últimos meses juntas, formamos um vínculo que nunca esperaria acontecer nas primeiras semanas em que nos conhecemos. Sua hostilidade desapareceu da noite para o dia.

Era uma mudança muito bem-vinda. Agora, eu enfim tinha uma amiga, alguém que não era Vadric, para cuidar de mim nesse mundo dos monstros. Com a ajuda de Ilya, ficou mais fácil aprender sobre o mundo e seus habitantes. Passávamos horas juntas na biblioteca, lendo livros históricos e educacionais enquanto passávamos o bebê agitado de uma para a outra.

Dobrei uma esquina e, imaginando se Minak estava agitado, olhei para baixo e vi que ele havia dormido. Esse era o jeito que ele mais gostava de dormir, embrulhado contra o peito enquanto a gente caminhava, mesmo quando a caminhada durava mais de uma hora. Beijei a cabeça de Minak, com seus cabelos espetados, e voltei para o quarto de Ilya e Knox.

Após bater na porta e não receber resposta, entrei. Ilya estava deitada em uma espreguiçadeira de frente para a lareira. Sua boca estava aberta e ela roncava fazendo barulho. Eu ajudava com o bebê o máximo que podia, mas sabia que ainda assim ela estava exausta. Esses dias também estavam me desgastando.

— Acho que você cansou a sua pobre mãe — sussurrei para Minak. Sentei na cadeira em um canto do quarto, sobre almofadas de veludo, para descansar os pés. Minak se mexeu dentro do tecido e fiquei paralisada por um segundo, preocupada que ele acordasse agora que eu havia me sentado. Soltei o ar assim que ele se acalmou e voltou a dormir quando fiz carinho em suas costas.

Minha energia estava baixa nesse último mês e imaginei que fosse toda a emoção me alcançando. Não tive nenhum dia de descanso depois que conheci Vadric. Acho que a vida era assim mesmo, quando o destino te jogava no meio de uma guerra entre irmãos. Com Vadric ativo no campo de batalha, pensei que deveria cuidar de tudo o que precisasse dentro da segurança da fortaleza.

Ajudar com Minak e cuidar de minhas novas responsabilidades não me ajudava muito a suportar a ausência de Vadric. Quando estava sozinha, à noite, eu sentia o vazio deixado por ele. Todas as marcas que ele deixou em meu corpo desapareceram no primeiro mês e eu não tinha mais nenhuma

prova de que estivemos juntos. Nada mais do que a lembrança de seu toque e nossas noites explorando um ao outro.

No escuro da noite, eu tentava fingir que ele estava aqui, tocando em mim, me satisfazendo. Nunca era o suficiente e meus dedos não eram capazes de fazer o que Vadric fazia. Não havia nada que se comparasse ao apetite desenfreado em seus olhos e à paixão delicada de seu corpo. Nenhum amante me fez sentir do jeito que ele fazia.

O que nós tínhamos era diferente de qualquer emoção que já nutri por um humano. Era novo e, mesmo sendo aterrorizante ter esses sentimentos enquanto ele estava longe, ainda assim era excitante. Apesar de minhas preocupações todas as manhãs, eu sabia que ele estava vivo. De alguma maneira, conseguia sentir.

O ronco do outro lado do quarto travou, como o motor de uma motocicleta. O pensamento fez uma risada escapar de meus lábios, ao imaginar Ilya na Terra, tentando andar de moto. Era injusto que em minha imaginação ela era perfeita na estética de demônia motoqueira.

O ronco parou e ela se ergueu na espreguiçadeira. Virou a cabeça, procurando com os olhos cansados. Quando me viu segurando Minak, seus ombros relaxaram e ela soltou o ar, despreocupada.

— Olha só quem está acordada — brinquei, rindo de leve.

— Há quanto tempo estou dormindo? — Ilya passou a mão em seu cabelo desgrenhado, respirando fundo e piscando para se livrar do sono.

— Só algumas horas. Minak ficou agitado depois de comer, então caminhamos até ele capotar. Ele acabou de dormir. — Era meio-dia agora, e uma hora boa para o neném tirar uma soneca. — Você descansou bastante?

— O suficiente. — Seus olhos vermelhos estavam distantes ao olhar para o fogo bruxuleante. Ilya também sentia sua solidão a consumindo por dentro. Ela precisava cuidar de um bebê enquanto seu companheiro estava na guerra e seus irmãos tentavam se matar.

— Chegou uma carta enquanto você dormia — avisei, sentindo o peso do pedaço do papel no bolso do vestido. Uma criada me encontrou logo que comecei a caminhar com o bebê.

— Quando? — Ilya se virou para mim com os olhos arregalados. — O que dizia?

— Um mensageiro a entregou pela manhã, mas a criada que a recebeu só me encontrou agora há pouco. — Movi Minak com cuidado para conseguir tirar o papel do bolso. O bebê não perdeu um segundo de sono.

— Eles estão vivos? — A angústia em sua voz partiu meu coração em mil pedaços. Eu sabia que minha voz sairia igual se fosse eu a fazer a pergunta.

— Estão — respondi. — A carta diz que enfrentarão Rykan no Vale dos Ossos. — Um lugar que vi somente em ilustrações de vários mapas de Nadirn. Mesmo os esboços do Vale pareciam tão inóspitos como o nome dizia.

Ilya se encolheu, soltando um sibilo, e sua cabeça caiu nas mãos. Tudo o que eu podia fazer era observar enquanto ela lutava contra as emoções, tentando manter o controle sobre seu desespero.

— Pelo menos eles estão vivos. — Seus olhos estavam inchados de lágrimas não derramadas. Eu a vi colocar uma máscara figurativa em suas feições, para esconder a inquietação interior.

— E tem mais. — Quando falei, Ilya fechou os olhos outra vez. — A mensagem disse que, se Vadric vencer Rykan, ele enviará alguém para nos acompanhar até a cidade.

— Acho que faz sentido. — Ela afundou na espreguiçadeira. — Ele vai precisar se reafirmar como Lorde legítimo assim que a batalha terminar. O que inclui reestabelecer a cidade depois da guerra. Será mais fácil para Knox e Vadric focarem em seus trabalhos se outra pessoa levar suas companheiras até a cidade.

— Ah, sim. — Deixei o bilhete na mesa em frente a mim e envolvi Minak, que dormia encostado em meu peito, com o braço.

Não era a primeira vez que Ilya fazia um comentário sobre eu ser a companheira de Vadric, e tenho certeza de que não seria a última. No começo, ela parecia odiar a ideia, mas agora agia como se fosse apenas um fato. Eu não tinha certeza se era possível.

Senti seus olhos vermelhos queimando o meu rosto de tanto que ela encarava. O silêncio se estendeu enquanto ela me fuzilava e eu a ignorava. Eu sabia que tinha sentimentos inquestionáveis por Vadric, mas isso significava que nós tínhamos o vínculo de companheirismo dos Nefellim?

— Você sempre soa como se duvidasse que Vadric seja seu companheiro. Não quer ser a companheira dele? — A pergunta repentina me assustou. Meu sangue congelou em minhas veias e eu estremeci.

— Eu não sei se isso é possível, Ilya. Nós não sabemos se posso dar a ele o que você e Knox tem. — Também não era a primeira vez que eu pensava nisso.

Na Terra, sempre soube que queria uma família grande. Como era filha única, era o meu sonho ter quantas crianças eu pudesse com alguém que amasse. Meu coração e minha alma acreditaram que esse sonho morreu assim que passei pelo portal.

— Você quer dizer filhos? — Ilya acertou em cheio e meu coração se partiu. Não ajudava essa conversa se dar enquanto eu segurava um bebê nos braços.

— Talvez. Afinal de contas, sou apenas uma humana. — Qual seria a possibilidade de um demônio e uma humana começarem uma família juntos?

— Vadric tratou você como um macho trata a companheira, não tenho dúvidas. É indiscutível o papel que você representa. — Ilya moveu as mãos com desinteresse, como se sua opinião fosse definitiva.

— Qual a diferença de tratamento entre sua companheira e outra fêmea para um macho Nefellim? — Pressionei os lábios um no outro enquanto esperava a resposta.

— Ele a alimenta primeiro, antes de ele próprio comer. Mas Vadric foi bastante além, ao alimentar você com as próprias mãos. Esse tipo de devoção é difícil de ver. Suponho que ele ficou entusiasmado ao fazer você atingir o clímax quando acasalaram? — Ilya perguntou, e meu rosto ficou vermelho igual a um tomate.

Ficamos próximas nesses últimos dois meses, mas esse nunca era um tópico de nossas conversas.

— Acredito que sim. — Não sabia como responder, então dei de ombros e mordi o lábio inferior.

— Seu clímax dura muito mais quando comparado a como se sentia com outros machos? — A falta de vergonha dela ao fazer essas perguntas

me deixava envergonhada. Fiquei tão vermelha que parecia que ia pegar fogo.

Em vez de responder com palavras, olhei para o chão e assenti com um aceno rápido de cabeça.

— Isso só acontece entre companheiros. As fêmeas Nefellim terão um orgasmo mais duradouro com um parceiro entusiástico de maneira a preparar o corpo para a gravidez. Se Vadric não fosse seu companheiro, isso não aconteceria. — Uma de suas sobrancelhas se ergueu, esperando minha resposta.

— Bem. — A palavra escapou de meus lábios. — Eu, com certeza, sinto algo por ele.

Queria levar a conversa em outra direção. Os Nefellim não tinham os mesmos problemas que os humanos ao conversar sobre relacionamentos, mas eu ainda queria evitar essa conversa com a irmã dele.

Ilya suspirou enquanto balançava a cabeça.

— Isso é óbvio. Você tem o mesmo anseio que eu tinha em meus olhos quando Knox e eu nos separamos pela primeira vez. Vadric o enviou a negócios depois de nos encontrar juntos. Nós ainda não havíamos contado que éramos companheiros e ele estava chateado. Quando Knox voltou, a situação tinha se acalmado, mas não deixei que ele saísse da minha cama por pelo menos uma semana.

— Acho que é isso mesmo. — Eu conseguia imaginar com facilidade o que ela estava falando, depois de tudo o que me contou sobre o vínculo de companheiro que tinha com Knox. Mesmo não querendo.

Ilya voltou a me encarar. Dessa vez, a encarei de volta, levantando a sobrancelha em uma pergunta silenciosa. Ela inclinou a cabeça de lado e olhou para mim de cima a baixo. Seus olhos pousaram em seu filho em meus braços antes de voltar a me avaliar.

— Você teve o seu ciclo recentemente? — No momento em que meu cérebro registrou suas palavras, senti o sangue evaporar do meu rosto.

— Não pensei nisso. — Desde que Vadric foi para a guerra, não pensei nisso nem uma vez. Se pensei, era para lembrar da primeira vez que ele sentiu o cheiro do meu sangue e me fodeu sem dó com a língua. Aquela noite aconteceu há três meses.

— Desde antes da partida de Vadric? — Ouvi a pergunta de Ilya, mas meus pensamentos estavam descontrolados.

Meu estômago se revirou enquanto eu tentava pensar se havia menstruado desde que cheguei aqui. Eu não conseguia me lembrar de outra vez em que estive menstruada além daquele momento íntimo com Vadric.

— Sabe, quando caí pelo portal e perdi minha família da Terra, não achei que fosse conseguir formar outra. — Meus ciclos sempre foram regulares e agora eu estava chocada e me perguntando se isso poderia mesmo estar acontecendo.

Minha vida virou do avesso e nunca parei para pensar nisso. Com a loucura da guerra, a necessidade de cuidar da fortaleza durante a ausência de Vadric e ajudar Ilya com Minak, isso nunca me ocorreu. Nem uma vez. Eu não menstruava há três meses; desde a noite em que conheci o Nefellim por quem me apaixonei, a noite que iniciou o nosso relacionamento incomum.

— Nós somos uma família agora, Mina. Você é minha irmã. — Ilya sorriu e vi o reflexo do fogo em seus olhos vermelhos. — Vadric é o seu companheiro e, se você está carregando o herdeiro do Lorde de Nadirn, não tem mais como negar.

Meu corpo ficou paralisado. Tudo o que conseguia sentir era o bebê encostado em meu peito e uma pedra quente enterrada em meu coração. Estava na hora de admitir que estava apaixonada por Vadric Ascian e ele era meu companheiro de verdade. Porém, isso trazia uma nova onda de agonia.

Pois agora eu podia estar grávida e ele se encontrava prestes a entrar em uma luta até a morte. Tudo isso parecia impossível e eu não sabia como tinha chegado até aqui.

Assim que senti as lágrimas escorrendo por minhas bochechas, Ilya se levantou da espreguiçadeira. Em um piscar de olhos ela estava agachada do lado da cadeira, envolvendo a mim e a Minak, enquanto eu chorava.

— Vai ficar tudo bem, Mina. Vamos pedir para o médico verificar e descobrir se é verdade. Então, vamos esperar e rezar para os deuses antigos que a guerra termine com o nosso lado vencedor. — Ouvi as palavras de Ilya, mas não conseguia responder por cima do choro.

Rezei para todos os deuses de quem eu sabia o nome, tanto da Terra quando de Nadirn. Não importava qual fosse a verdade, ou o que aconteceu,

eu sabia em minha alma que precisava que Vadric ganhasse a guerra e voltasse vivo. Mesmo se tivesse que matar seu irmão para realizar essa façanha. Ele precisava voltar para mim.

Trinta e Quatro

|VADRIC|

Nós encharcamos o vale de sangue. Molhamos o chão com traços vermelhos. A evidência de uma batalha travada. Pedaços de vísceras e ossos se espalhavam até o horizonte. Eu ouvia o barulho de pedras e esqueletos sendo esmagados sob minhas botas a cada passo que dava.

Minha espada pingava com o sangue viscoso de meus inimigos. Era um dia lamentável e glorioso sob o céu vermelho brilhante. Meu irmão estava morto; meus inimigos, aniquilados. Eu precisava comemorar minha vitória e balancear a tristeza do que precisei fazer. Ambos pesavam em meus ombros enquanto eu tinha a visão perturbadora da morte no campo de batalha.

Agora, o Vale dos Ossos merecia mesmo esse nome. As ossadas de Nefellims mortos assombrariam o lugar para o resto da eternidade. Traidores e guerreiros por circunstâncias infelizes compartilhavam seu derradeiro local de descanso, pois um bastardo cometeu o erro de supor que poderia governar.

Parei por um instante e minhas pernas agradeceram. Me virei, espiando sobre o ombro uma última vez para o monte de terra onde havia enterrado Rykan com minhas próprias mãos, encharcadas com seu sangue. Podia sentir o sangue em minhas mãos e a terra granulada entre meus dedos.

Achei que sentiria algo mais ao olhar para trás uma última vez. Porém, dentro de mim não havia mais raiva ou determinação para dizimar e destruir. As chamas da guerra se esvaíram, me deixando gelado e vazio. Nada mais do que um vazio negro permanecia em meu peito nesse momento.

Onde estava a emoção de uma morte bem-sucedida? Ou a euforia por ganhar uma guerra? Eu estava muito cansado para sentir qualquer coisa.

As duas luas espreitavam no céu acima, como olhos desiguais e vigilantes de um deus crítico. Eu mataria todos os deuses antigos também, se fosse preciso. Apesar de estar em um estado irracional e desprovido de

emoção, sabia por que havia feito o que precisava hoje. Era o único pensamento que restava em minha mente exausta.

Precisava proteger minha companheira. Precisava manter minha pequena humana viva. Precisava fazer o que fosse necessário para garantir que Mina não apenas sobrevivesse, mas tivesse um lugar para prosperar pelo resto de sua vida.

Observei Anakis sair das sombras e da poeira arrastando sua lança manchada de sangue, mancando com a perna esquerda. Todos seus quatro olhos se arregalaram quando me viu.

— E então, ele esssstá em ssssua cova? — sibilou ela, entre os dentes.

— Sim. Enterrei Rykan. — Respirei fundo, sentindo o cheiro pútrido de morte misturado com sangue, mijo, merda e suor. — Você viu Knox?

— Ele esssstá machucado, mas vivo. Foi levado até a tenda do curandeiro enquanto vocccê cavava a ssssepultura. — Anakis se virou na direção por onde nosso exército chegou marchando, onde os curandeiros e os suprimentos nos esperavam.

— Ótimo. Precisamos contar os sobreviventes, curar quem se feriu e voltar para o coração de Nadirn. — Invoquei o último pingo de força que possuía para embainhar minha espada, lutando para permanecer de pé enquanto minha energia se dissipava, depois da adrenalina da batalha sumir de meu organismo.

— Ssssim. — Ela assentiu com a cabeça, concordando com minhas ordens. — Você precissssa reivindicar o trono o quanto antessss.

— E vou. — Meu punho estava cerrado ao lado do corpo, minhas garras se enterrando nas palmas das mãos para me manter alerta. — Mas primeiro preciso que alguém leve uma mensagem para a fortaleza, informando que a guerra acabou. Após seis longos meses, vencemos.

— Eu vou. E alguém para acompanhá-lossss até a cidade? — Anakis não estava se referindo somente aos refugiados da fortaleza, mas a Mina e Ilya também. Minha companheira humana e minha irmã. A única família que me restava.

— É claro. Se enviarmos o mensageiro mais rápido até a fortaleza, imagino que elas chegarão à cidade duas semanas depois de nós. Terá que

ser tempo o suficiente para reivindicar o meu lar e limpar a cidade da influência de Rykan. — Óbvio que não seria tão fácil assim.

— Vou me retirar. — Anakis inclinou a cabeça em reverência.

— Anakis. — Fiz com que ela parasse. — Não se esqueça de descansar. Foi uma batalha difícil, e não foi uma vitória fácil. Você merece um descanso depois de lutar com tamanha bravura. Se precisar de mim, estarei com Knox.

— Sssim. Obrigada. — A voz dela desapareceu em meus ouvidos, que ainda ouviam o tinir de metal batendo em metal e os uivos de soldados morrendo.

Como seis meses se passaram tão rápido? Uma noite eu estava com Mina, tocando sua pele macia, com palavras na ponta da língua, que eu deveria ter dito a ela. Agora, estava longe, tentando me lembrar de sua voz quando tudo o que conseguia ouvir eram os sons da morte.

Após comandar meus generais para que organizassem a resolução do campo de batalha, arrastei meu corpo fatigado até a tenda dos curandeiros. A cada passo que dava, minhas pernas ficavam ainda mais pesadas, parecendo feitas de pedra. Senti dor em meus ossos e cada pequeno machucado em meu corpo. Alguns ainda sangravam, horas depois do golpe ser desferido.

Meus passos vacilaram e coloquei a mão no rosto, esperando limpar os momentos que me atormentavam. O som da espada retalhando o corpo de meu irmão e a luz se apagando em seus olhos ficariam comigo para sempre. Ele não falou as últimas palavras em seus últimos momentos. Nada além de um gorgolejo, enquanto o sangue bloqueava suas vias aéreas.

Foi isso que ganhei com a vitória. Enquanto os guerreiros sobreviventes comemoravam e me saudavam ao passar, tudo o que eu via era a imagem de Rykan morrendo. Depois do que fiz, havia me transformado no monstro que Mina temia que eu fosse. Uma vozinha em minha cabeça sussurrou que eu não merecia seu calor e seus sorrisos.

Na entrada da tenda do curandeiro, afastei aqueles pensamentos. Anakis já teria encontrado um mensageiro. Antes que eu pudesse impedi-los, alguém viajaria até a fortaleza e a buscaria. Mesmo que meus pensamentos durante a exaustão fossem negativos, tentei pensar nos momentos felizes que teríamos assim que nos reuníssemos.

De volta à mansão no coração de Nadirn, alguém traria Mina até mim, na sala do trono. Eu só teria algumas semanas para dissipar a corrupção que Rykan havia espalhado pela cidade antes que ela chegasse.

Aquele pensamento era o suficiente para me dar uma nova energia, por tempo o suficiente até que conversasse com Knox. Seus ferimentos eram pequenos e o curandeiro me assegurou que ele sobreviveria. Após conversar com o curandeiro, o encontrei no final da tenda, enrolado em bandagens manchadas de sangue, respirando com dificuldade, mas acordado.

— Acabou? — resmungou ele, tentando se sentar em sua maca. Sentei no banco ao lado da maca e deitei Knox com uma só mão. Eu não sabia se conseguiria me levantar assim que a onda de exaustão me atingisse.

— Acabou — respondi. O silêncio recaiu sobre nós, enquanto contemplávamos o que isso significava. Knox quebrou o silêncio primeiro, depois de vários minutos ouvindo o barulho do exército agitado do lado de fora e os curandeiros conversando.

— Ilya… — começou ele. O nome dela era somente um sussurro em seus lábios secos. Pronunciado de maneira suave e cheia de reverência, como se fosse uma oração.

— Já pedi para que alguém as buscasse, meu amigo. — Me recostei no banco, cruzando os braços. Meus olhos estavam pesados demais para que eu os mantivesse abertos, apesar de todo o sangue que eu via assim que os fechava.

— Mal posso esperar para vê-la de novo. Para ver meu filho. — Uma tosse seca o interrompeu, fazendo seu corpo e a maca tremerem.

— Eu sei. Nós as veremos em breve. Só mais algumas semanas. Assim que conseguirmos nos mover, vamos para a cidade. — Fiquei inconsciente, minha cabeça caindo para frente antes que conseguíssemos falar mais alguma coisa.

~~~

Dormi por dois dias. Quando acordei, Knox havia parado de sangrar e o mensageiro da fortaleza já se encontrava bem adiantado. O Vale dos Ossos se tornou um cemitério e planejamos que todos os soldados e guerreiros voltassem para suas casas.
~~~

Marchamos por mais uma semana até chegarmos à cidade. Rykan havia deixado tudo uma confusão antes de sair. Os guardas que deixou não fizeram seu trabalho e saqueadores corriam pelas ruas. A população pediu por ajuda no momento em que nossa procissão despontou no horizonte.

Na primeira semana em que voltamos, erradiquei os traidores que auxiliaram Rykan a roubar meu trono. Foram apenas alguns dias sangrentos de lutas no meio da rua para separar suas cabeças dos corpos. No final da primeira semana, eu estava na mansão, sentado em meu trono.

Dias e noites pareciam iguais. Imagens de meu irmão morrendo ou o sorriso triste de Mina atormentavam meus sonhos. Eu não conseguiria descansar até tê-la em meus braços. O desejo de tê-la a salvo, na cidade e ao meu lado, era o que me motivava todos os dias.

Os Nefellim trabalharam juntos assim que os saqueadores e os traidores se dispersaram ou morreram. Todos na cidade que conseguissem trabalhar passavam o dia inteiro limpando e devolvendo a ordem quando Rykan deixou o caos. Passamos longas horas limpando o coração de Nadirn e meus súditos me deixaram orgulhoso de ser seu Lorde.

No final da segunda semana, já estava em meu trono, ouvindo as reclamações e apelos dos cidadãos. Era difícil ficar parado depois de meses em movimento, batalha após batalha. Pensar em manter Mina segura era a única coisa que me impulsionava. As paredes pareciam se misturar na Sala do Trono e todo mundo queria a mesma coisa.

Quando os guardas avistaram os refugiados entrando na cidade, foi muito difícil me concentrar. Eu sabia, com certeza, que alguns deles vinham da fortaleza escondida. E, mesmo assim, a cada dia que passava, nenhum deles era Mina ou Ilya.

Knox ainda estava se recuperando; porém, sua inquietação crescia. Eu sentia o mesmo quando a terceira semana se passou. Refugiados continuavam a chegar e, ainda assim, não ouvimos nada sobre Ilya ou Mina.

— Os saqueadores roubaram minha colheita, Lorde Ascian. Não tenho comida para alimentar minha família agora que utilizamos todos os nossos estoques — o fazendeiro explicava sua situação. Minhas garras batiam com ansiedade no braço do trono enquanto ele falava.

— Dê a esse homem comida o suficiente para sua família e meios para ele recuperar sua colheita, agora! — ordenei. Seu pedido era muito parecido

com os demais.

Enquanto o acompanhavam para fora, esfreguei a mão na testa. Estava transbordando de ansiedade. Minha preocupação crescia a cada dia, pensando que algo poderia ter acontecido e…

— Meu Senhor! — Um guarda entrou correndo pelas portas pretas da sala do trono. Ergui a cabeça na mesma hora, focando nele. Senti todos os músculos em meu corpo ficando tensos, pronto para uma luta, se fosse preciso.

— Aconteceu alguma coisa? — Meu coração acelerou ao notar a empolgação em seus olhos arregalados.

— A Senhora de Nadirn chegou! — Suas palavras fizeram meu coração bater mais forte até que lembrei que Ilya era chamada de Senhora antes de partirmos para a guerra. Mesmo estando muito feliz por ver minha irmã, ela não era a Senhora que eu desejava reencontrar depois de meses de guerra.

Ouvi múltiplas vozes do outro lado da porta. As conversas exaltadas eram altas. Minhas pernas se moveram antes que eu notasse e, de repente, estava de pé. Desci do tablado onde ficava meu trono, os olhos fixos nas portas. Elas se abriram e as vozes animadas logo pararam de falar.

Knox passou pela porta. Mesmo com o braço machucado, ver uma criança em seus braços me deixou atordoado. Ilya apareceu atrás dele, seus olhos transbordando com lágrimas.

— Irmão — ela me cumprimentou com a cabeça —, estamos em casa.

— Ilya! Esse é o meu sobrinho? — Encontrei-os no meio do corredor e senti adoração preenchendo meu ser ao ver o bebê e minha irmã, sãos e salvos e em casa.

— Sim. — Ela riu, estendendo a mão para tocar meu braço. — Mas não somos os únicos a voltar para casa. Faz bastante tempo que você não vê sua Senhora. Imagino que esteja morrendo de vontade de saber se ela está bem.

— Mina? Sim. Onde ela está? — Minhas palavras saíram de uma única vez em um rugido animalesco, pois não me importava em esconder a vontade de matar a saudade de minha companheira.

— Viajar com um bebê demora, sabia? Mas viajar nas condições em que ela se encontra também não é fácil. — Ilya colocou a mão nas costas de Knox, se virando em câmera lenta para olhar para as portas do corredor.

Não tive tempo para pensar nas palavras de Ilya antes que um guarda abrisse as portas. Arregalei os olhos para ver uma barricada de dez soldados, segurando suas armas, prontos para proteger um único indivíduo. Quando o guarda que liderava me viu, deu o comando para dispersar.

Cada um daqueles que estavam de armadura preta se afastou, revelando a pessoa no meio que esperei meses para ver. A minha pequena e frágil humana e o sorriso doce em seus lábios rosados. Um sorriso que era todo meu.

Mina deu um passo para frente, as camadas de seu vestido preto estilo teia de aranha balançando ao redor de suas pernas. Pensei que estava preso em outro sonho quando a ouvi falar meu nome.

— Vadric.

Ela abanou sua pequena mão, atraindo meus olhos ao colocar a palma da mão em sua barriga enorme. Fiquei atordoado com a visão, refletindo se o que eu via era possível ou não.

— Mina? — Sem nenhum aviso caí de joelhos na sua frente. Estendi a mão e seu sorriso não vacilou, mesmo quando as lágrimas escorreram por seu rosto.

O mundo girou ao meu redor. Somente a sensação de seus dedos macios segurando meu pulso e me puxando para frente me trouxe de volta à realidade. Meu sobrinho ria no colo de Knox enquanto eu sentia a palpitação da vida que crescia na barriga de Mina.

— Estou tão feliz que você está vivo. Senti tanto a sua falta. — Mina chorava sem resguardo. De joelhos, estávamos cara a cara, e tirei os olhos de seu corpo para olhar seu rosto. Ela era etérea, brilhando como um ser divino.

— A cada dia que passava, sentia mais a sua falta. Agora que você está aqui, mal posso acreditar no que estou vendo. — Coloquei ambas as mãos em sua barriga e sentia o calor que emanava de dentro.

— Bem, é melhor acreditar. Proíbo você de me engravidar e sair para a guerra outra vez, está me ouvindo? — Mina chorava, mas a sua risada

entrecortada me fez sorrir.

— Nunca mais a deixarei. Você é minha companheira, pequena. Preciso que fique comigo. — Estendi a mão até seu rosto sem pensar duas vezes.

Mina fechou os olhos e pressionou a testa na minha enquanto eu segurava seu rosto em minhas mãos.

— Sei que sou. Agora cale a boca e me beije logo.

— Como a senhora ordena, eu obedecerei. — E nunca fui tão feliz ao obedecer uma ordem do que naquele momento.

Trinta e Cinco

Vadric Ascian, o Lorde de Nadirn por direito e o líder dos Nefellim, havia voltado para o trono. Em algum momento durante minha jornada assustadora para este mundo, me vi ao seu lado. Nos encontramos em uma masmorra, onde nossa inegável atração nos uniu. Agora, estávamos juntos na sala do trono, sabendo o que significávamos um para o outro.

Não havia dúvida alguma em minha mente que esse demônio de mais de dois metros, com chifres, era meu. Em todos os sentidos da palavra, o destino quis que eu e Vadric ficássemos juntos. Pode ter sido esse o motivo pelo qual o universo me enviou pelo portal. Porque eu sou dele. Estávamos destinados a ficar juntos.

Éramos companheiros.

— Como isso é possível? — Vadric acariciou a minha barriga enorme com a mão enquanto nos aconchegávamos juntos na cama gigantesca no quarto do Lorde.

As luzes das arandelas penduradas nas paredes piscavam fracas, iluminando sua pele azul meia-noite. Aquelas luzes fracas também revelavam as cicatrizes por todo o seu corpo. Elas me faziam lembrar de onde ele esteve e por tudo o que passou, mesmo que não quisesse me contar.

— Se for para ser, será. — Dei de ombros, hipnotizada por sua mão imensa cheia de garras cobrindo minha pele clara.

— Eu sabia que você era minha companheira antes de ir embora. — Vadric suspirou pesado antes de se deitar de costas. Ele olhou para a cortina cor de vinho em volta da cama. — É um arrependimento meu não ter dito para você. Mesmo não podendo dizer adeus, eu deveria ter falado algo.

— Está tudo bem — assegurei. Passei os dedos em seu peito, tomando cuidado com suas feridas ainda em processo de cicatrização, que imaginei terem sido causadas por espadas.

— É uma tradição idiota.

— Falei a mesma coisa para Ilya quando acordei na manhã seguinte. — Uma risada escapou de meus lábios ao lembrar.

Por um momento, houve um silêncio entre nós. Ambos pensando nos últimos seis meses em que ficamos separados, depois de tão pouco tempo juntos. Mesmo tendo muito a dizer, eu não encontrava as palavras.

— Sabe, eu não esperava nada disso depois da guerra. Alguns dias eu achava que não sobreviveria para vê-la de novo…

— Vadric — comecei a falar, me apoiando no cotovelo.

— Não, escute. — Com as duas mãos, ele me deitou com facilidade de volta nos travesseiros e cobertas embaixo de minhas costas nuas e seus dedos dançaram preguiçosos por minha pele. O movimento trouxe arrepios a todo lugar que ele tocava.

— Tudo bem. — Eu não queria ceder, não queria mais pensar em nosso tempo separados. Mas podia notar que Vadric tinha algo a falar.

— Quando fui embora, ainda estava tentando aceitar que minha companheira era humana. Isso me deixou aterrorizado, que algo tão pequeno, tão frágil, estava ligado a mim para o resto da vida. Alguns dias que passei no campo de batalha, sabia que era você me mantendo vivo. Não importava o que eu fizesse, precisava sobreviver, nem que fosse para te manter viva. Acho que nunca senti um alívio tão grande quanto hoje, ao vê-la de novo. Sabendo que você sobreviveu e desempenhou com graça o papel de Senhora. E, como se isso não fosse suficiente, ainda se destacou. — Suas mãos passaram outra vez em minha barriga, sentindo a vida que crescia dentro. A vida que, por um milagre, nós criamos juntos. — Ainda assim, mesmo sabendo que você era minha companheira, nunca imaginei que isso fosse possível. É o que eu queria mais do que tudo na vida e, agora que virou realidade, não consigo acreditar que é real.

Concordei com a cabeça, pensando nos meses em que eu mesma descobri a verdade. Minak já tinha alguns meses de idade quando o médico confirmou minhas suspeitas.

— Você se lembra do livro que encontrei que falava sobre o último humano que passou pelo portal?

— Como poderia me esquecer quando você brilhava a cada livro que lia? — Vadric me deu um sorriso sombrio e maroto, que me fez franzir os lábios ao tentar esconder um sorriso.

— Tudo bem. Então, Ilya e eu fizemos uma busca pela biblioteca. Ela me ajudou a aprender mais do que eu achava possível, para ser sincera.

Tenho muita sorte de dizer que ela é minha família agora. — Era engraçado pensar em como a animosidade inicial havia passado com tanta rapidez.

— Você não sabe o quanto ouvir isso significa para mim. Estou tão feliz que você e minha irmã ficaram próximas depois do nascimento de Minak. Ouvir como você o tirou de dentro dela com as próprias mãos foi surpreendente. — Vadric olhou para mim, radiante, como se eu fosse uma bruxa fazendo magia.

— Foi uma loucura. — Ri. — Posso, com toda certeza, dizer que eu e Ilya somos amigas agora. Uma amiga que me ajudou a descobrir mais informações sobre aquele humano e sobre o que aconteceu com ele.

Deixei o silêncio se estender, fazendo a ansiedade de Vadric aumentar enquanto ele esperava quase sem respirar. Ele soltou o ar pelas narinas para mostrar sua frustração com a espera. Franziu a testa, o que me fez desistir e compartilhar o que aprendi.

— Seu nome era James Bracknell. Ele caiu pelo portal perto de Nadirn há mais de duzentos anos. No início, os monstros o capturaram, assolando seus dias e noites enquanto lutavam por ele. Até que uma guerreira fêmea cruzou o caminho do Nefellim que o atormentava. Ela soube na hora que James era seu companheiro e o levou embora. Eles acabaram vivendo juntos, uma vida feliz, e tiveram cinco filhos. — Quando falei a última parte, Vadric arregalou os olhos e suas pupilas amarelas dilataram. — Então, sempre foi possível, só bastante raro.

— Você está dizendo que os humanos podem passar pelo portal para Nadirn, encontrar um companheiro e começar famílias?

— Isso. Acredito que estamos destinados a encontrar uns aos outros, e foi isso que aconteceu. Nossas almas estavam destinadas uma à outra e nem nossos mundos poderiam nos separar. — Segurei dois de seus dedos, levando-os até meus lábios e os beijando.

— Nada poderia me afastar de você, pequena. Nada. — A tenacidade súbita de suas palavras me pegou desprevenida. Em um piscar de olhos, Vadric puxou meu corpo e guinchei ao cair de pernas abertas em cima dele. — Travei uma luta feroz por você. Matei meu irmão e empurrei o corpo dele para dentro de uma cova com minhas próprias mãos. Não somente para salvar meu povo, mas para assegurar que eu continuasse vivo para mantê-la a salvo e criar um mundo onde você fosse feliz. Foi você quem me manteve

vivo, Mina. — E então eu vi a escuridão escondida por trás de seus olhos. A tristeza e a angústia pelo que ele tinha feito, além de sua intenção inabalável.

Presenciar tudo aquilo era horripilante. Saber que Vadric iria tão longe por mim fez meu coração voar e se retorcer em uma mistura de emoções. Ele era uma criatura aterrorizante, mas queria me proteger. E ele era meu.

Meu para ter, amar, ficar ao lado pelo resto de nossas vidas.

— Vadric. — Chorei, incapaz de controlar a corrente de sentimentos nadando em mim. Lágrimas quentes deslizaram por minhas bochechas e as mãos dele foram do meu quadril até meu rosto, limpando-as com os dedos. — Ah, Vadric.

Segurei um de seus pulsos com a palma virada para meu rosto. Entre soluços, dei beijos suaves em seu pulso. Os sentimentos em mim eram mais fortes que o calor do sol. Eu sentia o calor irradiante de Vadric entre minhas pernas e precisava me conectar a ele, precisava ficar com ele outra vez. Nesse momento caloroso e tenso com meu companheiro monstruoso, eu queria senti-lo dentro de mim, me amando.

— Mina. — Meu nome soou desesperado em seus lábios, cheio de saudade e desejo, exatamente o que eu sentia.

Estendi a mão livre e puxei a parte da frente de seu calção. Sem quebrar o contato visual com Vadric, segurei seu pênis que enrijecia em minha mão. Com o toque, o membro pulou de excitação, ficando duro como pedra. Ele rosnou entre as presas enquanto eu acariciava seu pau cheio de saliências, me deleitando ao tocá-lo.

— Vadric. — Tanta coisa ficou sem ser dita, pois podíamos ler nos olhos um do outro. Entretanto, esse era o momento em que eu precisava dizer. — Eu amo você.

— Eu também amo você, minha linda, radiante, pequena companheira humana. Mais do que as luas no céu ou toda a água do oceano. — Ele jogou a cabeça para trás nos travesseiros sem tirar os olhos de mim.

Como eu estava nua, depois do meu banho noturno, foi fácil mover meu quadril e posicionar seu membro para que eu pudesse rebolar nele. Observei seus músculos abdominais se contraindo quando sentiu minha buceta molhada esfregando as saliências de seu pau. Eu adorava a visão de sua pele escura na minha e gostava ainda mais do seu calor.

Ele enrolou sua cauda em meu tornozelo e eu sorri. Ainda não tinha percebido o quanto gostava daquilo. Sua cauda sempre se enrolava em mim por breves momentos quando estávamos juntos, como se inconscientemente Vadric sempre precisasse tocar em mim. Agora mesmo, quando estávamos perto do erotismo, ele precisava me segurar com cuidado.

— Não tem problema fazermos isso? — Vadric parou meu movimento de quadril. Ele olhou para minha barriga com seus olhos pretos e amarelos. — Não quero te machucar, pequena.

Acariciei a barriga e uma risada sincera escapou. A preocupação dele nesse momento era impagável e surpreendente. Mesmo parecendo intimidador, Vadric sempre foi um gigante gentil comigo.

— É perfeitamente seguro. — Me levantei e usei uma das mãos para posicionar a ponta de sua cabeça no local correto. — Vou tentar pegar leve com você.

— Pegar leve comigo… Ah! — gemeu Vadric. A cauda dele soltou meu tornozelo e suas garras cravaram em meu quadril enquanto eu afundava nele. — Como já está tão molhada?

— Vadric, eu te desejo desde a noite em que você foi embora. Vê-lo hoje reacendeu o fogo em mim e faz horas que estou morrendo. — Inclinei a cabeça para trás ao sentir a deliciosa sensação de suas saliências massageando minhas paredes internas. — Jantar com todo mundo foi agonizante quando tudo o que eu queria era te agarrar.

— Merda. Você está montando em mim como se eu fosse um nuckelavee. Faz tanto tempo desde que… eu talvez não dure muito. — Ele soltou meu quadril e passou as mãos em meu corpo, com adoração. Subiu e desceu pela lateral do meu corpo, depois desceu mais um pouco, até minhas coxas, que se contraíam enquanto eu cavalgava, como se a cada toque ele venerasse cada centímetro meu.

— Você não precisa durar muito, meu amor. Só o suficiente para gozar comigo. — Me inclinei para frente, apoiando minhas mãos em seu peito, onde senti seu coração batendo em minha palma.

No começo, nos movemos devagar. Eu queria aproveitar a sensação de estar com Vadric de novo, de senti-lo me esticando e me preenchendo de uma maneira impossível. Precisava me certificar de que não era um sonho, depois de todos aqueles meses separados, com medo de que ele morresse.

As sensações de prazer ao cavalgar seu membro grosso aumentavam sempre que ele erguia o quadril para encontrar o meu. Estávamos unidos não só em corpo, mas também em alma. Nunca me senti tão conectada com outra pessoa na minha vida toda. Nada em meu passado poderia ter me preparado para esse vínculo com Vadric, que ia além do que a maioria dos humanos sentiria.

Respirando com dificuldade, enterrei as unhas em seu peito e aumentei o ritmo. Vadric e eu nos movíamos em sincronia enquanto nossos corpos balançavam juntos. Derramei todo o meu amor e admiração pelo Lorde Nefellim a cada movimento que fazia.

Ele estava certo, não conseguiria durar muito, mas eu também não. Ainda mais quando a sensação de ter suas saliências friccionando todas as partes sensíveis de minha buceta, que o apertava a cada enfiada, era tão boa. O carinho logo foi deixado de lado, se transformando em paixão acalorada.

Meus dedos se dobraram e minha visão ficou nebulosa enquanto a tensão erótica nos circundava. O calor em mim aumentou. Gemidos ofegantes escaparam de meus lábios enquanto meu corpo ia em direção ao clímax.

— Vadric! — Meu orgasmo passou por mim como uma onda poderosa. Vi estrelas, até que elas sumiram por trás de meus olhos. Eu não conseguia controlar meu tom de voz ao berrar e tremer no máximo do prazer.

— Isso, pequena, me deixe sentir você gozar. — Vadric cerrou os dentes, rosnando de prazer, enquanto minha buceta apertava seu pau a cada onda que passava por mim. A onda não parou e eu sabia que, enquanto ele me penetrasse, não pararia.

Meu corpo inteiro tremia, vibrando com um orgasmo que nunca acabava, e o membro de Vadric continuava a me enlouquecer. O sangue em minhas veias estava em chamas. Cada batida do meu coração parecia um tambor em meus ouvidos, pulsando com força por meu corpo.

Senti a cauda de Vadric se enrolar em meu tornozelo, apertando com força. Seu copo ficou tenso e ele uivou como uma fera. Logo depois, senti um jorro quente dentro de mim e meu corpo sugou com avidez cada gota que ele podia me oferecer.

Ele não parou de meter, mesmo tendo gozado. Vadric continuou a empurrar meu quadril, me forçando a gozar sem parar. Meu cérebro parou

de funcionar por completo enquanto o prazer tomava conta.

Quando ele enfim me libertou, o ar voltou aos meus pulmões. Minhas pernas ainda tremiam ao me aconchegar ao seu lado. Vadric me envolveu com o braço, puxando meu corpo para o mais próximo possível. Derreti em seu calor, amando a sensação de sua cauda batendo na lateral da minha perna.

— Estou tão feliz por você estar comigo de novo. — Com o ouvido em seu peito, escutei com alegria o seu coração bater. Cada batida do coração em sua caixa torácica dizia que Vadric estava vivo e respirando em meus braços.

— Estou feliz por estar em casa e por tê-la aqui comigo. — Sua mão caminhou do meu quadril até a lateral da minha barriga. — E estou empolgado para conhecer esse milagre quando vier ao mundo.

— Estou aliviada pelos Nefellim não nascerem com os chifres. — Eu ri, me lembrando da manhã em que tirei Minak de Ilya. — Como vocês são enormes, já não será fácil, então pelo menos tenho um alívio.

— Nós teremos os melhores médicos auxiliando você, para nos certificarmos de que ficará a salvo e bem. Confie em mim. — Eu gostava que Vadric conseguia tranquilizar minhas preocupações com facilidade.

— Amo você, Vadric. Não estou preocupada com isso. Só fique comigo e nunca mais vá embora. — Fechei os olhos, caindo no encanto do sono.

— Não vou a lugar nenhum, pequena. Você é minha, e eu sou seu. Nós ficaremos juntos pelo resto de nossas vidas. Com você sendo minha Senhora, sei que podemos superar qualquer coisa. — Vadric beijou o topo da minha cabeça e senti ele me cheirando. — Minha pequena companheira humana. Minha Mina.

Durante o resto de nossa primeira noite juntos, fizemos amor outra vez e logo cochilamos. Entre cochilos, acordávamos e transávamos de novo até nos esgotarmos. Vadric se certificou de que a cada toque, a cada palavra, eu soubesse que ele me amava. Mais de uma vez sua devoção me fez chorar enquanto eu o comprimia, gritando seu nome.

Não me importei com o que aconteceria com a gente, pois estávamos juntos de novo. Vadric estava certo. Se estivéssemos juntos, tudo seria perfeito.

Epílogo

DEZ ANOS DEPOIS

As estações neste mundo são estranhas. Elas duram anos em vez de meses. Quando caí pelo portal e cheguei em Nadirn, era primavera. Vadric e eu tivemos mais alguns meses juntos de uma linda primavera sob um céu vermelho antes de nossa primeira criança nascer.

Veera cresceu durante os anos de verão. Mesmo quente, e às vezes insuportável, nós aguentamos. A pele dela tinha a mesma durabilidade que a do pai, mas era mais clara, como o azul do céu na Terra, em um dia claro. Seu cabelo era dourado e caía em ondas por cima dos ombros. Seus chifres cresceram mais tarde; ainda assim, eram iguais aos do pai.

Como a mais velha, Veera era a herdeira do trono de Nadirn. Desde pequena ela tinha um ar de realeza. Eu sempre soube, desde o dia em que ela nasceu, que estava destinada para grandes feitos.

Zelos e Veles, os gêmeos, nascidos no outono, eram teimosos e travessos. Ambos lindos, com seus cabelos negros e pele cor de lavanda, parecida com a tia Ilya. Descobri, tempos depois, que essa cor de pele vinha do lado da mãe de Vadric e Ilya. Eles eram muito inteligentes em tudo e suas pegadinhas sempre os colocavam em confusão.

Agora, os ventos de inverno sopravam sobre Nadirn. Com a mudança recente, veio outro membro de nossa família crescente. Ainda eram os primeiros dias de inverno, mas cada dia esfriava um pouco mais. Lilliwen nasceu logo pela manhã, durante um tempo de comemorações para os Nefellim.

Lilliwen nasceu um mês adiantada e era a menor das crianças. Sua pele tinha tons de violeta e rosa e ela tinha os meus olhos verdes humanos. Era tão pequena que Vadric tremia de nervosismo ao segurá-la. Ela parecia tão pequena em seus braços, mas ele era tão fantástico com ela, da mesma maneira como havia sido com os outros.

Vê-lo agora com nossos quatro filhos fazia meu coração bater mais forte, de uma forma milagrosa. Mesmo depois de dez anos juntos, meu

amor por ele nunca parava de crescer. Eu parecia ter um inferno dentro de mim, que nunca perdia seu calor. Estávamos sempre ardendo um pelo outro.

— Senhora Ascian abençoou nossa família com mais um terrorzinho. — Não importava o quão exausta estivesse, depois de empurrar a noite inteira, ouvir a voz de Ilya já me deixava mais animada. Ela entrou no quarto com um bebê roxo apoiado no quadril. O sorriso em seu rosto me aqueceu e seus comentários me fizeram rir.

— Todos os terrores dessa família são seus — Vadric respondeu da cadeira de balanço no canto do quarto, em frente à lareira. — Minhas crianças nunca…

— Seus filhos estão jogando sapos na cozinha enquanto conversamos, irmão. — Ilya piscou para Vadric, o desafiando a contestá-la.

— E tenho certeza de que Minak está com eles. — Ele deu um sorrisinho triunfante enquanto o sorriso de Ilya vacilou.

— Sim, bem, Knox está com eles agora. Todos ficaram loucos ao saber que o Lorde e a Senhora estão ganhando mais uma criança hoje. Isso ajudou os pequenos terrores a trazer os bolsos cheios de sapos para dentro da mansão — disse ela, exasperada.

Ilya manteve a filha, Delora, em seu quadril e se aproximou da cama. Levantei a mão, com um sorriso fraco, e ela a segurou. Não importava como estivesse cansada, não conseguia parar de sorrir para minha família.

— Como está se sentindo, Mina? — ela perguntou. — Empurrar as crianças cabeçudas do meu irmão sempre a deixa esgotada. Precisa de alguma coisa?

— Além de alguns dias de descanso, acho que ficarei bem. — Olhei para a cabeça de Lilliwen apoiada no braço de Vadric. — Depois dos gêmeos, empurrá-la foi fácil. Ela é bem pequena.

— Com certeza. Mas é uma menininha linda. — Ilya apertou minha mão antes de ir. Ela deu as costas para a cama para olhar para o irmão outra vez. — Então, qual será o nome dessa?

— Lilliwen — respondeu ele sem hesitar.

Ilya ficou paralisada ao ouvir o nome. Ouvi sua respiração ofegante, seguido da batida de seu pé ao dar um passo para trás.

— Como… — ela começou a falar.

— Como a nossa mãe — terminou Vadric. — Sim.

Ilya colocou Delora no chão. A neném, cansada, se deitou no tapete em frente à lareira, se enrolando como um gato depois de se esticar e bocejar. Enquanto isso, Ilya foi até Vadric e Lilliwen com os olhos cheios de lágrimas ao admirar a Nefellim recém-nascida. Sem dizer nenhuma palavra, Vadric entregou a filha à irmã, se levantando da cadeira para ela poder se sentar.

Graciosa, Ilya se sentou na cadeira de balanço, fazendo carinho nas bochechas macias de Lilliwen. Minha filha era minúscula em comparação a um Nefellim adulto, mas eu sabia, sem dúvida nenhuma, que eles seriam cuidadosos.

Vadric observou a irmã por cima do ombro enquanto caminhava até mim e se sentou ao meu lado, no pé da cama. Ele levou minha mão até seus lábios, dando um beijo carinhoso em meus dedos.

A adoração que brilhava em seus olhos tirou meu fôlego. Sempre que olhava para mim, não podia questionar o que esse Lorde monstruoso sentia. Seu amor era uma constante fundamental em minha vida, mesmo com a nossa família e o mundo mudando ao nosso redor. Sempre mudávamos para melhor.

— Gostaria de um pouco de água, pequena? Ou talvez de mais alguns cobertores? — Com a mão livre, ele arrumou mechas de cabelo desgrenhadas na minha testa. Fechei os olhos, aproveitando a sensação de seu toque quente em meu rosto suado.

— Não, meu amor. Estou bem. — Segurei seu pulso e coloquei sua mão encostada em minha bochecha, apreciando seu calor.

Vadric expirou devagar. Eu podia sentir seu olhar sobre mim, como um peso quente pressionando meus sentidos. Ele cantarolava baixinho, acariciando minha bochecha com o dedo.

— Estou tão orgulhoso, Mina. Você fez um ótimo trabalho. A nossa filha está saudável e forte, mesmo vindo antes do esperado. Ela é o presente mais belo, muito obrigado. — Inclinando para frente, Vadric me deu um beijo na testa. — Todos os nossos filhos são presentes preciosos. Obrigado, mil vezes obrigado por eles.

— Vadric, sabe que são necessárias duas pessoas para fazê-los, não sabe? — Ri, inspirando seu perfume. Sua presença me reconfortava.

— Sim, meu amor. — Ele gargalhou. — Mas você fez o trabalho mais difícil e eu preciso demonstrar minha admiração por você. Uma mulher humana poderosa e uma maravilhosa Senhora de Nadirn.

— Tudo bem, aceito sua admiração. — Com uma das mãos, acariciei seu rosto e o corte em sua bochecha que nossos filhos não herdaram. — Mas prefiro beijos. Muitos beijos.

— Ah, você sabe o que eu acho sobre beijos. — O rosnado de Vadric me fez olhar para ele.

— Se não parar com isso teremos mais um bebê quando chegar a primavera — sibilei meu aviso baixinho, para que Ilya não ouvisse do canto do quarto.

— Hum, é uma promessa? — Vadric fez carinho em meu nariz com o dele. A demonstração gentil de afeto ainda me deixava envergonhada depois de todos esses anos. Mas suas palavras escandalosas deixaram meu rosto ainda mais vermelho.

— Vocês sabem que eu posso ouvi-los, não é? — Ilya brincou, antes de voltar a falar com o bebê. Vadric e eu rimos com a quebra da tensão.

Não havia nada mais que Vadric pudesse fazer a não ser beijar meus lábios. Beijar se tornou uma de suas coisas favoritas depois que o ensinei. Depois de anos de aprendizado, seu beijo se tornou o melhor do mundo. Meu coração batia mais forte toda vez que seus lábios tocavam os meus ou quando sua boca tocava minha pele.

Sem nenhum aviso, a porta do quarto se abriu, batendo na parede com força enquanto Veera entrava no quarto. Ela estava com a testa franzida e escaneava cada centímetro do ambiente.

Vadric e eu nos afastamos, sorrindo ao ver mais dois de nossos filhos tropeçando um no outro ao entrar no quarto. Minak seguia Veles e Zelos, com o pai segurando a ponta de uma de suas orelhas. Knox encontrou sua companheira e o bebê segundos após passar pela porta.

— Trouxe os encrenqueiros para conhecer o mais novo membro da gangue. Se mais algum sapo aparecer na cozinha, Veera disse que vai mandar os meninos para os saqueadores. — Knox sacudiu as sobrancelhas, com o lábio inferior tremendo ao esconder um sorriso.

— Não quero sapos nojentos na minha comida. — Veera bateu o pé na cama. Mesmo com dez anos de idade, minha filha tinha a minha altura.

— Esse é o novo bebê? — gritou Veles.

— Ah, não, é uma menina! — Zelos estendeu o braço para proteger seu irmão gêmeo da nova irmã. — Daqui a pouco elas estarão em maioria.

— Uma menina? — Veera se virou. Em um piscar de olhos, ela estava do outro lado do quarto, pairando sobre o ombro da tia para ver a nova irmã.

— Tenha cuidado. Lilliwen é muito menor que você, e menor ainda de como você era quando bebê — Vadric avisou com cuidado.

Veera estremeceu com uma animação palpável ao ver a irmã.

— Lilliwen. Ah, eu quero segurá-la agora!

Foi como se uma bolha de energia estourasse no quarto. Os gêmeos e Minak começaram a brincar de luta. Um deles pisou por acidente na cauda de Delora, que dormia, e ela acordou berrando. Veera tirou a prima pequena do tapete para evitar que os meninos a machucassem.

Lilliwen ficou agitada, chorando por ter seu sono no colo da tia Ilya interrompido. Assim que a neném começou a chorar, Ilya se levantou, olhando para Knox. O sinal de pais entrando em ação.

— Parabéns, meu amigo. Guardarei uma bebida para você no banquete. — Knox bateu no braço de Vadric antes de se voltar para a bagunça no quarto. — Ok! Escutem aqui, vocês. Nós temos um grande banquete de feriado e nada pode dar errado. Sigam-me até suas posições de batalha!

Aquilo silenciou as crianças o suficiente para que entendessem o que ele dizia. Veera e Minak assentiram enquanto Veles e Zelos se contorceram no desejo de estar sempre em movimento. Veera conseguiu acalmar Delora, que parou de chorar, a balançando para frente e para trás.

Não importava para mim quão barulhento ou louco tudo estava. Mais do que tudo na vida, eu amava a minha família e todos eles estavam neste quarto agora. Meu coração estava tão completo que eu não sabia como meus pulmões tinham capacidade de respirar, por conta do tamanho do meu coração.

Ilya atravessou o quarto, observando todas as crianças seguirem Knox em fila única, marchando para fora do quarto. Elas seguiram o Barão e sua

voz retumbante, liderando-os como se ainda comandasse um exército enorme. Assim que saíram de vista, Ilya colocou a neném, que chorava, em meus braços.

Os olhos de Vadric nunca deixaram de me observar enquanto aninhava Lilliwen em meu peito com cuidado. Ele não pareceu notar quando Ilya falou que nos veria mais tarde e saiu com seu companheiro. Seu olhar permaneceu grudado em nossa nova filha.

Quando caí pelo portal, nunca imaginei que voltaria a ter uma família. No começo, questionei o que faria da minha vida. Uma noite, estava dormindo nos braços de um monstro, em uma masmorra, e agora estou aqui, como Senhora de Nadirn e sua companheira para toda a vida. Temos uma família maravilhosa e considerável e o amor e a luz abençoando nossos dias.

— Amo você, Vadric. — Ele olhou em meus olhos quando ouviu minha voz. Suas pupilas amarelas dilataram quando olhou para mim.

— E eu amo você, pequena, e todos os nossos pequenos. — Com cuidado, ele beijou a ponta do nariz de Lilliwen. Ela parou de chorar na mesma hora, aconchegando seu rosto em meu peito para dormir.

— Nunca vou cansar de ouvir isso — disse para ele.

— Nunca vou parar de falar — respondeu ele. — Eu amo você, Mina Ascian. Mais do que as duas luas no céu.

— E te amo mais do que toda a água nos oceanos.

Dez anos atrás, para mim Nadirn era um mundo de monstros e horrores inimagináveis. Agora, essa era a minha casa e eu tinha mais amor do que poderia imaginar. Nunca voltaria atrás pelo que passei, não quando sabia que acabaria aqui, nos braços do meu amor, com uma família ao nosso redor.

Vadric e eu caminhamos de mãos dadas em direção ao futuro. Mesmo com os nossos filhos crescendo e nossas vidas em constante mudança, tudo estava perfeito. Eu nunca abriria mão de nada disso.

FIM

Sobre a Autora

Escritora de histórias de fantasia sobrenatural.